

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Doutorado em Psicologia

Gabriel Gonçalves Serafim Silva

**Aprendizagens com o Daime na Barquinha da madrinha
Francisca: Cartografias dos saberes encantados**

Niterói
2022

Gabriel Gonçalves Serafim Silva

**APRENDIZAGENS COM O DAIME NA BARQUINHA DA
MADRINHA FRANCISCA: Cartografias dos saberes encantados**

Tese apresentada para obtenção do título de Doutor em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Doutorado, da Universidade Federal Fluminense.

Área de concentração: Estudos da Subjetividade.

Orientadora: Dr^a Cristina Mair Barros Rauter.

Coorientadora: Dr^a. Célia Letícia Gouvea Collet.

Niterói

2022

Ficha catalográfica automática -
SDC/BCG Gerada com informações
fornecidas pelo autor

S586a Silva, Gabriel Gonçalves Serafim

Aprendizagens com o Daime na Barquinha da madrinha Francisca
: cartografias dos saberes encantados / Gabriel Gonçalves
Serafim Silva. - 2022.

270 p.: il.

Orientador: Cristina Mair Barros Rauter.

Coorientador: Célia Leticia Gouvea Collet.

Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Instituto
de Psicologia, Niterói, 2022.

1. Daime. 2. Barquinha. 3. Aprendizagens. 4. Cartografia. 5.

Produção intelectual. I. Rauter, Cristina Mair Barros,
orientadora. II. Collet, Célia Leticia Gouvea,
coorientadora. III. Universidade Federal Fluminense. Instituto
de Psicologia. IV. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

Gabriel Gonçalves Serafim Silva

**APRENDIZAGENS COM O DAIME NA BARQUINHA DA
MADRINHA FRANCISCA: Cartografias dos Saberes Encantados**

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor em Psicologia no
Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
Doutorado, da Universidade Federal Fluminense.

Área de concentração: Estudos da Subjetividade.

Linha de pesquisa: Clínica e Subjetividade.

Data de aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora

_____ - Orientadora

Prof^a. Dr^a. Cristina Mair Barros Rauter
Dr^a. em Psicologia
Universidade Federal Fluminense

_____ - Coorientadora

Prof^a. Dr^a. Celia Leticia Gouvea Collet
Dr^a. em Antropologia
Universidade Federal Fluminense

_____ - Examinador Interno

Prof. Dr. Johnny Menezes Alvares
Dr. em Psicologia
Universidade Federal Fluminense

_____ - Examinadora Externa

Prof^a. Maria Betânia Barbosa Albuquerque
Dr^a. em Educação
Universidade do Estado do Pará

_____ - Examinador Externo

Prof. Dr. Alexandre Vianna Montagnero
Dr. em Psicologia
Universidade Federal de Uberlândia

_____ - Examinador Externo
Prof. Dr. Luiz Renato Paquiela Givigi
Dr. em Psicologia
Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro

_____ - Suplente
Prof^a. Dr^a. Silvia Helena Tedesco
Dr^a. em Psicologia
Universidade Federal Fluminense

_____ - Suplente
Prof^a. Dr^a. Anne Kassiadou Menezes
Dr^a. em Educação
Pesquisadora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

À madrinha Francisca Campos do Nascimento, humilde professora franciscana. Que alegria é lhe ofertar estas flores encantadas em vida.

À minha mãe Tânia Mara, ao meu pai Rene Gonçalves, à minha esposa Noelle Brant. São como três grandes faróis que iluminam os meus caminhos por onde ando. Obrigado por me ensinarem as virtudes do amor, perseverança e paciência nessa “longa jornada da vida”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Daime, planta mestra e sagrada que tem um poder inacreditável. Curioso como sou, muito viajei e muito experimentei nessa vida: mas igual ao Daime, nada encontrei, precioso remédio da floresta. Vinho indígena que por milênios ficou escondido no coração do mundo, obrigado por reencantar a minha vida e de tantos outros.

Agradeço imensamente a todas as pessoas e situações, dentro e fora da universidade que me incentivaram ou me provocaram a trilhar o caminho da pesquisa científica, aguçando o meu desejo em cultivar uma trajetória acadêmica.

À Cristina Rauter, amiga, professora e orientadora. Não tenho palavras para expressar a gratidão que sinto por você, pois me acolheu em seu grupo de orientação, abrindo as portas para que eu pudesse entrar e permanecer na Universidade Federal Fluminense. Agradeço pela confiança em minhas escolhas, sempre embarcando com alegria nas minhas viagens epistemológicas. Também agradeço pela inspiração intelectual nos últimos oito anos: com liberdade, transdisciplinaridade, alegria e rigor na pesquisa, quero continuar colocando em prática os seus potentes ensinamentos.

Ao grupo de estudos e orientandos da Cristina: especialmente aos amigos José Vicente, Adriana Soares, Felipe Salgado e Maria da Conceição. Cada um(a), ao seu modo e com o seu saber, contribuíram para a realização desta tese.

À Célia Gouvea, amiga, coorientadora e também marinheira da Barquinha. Eu pedi ao Daime que me mostrasse alguém da antropologia para me ensinar a fazer pesquisa de campo, pouco tempo depois você chegou na Barquinha de Niterói: presente do Mestre Daniel em minha vida. Para além dos mistérios, te agradeço por embarcar nesta pesquisa com tanto amor, firmeza e aterramento, contribuindo intensamente com os rumos teóricos e metodológicos deste estudo.

Aos professores da banca de qualificação e defesa: Maria Betânia Barbosa Albuquerque, pela importância teórica, inspiração epistemológica e presença didática neste trabalho. Alexandre Vianna Montagnero, quem me serviu o primeiro copo de Daime, mostrando-me com virtuosidade que um psicólogo e professor universitário pode trilhar tanto os caminhos acadêmicos, quanto os caminhos da ayahuasca. Johnny Menezes Alvares, professor transdisciplinar que sabe gingar entre a cartografia e os saberes populares, me inspirando a rimar rigor e alegria, ideias e

afetos na pesquisa em psicologia. Luiz Renato, amigo spinozista e professor de longa data, obrigado por aceitar este convite e trazer as suas contribuições. Silvia Tedesco e Anne Kassiadou, obrigado por aceitarem esse convite!

À Noelle Brant, minha esposa, mas também grande professora nas empreitadas existenciais. Psicóloga, acupunturista e marinheira fardada da Barquinha da madrinha Francisca. Eu lhe agradeço por tudo e por tanto, durante a realização desta pesquisa de cinco anos. Agradeço especialmente pela compreensão profunda, incentivo e paciência nesses anos que precisei fazer renúncias importantes para o cumprimento deste compromisso.

Ao meu pai Rene Gonçalves e minha mãe Tânia Mara, pilares de sustentação material neste período, entre 2017 e 2022. Iniciei o doutorado sem emprego e sem bolsa de pesquisa, certamente não teria nem começado e nem terminado este trabalho se não fosse toda a ajuda financeira e apoio emocional da minha família, me incentivando neste projeto acadêmico e sonho de vida. Vocês não puderam continuar estudando, mas trabalharam arduamente para verem seus filhos formados, mestres e doutores. Por isso compartilho os méritos desta conquista com vocês!

À minha psicóloga Hellen, pela sua sutileza e profissionalidade, manejando com afeto as minhas neuroses nesses ansiosos anos de doutorado.

À madrinha Francisca e toda irmandade do Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte. Esta é a família e o barquinho encantado que o Senhor dos Navegantes e a Rainha do Mar me deram desta vida à eternidade. Sou feliz e eterno aprendiz na escola do Mestre Daniel e da Irmã de Caridade, especialmente satisfeito por compor o batalhão da Barquinha de Niterói!

Agradeço aos membros oficiais do CEOCPE: Flávia Burlamaqui, Carlaile José, Priscila Cardoso, madrinha Cléia, padrinho Cacá, Humberto, Mana, Manoel Abelha e demais fardados que contribuíram ativamente com a pesquisa de campo, me concedendo fotos, informações preciosas e documentos oficiais que enriqueceram este trabalho. Também agradeço ao Lucas Gazetta e Claugeane Costa, pela leitura atenta do texto e auxílio fundamental nos detalhes da pesquisa.

Às pessoas e entidades que concederam entrevistas oficiais e depoimentos informais durante este trabalho: Francisca Campos do Nascimento (madrinha Francisca), Francisca das Chagas (Chaguinha), Wilicleia do Nascimento Ferreira

(madrinha Cléia), Humberto Fernandez, Carlos Renato (padrinho Cacá), Andréia Luciano, Ivan Gomes, Manoel Abelha, Gabriel Varela (Magú), Priscila Cardoso, Flávia Burlamaqui, Maria Rozangela (Mana), Daniel Flores (Baiano), Andréia Carvalho, Sebastião (Tião), Mônica Dias, Lusiélia Venâncio (Lúcia), Joyce Mara, Raika Julie, José Carlos, Célia Gouvea, Luis Ortiz, Pai Preto, Vó Cambinda, Pai Gusmão, Vó Ana da Luz, Mãe Maria do Rosário, Pai Antônio e Vó Maria Clara.

Ao Mestre Daniel, Mestre Irineu, Mestre Antônio Geraldo, Padrinho Francisco Gabriel e Padrinho Sebastião, por tanto me ajudarem nos mistérios do Daime, desde o Céu, a Terra e o Mar.

Àqueles que me ajudaram e porventura eu não tenha citado o nome, recebam o meu carinho no culto do coração.

*Sou filho desta verdade
E neste mundo estou aqui
Dou conselho e dou conselho
Para aqueles que me ouvir*

*O saber de todo mundo
É um saber universal
Aqui tem muita ciência
Que é preciso se estudar*

*Estudo fino, estudo fino
Que é preciso conhecer
Para ser bom professor
Apresentar o seu saber*

Raimundo Irineu Serra, Hinário O Cruzeiro,
Hino 102 - Sou filho desta verdade.

RESUMO

SILVA, Gabriel Gonçalves Serafim. **Aprendizagens com o Daime na Barquinha da Madrinha Francisca**: cartografias dos saberes encantados. 2022. 269 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

Esta pesquisa cartográfica está orientada por uma perspectiva transdisciplinar, construída na interface entre a psicologia e outros saberes: antropologia, filosofia e educação. O estudo está vinculado à Barquinha da madrinha Francisca, codinome do Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte. Esta religiosidade minoritária segue os ensinamentos do Mestre Daniel Pereira de Mattos, fundador da doutrina que faz uso ritual da bebida psicoativa popularmente conhecida como ayahuasca ou Daime. A tradição da Barquinha foi fundada em 1945, na cidade de Rio Branco (AC). Portanto, trata-se de um movimento religioso híbrido e originariamente brasileiro, temperado com elementos cosmológicos e litúrgicos do cristianismo romanizado, matrizes indígenas, africanas, círculos esotéricos europeus, além do catolicismo nordestino e da encantaria amazônica. Como objetivo principal, esta pesquisa de doutorado investiga as múltiplas aprendizagens com o Daime e os saberes encantados que circulam nesta tradição, com ênfase na filial fluminense da Barquinha da madrinha Francisca, localizada na cidade de Niterói (RJ). Este empreendimento também visa compreender a produção de conhecimento fora do meio científico e círculos universitários, apostando no alargamento das discussões epistemológicas e ontológicas na contemporaneidade. Para tanto, foi realizado uma cartografia biográfica de Francisca Campos do Nascimento, seguindo as pistas das suas aprendizagens (processos de formação) na doutrina do Mestre Daniel até ela se tornar uma madrinha e professora neste território existencial. Madrinha Chica é uma mulher nortista que se considera analfabeta, mas é reconhecida como uma educadora e líder espiritual no contexto das religiões ayahuasqueiras. Deste modo, além de apresentar a trajetória de uma professora dos saberes encantados, esta cartografia (pesquisa-intervenção) analisa os acontecimentos educativos no cotidiano da Barquinha de Niterói, dentro e fora dos rituais com o Daime. Ademais, recorro aos saberes encantados dos pretos e pretas-velhas (entidades espirituais), resultado das minhas experiências como auxiliar/cambone dessas entidades, mas também através das entrevistas realizadas e observações de campo junto a esses seres curadores, também considerados professores no contexto local. Por fim, este estudo também demonstra a importância dos contextos educativos não escolares no Brasil, além de deflagrar uma rica experiência sociocultural e religiosa que constrói modos de subjetivação a partir do uso ritual do Daime.

Palavras-chave: Daime; Barquinha; Madrinha Francisca; Aprendizagem; Saberes encantados.

ABSTRACT

This cartographic research is guided by a transdisciplinary perspective, built on the interface between psychology and other kinds of knowledge: anthropology, philosophy and education. The study is linked to the godmother Francisca's Barquinha, codename of the Spiritist Center Obras de Caridade Príncipe Espadarte. This minority religion follows the teachings of Master Daniel Pereira de Mattos, founder of the doctrine that makes ritual use of the psychoactive drink popularly known as ayahuasca or Daime. The tradition of Barquinha was founded in 1945, in the city of Rio Branco (AC). Therefore, it is a hybrid and originally Brazilian religious movement, tempered with cosmological and liturgical elements of Roman Christianity, indigenous and African matrices, European esoteric circles, as well as the Brazilian northeastern Catholicism and the Amazonian enchantment. The aim of this doctoral research is to discuss the multiple learnings with Daime and the enchanted knowledge that circulates in this tradition, with an emphasis on the Rio de Janeiro branch of Godmother Francisca's Barquinha, located in the city of Niterói (RJ). This work also seeks to understand the production of knowledge outside the scientific environment and university circles, betting on the widening of epistemological and ontological discussions in contemporary times. To this end, a biographical cartography of Francisca Campos do Nascimento was performed, following the clues of her learnings (formation processes) in the doctrine of Master Daniel until she became a godmother and teacher in this existential territory. Godmother Chica is a Northern woman who considers herself illiterate, but she is considered an educator and spiritual leader in the context of ayahuasca religions. Thus, in addition to presenting the path of a teacher of the enchanted knowledge, this cartography (intervention research) analyzes the educational events in the daily life of Niterói Barquinha, inside and outside the rituals with Daime. Furthermore, I turn to the enchanted knowledge of "pretos" and "pretas-velhas" (spiritual entities), according to my experiences as an assistant/"cambone" of those entities, but I also make use of the interviews that were carried out and the field observations with those healing beings, also considered teachers in the local context. Finally, this study seeks to demonstrate the importance of non-school educational contexts in Brazil, that yields a rich sociocultural and religious experience that produces modes of subjectivation from the ritual use of Daime.

Keywords: Daime; Barquinha; Godmother Francisca; Learning; Enchanted knowledge.

RESUMEN

Esta investigación cartográfica está guiada por una perspectiva transdisciplinaria, construida sobre la interfaz entre la psicología y otros conocimientos: antropología, filosofía y educación. El estudio está vinculado a la Barquinha de la madrina Francisca, nombre en clave del Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte. Esta religiosidad minoritaria sigue las enseñanzas del Maestro Daniel Pereira de Mattos, fundador de la doctrina que hace uso ritual de la bebida psicoactiva conocida popularmente como ayahuasca o Daime. La tradición de Barquinha fue fundada en 1945, en la ciudad de Rio Branco (AC). Por lo tanto, es un movimiento religioso híbrido y originalmente brasileño, templado con elementos cosmológicos y litúrgicos del cristianismo romano, matrices indígenas, africanas, círculos esotéricos europeos, así como el catolicismo nororiental y le encantaría amazónica. El objetivo de esta investigación doctoral es discutir los múltiples aprendizajes con el Daime y el conocimiento encantado que circula en esta tradición, con énfasis en la sucursal del Río de Janeiro de la Barquinha de la madrina Francisca, ubicada en la ciudad de Niterói (RJ). Esta pesquisa también busca comprender la producción de conocimiento fuera del entorno científico y de los círculos universitarios, apostando por la ampliación de las discusiones epistemológicas y ontológicas en la contemporaneidad. Para ello, se realizó una cartografía biográfica de Francisca Campos do Nascimento, siguiendo las pistas de su aprendizaje (procesos de formación) en la doctrina del Maestro Daniel hasta convertirse en madrina y maestra en este territorio existencial. Madrina Chica es una mujer norteña que se considera analfabeta, pero es considerada una educadora y líder espiritual en el contexto de las religiones ayahuasqueras. Así, además de presentar la trayectoria de una maestra de los conocimientos encantados, esta cartografía (investigación de intervención) analiza los acontecimientos educativos en la vida cotidiana de la Barquinha de Niterói, dentro y fuera de los rituales con el Daime. Además, recorro al conocimiento encantado de los “pretos” y “pretas-velhas” (entidades espirituales), resultado de mis experiencias como auxiliar/cambone de estas entidades, pero también a través de las entrevistas realizadas y las observaciones de campo con estos seres sanadores, también considerados maestros en el contexto local. Finalmente, este estudio busca demostrar la importancia de los contextos educativos no escolares en el Brasil, además de promover una rica experiencia sociocultural y religiosa que produce modos de subjetivación a partir del uso ritual del Daime.

Palabras llave: Daime; Barquinha; Madrina Francisca; Aprendizaje; Conocimientos encantados.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 - São Francisco das Chagas	17
Foto 2 - Madrinha Francisca contemplando o mar	62
Foto 3 - Título de Mestra conferido à Madrinha Francisca	65
Foto 4 - Altar no Barco na festa de ano novo	75
Foto 5 - Madrinha Francisca irradiando as entidades	77
Foto 6 – Madrinha Francisca em trabalho c/ Príncipe Dom Simeão	100
Foto 7 - Entrega da Romaria de São Francisco das Chagas	111
Foto 8 – Conversa com a Madrinha Francisca.....	119
Foto 9 - Complexo arquitetônico do CECOCJFL na década de 1970.....	140
Foto 10 - Trabalho na Casinha do Pai Vicentino na década de 1990	150
Foto 11 - Fachada da igreja do CEOCPE	158
Foto 12 - Padrinho Francisco com Madrinha Francisca	159
Foto13 - Espaço do <i>Memorial da madrinha Francisca</i> no CEOCPE	163
Foto 14 - Igreja da Barquinha de Niterói em construção	166
Foto 15 - Trabalho do CEOCPE na casa do Ivan e Andréia	170
Foto 16 - Madrinha Francisca e Ivan Gomes na <i>varandinha</i>	171
Foto 17 - Trabalho na igreja da Barquinha de Niterói.....	172
Foto 18 - Igreja da Barquinha de Niterói com o entorno arborizado.....	172
Foto 19 - Festa de Aniversário da Barquinha e Nossa Senhora Aparecida	178
Foto 20 - Fila da procissão em dia de Romaria.....	183
Foto 21 - Mutirão de mães, pais e filhos pra pintar a casinha das crianças	189
Foto 22 - Humberto Fernandez cuidando do terreiro durante o mutirão	190
Foto 23 - Aniversário de Agnes Maria na Barquinha de Niterói.....	195
Foto 24 –Aniversário do nascimento espiritual de Mestre Daniel.....	197
Foto 25 - Manoel Abelha colhendo o cipó na mata	198
Foto 26 - Último feitio com o Manoel Abelha em Rio Branco	206
Foto 27 - Manoel Abelha apurando o Daime.....	212
Foto 28 - Dia de instruções do Manoel Abelha na Barquinha de Niterói	213
Foto 29 - Manoel Abelha recebendo de Vó Cambinda o alimento consagrado	214
Foto 30 - Pai Miguel das Almas saldando Pai Francisco do Santo Cruzeiro.....	217
Foto 31 - Vó Maria Joana (Carlos Renato) e a dirigente Cléia.....	221
Foto 32 – Gongá na festa junina de São Pedro	221

Foto 33 – Gongá na comemoração de 13 de maio de 2022	224
Foto 34 - Vó Cambinda das Almas e a cadela Mel no Gongá.....	229
Foto 35 - Gongá de Niterói com adornos, imagens e patuás	237
Foto 36 - Atendimentos no salão das obras de caridade	238
Foto 37 - Preta-velha Mãe Maria do Rosário.....	240
Foto 38 - Preparo espiritual para o parto de Raiza e Júlia	241
Foto 39 - Vó Maria Clara abençoando o ventre de Laura Palis.....	243
Foto 40 - Crianças da Barquinha de Niterói	252

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Retrato do Mestre Daniel Pereira de Mattos.	138
Figura 2 - Mensagem do Mestre Daniel	145
Figura 3 - Ata de Fundação do CEOCPE.....	153
Figura 4 - Campanha para fortalecer o Memorial da Madrinha Francisca	161
Figura 5 - Pintura da Barquinha de Niterói inspirada pelo Daime.....	165

LISTA DE SIGLAS

AC – Acre

CapsAD – Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas

CECOCJFL – Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus Fonte de Luz”

CEDPM – Centro Espírita Daniel Pereira de Matos

CELAC – Centro Espírita Luz, Amor e Caridade

CEOCPE – Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

COFEN – Conselho Nacional de Entorpecentes

CONAD – Conselho Nacional Antidrogas

DMT – Dimetiltryptamina

LSD – Lysergic acid diethylamide (dietilamida do ácido lisérgico)

MDMA – 3,4-metilonodioximetanfetamina (ecstasy)

MG – Minas Gerais

OEC – Ordem Esotérica Cristã

RA – Rede Ayahuasqueira

RD – Redução de Danos

RJ – Rio de Janeiro

SNC – Sistema Nervoso Central

TV – Televisão

UDV – União do Vegetal

UEPA – Universidade Estadual do Pará

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

UNIperiferias – Universidade da sociedade civil voltada à formação de especialistas em periferias (Instituto Maria e João Aleixo).

SUMÁRIO

Introdução	17
1.1 Pedindo a benção para iniciar uma pesquisa-navegação!	17
1.2 A Barquinha da madrinha Francisca: motivações, objetivos e <i>lócus</i> da pesquisa	25
1.3 Campo de batalhas e campo de mandingas: o Daime e os muros da Universidade.....	35
1.4 Situando a Barquinha na Rede Ayahuasqueira (R.A)	39
1.5 Alianças transdisciplinares na construção teórica e prática da pesquisa	49
1.6 Dimensões metodológicas: entre a Cartografia e a Cambonagem	52
1.7 Mergulhando na pesquisa	58
2 O encontro de madrinha Francisca com o Daime	62
2.1 Quem é essa senhora amazonense?.....	62
2.2 Devir-Garrincha, madrinha!	70
2.3 O campo social e a infância de Chiquinha	78
2.4 Dobrando a morte: Daime saúde	83
2.5 Recebendo o preparo e a limpeza espiritual com o Daime: saindo da floresta e mergulhando no fundo do mar.....	95
3 Tornando-se madrinha e zeladora na “escola” do bom professor	101
3.1 “Esta Santa Casa é a escola do bom professor”	101
3.2 O Santo, o Mestre e o Daime: quem são os professores de Francisca Gabriel na Barquinha?	111
3.3 (Des)continuidades no movimento religioso da Barquinha.....	138
3.4 O nascimento do Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte	150
3.5 Recebendo o seu galardão: professora e Irmã de Caridade!.....	155
3.6 Edificando o Acervo Memorial da madrinha Francisca	158
4. Múltiplas aprendizagens com o Daime na Barquinha de Niterói.	165
4.1 Ancorando o barco no Rio De Janeiro	165
4.2 Mapa descritivo do campo pesquisado	172
4.3 O que a Rainha me ensinou?.....	180
4.4 O ritual e os saberes da experiência	183
4.5 O mar sagrado como lugar de aprendizagem	191

4.6 O axé dos aniversariantes no pedaço do bolo	195
4.7 Aprendendo com essa força estranha.....	198
4.8 Aprendizagens e instruções de Manoel Abelha	204
5 Cartilha de preto e preta-velha.....	217
5.1 Saravá, salve a sua banda e salve a sua luz!	217
5.2 Arquitetura subjetiva do Gongá	221
5.3 A reza, o alecrim e o banho com a flor do estudante	226
5.4 A po(ética) e a ciência da Vó Cambinda	229
5.5 Quem não pode com mandinga, não carrega patuá!	235
5.6 Cartilha de preto e preta-velha.....	237
5.7 Vó Maria Clara e o cuidado com as mulheres gestantes	240
Considerações Finais	244
Referências	253

Introdução

1.1 Pedindo a benção para iniciar uma pesquisa-navegação!

Foto 1 - São Francisco das Chagas



Fonte: Carlaile José (2020). Memorial CEOCPE. Niterói.¹

A princípio, antes de abrir as chaves temáticas e os eixos problemáticos desta pesquisa, devo dizer que esta tese de doutorado navega entre as águas de uma religiosidade brasileira pouco conhecida, preservada e protegida por saberes tradicionais e esotéricos. Portanto, parte deste estudo foi construído a partir de fontes orais, em contextos rituais e considerados sagrados. Por este motivo, peço o meu agô e a benção à ancestralidade que guarnece este saber. Assim aprendi quando era criança, entrando de fininho no terreiro e falando baixinho, em tom menor.

Agô é uma expressão do panteão iorubano, pronunciada em várias religiosidades brasileiras que bebem nas fontes das matrizes africanas. É também um pedido de licença aos mais velhos e uma respeitosa saudação para abrir os caminhos, facilitando a comunicação na travessia entre os mundos visíveis e invisíveis dos espaços sagrados (ALONSO; BALIFDERDIN, 2019). A “benção que se pede e a benção que se dá”, segundo Uberti (2010, p. 07), na tradição do cristianismo popular, para além de invocar o sagrado (abençoar em nome de Deus) nos rituais cotidianos, também facilita e dinamiza a reciprocidade, o respeito e o intercâmbio nas relações sociais.

¹ Dirigentes da Barquinha de Niterói, carregando o andor de São Francisco das Chagas

Os ditos *saberes sagrados* (provindos das tradições religiosas e conhecimentos esotéricos) e os *saberes científicos* (provindos das tradições acadêmicas e conhecimentos universitários) se cruzam nesta pesquisa: mobilizando forças vitais e mútua afetabilidade entre esses diferentes campos do conhecimento. Essa tese de doutorado se torna um objeto ritual e prática de magia, assim como o objeto de pesquisa se torna um saber acadêmico, encantado em um texto científico.

Nesta zona de contato entre múltiplas vozes e temporalidades, saúdo a quem veio antes: tanto os mestres e as mestras dos saberes ancestrais quanto os mestres e as mestras das ciências sociais, para assim começar o meu percurso com axé (força vital)! Eis o ensinamento de um antigo conhecimento africano: a palavra não é apenas o som emitido através da boca ou escrita pelos movimentos das mãos, ela atua como um sopro animado, sustentando e criando “aquilo a que dá o nome” (LOPES; SIMAS, 2020, p. 44).

Nesta tese, vou investigar o Daime inserido nas múltiplas formas de conhecer, ensinar e aprender em uma religiosidade conhecida popularmente como *Barquinha*, nascida na primeira metade do século XX, no Brasil. Assim como as nascentes dão origem e afloram cursos d'água na superfície da terra, no caso da Barquinha, a sua mina d'água brotou no encontro entre a floresta amazônica e a emergente cidade de Rio Branco, no Acre.

Rio Branco é uma cidade que se confunde com o rio, em especial, nas ocasiões das grandes enchentes em decorrência das chuvas amazônicas. No belíssimo livro *Histórias acreanas no miolo de pote*, o autor Marcos Vinicius Neves (2018, p. 224), desenha um mapa geopoético na fundação da capital acreana: “cidade anfíbia, uma cidade-rio, um porto comercial que só existia em razão dos vapores e embarcações que percorriam o rio Acre e eram o único meio de contato com o longínquo mundo exterior”.

Além dos aspectos fluviais que envolvem o lugar de origem histórica e geográfica da Barquinha, nesta tradição encontra-se os aspectos fluviais e marítimos presentes também em suas *narrativas míticas*.² As águas infiltram o solo, as paredes

² Neste texto, o vocábulo mito ou a expressão “narrativas míticas” não carregam o sentido pejorativo de uma fábula, ficção ou ilusão. Esta visão depreciativa dos mitos, são próprias das sociedades contemporâneas, influenciadas pela tradição erudita ocidental. Segundo o cientista das religiões e

e as experiências sagradas que sustentam esta doutrina, trazendo a força abundante deste elemento nos alicerces ritualísticos da Barquinha! Desde a cor azulada presente nas pinturas do templo, o balanço das ondas na sonoridade dos salmos³ cantados, a estética dos adornos nos rituais, até a forte presença dos seres espirituais aquáticos nesta tradição. A partir dos estudos pioneiros de Wladimir Sena Araújo (1999), entende-se que esta religiosidade está vinculada cosmologicamente com os mistérios das *águas sagradas*. Para o autor, o elemento água é o símbolo de “vida e fecundidade”, além disso, afirma que: “o homem, ao tomar contato com a água, se regenera e, portanto, nasce novamente” (ARAÚJO, 1999, p. 82).

Além dos aspectos apresentados, a Barquinha também é conhecida por fazer o uso ritual de uma beberagem psicoativa conhecida como *ayahuasca* ou *Daime*. No contexto litúrgico desta tradição, o Daime é entendido como uma *bebida sacramental*, consumida a partir de certas normas de conduta e fundamentos doutrinários cristãos. Etimologicamente, o termo *ayahuasca*⁴ provém do *quéchua* (idioma falado pelos Incas), mas também por inúmeras etnias indígenas em grande parte da floresta amazônica (ALBUQUERQUE, 2011). Sua expressão pode ser traduzida poeticamente como *vinho das almas*, porém, outros nomes são dados a esta bebida, também conhecida por Daime, Santa Luz, Nixi Pae, Vegetal, Hoasca, Yagé, entre outras designações. Entre o povo Huni Kuin, por exemplo, o nome Nixi Pae quer dizer *cipó da embriaguez*, apurando a visão daqueles que o tomam, para melhor se comunicarem com os *yuxin* (a dimensão espiritual). O contato com o Nixi Pae aguça os sentidos, aumentando a força vital necessária para a lida com o lado oculto da realidade e evitando o mal-estar, as doenças, as crises na comunidade, além de preparar a alma para não enlouquecer depois da morte (LUZ, 2009).

mitólogo Mircea Eliade (2011, p. 08), o mito é uma história viva e verdadeira, além de ter um caráter sagrado carregado de funções e significados, sendo “um modelo para a conduta humana”.

³ Os salmos são as mensagens musicais da Barquinha, recebidas espiritualmente e transmitidas em forma de canções tocadas em valsas, marchas, boleros e outros ritmos musicais. O Mestre Daniel (o fundador da doutrina) era um excelente músico e trouxe esse aspecto estético-espiritual para o ritual da Barquinha.

⁴ Escrevo *ayahuasca* com a vogal inicial minúscula, por tratar esta tradução de maneira genérica (mais conhecida no meio acadêmico) e, portanto, utilizando o termo de maneira abrangente. Posteriormente, irei me referir ao Daime com a consoante inicial maiúscula, pois no contexto do campo pesquisado, a bebida é considerada a encarnação de um Ser Divino.

Este *chá sagrado* não é encontrado *in natura* no meio ambiente, necessitando ser plantado, colhido e preparado pela decoção de dois vegetais (podendo haver algumas variações): o *cipó* (jagube) e a *folha* (rainha), respectivamente batizados cientificamente pelos nomes *Banisteriopsis Caapi* e *Psychotria Viridis* (MACRAE, 2008). Percebe-se que a expressão “chá” é apenas simbólica, pois o Daime é preparado a partir do cozimento, envolvendo o cipó, a folha, a água, o fogo, o esforço humano e a ritualística sagrada para entronizar na beberagem as forças espirituais ocultas aos olhos físicos. Os nomes científicos cunhados e aceitos academicamente são na maioria das vezes irrelevantes, pelo menos no cotidiano e na vida ordinária dos adeptos do grupo pesquisado.

É necessário apontar que pesquisarei apenas uma vertente da Barquinha, conhecida como *Barquinha da madrinha Francisca*, mas que será especificada posteriormente. O nome Barquinha é dado a um complexo movimento religioso originalmente brasileiro, fundado no Acre pelo maranhense *Mestre Daniel Pereira de Mattos*, iniciado no movimento religioso daimista⁵ na década de 1930 pelo seu amigo, benfeitor e conterrâneo *Mestre Raimundo Irineu Serra* (ARAÚJO, 1999). Daniel plantou a sua semente nas terras acreanas e iniciou a sua doutrina religiosa no bairro Vila Ivonete, na zona rural de Rio Branco (ARAÚJO, 2009). Segundo Araújo (2009) e Margarido e Neto (2005), este homem deu início ao seu humilde templo sagrado no ano de 1945, desenvolvendo primorosamente a sua doutrina até 1958, ano do seu falecimento. Daniel, ergueu sozinho uma capela com paredes de taipa coberta com palhas, aos moldes das construções de sua terra natal, tendo como padroeiro *São Francisco das Chagas*.

Enquanto o mundo saía de duas grandes Guerras Mundiais, o ex-soldado da Marinha do Brasil fundava no entorno de um antigo seringal acreano a *Capelinha de São Francisco*.⁶ Aos olhos físicos, tratava-se de uma capelinha pobre e comum, porém, quando contemplada na “luz do Daime”, era mirada com grande primor, beleza e riqueza espiritual. Daniel seguia os ensinamentos do santo de Assis: dedicando seu

⁵ Daimista é uma expressão dada às pessoas que tomam o Daime regularmente dentro de um fundamento religioso, como uma prática espiritual ou mesmo como uma estética existencial.

⁶ As “capelinhas de estrada” fundadas na emergente cidade de Rio Branco, assim como a Capelinha de São Francisco (situada na beira da estrada do Seringal Empresa), eram manifestações religiosas populares, fundadas por fiéis leigos que traduziam e sintetizavam a fé cristã espontaneamente em suas vidas cotidianas (OLIVEIRA, p. 2002, p. 25).

tempo com ternura e vigor aos pobres, degredados, moribundos, oprimidos, desprezados e doentes da sua região. Rogava a Deus pela sua vida e pela humanidade que se encontrava em grandes calamidades, derramamento de sangue e miséria social (OLIVEIRA, 2005). Naquela capelinha afastada dos centros urbanos, no meio das matas, nascia de maneira rudimentar o que hoje é conhecido como Barquinha. Conforme Rosana Oliveira (2005, p. 49), de boca em boca o Mestre foi sendo (re)conhecido e indicado pela população local como “um ‘nêgo velho’ curador e vidente” que oferecia serviços de cura e uma espécie de “espaço terapêutico” para a população de Rio Branco (MAGALHÃES, 2014, p. 116).

Essa capelinha indicava o nascimento de uma nova religiosidade popular de Rio Branco que não pertencia à Igreja Católica ou Protestante. Portanto, esse espaço religioso foi construído sobre um altar de “cipó e folhas”, conforme Oliveira (2002, p. 60), por pessoas oriundas das classes populares. O fato desta singular capelinha estar atrelada ao Daime, também foi motivo de inúmeras perseguições.

Historicamente eles sofreram 4 invasões por parte da polícia da cidade de Rio Branco, segundo o Livro de Atas da Capelinha, [...] foi a 20 de janeiro de 1958 a primeira; feita pelo comissário de polícia, José Araújo, em completo estado de embriaguez (OLIVEIRA, 2002, p. 70).

Logo no início da Barquinha, os seus adeptos foram estigmatizados e depreciados socialmente por beberem o Daime, sendo considerados sujeitos desqualificados. É preciso lembrar que nessa época o Daime não era legalizado no Brasil (ARAÚJO, 1999).

Após assumir o seu compromisso espiritual, revelado e confirmado em sonhos e estados visionários a partir da ingestão do Daime, Daniel passou a dar exemplos da sua fé cristã, vivendo de forma franciscana, praticando a penitência, comendo de esmola e fazendo a caridade, não desejando destaque social ou recompensas financeiras (ARAÚJO, 1999). Ajudava as pessoas que passavam pelos arredores de sua capelinha, oferecendo conselhos, rezando, fazendo remédios caseiros, servindo Daime e tocando belas canções com os seus instrumentos musicais (MERCANTE, 2012).

Aos poucos, a Capelinha de São Francisco foi crescendo e formando em seu entorno uma comunidade religiosa. Conforme *Francisco Hipólito de Araújo Neto*,⁷ os primeiros companheiros e companheiras do Mestre Daniel foram: “Antônio Geraldo, Dona Chica Gabriel, o pai (Padrinho Manuel Araújo), seu Juarez e Dona Baiana, Agustinho, Anelino, José Joaquim, Elias Kemel, Antônio Lopes, entre tantos” (NETO, 2005, p. 07). No caso desta pesquisa, vou enfatizar a vida, a obra e os frutos de Dona Chica Gabriel (a madrinha Francisca), única discípula direta do Mestre Daniel que ainda está viva e ativa em seu compromisso espiritual.

Francisca Campos do Nascimento esteve junto com o Mestre Daniel por pouco mais de um ano e depois, passou mais de três décadas se desenvolvendo como uma marinheira-aprendiz no primeiro centro fundado após a morte do Mestre (MACHADO et al., 2017). Atualmente é considerada uma professora na *escola da Barquinha*, sendo uma pessoa com singular importância na história deste movimento religioso. Como ela mesma relatou: “*Eu posso dizer aquilo que eu ouvi do Mestre. Pode não ser muita coisa, eu posso não ter ouvido muita coisa, mas tudo o que eu digo o que ele me disse... ele me disse*” (Francisca Campos do Nascimento, 2021, informação verbal).

Na tese de doutorado de Cristiane Albuquerque Costa (2019, p. 25), a pesquisadora constrói uma analogia da Barquinha da madrinha Chica ora como um hospital (devido às práticas de curas e processos terapêuticos desenvolvidos juntamente aos seres espirituais a benefício das pessoas enfermas e das almas⁸ necessitadas), ora como uma escola (devido aos ensinamentos e fundamentos doutrinários disponíveis para serem aprendidos e praticados nesta casa espiritual). Esta analogia que a pesquisadora Cristiane Costa construiu, evidenciando a

⁷ Francisco Hipólito de Araújo é historiador e o atual presidente da Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus - Fonte de Luz”. Este centro foi alicerçado e institucionalizado em 1959, no primeiro ano após a morte do Mestre Daniel. Esta unidade matriz se perpetua até os dias atuais, honrando a memória e os ensinamentos deixados pelo seu mestre e fundador. Desde então, os presidentes deste centro foram: Antônio Geraldo, Manuel Hipólito de Araújo e posteriormente, o seu filho Francisco Hipólito de Araújo Neto. (MARGARIDO; NETO, 2005).

⁸ Na Barquinha da madrinha Chica, as almas são todos os seres (humanos, animais, vegetais etc.) que desencarnaram, mas que continuam as suas respectivas jornadas existenciais no plano espiritual. Neste sentido, demarco que esta doutrina tem uma crença reencarnacionista, assim como no espiritismo kardecista, não tomando a morte física como a aniquilação do ser vivente. A morte, portanto, apenas transforma o espaço cosmológico em que as almas irão habitar, trazendo novas leis de funcionamento da vida.

Barquinha da madrinha Chica como um hospital-escola, partiu de uma longa pesquisa etnográfica, compreendendo os aspectos cosmológicos, litúrgicos e doutrinários deste espaço religioso. Eu acrescento uma terceira analogia, trazendo o aspecto militar de uma “esquadra”, tendo em vista que os adeptos desta doutrina se autodenominam soldados ou marinheiros, usando fardas brancas em dias oficiais e se apresentado em seus rituais como um exército “navegando em alto-mar”, bem protegido pelas forças divinais.

Nesta tripartição (*hospital, escola e esquadra*), irei analisar os processos pedagógicos que se passam nesses lugares de aprendizagens. Em outras palavras, essa pesquisa aposta que a Barquinha da madrinha Francisca expressa uma pedagogia própria, provocando *importantes acontecimentos educativos e circulação de saberes provindos da experiência com o Daime*.

Nesta doutrina muito se fala de *ensinamentos, instruções e aprendizagens*. Como foi dito, tem o Mestre, tem a madrinha, tem a doutrina e tem o Daime. Mais ainda, tem a comunidade humana e os seres espirituais que estão em constante relação de trocas de saberes e afetos. Portanto, como se dão os ensinamentos neste local? O que se aprende? Como se aprende? Estes são alguns pontos centrais que serão investigados nesta pesquisa.

Posto isto, após localizar o objeto de pesquisa e as raízes históricas desta religiosidade, peço a proteção e a benção aos povos indígenas e tradições daimistas, pajés, xamãs, benzedeiras, mestres, mestras, padrinhos e madrinhas que já partiram para a grande viagem (morte física). Muitos deles, ao longo das gerações dedicaram as suas vidas para preservar os saberes da ayahuasca e foram, por este simples motivo perseguidos, estigmatizados e esquecidos. Eis o campo de batalhas, mandingas e políticas cognitivas que justificam esta pesquisa: trazer os saberes encantados e as pedagogias da Barquinha para serem pensados na universidade, rememorando a força das tradições amazônicas brasileiras que são constantemente arremessadas no esquecimento da colonialidade.⁹ Para tanto, por onde e como começar?

⁹ A colonialidade do poder, do ser e do saber é a continuidade da colonização escravista por outras vias. Segundo Ramón Grosfoguel (2019), a ideia de colonialidade identifica no racismo o perverso eixo estruturante das relações sociais de dominações na modernidade, definido socialmente os grupos raciais superiores (humanos e civilizados) e os inferiores (selvagens e bárbaros).

Vou pisando de mansinho, apresentando o campo de pesquisa à moda dos pretos e pretas-velhas: *pego um raminho de arruda e coloco atrás da orelha, depois vou curiando o tema, proseando sem pressa, contando um causo, migando um tabaco e cantando um ponto, alargando o linguajar das ciências encantadas*. Para dobrar as políticas cognitivas coloniais, preto-velho é professor em seu palavrear: ele “diz para não dizer e não se diz para falar”, vencendo logo a demanda da racionalidade fria sem levantar a voz, evocando “versos que comuniquem múltiplos entenderes em alguns poucos dizeres” (SIMAS; RUFINO, 2018, p 73-4).

Para navegar nas regiões cosmológicas do *mar sagrado*, outra expressão comum na liturgia da Barquinha, evoco as odes marítimas do poeta Fernando Pessoa, saindo do cais e embarcando nas profundezas das águas salgadas. “De qualquer viagem, ainda que pequena, regresso como de um sono cheio de sonhos – uma confusão tórpida, com as sensações coladas umas às outras, bêbado do que vi” (PESSOA, 2003, p. 143).

O desassossego e a “sagrada embriaguez” com o Daime é um bom sinal, pois deixa o pesquisador-cartógrafo e os leitores atentos aos movimentos dos sentidos e das percepções: sendo afetados pelos ventos, pelas águas, pelos astros e tripulantes do barco, tomando nota das próprias sensações, das cartas náuticas, dos contos de pescadores e dos cantos da sereia. Aprender a navegar é um saber-praticado, talhado na experiência. Como diz um ponto da Barquinha da madrinha Chica:

*Marinheiro, marinheiro, marinheiro eu preciso viajar
sou tripulante deste navio negreiro
também sou um marinheiro e preciso navegar
vamos conhecer seres encantados
reinos consagrados beira-rio e beira-mar
(Ponto de marinheiro do CEOCPE).¹⁰*

No caso desta pesquisa, a viagem é dentro de um “barquinho de luz”, com ajuda das forças divinas e dos seres encantados do astral, das florestas, das águas doces e salgadas. Ao final, será preciso retornar como nos mitos heroicos, trazendo o que foi pescado nessas experiências e narrativas cartografadas durante esta pesquisa-navegação.

¹⁰ Trata-se de um trecho do ponto que se chama *Navio Negreiro*, recebido espiritualmente pelo aparelho João Batista “Joca” - acervo memorial do Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte.

1.2 A Barquinha da madrinha Francisca: motivações, objetivos e *lócus* da pesquisa

É imensurável a extensão e a quantidade de benefícios que a Barquinha tem feito a tantas almas, neste mundo e no outro. E é indiscutível sua importância na formação cultural do Acre, seu enraizamento na base da sociedade, sua influência na linguagem e nos costumes dessa gente que foi se juntando nos arredores da capital do extremo Ocidente brasileiro (ALVES, 2005, p. 11).

Esta pesquisa foi realizada com a *Barquinha da madrinha Francisca*, codinome carinhoso dado ao segmento espiritual chamado *Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte (CEOCPE)*. A expressão “Barquinha da madrinha Chica”, eu tomo por empréstimo dos pesquisadores Marcelo Mercante (2012), Cristiane Albuquerque Costa (2008, 2019) e Daniel Flores (2020), mas faço uma pequena alteração. É preciso dizer que durante a pesquisa de campo, percebi que a expressão “Chica” não agrada a todos os membros mais antigos dessa comunidade, pois essa alcunha já foi utilizada por pessoas que não tinham o devido respeito pela história da madrinha Francisca na tradição fundada pelo Mestre Daniel. A partir desta consideração tão importante, ponderei retirar a expressão “Chica” do trabalho! Porém, a partir das entrevistas realizadas com alguns filhos da madrinha, percebi que a própria Francisca não se incomoda com este apelido, posto que o nome “Chica Gabriel” é utilizado por ela em suas redes sociais, além de ser uma homenagem ao seu falecido esposo, o padrinho Francisco, “Chico” Gabriel. Nesta pesquisa, portanto, as expressões “Barquinha da madrinha Francisca” e “Barquinha da madrinha Chica” serão tratadas como sinônimos.

Além disso, no decorrer deste estudo vou me referir às diversas unidades da Barquinha a partir das suas siglas ou codinomes, todavia, quando me referir à tradição religiosa fundada pelo Mestre Daniel de forma genérica, usarei apenas o nome Barquinha, assim como Beatriz Labate (2009) e outros importantes pesquisadores nomeiam essa tradição, quando se referem às *religiões ayahuasqueiras do Brasil*.

Nesta perspectiva, seguindo as pistas de Daniel Flores (2020, p. 32), levanto a seguinte questão: “o que é a Barquinha de fato?” Para o autor, esta nomenclatura e as relações de pertencimento comum entre os seguidores do Mestre Daniel é polêmica e repleta de opiniões divergentes. Porém, a resolução que o pesquisador e adepto desta tradição oferece, será igualmente defendida neste estudo.

Esta pesquisa não tem a finalidade de solucionar a problemática citada acima, em busca de uma definição concreta daquilo que deve ser os limites conceituais em torno do objeto de estudo. Trata-se de uma questão complexa que, por si só, pode ser tomada como tema de outros trabalhos. O fato é que a Barquinha não se refere a um grupo (Centro) institucionalizado e fácil de ser reconhecido, mas de uma forma abstrata de se fazer referência à tradição religiosa fundada por Mestre Daniel. Uma semente plantada e cultivada por 12 anos metaforicamente falando. Do broto semeado, cresceu a árvore que se desenvolveu ao longo dos anos, gerando os seus frutos (FLORES, 2020, p. 32).

A expressão Barquinha, apesar de ter sido popularizada pelos cidadãos acreanos, grupos ayahuasqueiros e até mesmo por boa parte dos discípulos do Mestre Daniel, só foi instaurada após a morte do seu fundador (SANTOS, 2021, p. 44). Wladimir Sena Araújo (1999, p. 76), nos traz uma bela imagem metafórica como chave de interpretação para a expressão “barca” que nomeia essa tradição:

A barca, para os seus integrantes, tem dois significados: o primeiro é o de que representa a própria missão deixada por Daniel: e o segundo, expressa a viagem de cada um. Essa barca é a viagem de suas vidas, em resumo, uma viagem dentro da viagem. Ela tem como característica principal realizar uma grande travessia. Na história das religiões, a barca tenta sobretudo atravessar uma grande tempestade. [...] Os adeptos da Barquinha também acreditam que a nau é a propriedade da igreja, local de reuniões periódicas para a irmandade. A igreja relacionava-se sobretudo com embarcações típicas da região amazônica, que constantemente cortam os rios daquela região.

Esta barca, como consta na literatura da área e nas fontes orais, navega espiritualmente entre os *Três Mistérios* (o Céu, a Terra e o Mar). Esses três planos cosmológicos, como nos argumenta Araújo (1999) e Mercante (2012), estão interligados e ao longo deles, apoiados nas experiências rituais com o Daime, os tripulantes realizam as suas viagens com fins específicos e sagrados. Nas palavras de Marcelo Mercante (2012, p. 131):

Fica claro o motivo pelo qual esse movimento religioso se chama Barquinha. O pequeno barco assume para a comunidade a conotação de um barco místico, que liga terra, mar e céu. O barco parte das docas, do ancoradouro, ligado à terra, e navega nas águas, mas não imerso nelas, pois está, na sua maior parte, no ar, conectado ao céu, flutuando ‘sobre’ as águas, partindo e retornando (como é enfatizado nas romarias) para a terra. A Barquinha ajuda na interconexão desses diferentes mistérios.

Além desse sentido místico e esotérico, houve um fato específico que popularizou o nome Barquinha na cidade de Rio Branco (AC). O presidente que sucedeu o Mestre Daniel, também conhecido por *Mestre Conselheiro Antônio Geraldo*, instituiu a construção de um *parque* (na forma de um barco) para a irmandade realizar as festas nos dias comemorativos, chamando as entidades

espirituais para brincar e irradiar¹¹ os médiuns nos rituais dos *bailados*. Segundo Magalhães (2013) e Santos (2021), o nome “pegou” quando começou a ser divulgado por um jornalista na rádio local, chamando aquele espaço de Barquinha. Segue o depoimento do filho de Antônio Geraldo:

Silvio Martinello, que era jornalista, e ele sempre dizia, dava um alô pra prefeitura: - Olha, seu prefeito, manda tapar os buraco lá na rua da Barquinha [sic]. E assim foi divulgando. Ele ouvia também os hinário [sic], falava muito de barco e tal, o barquinho. E aí foi se destacando. As pessoas que vinha de fora, via o barco: - Vamo lá na Barquinha. Daí então começou a ser destacado Barquinha (MAGALHÃES, 2013, p. 26).

Porém, apesar do nome ter “pegado”, a expressão Barquinha não é aceita consensualmente entre os seguidores da linha doutrinária deixada pelo Mestre Daniel. Francisco Hipólito de Araújo Neto, atual dirigente do *Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz” (CECOCJFL)*, não gosta desta nomenclatura para designar a sua unidade (SANTOS, 2021). Segundo Ricardo Santos (2021), Francisco Hipólito entende que o CECOCJFL é a única vertente legítima e autêntica no seguimento doutrinário e litúrgico do Mestre Daniel. Em outra seção, irei retornar a este ponto para pensar criticamente a noção de tradição ortodoxa, verdade única e critérios de autenticidade, sob a ótica das (des)continuidades no movimento religioso da Barquinha.

Francisca Campos do Nascimento, não carrega objeções com o nome Barquinha, certamente a questão da nomenclatura desta tradição não é uma preocupação para esta dirigente e professora. Os adeptos do segmento da madrinha Chica se identificam e até demonstram apreço pelo codinome da doutrina, porém, no cotidiano deste grupo, tratam o espaço religioso ora como centro, ora como igreja/igrejinha. Portanto, inspirado pelo conceito “*complexo epistemológico das macumbas*”¹² de Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino (2018), optei por deixar os dois

¹¹ O termo irradiação no contexto desta pesquisa, se refere a uma manifestação sutil dos seres espirituais nos médiuns durante um trabalho ritual. Por exemplo, na Barquinha da madrinha Chica quando se canta para os seres encantados do mar em um bailado, percebe-se no terreiro que as entidades vão se aproximando das pessoas, realizando certos movimentos corporais que lembram os peixes e os balanços das águas, além das expressões faciais que são característicos de determinados seres espirituais.

¹² Para os autores Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino, o complexo epistemológico das macumbas são elaborações conceituais, assentados nos modos de sentir, pensar e existir da sabedoria popular dos povos de terreiros. Esses sofisticados saberes são chamados de ciências encantadas, funcionando diferentemente do paradigma da racionalidade da ciência oficial, tão comum no pensamento eurocêntrico. Assim, as ciências encantadas são contra hegemônicas, afirmando o campo da

nomes juntos (*centro-igrejinha*), provocando um efeito polissêmico e paradoxal na informação que identifica a linha de trabalho desta vertente religiosa.

Portanto, com a ideia de um centro-igrejinha, desejo provocar os seguintes questionamentos: esse espaço religioso é um terreiro ou uma igreja? São mais próximos da tradição umbandista, da encantaria, do espiritismo ou do catolicismo? Perguntas como essas se fizeram presentes nas minhas indagações, logo nas primeiras visitas que fiz ao CEOCPE na cidade de Niterói - RJ. Além disso, segundo Labate (2009, p. 234), Araújo (1999) e Goulart (2004, p. 21), os grupos da Barquinha em geral são mais regionalistas, esotéricos e isolados em comparação a outros grupos ayahuasqueiros. Portanto, não se trata de uma tradição proselitista e nem carregam características de religiões expansionistas, apesar de terem algumas filiais fora de Rio Branco.

Neste sentido, parto do princípio de que a Barquinha da madrinha Chica é uma *religiosidade minoritária*. No livro *Conversações*, Gilles Deleuze (2010) define o conceito *minoría* não por um modelo social ou pela quantidade numérica de participantes, mas pelo devir-minoritário que determinados grupos sociais produzem nos valores, condutas e práticas sociais hegemônicas. Inclusive, as ditas minorias podem revelar grupos sociais mais numerosos que a “maioria”. No caso deste estudo, afirmo que a Barquinha da madrinha Francisca é uma religiosidade minoritária. Trata-se, portanto, de um processo de singularização na sociedade que atualiza uma nova religiosidade, inventada na cultura local.

Segue um breve depoimento de Humberto Fernandez, membro oficial do CEOCPE que compreende a religiosidade da Barquinha ao lado das minorias:

Mas o preconceito existe, o julgamento existe, os negros sofrem o que sofrem, os umbandistas, as religiões de matrizes africanas sofrem o preconceito que sobrem por vários motivos, nós somos uma sociedade preconceituosa em várias questões com o negro, com o gay, com o daimista. Nós estamos juntos aí, os daimistas estão juntos nesse contexto... graças a Deus! Pra mim eu sou muito feliz de estar desse lado, das minorias, dos perseguidos. Eu sou muito feliz! Cristo foi perseguido né... e só falou coisa boa. Era filho de Deus, veio na Terra, só falou coisa boa, falou de amor, de amar ao próximo, amar a Deus e foi pregado na cruz. Então, vamos seguir (Humberto Fernandez, 2021, informação verbal).

inteligência sensível, ancorada na corporeidade, nos sons, nas danças, nos sabores e nas encruzilhadas existenciais. É no cruzo que acontecem os encantamentos, os encontros existenciais e o acréscimo de energia vital (SIMAS; RUFINO, 2018).

A madrinha Francisca Campos do Nascimento, dirigente do Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte, está próxima de completar 89 anos e a sua longa trajetória na Barquinha terá uma importância fundamental nesta pesquisa para pensarmos a formação de *mestres e mestras tradicionais, saberes encantados e as múltiplas aprendizagens em uma religiosidade daimista*¹³. Esta senhora é reconhecida publicamente na cidade de Rio Branco como uma líder religiosa e comunitária, além de ter recebido o título espiritual de *Irmã de Caridade*, por sua dedicação integral a benefício das pessoas necessitadas de ajudas materiais e espirituais¹⁴. Desde o início desta pesquisa, eu tive a oportunidade de encontrar com a madrinha Chica em cinco situações até a presente data. No entanto, apenas em junho de 2019, pude visitá-la em sua casa e ter um diálogo mais duradouro em minha primeira viagem a Rio Branco. Naquela data, Francisca estava celebrando o seu aniversário de 85 anos, além de ver o seu centro-igrejinha sendo reinaugurado após uma grande reforma.

Francisca, juntamente ao seu filho *Alcimar Campos* (atual presidente do CEOCPE), sua neta *Wilicleia do Nascimento Ferreira* e *Carlos Renato* (ambos dirigentes da Barquinha de Niterói), autorizaram a realização desta pesquisa, tanto na sede matriz quanto na filial de Niterói, no estado do Rio de Janeiro. A *Barquinha de Niterói* foi o *locus* principal desta pesquisa de campo, este fato, porém, não excluiu a realização de observações de campo e entrevistas complementares com alguns membros da comunidade acreana do CEOCPE.

Tendo em vista a ênfase dada nesta pesquisa à memória social e biografia da madrinha Francisca, moradora de Rio Branco, muitas narrativas e materiais só foram possíveis de serem pesquisados a partir da história oral, em conversas informais e com documentos impressos, localizados na própria matriz do centro-igrejinha. Além dessa autorização formal, este estudo contou com o apoio de fontes documentais e

¹³ Entende-se por *religiosidade daimista* todos os centros e igrejas que agregaram o uso ritual do Daime na fundamentação dos seus cultos religiosos.

¹⁴ Veremos adiante que esses dois planos (material e espiritual) não se separam nesta doutrina, mas se distinguem e se complementam. A exemplo, alguém encarnado com uma doença específica pode estar sofrendo de um feitiço realizado por uma entidade, neste caso, são realizados trabalhos espirituais para desmanchar o feitiço e reorganizar a saúde da pessoa. No caso inverso, uma alma desencarnada pode se encontrar em grandes tormentos, necessitando de apoio das pessoas encarnadas, a partir de preces específicas ou mesmo fluido vital para que ela consiga se desvincular de aprisionamentos nos planos cosmológicos mais densos.

interlocuções singulares com a *Flávia Burlamaqui Machado*, diretora cultural e responsável pelo acervo oficial do CEOCPE.

Mas, então, quais foram as motivações iniciais deste estudo? Por que eleger este objeto de estudo em um doutorado de psicologia? Antes de responder a essas questões, apoiado em um texto de Tânia Mara Gali Fonseca (2007), ressalto que o atual campo da psicologia busca delimitar as suas especialidades elegendo três principais áreas de atuação: *psicologia clínica*, a *psicologia educacional e escolar*, além da *psicologia organizacional e do trabalho*. Porém, sabemos que essas grandes áreas mencionadas não abarcam a totalidade da psicologia enquanto ciência e profissão. Sendo assim, essas definições que almejam definir o objeto de estudo da psicologia estão em constantes disputas epistêmicas e políticas, por vezes ampliando, por vezes empobrecendo esse campo de pesquisa e atuação.

No entanto, afirmo que a grande maioria das áreas correspondentes ao campo da psicologia (inclusive as três áreas citadas), lidam com os problemas da subjetividade na contemporaneidade. Neste sentido, o paradigma da subjetividade (as discussões acerca do sujeito e os processos de subjetivação na atualidade) se tornaram um dos principais objetos de estudo nas pesquisas acadêmicas em psicologia, razão esta que justifica esta tese estar atrelada institucionalmente a área de concentração “estudos da subjetividade”. Portanto, o que eu estou definindo como *estudos da subjetividade e processos de subjetivação* nessa pesquisa?

A partir das autoras contemporâneas Cristina Rauter (2012, 2017), Suely Rolnik (2016) e Ruth Ribeiro (2016), entendo a produção da subjetividade como um processo que ultrapassa a experiência do sujeito como um indivíduo interiorizado. Portanto, direciono esta pesquisa para a investigação da subjetividade na intrínseca relação das pessoas com a cultura, valorizando também os acontecimentos fora-do-sujeito, na relação dos adeptos da Barquinha da madrinha Chica com o Daime, com as entidades espirituais, com a comunidade religiosa e com o campo sociocultural. No caso desta pesquisa, penso também a relação dos sujeitos com a dimensão das aprendizagens cotidianas com os saberes rituais provindos da experiência.

Logo, não se trata de uma pesquisa focada na *área psi*, nos estudos da mente ou mesmo nos temas mais recorrentes do programa de pós-graduação da

Universidade Federal Fluminense (UFF).¹⁵ Para Silvia Tedesco (2007), o entendimento da subjetividade nessa perspectiva está além e aquém do indivíduo, portanto, seria mais adequado usar a expressão processos de subjetivação. Em minhas palavras, este dinâmico plano de individuações e formações sociais as quais chamo de processos de subjetivação, não separa cultura/natureza, mente/corpo, razão/emoção, indivíduo/sociedade, materialidade/espiritualidade etc. Portanto, o conceito subjetividade se refere “às relações, à rede de conexões que a constituem” (TEDESCO, 2007, p. 141).

Pensando em uma linha de conexão entre o meu objeto de estudo e a minha análise de implicação nesta pesquisa, sempre estive de algum modo ligado às questões pertinentes aos estados alterados da consciência. Desde a minha formação como psicólogo até as primeiras atuações na área, flertava com a psicologia social e o campo da saúde mental, tocado pelas experiências ético-estético-políticas com as substâncias psicoativas, em especial pelos psicodélicos. Encontrei na clínica ampliada e nos serviços públicos de saúde mental uma possível carreira profissional, trabalhando como *reduzidor de danos (RD)*,¹⁶ *acompanhante terapêutico*¹⁷ e *psicólogo em Centros de Atenção Psicossocial - Álcool e Drogas (CapsAD)*, em Minas Gerais e no Rio de Janeiro.

Atuei clinicamente na rede pública de saúde, construindo estratégias de cuidado e assistência às pessoas com transtornos mentais severos, ocasionados pelo uso abusivo de múltiplas *drogas*.¹⁸ Desejei insistentemente compreender esse tema e

¹⁵ O programa de pós-graduação em psicologia (UFF), tem duas áreas de concentração e linhas de pesquisas: “*clínica e subjetividade*” e “*subjetividade, política e exclusão*”. Apesar de terem professores realizando robustas pesquisas no campo da interculturalidade, não há uma linha de pesquisa específica para os estudos culturais no programa.

¹⁶ O território onde o Redutor de Danos se insere, são as próprias ruas da cidade, realizando uma ponte com os serviços de saúde pública. Sendo assim, este trabalho visa construir redes de interação social, mediante ações comunitárias, individuais, coletivas e intersetoriais desenvolvidas em conformidade com as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS) e com a Declaração dos Direitos Humanos, sob supervisão do gestor local do Sistema Público de Saúde.

¹⁷ O Acompanhamento Terapêutico (A.T) pode funcionar como estratégia de busca ativa e prática de redução de danos que amplia as possibilidades de cuidado aos pacientes com transtornos mentais severos, muitas vezes associados à comorbidades de saúde, sem condições de ir ao encontro de um tratamento adequado.

¹⁸ O termo droga será discutido posteriormente, mas vale ressaltar que na área da psicologia clínica, esta expressão não tem qualquer conotação pejorativa ou moralista. No campo da saúde mental, trata-se como droga qualquer substância psicoativa, seja natural ou sintética.

o seu campo de atuação como psicólogo e pesquisador, neste sentido, pode testemunhar muitas formas de tratamentos como profissional da saúde mental. Porém, devido às políticas proibicionistas e conservadoras hegemônicas no Brasil, acompanhei muitos casos de usuários de drogas sendo prejudicados, punidos e estigmatizados pelos seguintes lemas clínico-políticos: *abstinência* (como caminho de tratamento) e *guerra às drogas* (como caminho de políticas públicas).

Como nos ensina Antônio Lancetti (2012, p. 63), a questão principal não é guerrear contra as drogas, mas aplicar uma “injeção de vida na vida dessas pessoas” que sofrem com as dependências e compulsões, muitas vezes desassistidas pelas políticas públicas. Além disso, as experiências com o uso individual e social de substâncias psicoativas sempre foram caras à história da humanidade. Como nos mostra o historiador Henrique Carneiro (2005a), todas as culturas humanas buscaram interferir quimicamente no psiquismo de suas sociedades, sendo parte da condição humana a relação da consciência com as plantas e substâncias alteradoras da percepção ordinária.

Como se fosse um clarão, essa óbvia afirmação histórica acerca das drogas provocou em mim uma espécie de *insight acadêmico*. Desde então, comecei a me desviar dos territórios clássicos da psicologia para dar um “passo antropológico” nas discussões que envolvem a relação entre clínica, drogas e subjetividade. Ora, se todas as culturas da humanidade buscaram modular os seus afetos, percepções e conceitos a partir de alteradores psicoativos (sagrados e profanos), seria estratégico eu sair provisoriamente das discussões calorosas que envolvem as toxicomanias, dependências, tratamentos psicológicos, psiquiátricos e políticas antiproibicionistas, me voltando para alguma prática cultural que faça o uso regular e ritual de uma planta psicoativa.

Portanto, ao pensar formas de abordar essas questões na construção de um objeto de pesquisa, pude encontrar nos estudos antropológicos, nas minhas próprias experiências com o Daime e na literatura das religiões ayahuasqueiras do Brasil, um rico campo de análise para entender a relação entre os estados alterados da consciência e a produção de subjetividades potentes e autorreferenciadas. Para Mauro Almeida (2016), os antropólogos começaram a beber a ayahuasca entre as décadas de 1960 e 1970, o que demarca o pioneirismo dos estudos científicos que contemplam a experiência dos pesquisadores com a beberagem. Além dos livros

estritamente acadêmicos, percebe-se em Alex Polari de Alverga (1984), Gilberto Gregorim (1991), Marcial Oliveira (1993), Lúcio Mortimer (2000), Luiz Carlos Teixeira de Freitas (2000), Paulo Moreira e Edward MacRae (2011), ricas contribuições de autorrelatos, biografias e experiências contadas a partir de pessoas importantes na construção da história ayahuasqueira no Brasil do século XX.

No livro intitulado *Beberagens indígenas e educação não escolar no Brasil colonial*, encontrei uma grande inspiração para o presente trabalho, pois a professora e pesquisadora Maria Betânia Albuquerque (2012) discute os acontecimentos educativos a partir do uso das bebidas alcoólicas (fermentações de raízes e frutos), utilizados em diferentes momentos e com diferentes significados, no cotidiano dos povos Tupinambás. Neste estudo, essa autora nos convida a compreender as múltiplas dimensões dos fenômenos educacionais de natureza não escolar, a partir das práticas de socialização (rituais de consumo de bebidas) que faziam circular valores e saberes entre os indígenas no Brasil colonial.

Portanto, suponho ter sido transparente nessa parte do texto, articulando os motivos que me fizeram colocar lado a lado a psicologia, antropologia e a educação na escolha de um campo de *pesquisa transdisciplinar*. Além disso, este estudo está assentado em uma perspectiva decolonial, mas não se trata de uma tese centrada na discussão do pensamento decolonial. Segundo Adelia Ribeiro (2014), essa perspectiva traz uma importante crítica aos estudos acadêmicos eurocentrados, deflagrando a colonialidade camuflada na ciência oficial fundada na modernidade.

Para tanto, também dedicarei neste estudo à compreensão dos professores e saberes tradicionais que “formaram” Chica Gabriel neste seguimento religioso. Como se deu o processo de formação de Francisca na “escola” do Mestre Daniel? O que a madrinha aprendeu nesta religiosidade? Foram apenas professores humanos que ensinaram Francisca? Quais eram as didáticas e as provas para se obter graduações na experiência com o Daime e com a comunidade da Barquinha?

Além de tentar responder essas perguntas, o texto desenvolve uma genealogia da caminhada de Francisca, apontando a sua trajetória até ela se tornar madrinha, evidenciando a memória social desta professora no movimento religioso da Barquinha, marcado por uma cultura patriarcal. Portanto, para promover um *giro decolonial*, vou eleger como protagonista desta tese uma mulher nortista! Quando

esteve em Niterói no ano de 2018, em um *dia de instrução*¹⁹ a madrinha revelou que a vertente da Barquinha que ela comanda é acompanhada e guarnecida por mulheres guerreiras. Portanto, isso reflete na liturgia e na presença majoritária de mulheres com grande força de liderança comunitária e espiritual no CEOCPE, como é o caso das cidades de Rio Branco, Niterói e Brasília.²⁰

No primeiro ano da pesquisa, antes de definir o campo, participei de algumas cerimônias em diversos grupos ayahuasqueiros considerados tradicionalistas e contemporâneos (neo-ayahuasqueiros) localizados nas cidades de Niterói (RJ) e Uberlândia (MG). Levando em consideração onde a minha proposta de pesquisa teria maior receptividade e estabilidade, deixei “o barco correr solto” por alguns meses até ancorar o desejo de realizar esta tese junto à Barquinha da madrinha Chica, onde considerei ser um rico território de pesquisa, ainda mais por ter uma filial do centro-igrejinha na cidade de Niterói, onde resido.

Durante o período rudimentar deste empreendimento eu “mergulhei” na tônica espiritual e na arquitetura litúrgica do CEOCPE na cidade de Niterói. Ao entrar no barco como visitante, fui me comprometendo gradualmente com a comunidade, participando dos trabalhos ditos materiais (mutirões, limpezas, ornamentações das cerimônias etc) e espirituais (os preparos com as rezas, banhos de ervas, compromissos espirituais e os diversificados rituais comungando o Daime), ocasionando um estreitamento afetivo que ultrapassou a relação de pesquisador e grupo pesquisado. É condizente dizer que eu me considero um *pesquisador nativo!* Como aprendiz de marinheiro da Barquinha de Niterói, comecei a “entrar neste barco” e me encantei pelos mistérios deste lugar até me *pré-fardar* no ano de 2018, me oficializando como *fardado*²¹ no ano de 2021! Portanto, do início ao fim desta pesquisa, eu passei por três diferentes momentos iniciáticos: *visitante, pré-fardado e fardado*, concluindo a pesquisa como um membro oficial desta doutrina.

¹⁹ O dia de instrução acontece às quartas-feiras, compondo o calendário litúrgico da Barquinha desde a época do Mestre Daniel. Trata-se de um dia voltado para o “exame de consciência” dos membros oficiais do centro-igrejinha, doutrinando e preparando os marinheiros nos mistérios sagrados e fundamentos desta linha de trabalho.

²⁰ A Barquinha de Brasília é dirigida por Selene Fortini e o seu esposo Marcelo Aguelles.

²¹ O Fardamento é o rito de passagem que autoriza oficialmente uma pessoa a “entrar no Barco” e se comprometer com esta missão espiritual. Posteriormente, vou discutir o que é o fardamento na Barquinha da madrinha Chica.

Em suma, como está apontado no título, esta pesquisa está vinculada à Barquinha da madrinha Francisca, visando discutir as aprendizagens com o Daime e os saberes encantados que circulam nesta tradição, com ênfase na cidade de Niterói. Para tanto, será realizado uma *cartografia biográfica*²² de Francisca Campos do Nascimento, seguindo as pistas das suas aprendizagens na doutrina do Mestre Daniel até ela se tornar uma madrinha e professora. Além disso, o presente estudo busca cartografar alguns acontecimentos educativos no cotidiano da Barquinha de Niterói, dentro e fora dos rituais com o Daime. Por fim, recorro aos saberes encantados dos pretos e pretas-velhas (entidades espirituais), fruto das minhas experiências como auxiliar/cambone dessas entidades, mas também a partir de entrevistas realizadas e observações de campo junto a esses seres curadores, também considerados professores no CEOCPE.

A seguir, continuando esta introdução e análise de implicação na pesquisa, narro a minha experiência como doutorando e daimista ao introduzir o tema do uso ritual da ayahuasca na universidade. O dito “meio acadêmico” também pratica os seus rituais, portanto, abordo os (des)afetos, as reflexões, os conflitos epistêmicos e as mandingas espirituais que surgiram no encontro desta pesquisa com a pós-graduação de psicologia na Universidade Federal Fluminense (UFF).

1.3 Campo de batalhas e campo de mandingas: o Daime e os muros da Universidade

Em 2017, eu iniciava essa pesquisa de doutorado em psicologia, na Universidade Federal Fluminense (UFF). Logo do início, apresentei ao grupo de orientação e aos colegas da pós-graduação o tema geral a ser desenvolvido nesta tese: *o uso ritual da ayahuasca*. Naquele momento, eu não havia definido o campo e os principais eixos problemáticos da pesquisa, mas sabia que iria realizar uma tese de doutorado circunscrita ao uso ritual dessa beberagem psicoativa, vinculada ao território brasileiro. Portanto, já imaginava que o tema pesquisado poderia trazer à

²² O termo *cartografia biográfica* (SILVA, 2017), foi cunhado e desenvolvido em minha dissertação de mestrado, ao percorrer as pistas biográficas do anarquista Roberto Freire, compreendendo os percursos existenciais que levaram Freire a criar a Somaterapia no Brasil, durante a ditadura civil/militar. Neste sentido, nesta pesquisa de doutorado também realizo uma cartografia biográfica de Francisca Campos do Nascimento, no intuito de pensar a obra social e os frutos de madrinha Francisca como líder religiosa e comunitária.

tona alguns incômodos e estranhamentos provenientes das heranças colonialistas e do *complexo de vira-lata*²³ dentro da academia universitária brasileira.

Durante o primeiro ano da tese, tanto nas apresentações de seminários de pesquisa quanto nas aulas que ministrei no estágio em docência, muitas vezes fui interrogado pelas seguintes questões: o que é ayahuasca? Você toma essa bebida? Como é a experiência? É uma droga? Por qual motivo você está pesquisando esse tema na psicologia? Na maioria das vezes, o tema foi recebido com muito respeito e curiosidade entre os pesquisadores desta instituição. Sempre que abordava o uso ritual da ayahuasca, eu procurava dialogar no intuito de combater certo fetichismo acerca desta bebida. Porém, em uma situação específica, ao contar que eu tomava regularmente o Daime e seguia a religiosidade da Barquinha, fui “batizado” com algumas acusações vindas de um doutorando, deslegitimando a relevância acadêmica e social dessa pesquisa: “*você está trazendo a sua religião para dentro da academia científica*”, “*eu conheço o Daime... é uma seita sem livre-pensamento*”. Em outros momentos, essa discussão calorosa levou o acusador a concluir que ele seria capaz de avaliar a experiência com o Daime, mesmo sem tomá-lo, a partir de critérios filosóficos europeus, balizando “*os graus de potência ou de impotência*” dessa bebida.

Ora, deste momento em diante, ficou claro que eu precisava me aliar à história cultural do uso ritual do Daime no Brasil, demonstrando a importância dessa pesquisa, mas também revelando a colonialidade escamoteada em certos debates acadêmicos, como neste caso. Campo de batalhas! Para a antropóloga Sandra Goulart (2008), desde a formação das primeiras comunidades daimistas, os seus adeptos sempre foram alvo de inúmeros preconceitos e estigmas sociais. Estes preconceitos, eram acompanhados por desinformações midiáticas, perseguições políticas e justificativas científicas racistas. Portanto, me vi diante de uma questão importante: como justificar a relevância científica do tema e tratá-lo rigorosamente como uma área do conhecimento e passível de pesquisa acadêmica? Pois bem, acolhi esse desafio e resolvi encará-lo, didaticamente.

²³ Complexo de vira-lata foi uma expressão cunhada pelo dramaturgo brasileiro Nelson Rodrigues, se referindo ao sentimento de inferioridade do cidadão brasileiro (seus saberes e modos de vida), ante o resto do mundo.

Porém, a construção de uma justificativa acadêmica não deveria ser apenas uma resposta ressentida ao discurso colonizador, nem mesmo um código intelectual adaptado ao modelo epistemológico hegemônico, mas principalmente uma justificativa social que possa fortalecer e enaltecer o grupo pesquisado. Como nos assevera Boaventura de Sousa Santos (2019), aos intelectuais do “Sul Global” cabe a tarefa de construir pesquisas científicas rigorosas a partir das suas próprias perspectivas ontológicas e epistêmicas, contribuindo assim, com a justiça cognitiva global. Campo de mandingas!

Inspirado pela filosofia quilombola²⁴ de Antônio Bispo dos Santos (2015), fui pedir um conselho a um preto-velho da Barquinha de Niterói para que ele me ajudasse a achar um lugar na universidade pública brasileira: “Vô, essa *minha pesquisa tem lugar na universidade?*” Ele me respondeu:

Meu filho, todos têm um lugar nesse mundo. Se você se sentir invalidado por querer pesquisar o Daime e a Barquinha na universidade, ofereça o ‘Espelho das labás’²⁵ para a academia, para que cada um neste local possa se refletir em seu lugar de fala. Você tem o seu, eles têm o deles. Digamos assim, cada um ‘no seu quadradinho!’ Mas não lute apenas com as armas da guerra, lute com o riso, o lúdico, tenha jogo de cintura e use o bom senso em suas batalhas (Pai Gusmão, 2020, informação verbal).

Orientado por esse preto-velho amigo, me senti mais seguro para realizar essa pesquisa, afirmando o lugar do Daime na universidade. Mas como nos lembra Simas e Rufino (2019, p. 09), devemos também aprender a guerrear com os saberes dos caboclos em nossas batalhas epistêmicas: “A flecha atirada não é vista pelos olhos da grandeza, a lógica é outra”. Eis a lógica das mandingas, sempre miúda, rasteira e invisível para quem só olha para cima ou para frente. O Daime é um líquido encantado

²⁴ Para o Nêgo Bispo, como gosta de se chamado o filósofo Santos (2015), os grupos quilombolas, indígenas, periféricos e demais minorias ainda hoje vivem em um campo de batalhas, fruto da colonização que vigora em pleno século XXI. Para tanto, as práticas de descolonização (o uso da arma do inimigo para se defender) e as práticas de contra colonização (o uso das próprias armas para atacar os inimigos), são necessárias quando se trata de construir estratégias de resistência dentro e fora dos espaços voltados à produção do conhecimento.

²⁵ As labás são Orixás no panteão iorubano, como é o caso de Oxum, deusa vaidosa e cheia de vontades, filha de Iemanjá e Orunmilá (PRANDI, 2015). Os atributos das labás são expressos na qualidade de divindades femininas, como no exemplo citado, Oxum também carrega o seu espelho. Segue uma narrativa mítica que conta sobre a inveja de Oxum Apará em relação à beleza de Oiá: “Oiá descobriu sua beleza nos espelhos de Oxum. Oiá se encantou, mas também se assustou: era mais bonita que Oxum, a Bela. Tão feliz ficou que contou do seu achado a todo mundo. E Oxum Apará removeu amarga inveja, já não era a mais bonita das mulheres. Vingou-se (PRANDI, 2015, p. 324).

das florestas, portanto, se infiltra nos “muros” do grande saber universitário, adentrando pelas terras brasileiras e nos corpos de quem o toma. O Daime que eu tomei, a universidade sentiu! Só nos resta acompanhar os efeitos desse rito de encantamento acadêmico, compreendendo que nem sempre a universidade (com os seus saberes científicos) e a Barquinha da madrinha Francisca (com os seus saberes orais e esotéricos) estarão em confluência.

No caso desta tese, devido a minha dupla inserção como daimista e pesquisador, me senti instigado a sair da zona protegida que separa a academia universitária da minha vida pessoal. Ora, esta tese me toca a “vida íntima” como cientista e membro oficial da Barquinha da madrinha Chica. Neste sentido, segundo os princípios clássicos da universalidade, objetividade, distanciamento e neutralidade que orientam as premissas canônicas da ciência moderna e positivista, haveria um viés intransponível para o meu empreendimento intelectual sobre este tema.

Segundo Beatriz Labate (2016, p. 34), o lugar de fala do pesquisador daimista é ambíguo, porém, epistemologicamente estratégico. O pesquisador nativo habita um espaço limiar que é potencialmente rico, pois cria uma condição de familiaridade e estrangeirismo entre a reflexão teórica e a prática religiosa. Para a antropóloga citada, o uso pessoal do Daime e a adesão aos sistemas religiosos com o consumo de psicoativos pode levar o pesquisador a constituir um lugar de reflexões teóricas e produção de conhecimento crítico. Tomo alegremente a provocação do meu amigo-inimigo de pós-graduação como um convite para ativar uma força guerreira no campo dessa batalha intelectual. Portanto, “o fundamento do campo de batalha é potencializar o sentido da vida; jamais exterminá-lo” (SIMAS; RUFINO, 2019, p. 11).

Alguns lugares-comuns da academia universitária e muitas vezes alheios às práticas religiosas das culturas populares, sustentam uma noção vaga, supondo que as virtudes epistemológicas e o pensamento crítico seriam privilégios apenas da ciência oficial. Do mesmo modo, outro lugar-comum seria reduzir os fenômenos religiosos e generalizá-los como universais, homogêneos ou estando apenas na ordem das crenças, descolados da circulação de saberes, afetos, memórias, serviços e bens simbólicos.

No próximo tópico, a fim de apresentar a complexidade deste fenômeno sociocultural que abarca o uso ritual da ayahuasca, busco definir a expressão *Rede Ayahuasqueira (R.A)*, situando a Barquinha da madrinha Francisca nesta rede de

saberes e modos de vida tão ricos em diversidade! No encontro do Daime com a universidade, sinto também a necessidade de pensar a Barquinha e o nascimento das religiões ayahuasqueiras no Brasil como um fenômeno epistemológico. Portanto, quanto a universidade se beneficia a partir de pesquisas como esta? Seguimos escarafunchando essas e outras questões...

1.4 Situando a Barquinha na Rede Ayahuasqueira (R.A)

Quando a Barquinha é lembrada pela literatura especializada, principalmente nos diálogos multidisciplinares sobre o uso ritual da ayahuasca, recorrentemente é compreendida em seus aspectos unitários e provinda da mesma raiz, sendo referida como uma religião ayahuasqueira brasileira, situada como uma linha tradicionalista, não-indígena (LABATE, 2009). Porém, veremos no decorrer desta pesquisa que esta tradição é múltipla e híbrida, tanto em suas ramificações institucionais (as casas espirituais conhecidas como Barquinha), mas também em suas raízes litúrgicas e influências ritualísticas.

No entanto, existem pontos em comum entre essas instituições da Barquinha e outros grupos tradicionais que comungam ritualmente o Daime, também conhecido como ayahuasca. Esses pontos de convergência serão entendidos nessa parte do texto como linhas que se entrelaçam e formam uma *rede ayahuasqueira*. Por este motivo, cabem algumas perguntas: afinal, o que é uma religião ayahuasqueira? De onde vem a ayahuasca? Qual é a datação histórica das primeiras pesquisas com esta bebida? Quais são as principais áreas científicas que pesquisam o uso ritual da ayahuasca? Quais são os primórdios das perseguições políticas e epistêmicas para deslegitimar os saberes desses grupos?

A partir destas perguntas e questões, vou situar a Barquinha no contexto da rede ayahuasqueira (R.A), apresentando os aspectos mais abrangentes desta área de estudo, além de “jogar uma boia” aos leitores leigos no assunto. As etnografias não nos deixam dúvidas que a ayahuasca é uma bebida psicoativa milenar que continua a desafiar os nossos esforços classificatórios, definições e memórias históricas! Mais ainda, essa sofisticada *tecnologia ancestral* é parte constituinte da farmacopeia produzida pelas populações amazônicas, a partir de uma flora com cerca

de oitenta mil espécies diferentes (LUNA, 2005), acabrunhando a sede da ciência oficial em eliminar a alteridade epistemológica do mundo.

Foi documentada há quase 200 anos na região amazônica e “um dos primeiros ocidentais a tomar ayahuasca e escrever sobre a experiência foi o botânico inglês Richard Spruce (1817- 1893)” (GEARIN; LABATE, 2019, p. 221). Alguns consideram ser um espírito divino que tem a ciência encantada de transladar as impurezas das almas, enquanto outros apostam cientificamente em uma fórmula imemorial com refinada farmacologia, capaz de acionar potentes efeitos psicoafetivos na bioquímica e fisiologia do corpo humano. De modo geral, consideram esta bebida como um veículo-vegetal de grande poder psicoativo, consumido a partir de múltiplas narrativas e contextos culturais: usos sagrados, profanos, terapêuticos, contemplativos, oraculares, entre outros. Henrique Carneiro (2010) enfatiza que na história das religiões, o papel dos alimentos e das bebidas sagradas, dos néctares divinos e das libações sempre estiveram conectados às cosmogonias e teogonias em seus contextos culturais, indicando a comunhão ancestral entre os humanos com os seres divinais.

Para não cair na tentação de “converter” esta bebida mítica²⁶ em uma substância em si ou fechá-la em um discurso universal, afirmo que a rede ayahuasqueira é vasta e povoada por um emaranhado de linhas com diferentes cosmovisões. Tomo a noção de rede, a partir das diretrizes da pesquisa cartográfica, como apontam Virgínia Kastrup e Eduardo Passos (2014), evocando o pensamento de Gilles Deleuze, Félix Guattari e Bruno Latour. A noção de rede pode ser entendida como um entrelaçamento de fios existenciais diversos que embalam o movimento de um determinado saber, ampliando a ideia de campo comumente utilizado pelos pesquisadores da ayahuasca. A ideia de um campo ayahuasqueiro, pode remeter a algo mais homogêneo e limitado em seu próprio eixo de linguagens e significações culturais. Para tanto, entendo que na R.A coexistem paradigmas híbridos que fazem impulsionar práticas coletivas heterogêneas.

²⁶ Utilizo o termo *bebida mítica* a partir da ideia de Luna (2005), afirmando as narrativas vivenciadas nas experiências xamânicas, fora do tempo e espaço linear das narrativas históricas. A função dessas viagens para outros lugares e espaços, também proporciona o encontro da pessoa com a alteridade e o desconhecido em sua própria percepção ordinária.

A noção de campo “compreende a totalidade de fatos coexistentes e mutuamente interdependentes. Assim como o indivíduo e seu meio formam um campo psicológico, o grupo e seu ambiente formam um campo social” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 103-4). Neste sentido, divergindo conceitualmente do sentido proposto acima, penso a rede ayahuasqueira a partir de sua realidade movente, porosa e inacabada (contrária à ideia de totalidade), afirmando seus aspectos temporais, locais, provisórios e múltiplos. Ou seja, não há uma pureza e nem um limite totalmente definido para o que estou chamando de R.A, mas certamente há algo em comum nesta rede: *o uso ritual da ayahuasca*. Para o termo campo, utilizarei apenas quando for me referir ao *trabalho de campo*, como uma expressão já consagrada pelas pesquisas antropológicas.

No tocante às pesquisas com as práticas rituais da ayahuasca, tomo por empréstimo a convenção de Assis e Rodrigues (2017), mais uma vez deslocando a noção de campo para o conceito de R.A, dividindo didaticamente os diversos grupos ayahuasqueiros em três linhas principais: *linha originária* (referente aos diversos povos indígenas que fazem uso da ayahuasca em seus contextos locais), *linha tradicionalista* (referente às religiões ayahuasqueiras fundadas no Brasil) e a *linha neo-ayahuasqueira* (referente aos grupos ecléticos e neoxamânicos, ampliando as formas de usos da ayahuasca para contextos terapêuticos, lúdicos, artísticos etc).

Nos espaços interculturais, entre as aldeias e as cidades, desde as memórias míticas transmitidas oralmente até a vasta historiografia documentada pela ciência oficial, as práticas sagradas com esta bebida psicoativa também são plurais em suas narrativas e procedimentos rituais. Bifurcam-se dos contextos indígenas amazônicos, às religiões ayahuasqueiras brasileiras até os circuitos interétnicos internacionais, uma diversificada rede de atores, grupos e lugares interessados na circulação e legitimação dos seus modos de usar a ayahuasca (LANGDON, 2019).

Como nos aponta Mauro Almeida (2016), a rede ayahuasqueira não está encerrada em suas expressões originárias e tradicionalistas, pelo contrário, continua reinaugurando semióticas e remontando aos moldes contemporâneos, antigas formatações litúrgicas. Assim, a reinvenção do uso ritual da ayahuasca vem expandindo e ganhando maior notoriedade no cenário global. Porém, diante deste panorama de globalização dos saberes originários e tradicionais, cabem aos pesquisadores da rede ayahuasqueira serem mais críticos e rigorosos em suas

pesquisas, além de terem um olhar minucioso para as questões de gênero, raciais, étnicas, econômicas e políticas, ultrapassando certo fetichismo e “oba, oba” pelo universalismo espiritualista.

Neste tópico é de suma importância mencionar que os fundadores das duas mais antigas religiões ayahuasqueiras,²⁷ Raimundo Irineu Serra e Daniel Pereira de Mattos eram dois homens pretos, descendentes de famílias escravizadas, nascidos no Maranhão e radicados em Rio Branco, cidade onde tentavam a sorte nos seringais e comércio amazônicos (GOULART, 2008). Para Lucia Gentil e Henrique Gentil (2019), a porção ocidental da floresta amazônica que esses mestres tiveram contato, tinha uma extensa área de concentração de etnias indígenas e por este motivo conheceram o elemento fundamental da cultura xamânica da região: a ayahuasca. Somente no Brasil, foram desenvolvidos sistemas religiosos com o uso ritual dessa bebida psicoativa. Essas religiosidades amazônicas não apenas incrementaram aspectos de outras expressões religiosas e matrizes culturais, mas também introduziram aspectos originais ao consumo da ayahuasca, renomeando a bebida para Daime.

Além de serem amigos conterrâneos, o que Raimundo Irineu e Daniel Mattos carregavam em comum após fundarem os seus cultos religiosos? Além de utilizarem o chá de origem indígena como sacramento em suas cerimônias, eram rezadores e considerados mestres pelos seus seguidores. Os mestres tiravam “panema e quebranto” de crianças, ajudavam caçadores, viajantes, seringueiros, achando remédios e curas para pessoas desenganadas pelos médicos oficiais (GOULART, 2004, p. 119). Mestre Irineu e Mestre Daniel também eram habilidosos conselheiros, surgiam como lideranças locais, na resolução de problemas de ordem espiritual e comunitária. Neste sentido, assumiam uma figura de “pai” ou “padrinho”, sinônimo de um benfeitor público da classe popular e rural de Rio Branco.

A mistura entre os elementos afro-indígenas amazônicos e maranhenses, agregados às práticas dos círculos esotéricos²⁸ e selados pelo viés do catolicismo

²⁷ Referindo-se respectivamente ao Santo Daime (fundada na década de 1930) e a Barquinha (fundada na década de 1940), foram as duas primeiras religiões ayahuasqueiras que surgiram no Brasil.

²⁸ Segundo Santos (2021), assim como o Mestre Irineu, Mestre Daniel também bebeu nas fontes da Ordem Esotérica intitulada “Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento” (CECP), incluindo esses saberes místicos em suas respectivas doutrinas daimistas.

nordestino, caracterizavam as religiões ayahuasqueiras em seus primórdios. Por um lado, esses novos e curiosos cultos daimistas proporcionavam um sentido espiritual que alentava parte da população acreana. Por outro lado, geravam conflitos religiosos, confusão e um preconceito generalizado na década de 1930 em diante, por serem práticas sociais contra-hegemônicas. Os fiéis que acompanhavam a figura respeitada do Mestre Irineu, eram majoritariamente pobres, pretos e analfabetos. Contudo, estes daimistas se consideravam legítimos cristãos, incomodando as elites brancas que ocupavam as instâncias políticas e intelectuais, orientados por critérios eurocêntricos ao pensar a religiosidade local.

Por estes motivos, os trabalhos/sessões espirituais dos cultos daimistas foram perseguidos em Rio Branco, sob acusação de curandeirismo, feitiçaria e charlatanismo, enquadrados no Código Penal brasileiro da época. Desde 1890, este código proibia explicitamente o exercício ilegal da medicina, do espiritismo e da magia associados às terapêuticas populares, o que interessava à consolidação da ciência médica oficial (GOULART, 2008). Estas políticas eram apoiadas em discursos antropológicos sobre as raças, alicerçadas na ideia de um evolucionismo cultural, fazendo estes cultos oscilarem entre crime e anormalidade (MACRAE, 2008).

Posteriormente, segundo Goulart (2008), o estigma de droga que esta bebida psicoativa ganhou no período da ditadura civil/militar até a atualidade, trouxe um motivo político para a possível proibição da ayahuasca no Brasil. A intensa fiscalização da Polícia Federal e órgãos públicos ao uso desta bebida, principalmente quando atrelada ao uso da cannabis (conhecida como *Santa Maria*) na comunidade chamada *Colônia 5000*, acirraram os conflitos que faziam a ayahuasca oscilar entre substância lícita e ilícita.

O uso ritual da ayahuasca se expandiu de suas origens amazônicas para os centros urbanos em território nacional e internacional a partir dos anos de 1980, principalmente pela liderança do benfeitor amazonense Sebastião Mota de Melo, conhecido como Padrinho Sebastião (FERNANDES, 1986). Neste período, a cultura ayahuasqueira ganhou maior espaço nos meios midiáticos e alternativos, integrando as práticas espirituais da classe média, hippies, ecologistas, artistas e cientistas que aderiam a estes movimentos religiosos mais experimentais (BALZER, 2009).

O antigo Conselho Federal de Entorpecentes (CONFEN), hoje substituído pelo Conselho Nacional Antidrogas (CONAD), foi solicitado principalmente pelos membros

do grupo União do Vegetal (UDV) para constituir um grupo multidisciplinar que pudesse avaliar os efeitos dessa bebida psicoativa a partir de critérios científicos. A pesquisa foi liderada por Domingos Bernardo e apoiada por antropólogos, psicofarmacologistas, psiquiatras e médicos, além de outros cientistas, políticos, religiosos e militantes ligados a esta causa (LABATE, 2005) e (GREGORIM, 1991). Nas palavras de Beatriz Labate (2005, p. 409):

A ayahuasca permaneceu proibida até o início de 1986, quando o grupo de trabalho instituído pelo COFEN encaminhou parecer sugerindo a suspensão provisória da inclusão do chá na lista, até que concluísse seus trabalhos. A pesquisa demorou dois anos e incluiu visitas a centros da UDV e do Santo Daime no norte e sul do país. Em 26 de agosto de 1987, foi apresentado o relatório final do grupo de trabalho, redigido por Domingos Bernardo Sá, com um parecer favorável a exclusão definitiva da ayahuasca da listagem. Assim, o seu uso para fins rituais passa a ser definido como não constituindo crime.

Evidentemente, as tentativas de criminalizar a ayahuasca eram ataques políticos que apontavam o incômodo dos grupos conservadores no Brasil, localizando os cultos daimistas como uma prática desviante e ameaçadora para determinados padrões de comportamentos e estilo de vida tradicional. Eram constantes as tentativas de colocar esses grupos religiosos na ilegalidade, atacando suas terapêuticas e pedagogias populares. Desde o início, os mestres dessas religiões recorriam ao uso de ervas, remédios caseiros e magia popular para curar e ensinar a população local.

O fenômeno social do surgimento das religiões ayahuasqueiras, coincidiu historicamente com as políticas globalitárias e proibicionistas que criminalizavam as modulações perceptivas em geral, a partir de uma visão ocidental e com interesses capitalistas. Para Cristina Rauter (2017, p. 10), um dos efeitos políticos do “dispositivo de criminalização” é esvaziar as forças coletivas, enfraquecendo o campo social e envenenando os graus de potência das subjetividades que são tomadas por afetos tristes e temerosos.

Portanto, os estudos atuais sobre a temática dos estados alterados da consciência, devem se atentar para a especificidade cultural das substâncias psicoativas, entendendo as suas particularidades locais. Por exemplo, não é possível tratar da mesma maneira o *chá da folha de coca*, empregado cotidianamente na cultura da sociedade boliviana, com o tráfico da *cocaína* em países distintos. Toda generalização ou universalização nesta abordagem produz um desserviço no enfrentamento dos complexos problemas sociais relacionados aos psicoativos na

contemporaneidade. Os efeitos deletérios das políticas proibicionistas, estão ligados diretamente às extremas desigualdades sociais, ao racismo, às violências institucionais, encarceramentos e morticínios em massa.

Para tanto, torna-se necessário retornarmos à discussão acerca das *drogas*, campo que se tornou muito estigmatizado pelo imaginário ocidental sobre o que é lícito e ilícito, fazendo certas substâncias oscilarem entre aspectos demoníacos e divinos, entre remédios e venenos, entre o legal e o ilegal, na história recente da humanidade. Como nos mostra a autora Maria Betânia Albuquerque (2011, p. 103), a palavra droga nem sempre carregou uma conotação negativa ou associada aos “vícios”, como no contexto atual. Para a autora, no contexto colonial essa palavra se referia ao conjunto de riquezas e especiarias exóticas. O pesquisador Thiago Rodrigues (2012), recorrendo à classificação do sociólogo espanhol Antonio Escotado para distinguir os diferentes tipos de drogas, faz a seguinte afirmação: “assume-se que a motivação para o uso de uma droga não é sua composição, mas as sensações que provoca. [...] dessa perspectiva, o que torna uma substância boa ou má não é ela em si, mas o uso que dela se faz” (RODRIGUES, 2012, p. 15).

Assim, o autor se propõe a distinguir as drogas em três grupos a partir dos seus efeitos: *drogas apaziguadoras*, *drogas estimulantes* e *drogas alucinógenas*. No primeiro grupo temos o exemplo do ópio e o álcool, entre outras derivações que têm propriedades anestésicas e analgésicas, causando uma espécie de torpor. No livro do escritor inglês Thomas De Quincey (2007) intitulado *Confissões de um comedor de ópio*, temos uma rica narrativa de um jovem errante na cidade de Londres, descobrindo o ópio e apontando também para uma exploração dos mecanismos da mente, dos sonhos, da imaginação e o exame de uma vida interior, no século XIX.

Acerca das drogas estimulantes, conforme aponta Rodrigues (2012), elas agem como excitantes, trazendo disposição e ânimo aos usuários. Podemos elencar alguns exemplos: o tabaco, a cocaína, o crack, as anfetaminas, o café, o chocolate etc. Percebe-se que algumas dessas substâncias são extremamente perseguidas em nossa sociedade atual, enquanto outras são muito estimuladas pelo comércio legal, no entanto, todas elas “se encaixam” em uma sociedade hiper estimulante como a nossa, por serem drogas que asseguram o rendimento e a performance de forma geral.

As drogas classificadas como alucinógenas pelo autor Thiago Rodrigues, em minha análise, precisam ganhar uma especificação mais detalhada. São todas as drogas sintéticas ou naturais que produzem em maior ou menor amplitude, experiências sensoriais e visionárias, com fortes modulações da percepção. Entre elas encontram-se a cannabis (maconha), o haxixe, a mescalina, o LSD, o MDMA, o peiote e a ayahuasca, entre outras. Todas elas apresentam baixa toxicidade e os seus efeitos fisiológicos apontam certa midríase e taquicardia, mas os seus grandes impactos se dão na esfera psíquica, como é o caso dos cogumelos mágicos que produziram fascínio entre os antropólogos, etnobotânicos e diversos pesquisadores da mente no século XX (CARNEIRO, 2005a).

Destacam-se também importantes pesquisas com as experiências psicodélicas em contextos científicos, terapêuticos, artísticos e ecológicos no período da contracultura, com o recurso das substâncias alteradoras da percepção como caminho ético, estético e político. Nos anos 1960, Timothy Leary, Richard Alpert e o psicanalista Alberto Fontana, foram importantes empreendedores de tratamentos psicoterapêuticos auxiliados pelo uso de substâncias psicodélicas, com resultados promissores junto aos pacientes terminais e toxicômanos (CARNEIRO, 2005a).

A obra do antropólogo Carlos Castaneda (1987), também influenciou uma geração de pesquisadores, ativistas, hippies e filósofos na segunda metade do século XX. Os livros deste autor foi um importante marco divisório para as pesquisas sobre experimentações psicodélicas, aprendizagem e adesão a sistemas sagrados/mágicos não ocidentalizados. Além disso, Castaneda influenciou muitas experiências de jovens estadunidenses e europeus acerca da espiritualidade neoxamânica, ligada à cultura *new age*. Os livros do autor se tornaram *best sellers* no mundo e tinham como conteúdo inicial a busca pelo conhecimento via experimentação de plantas medicinais e psicodélicas, especialmente em relação ao cacto peiote.²⁹

Nas décadas de 1960 e 1970 da contracultura, um grande legado do uso de drogas estava na aliança entre o uso dessas substâncias e o desbunde nos comportamentos hippies: roupas coloridas, corpos descobertos, cabelos longos,

²⁹ O peiote vem sendo cultivado e consumido por povos indígenas Mexicanos, como os Wixárica, Huichol, Naayeri e Tarahumara, entre outros, há pelo menos 2 mil anos antes da chegada dos europeus na América. Ver esta informação e questões contemporânea relacionados ao cacto no artigo de Isabel Santana de Rose (2019).

amores não monogâmicos e relações lúdicas! Eram verdadeiros laboratórios de sociabilidade baseados em uma ruptura geracional, negando um modelo disciplinar de família tradicional, ditaduras, guerras, guerrilhas, estruturas existenciais produtivistas e consumistas (DE ALMEIDA; EUGÊNIO, 2005). Para Benny Shanon (2009), devido à capacidade de produzir experiências extraordinárias nas pessoas em níveis sociais, comportamentais e nos aspectos cognitivos, este campo da pesquisa com as drogas é um fértil território para a psicologia em geral.

Há, porém, uma luta histórica na rede ayahuasqueira para separar esta bebida do entorno conceitual e político das drogas, mas principalmente da classificação como alucinógeno. O nome alucinógeno causa controvérsia por se tratar de algo que causaria, em termos clínicos, uma distorção ou “dissociação” da realidade, portanto, a nomenclatura estaria conceitualmente inapropriada. Segundo Sandra Goulart (2004, p. 17), a ayahuasca produz resultados estruturantes, em termos psíquicos e emocionais para os seus usuários.

Neste sentido, outros termos são apresentados para as plantas psicoativas, entendidas como *psicodélicos ou enteógenos*. Para o caso da ayahuasca, foi proposto o termo enteógeno como mais adequado: o conceito é muito utilizado e aceito entre os cientistas que pesquisam os estados alterados da consciência a partir de aspectos curativos e espirituais. O termo é emprestado do grego e poderia ser traduzido como “*Deus dentro*”, e se refere, principalmente às substâncias usadas em rituais xamânicos ou religiosos que permitem uma experiência singular de transsubstancialidade com Deus e ampliação da percepção de si do outro (MERCANTE, 2012, p. 14). Para Albuquerque (2011, p. 92), o termo enteógeno “liga-se ao norte-americano Gordon Wasson. Em 1955, Wasson desenvolveu uma vasta investigação etnobotânica e histórica-antropológica dos alucinógenos”.

Como apontam Goulart e Labate (2019), as pesquisas acerca dos psicoativos, em especial deste último grupo, precisam ultrapassar as explicações farmacológicas da substância em si. No contexto das ciências médicas e biológicas, principalmente na análise da farmacologia humana da beberagem da ayahuasca, tem sido amplamente divulgado a questão das moléculas e princípios ativos envolvidos na atuação do chá nas funções do sistema nervoso central (SNC). Estudos com os alcaloides *harmina* e *tetra-hidroharmina* presentes no cipó, além da molécula *dimetilriptamina* (DMT), presente na folha da rainha, ganharam grande relevância no

meio científico, devido às experiências olfativas, sonoras e visionárias que a ayahuasca pode oferecer ao ser ingerida (LUNA, 2005).

No entanto, as ciências humanas são fundamentais para a reflexão dos fatores sociais, históricos e culturais entre os grupos que utilizam estas substâncias psicoativas. Nesta direção, vale lembrar que o Brasil é um dos poucos países no mundo onde o uso ritual da ayahuasca é legalizado. Além disso, como nos mostra Rodrigues et al. (2018), no ano de 2008 o uso ritual da ayahuasca foi registrado como *Patrimônio Imaterial da Cultura Brasileira*, ato assinado pelas mãos do então Ministro da Cultura, Gilberto Gil. Segundo Assis e Rodrigues (2017), a patrimonialização da ayahuasca deslocou a categorização de droga (setor da justiça e saúde), para as áreas da cultura e meio ambiente (setor da educação, arte e ecologia).

Logo, reafirmo que este empreendimento de doutorado, assim como tantas outras pesquisas situadas na rede ayahuasqueira, só se tornaram possíveis graças ao cultivo, uso e transmissão destes saberes imemoriais entre as diversas etnias indígenas no entorno amazônico, juntamente às resistências culturalmente estruturadas com o advento das religiões ayahuasqueiras no Brasil. Essas tradições e grupos sociais dedicam suas vidas zelando por essas plantas professoras! Esses povos guardiões, somando esforços aos pesquisadores acadêmicos nesta área especializada, fazem inúmeros esforços e sacrifícios pessoais para darem continuidade e legitimidade ao fenômeno da rede ayahuasqueira, sendo os maiores expoentes da legalização do chá no Brasil e a expansão dele no mundo.

A partir dessas questões apresentadas, nós, pesquisadores formais, ao adentrarmos nesta rede de saberes, devemos ao menos “pedir licença” e procurar compreender o fundamento dessas epistemologias, cosmologias e paradigmas não referenciados pelas *Epistemologias do Norte*.³⁰ Ao invés de silenciarmos os discursos e os conhecimentos dos povos originários e tradicionais com o crivo da razão

³⁰ Os conceitos de “Epistemologias do Norte” e “razão indolente” foram cunhados pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2019), podendo ser entendidos a partir do privilégio dado pela cultura ocidentocêntrica à ciência moderna e aos seus pressupostos pretensamente neutros, rigorosos, universais e verdadeiros, independente do contexto social, cultural e político. O autor coloca em questão os estudos da colonialidade do ser e do saber, afirmando que os pressupostos das epistemologias no Norte (EN) coadunam para a reprodução do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado.

ocidentalocêntrica, somos convidados a reinventar o fazer científico a partir de uma respeitosa postura da aprendizagem com esses saberes ancestrais.

1.5 Alianças transdisciplinares na construção teórica e prática da pesquisa

Esta pesquisa está orientada por uma *perspectiva transdisciplinar*, construída na interface entre a psicologia e outras disciplinas: antropologia, filosofia e educação. Transdisciplinarizar na pesquisa é criar uma *caixa de ressonâncias* entre saberes distintos, deixando reverberar possibilidades de conexões inusitadas, ultrapassando os limites disciplinares de cada área. O intuito da transdisciplinaridade não é anular as diferenças entre as disciplinas e os distintos campos do conhecimento, mas criar uma zona de vizinhança entre eles, colocando-os lado a lado (RAUTER; RESENDE, 2015).

Segundo Cristina Rauter (2012, p. 17), esta perspectiva não se pretende universal, por isso rompe com o *alto conhecimento* e toma fragmentos teóricos por empréstimos “não autorizados”, cruzando vozes, preocupando-se em especial com os efeitos desta ação teórica e prática. Em uma famosa conversa entre os filósofos Michel Foucault e Gilles Deleuze, este faz as seguintes afirmações:

As relações teórico-práticas são muito mais parciais e fragmentárias. Por um lado, a teoria é sempre local, relativa a um pequeno domínio e pode se aplicar a um outro domínio, mais ou menos afastado [...]. Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem nada a ver com o significante. É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma (DELEUZE, 2009, p. 69-71).

Portanto, o uso desta “caixa de ferramentas” funciona como uma ponte que nos possibilita ultrapassar os domínios estritos das disciplinas, promovendo uma abertura comunicacional entre diferentes linguagens. Esta ação é transversal, portanto, faz variar concepções teórico-práticas que pareciam invariantes, promovendo um pensamento crítico, nômade e contra-hegemônico. Uma pesquisa transdisciplinar deve sempre desconfiar teoricamente dos pensamentos totalizantes e sedentários, principalmente quando suas narrativas tentam purificar os discursos. No caso desta pesquisa, os saberes transdisciplinares podem fortalecer uma visão mais complexa e processual acerca dos fenômenos que serão analisados na Barquinha da madrinha Chica.

Portanto, compreendo que a produção do conhecimento é inacabada e os conteúdos colhidos na pesquisa de campo são sempre parciais, podendo apresentar novas visões e versões sobre antigos objetos de estudo. Como nos mostra Fernanda Amador (2012), o prefixo “trans” provoca uma variação com aquilo que transborda nas disciplinas:

Do prefixo latino trans, designa o transbordante, o excedente, mudança de estado, passagem por incorporais. Ação emergente por uma espécie de convocação da inteligência que incide sobre o contingente, sobre o imprevisível, sobre a variabilidade (AMADOR, 2012, p. 231).

Esta perspectiva, portanto, perturba os saberes antes intactos, comunicando coisas não comunicantes. Esta lógica nos ajuda a pensar por disparidades, nos trazendo importantes pistas éticas e teóricas sobre como fazer pesquisa: “quanto mais encontros fizermos, mais experimentaremos diferentes possibilidades e aproximações, podendo atingir uma crescente complexidade na compreensão de um dado fenômeno” (RAUTER, 2017, p. 20-21).

No campo pesquisado, as aprendizagens acontecem nos ritos, nas orações, nas conversas de corredor, nos plantios do cipó e da rainha, na prática da comensalidade, nos extenuantes mutirões, nos estados visionários com o Daime, nas incorporações³¹ das entidades, nos tratamentos espirituais e na musicalidade singular desta comunidade. Portanto, reconheço os limites da própria psicologia como disciplina fechada, para compreender os modos de subjetivação neste *território existencial*.³² Trata-se, desse modo, de uma crítica evidente ao cientificismo, aos especialismos e à dicotomização do pensamento, apostando no diálogo entre saberes e práticas que afirmem uma *filosofia da diferença*.³³

³¹ A incorporação é um fenômeno em que determinado ancestral de um grupo social, mesmo na condição que conhecemos como desencarnado ou morto, se faz presente e interage com o corpo vital de outra pessoa, trazendo alguma mensagem importante para aquele contexto (SIMAS; RUFINO, 2018).

³² A noção de território existencial foi cunhada por Félix Guattari (2009), propondo a preservação dos modos de vida autorreferenciados entre os grupos sociais, garantindo assim, a heterogeneidade na superfície da Terra.

³³ O Filósofo Gilles Deleuze (2010) nos ensina que habitar a diferença é entrar em estado de ressonância mútua e relações de trocas. Tânia Fonseca, Maria Livia do Nascimento e Cleci Maraschin (2012), inspiradas na obra filosófica do francês, afirmam que pensar e pesquisar na diferença é uma atitude de acolhimento da multiplicidade na pesquisa. Portanto, busca-se a variação dos domínios temáticos clichês, evidenciando aquilo que estava imperceptível aos olhos da familiaridade.

Filosofar ou pesquisar na diferença é um ato de criação de conceitos a partir de *intercessores*. Os intercessores podem ser livros, autores, situações, lugares, teorias, mas também podem ser plantas e animais, como nos afirma Gilles Deleuze (2010), assim como fez Carlos Castaneda em sua antropologia. O pensamento precisa de intercessores para criar novas ideias! Por isso o presente estudo aposta em intercessores teóricos e práticos na confluência entre o saber científico na universidade e os saberes tradicionais no Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte (CEOCPE).

As mais importantes alianças teóricas desta pesquisa estão presentes na obra de Maria Betânia Albuquerque (2007, 2009, 2011, 2012, 2016, 2021). Portanto, faço uma filiação transdisciplinar com esta autora para cartografar os saberes provindos da experiência e das práticas pedagógicas na Barquinha da madrinha Francisca. Além deste mergulho no campo da antropologia, filosofia e educação, esta pesquisa segue os rastros do historiador Luiz Antonio Simas e do pedagogo Luiz Rufino (2018, 2019), analisando *o saber-praticado, a ideia de pesquisador cambono e os saberes encantados de preto e preta-velha* na Barquinha de Niterói. Ademais, esta pesquisa não se fecha apenas aos autores brasileiros e latino-americanos; serão inclusos autores europeus como Félix Guattari e Gilles Deleuze, assim como outros autores estrangeiros, entendendo que estes contribuem com a crítica aos modelos etnocêntricos, se propondo a pensar para além da Europa.

Neste sentido, foi me aventurando aquém e além da psicologia que achei os meus aliados e intercessores nesta pesquisa. Grandes e desconhecidos teóricos, pesquisadores da rede ayahuasqueira, personalidades da cultura popular, santos, entidades espirituais, pessoas analfabetas consideradas mestres e até doutores acadêmicos são aliados neste empreendimento encantado. Alguns dos meus intercessores são: Maria Betânia Albuquerque, Preto-velho Pai Preto, Vó Cambinda das Almas, Madrinha Francisca, Marcelo Mercante, Nêgo Bispo dos Santos, Cristina Rauter, Príncipe Dom Simeão, Luiz Antonio Simas, Virgínia Kastrup, Luiz Rufino, Mestre Daniel, Sandra Goulart, Beatriz Labate, Ailton Krenak, Henrique Carneiro, Manoel Abelha, Gilles Deleuze, São Francisco de Assis, Wladimir Sena Araújo, Cristiane Costa, entre outros.

1.6 Dimensões metodológicas: entre a Cartografia e a Cambonagem

Como pesquisador que sustenta uma perspectiva transdisciplinar, convivo com a imprevisibilidade ao construir alianças provisórias entre teorias, autores e saberes distintos, prezando por uma pesquisa que aposta na experimentação metodológica como parte do processo da tese. Mais fácil seria definir modelos pré-fixados, restringindo os diálogos teóricos e metodológicos aos pares já conhecidos da rede ayahuasqueira. Porém, torna-se necessário lembrar que estou empreendendo uma pesquisa em psicologia, tendo em vista os processos de subjetivação em um contexto daimista e urbano.

Logo, alguns cuidados são necessários: por um lado, experimentar a transdisciplinaridade com prudência para não tornar esta pesquisa em um estudo eclético e esvaziado de rigor metodológico, por outro lado, evitar sufocar a complexidade do tema em uma metodologia demasiadamente ortodoxa. Esta preocupação tão comum aos pesquisadores que apostam na transdisciplinaridade (campo iminentemente aberto, instável e híbrido), me faz cultivar uma postura ética no percurso desta investigação que chamarei de *pesquisador aprendiz*.

Neste sentido, desenvolvo aqui uma perspectiva metodológica de implicação sensível no ato de fazer-pesquisa, envolvendo o meu próprio corpo e emoções nos agenciamentos³⁴ com a leitura, com a escrita, com o grupo pesquisado e principalmente com o Daime na composição metodológica. Enquanto planta professora, entendo o Daime como uma agência vegetal capaz de me orientar intelectualmente nesta pesquisa, expressando uma potência divina que também produz pensamentos. Segue um relato construído nas experiências de campo:

Afecções daimistas inscritas em meu corpo de pesquisador... acho que preciso de mais Daime e um pouco mais de coragem para aumentar a clareza sobre o que estou fazendo. Peço ao Daime que me mostre os caminhos deste estudo, estou perdido (Gabriel, fevereiro de 2019, diário cartográfico).

³⁴ Tomo a noção de agenciamento a partir de Deleuze e Guattari (2012), não apenas como um conceito, mas como um operador metodológico. As agências expressam sempre uma multiplicidade em relação (as pessoas, o Daime, as teorias, a universidade, as entidades espirituais), conectando diferenças. Trata-se tanto de um aspecto concreto de agenciar corpos (os encontros), mas também de um aspecto abstrato com a potência de articular sistemas semióticos, conteúdos e ações, produzindo trocas e conexões no plano cosmológico e também na escrita deste texto.

Relatos e notas de campo como este, serviram como bússola e termômetro neste saber-fazer, fazer-sentindo, sentir-aprendendo e aprender-praticando a pesquisa. Outrora, as emoções e os devaneios foram postos para fora da ciência e entendidos como saber irracional ou de baixa intelectualidade, porém, afirmo uma outra razão que se liga estrategicamente aos afetos, apostando em alianças teóricas e práticas mais experimentais e poéticas.

O pesquisador aprendiz, a meu ver, realiza uma bricolagem. Bricolar vem de *bricoleur*, substantivo francês aplicado à ideia de reparos, colagens e consertos menores, feitos à mão. Em sua acepção antropológica, a ideia de uma bricolagem intelectual foi apresentada primeiramente por Claude Lévi-Strauss (2020, p. 34), em seu livro *Pensamento Selvagem*. “O *bricoleur* está apto a executar um grande número de tarefas diversificadas, [...] seu universo instrumental é fechado, e a regra de seu jogo é sempre arranjar-se com os ‘meios-limites’”. Tratando-se de um conceito filosófico, esta expressão foi reformulada por Gilles Deleuze e demais filósofos da diferença, destacando a noção de invenção e incorporação de métodos, teorias e autores a partir de links, sínteses disjuntivas³⁵ e elos que a princípio, não parecem fazer conexão (MARASCHIN; RANIERE, 2012).

Portanto, a bricolagem é uma atitude teórico-prática, indicando uma estratégia metodológica da *pesquisa cartográfica*, juntamente à ideia de *pesquisador camponês*, como veremos neste tópico. Neste sentido, as aproximações metodológicas e os cruzamentos deste investimento estão sempre acompanhados de uma corporificação e afetabilidade inventiva na pesquisa, ativando uma lógica sensível na produção das ideias. Afetar e ser afetado pelo que se vê, pelo que se ouve e até pelas forças e seres espirituais que compõem o real da experiência vivida na Barquinha da madrinha Chica. Pensando junto com Célia Collet (2019), a relação entre pesquisa, escrita e imanência está na inseparabilidade das coisas. Produzir e acessar o conhecimento através do corpo e não sobre o corpo. Relações entre corpos (agentes humanos, vegetais e espirituais), como meio legítimo de aprendizado, invenção textual e produção de uma ciência encantada!

³⁵ Podemos entender melhor o conceito “sínteses disjuntivas” no livro *O Anti-Édipo* (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 106). Em suma, trata-se de composições e conectividades a partir da diferença, pela mudança de curso, pelo desvio. A disjunção não exclui, não se fecha, ela inclui e permanece em contato com as alteridades.

Portanto, o pesquisador aprendiz como o próprio nome sugere, precisa assumir uma postura de lateralidade, *pesquisando-com* e não *pesquisando-sobre*, engajando-se nas relações processuais com a rede de atores e sendo ativo na aprendizagem das pedagogias e epistemologias próprias ao grupo pesquisado. Na pesquisa de mestrado de Danielli Katherine Pascoal da Silva (2016), a autora disserta acerca da aprendizagem com a palavra no grupo ayahuasqueiro União do Vegetal (UDV), nos oferecendo uma pista da sua prática etnográfica: é preciso aprender a escutar, a perguntar, a descobrir o “jeito” do grupo nativo, para que a pesquisa não fique sobrevoando, mas esteja sintonizada com o território existencial.

Não existe fórmula geral ou fechada para produzir uma cartografia, mas a minha aposta é que o pesquisador aprendiz ao habitar-incorporar o território (rede de investigação), deve constantemente combater qualquer intenção pessoal de ensinar sobre/para o grupo, a partir de uma suposta condição de maior saber. Segundo Eduardo Passos e Benevides de Barros (2012), o método cartográfico articula políticas de pesquisa, políticas da subjetividade e políticas narrativas. Entendendo que o pesquisador cartógrafo não cria distanciamento e neutralidade, deve, portanto, compreender que o conhecimento não é apenas um problema teórico ou científico, mas altera a produção de realidades concretas, no campo social-vivo-pulsante.

Seguindo as pistas dos autores citados anteriormente, quando utilizo a cartografia como um método para pensar uma realidade, reconheço uma inseparabilidade entre o conhecer e o fazer, o pesquisar e o intervir, acompanhando os efeitos da pesquisa no plano da experiência. A dimensão ética e estética da pesquisa também produz uma dimensão política na investigação científica. Afinal, a produção de todo conhecimento se dá “em um campo de implicações cruzadas, estando necessariamente determinado neste jogo de forças: valores, interesses, expectativas, compromissos, desejos, crenças, etc” (PASSOS; BENEVIDES DE BARROS, 2012, p. 19).

Como aprendiz-cartógrafo, nunca me interessei em produzir uma tese conteudista e totalizante, explicando e descrevendo amplamente o que é a experiência com o Daime ou sobre o grupo pesquisado. Neste mesmo sentido, não pretendo fazer um clássico estudo quantitativo que possa comprovar em larga escala os inúmeros benefícios dessa bebida ou da Barquinha da madrinha Francisca para as pessoas em geral. Como um usuário regular do Daime no contexto sacramental do

CEOCPE, muito me preocupa a possível “evangelização daimista” na universidade pública ou a panfletagem para que todas as pessoas bebam o Daime. Existe um antigo aforismo nas tradições daimistas que eu também assino embaixo: “*o Daime é para todos, mas nem todos são para o Daime*”.

Como nos indica Johnny Alvarez e Eduardo Passos (2012), o aprendiz-cartógrafo precisa *habitar territórios existenciais*, sendo necessário cultivar uma receptividade afetiva à comunidade. Por isso, diferente “de uma pesquisa fechada, o aprendiz-cartógrafo inicia a sua habitação do território cultivando uma disponibilidade à experiência” (ALVAREZ; PASSOS, 2012, p. 136). Assim, neste aprender a aprender pesquisar, procurei ampliar a percepção do território experimentado, acompanhando processualmente e do modo orgânico (não mecânico) os dizeres, os fazeres, além das formas institucionais de sentir, de partilhar memórias e de silenciar no centro-igrejinha de Niterói.

Assim, me mantive sintonizado com uma importante dica recebida nas orientações: deixar o campo pesquisado trazer os temas, os textos, as conexões e os problemas desta investigação. Toda tensão encontrada entre a teoria e a prática, funcionou como um laboratório conceitual e metodológico na produção desta pesquisa. Portanto, torna-se necessário realizar um exercício de articulação na pesquisa:

Um pesquisador inarticulado é aquele que vai a campo para confirmar o que já sabia, para coletar o que procurava, para aplicar uma teoria. Um sujeito articulado é alguém que aprende a ser afetado pelas outras pessoas e coisas. O pesquisador articulado vai a campo e move-se com ele para aprender; há um cultivo mútuo entre ele e aquilo que se faz presente no campo. Aqui o manejo da investigação se faz inseparável do manejo convocado no campo. Não há nada de interessante em um sujeito ‘sozinho’; um sujeito é interessante quando ressoa com outros, é colocado em ação por novas entidades cujas diferenças foram corporificadas (POZZANA, 2014, p. 58-9).

Deste modo, trata-se de uma política cognitiva onde há um regime de afetabilidade entre pesquisador e campo pesquisado. Conseqüentemente, este movimento me faz deparar com o que eu não havia previsto, desviando o curso da pesquisa para um movimento anticartesiano. É neste ponto que o método cartográfico se encontra com a ideia de um pesquisador cambono.

Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino (2018) defendem que o conceito de pesquisador cambono é uma estratégia política das epistemologias das macumbas, assentadas nas culturas de terreiro e nos saberes dos povos subalternizados.

Pesquisar a partir dessa perspectiva é assumir uma ginga, um drible e uma espécie de rodopio das ciências encantadas nos cânones epistemológicos. Portanto, o pesquisador cambono afirma outros modos de pensar e outros modos de existir a partir da encruzilhada, habitando espaços múltiplos e assumindo que os saberes são inacabados. Encruzilhadas epistêmicas! Encruzilhadas ontológicas!

Esta orientação metodológica, parte do princípio de que o procedimento colonial e capitalista produziu traumas e desarranjos cognitivos entre os povos não europeus ou estadunidenses, tentando suprimir as tecnologias culturais e as memórias ancestrais locais, fazendo apelo a uma *monorracionalidade*. Neste sentido, torna-se necessário (re)construir ou mesmo inventar metodologias de pesquisas que possam se contrapor às epistemologias hegemônicas. Nas palavras dos autores: “Impulsionados pelas sabedorias dessas culturas, temos como desafio principal a transgressão do cânone. Transgredi-lo não é negá-lo, mas sim encantá-lo cruzando-o a outras perspectivas. Em outras palavras, é cuspi-lo na encruza” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 19).

Cruzar e transgredir as vias metodológicas autorizadas é uma tarefa necessária aos pesquisadores que apostam no complexo epistemológico das macumbas: encantando o conhecimento científico e multiplicando as vozes que falam por ele. Portanto, reivindicar uma diversidade metodológica é antes de tudo, fazer um giro referencial nas políticas de pesquisa, lançando o pesquisador em caminhos não lineares. *Pesquisar como quem cambona!* Pesquisar como quem se compromete rigorosamente com as questões dos sujeitos pesquisados.

O cambono/cambone é o nome dado às pessoas que trabalham como auxiliares das entidades espirituais nos terreiros, sendo aquele que exerce múltiplas funções: tradutor dos guias que falam em outro linguajar e escrivão de receituários sobre banhos de ervas. O cambono também organiza a fila para os atendimentos dos consulentes, se responsabiliza pela ornamentação e limpeza do *gongá*,³⁶ acende os

³⁶ Na Barquinha da madrinha Chica em Niterói, o gongá é o espaço de trabalho dos pretos e pretas-velhas. O local está mais próximo das matas, com maior ventilação natural, expressando um pilar da Barquinha mais próximo aos terreiros de umbanda. O espaço também é chamado de salão de cura, sendo ornado com os instrumentos de trabalho e símbolos dessas entidades: as ervas são utilizadas para fins de benzimentos e banhos; os tocos e banquinhos de madeira são os apoios dos guias, cambones e consulentes; as pedras são as firmações onde os guias acendem as velas (candeias) e riscam seus pontos com a pomba; os cruzeirinhos de madeira, os cristais, os patuás, as imagens de santos e anjos, identificam o tipo de trabalho dos guias.

cachimbos e as velas dos pretos e pretas-velhas, além de ser a pessoa que mais toma bronca no terreiro pelos erros e ansiedades vivenciados na hora do trabalho (SIMAS; RUFINO, 2018).

Tenho por base a minha própria experiência na cambonagem: pois, durante muitos anos, trabalhei em um terreiro de umbanda em Minas Gerais e durante três anos, fiz o meu desenvolvimento na própria Barquinha de Niterói como cambone. Este dado pessoal é no mínimo interessante, pois conheço na pele as alegrias e as amarguras desta função. Neste sentido, a reflexão dos autores sobre a *arte da cambonagem* me parece bastante pertinente quando defendem a tese que o *cambono é aquele mais aprende*.

É diante desta possibilidade conceitual que eu cruzo a ideia de cartografia e cambonagem para propor a ética do pesquisador aprendiz. O pesquisador, assim como o cambono, deve manter-se com o corpo aberto para as aprendizagens imprevisíveis do cotidiano, tendo a dúvida, a pergunta e a prática como operadores intelectuais para a confirmação dos saberes que circulam no grupo investigado. Lembro-me bem das palavras de um preto-velho que antes de me ensinar qualquer coisa, olhava firme em meus olhos e assim me dizia: “*não acredite nisso filho, também não conte pra ninguém antes de experimentar em sua própria vida e testificar este saber*” (Pai Preto³⁷, 2021, *informação verbal*).

Portanto, torna-se desejável que o pesquisador cambono tenha a *desconfiança* e a *dúvida* como eixos para um pensamento crítico, sabendo apostar no paradoxo entre *saberes e ignorâncias* como estratégia metodológica. A atitude fundamental de praticar aquilo que não se sabe, se orienta em uma tática de constantes aprendizados, a fim de experimentar o conhecimento. O cambono que se mantém firme em muitas certezas e regras fixas, certamente terá “vida curta” em suas funções. (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 39). Portanto, este mesmo critério se aplica ao pesquisador aprendiz que precisa estar sintonizado com os fluxos, os atravessamentos, as intempéries e os desvios de rotas na pesquisa.

³⁷ Pai Preto é um codinome dado ao preto-velho entrevistado que preferiu não revelar o seu nome. Em seu argumento, disse que os ensinamentos que ele transmitia na entrevista eram de muitos seres, não apenas dele. Portanto, não seria justo definir uma única entidade como detentora daquele saber.

Neste sentido, a atitude do cambono assim como do cartógrafo está orientada na capacidade de praticar o saber, fazendo e pensando. Confio que esta política metodológica tem “mironga” e aproxima esse estudo das epistemologias das macumbas, encantando e transgredindo o saber canônico e as “missões civilizadoras” das ciências. Por fim, um pesquisador das ciências encantadas não deve pretender civilizar, a menos que queira ser civilizado pelos saberes tradicionais. Portanto, deve pretender aprender, apontando sua flecha metodológica para uma atitude de disponibilidade e abertura, colhendo experiências sensíveis para estruturar uma ética de engajamento ativo no cotidiano do grupo pesquisado.

Em seguida, navegaremos rumo ao último tópico desta introdução, onde narro as minhas deambulações como pesquisador aprendiz, apresentando alguns procedimentos éticos e escolhas metodológicas, além de cartografar os dados iniciais no campo da Barquinha de Niterói, local onde realizei a maior parte desta pesquisa!

1.7 Mergulhando na pesquisa

Os primeiros mergulhos nesta pesquisa aconteceram nas minhas visitas deambulantes a várias bibliotecas públicas, sebos, livrarias virtuais, além dos filmes e documentários assistidos livremente, relacionados à rede ayahuasqueira. Esse primeiro contato com a pesquisa bibliográfica e produções artísticas foi estrategicamente mais experimental, me fazendo perceber que apesar de comungar experiências com o chá regularmente há alguns anos, eu pouco sabia da imensa fonte documental registrada nas pesquisas científicas, acervos oficiais, memórias públicas e produções independentes sobre o tema.

Para além das importantes fontes documentais que consegui sistematizar durante os três primeiros anos de pesquisa com a Barquinha da madrinha Chica, os mais preciosos entendimentos neste estudo se deram na pesquisa de campo. De fato, a comunidade da Barquinha de Niterói é uma biblioteca viva e os seus membros oficiais, em especial os mais velhos são como “museus ambulantes”. Eis a riqueza dos saberes circunscritos nesta tradição, nutridos maiormente na memória e transmissão oral, no zelo ritualístico, nos saberes da experiência e na manutenção dos fundamentos deixados pelo Mestre Daniel.

Os procedimentos éticos para a realização desta pesquisa acadêmica no CEOCPE e a permissão para tal, além das autorizações formais dos dirigentes, também passou pelo crivo espiritual dentre do centro-igrejinha. Logo, digo que não sei bem se escolhi o campo ou se fui escolhido por ele, tudo depende da perspectiva a qual escolhemos nos orientar. Lembro-me bem que ao pedir a benção para começar esta pesquisa, a preta-velha chamada *Vó Cambinda da Almas* me disse assim: “*pergunte ao santo Daime, ele é o professor dos professores nesta Missão, também peça permissão ao fundador Daniel Pereira de Mattos, que no plano astral pode lhe oferecer uma resposta e um bom conselho. Você irá receber!*”. Ou seja, essa pesquisa passou por uma espécie de *Comitê de Ética Encantado*, como um critério de avaliação espiritual para a permissão deste estudo no CEOCPE.

Vale lembrar que este trabalho também passou por uma avaliação criteriosa do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) no ano de 2020, pela Universidade Federal Fluminense (UFF). A realização da pesquisa de campo foi formalmente autorizada e aprovada dentro dos critérios acadêmicos e científicos da universidade pública brasileira. Porém, durante o início da pesquisa de campo, o Brasil entrou em uma grave crise sanitária devido à pandemia mundial do novo coronavírus (Covid-19). Dentre as adaptações necessárias a este delicado momento pandêmico, mantive a pesquisa de campo na cidade de Niterói, realizando apenas duas breves viagens à cidade de Rio Branco.

Em Niterói, o Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte está localizado no bairro Muriqui, local afastado do centro da cidade, próximo das cidades de São Gonçalo e Maricá. Os pormenores sobre este local serão detalhados em outras seções da tese. O CEOCPE de Niterói é composto atualmente por setenta e dois (72) *membros oficiais ativos*: sendo sessenta e dois (62) *fardados* e dez (10) *pré-fardados*, além dos incontáveis visitantes esporádicos e assíduos. Dentre os membros oficiais, somam-se sessenta e quatro (64) adultos, sete (7) adolescentes e uma (1) criança.

É necessário apontar que muitos adolescentes e crianças desta comunidade não são membros fardados, mas acompanham seus familiares e são membros ativos no dia a dia do centro-igrejinha. Optei por entrevistar apenas pessoas fardadas e maiores de dezoito (18) anos, com a exceção da minha coorientadora de pesquisa que também se tornou pré-fardada durante esta pesquisa na Barquinha de Niterói, fazendo parte do grupo de entrevistados. As entrevistas com este grupo de

interlocutores, teve como critério colher as narrativas mais antigas da doutrina, contribuindo com a construção de uma memória social desta comunidade, mas também trazendo à tona experiências de aprendizagens com o Daime dentro desta doutrina.

Para tanto, colhi vinte (20) depoimentos em entrevistas semiestruturadas, com duração aproximada de sessenta (60) minutos, realizadas com doze (12) mulheres, seis (6) homens e duas (2) entidades espirituais (preto e preta-velha). A escolha por entrevistar essas entidades e não outras, teve como critério o tempo de trabalho na casa, além de serem bastante respeitadas pelas obras prestadas, sendo referências no cumprimento da missão junto aos seus aparelhos. Durante o momento da entrevista, essas entidades espirituais estavam incorporadas nos seus respectivos médiuns/aparelhos.

Para além das entidades espirituais, na escolha pelos sujeitos entrevistados nesta pesquisa, elegi as mulheres oficiais do CEOCPE como as minhas principais interlocutoras, tendo em vista a perspectiva contra-hegemônica desta pesquisa. Deste modo, essa escolha metodológica visa ampliar as vozes femininas da Barquinha que ganharam destaque com a liderança da madrinha Chica Gabriel. No entanto, não irei caracterizar todos os sujeitos entrevistados, pois alguns deles preferem manter o sigilo de suas identidades, tendo em vista os riscos que correm de se tornarem alvos de preconceitos e até mesmo exclusões em suas famílias, círculos sociais e locais onde trabalham, pela adesão à religiosidade daimista.

Também utilizei o recurso de fotografias disponíveis no acervo memorial do centro-igrejinha, ademais, realizei anotações em um caderno de campo, tomando nota das conversas informais e percepções gerais. Ademais, levei em consideração os *insights* e ideias que foram surgindo nas experiências rituais com o Daime e durante as orientações da pesquisa na universidade.

As entrevistas presenciais em Niterói aconteceram em espaços abertos do centro-igrejinha, cumprindo com os protocolos de saúde durante a pandemia: utilizando máscara, higienizando as mãos e os equipamentos de entrevista com álcool. Realizei também algumas entrevistas à distância, utilizando softwares/aplicativos (WhatsApp e Google Meet) de acordo com as possibilidades e preferências dos meus interlocutores.

Vale lembrar que sou um pesquisador nativo, portanto, estive presente no campo de pesquisa desde o ano de 2017, porém, a pesquisa foi oficialmente realizada durante todo o ano de 2021 na Barquinha de Niterói. Esta comunidade tem um calendário intenso e extenso: as sessões rituais são divididas entre trabalhos oficiais (onde são utilizadas as fardas de soldados/marinheiros) e trabalhos não oficiais (onde os participantes utilizam roupas brancas comuns). Por fim, todos os rituais nesta casa são gratuitos e sua finalidade maior é a realização das obras de caridade a benefício das pessoas que necessitam de ajudas materiais e espirituais, além dos trabalhos a benefício das almas desencarnadas.

2 O Encontro de madrinha Francisca com o Daime

Foto 2 - Madrinha Francisca contemplando o mar



Fonte: Carlos Renato (2018). Memorial CEOCPE. Niterói.

2.1 Quem é essa senhora amazonense?

Era uma criança
 Já foi uma mocinha
 Senhora do lar
 Hoje ela é uma velhinha.³⁸

Caso alguém desejasse escrever uma longa biografia sobre Francisca Campos do Nascimento, além das fontes históricas oficiais, certamente deveria se referenciar em documentações pouco usais: hinos, salmos, benditos, sonetos e pontos de terreiro psicografados³⁹ e ofertados a ela pelas entidades espirituais (seres divinos,

³⁸ Esta canção que abre a seção é um fragmento de um ponto de erê, recebido mediunicamente por Fátima Guimarães - acervo memorial CEOCPE.

³⁹ A psicografia é uma mensagem escrita através de pessoas com faculdades mediúnicas que conseguem se comunicar com o plano astral, sendo útil para transmitir mensagens de entidades espirituais ou pessoas que já morreram, por exemplo. Na Barquinha da madrinha Chica, estas pessoas são chamadas de *aparelhos* que *recebem* canções com melodias, ritmos e letras com refinado valor musical e literário, narrando os fatos cosmológicos, apresentando os territórios

encantados, pretos-velhos, erês, caboclos e guardiões). A cantiga que introduz esta seção é cantada por uma entidade que se chama *Marcolino*, um erê⁴⁰ que trabalha com o aparelho Carlos Renato (Cacá) há décadas, junto ao grande batalhão de seres invisíveis que acompanham a madrinha Chica. Mas quem é essa senhora que se apresenta como serva de Deus e de Nossa Senhora, devota dos santos, amiga das almas e dos seres divinos?

Para contar um pouco da história de Francisca é preciso situá-la como uma professora fora da escola formal, ou melhor, uma educadora da sabedoria popular. Como diria o historiador Luiz Antonio Simas (2019), os heróis civilizadores do Brasil popular são outros. Dandara dos Palmares, Mestre Pastinha e Carolina Maria de Jesus não tinham a pele branca e nem vieram lá do “velho mundo”!⁴¹ Esses mestres e mestras versados na escola-mundo, não discutiam os tratados da alta filosofia greco-romana, tampouco foram alfabetizados na mesma cartilha da ciência oficial, mas eram sofisticados em seus saberes, formação humana e modos de viver. Seguem as palavras da escritora Conceição Evaristo, ao receber o título de *Mestra da Periferia* em 2018, pela UNIperiferias:⁴² “Pra mim ser Mestra é pensar o ensino e a aprendizagem a partir de um outro lugar, justamente de um lugar que não é considerado ensino e aprendizagem. [...]. As nossas lições são dadas pelo cotidiano” (EVARISTO, 2020, p. 15-6).

Nesta lógica contra-hegemônica que busca evidenciar os mestres dos saberes populares e tradicionais, me senti tocado a contar a história da madrinha Francisca como uma mestra e professora, especialmente depois que me deparei com os livros *Padrinho Sebastião: máximas de um filósofo da floresta e Sabenças do Padrinho*, ambos escritos por Maria Betânia Albuquerque (2009, 2021). Nas obras citadas, a

espirituais, os seres divinos, os santos, as entidades e as almas, além de trazer informações acerca da própria história do movimento em questão.

⁴⁰ Roger Bastide (2016) ao estudar o transe místico no Brasil, identificou os erês ou wéré como “pequenos seres” míticos, termo usado na África, pelos iorubás. Mas a expressão dos erês no Brasil parece tratar de uma incorporação de espíritos infantis, risonhos, divertidos, impulsivos e brincalhões.

⁴¹ A expressão “velho mundo”, refere-se à Europa.

⁴² A UNIperiferias - Instituto Maria e João Aleixo, tem como missão realizar a formação, produção e difusão de conhecimentos periféricos globais. Também promove o encontro de saberes ancestrais, reunindo mestres da experiência e dos saberes orgânicos, contrapondo-se às narrativas e formas hegemônicas que estigmatizam as pessoas e as tecnologias sociais periféricas.

autora conta a história do seringueiro e curandeiro que certamente foi um dos maiores expoentes na divulgação da doutrina do Santo Daime. Padrinho Sebastião levou a sua comunidade para dentro da floresta amazônica e posteriormente, expandiu o Daime para o mundo inteiro com o apoio da sua família e discípulos.

Este homem que Francisca conheceu pessoalmente, não frequentou a escola formal, mas *desenvolveu o seu próprio estudo e destacada atitude filosófica tomando o Daime*. Padrinho Sebastião “embora só tivesse aprendido a ler com quase 50 anos de idade, era dotado de profunda sabedoria, além de um carisma nato para o ensino” (ALBUQUERQUE, 2009, p. 12). Nesta mesma direção, Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino apontam o Mestre Pastinha como um filósofo da capoeiragem:

O caráter elementar do corpo na invenção de terreiros está expresso na máxima pastiniana: ‘a capoeira é tudo que a boca come e tudo o que o corpo dá!’ Não coincidentemente a problemática filosófica versada por Mestre Pastinha cruza-se a outros princípios explicativos de mundo assentados nos complexos culturais negro-africanos transladados e ressignificados na diáspora (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 51).

O caso de dona Chica Gabriel, não está distante dos percursos desses mestres apresentados, guardadas as devidas diferenças entre eles. Francisca é uma senhora que não se considera mestra e nem santa, mas é considerada professora e doutora na ciência daimista na cidade de Rio Branco e pela comunidade ayahuasqueira em geral. Mas antes de se levantar para ensinar, Francisca se sentou para aprender e até hoje continua aprendendo, sendo uma aluna exemplar na escola de São Francisco das Chagas e do Mestre Daniel, como veremos adiante.

A despeito de dar pouca importância para os títulos e patentes públicas, recentemente essa senhora, que se diz analfabeta, foi condecorada como *Mestra da Cultura Popular e Tradicional da cidade de Rio Branco*, recebendo da prefeitura da cidade um certificado que reconhece a sua atuação como ensinadora da população acreana local. Este documento público torna-se bastante relevante para esta pesquisa, pois reforça politicamente o saber e a liderança comunitária de Francisca, para além do território sagrado e religioso.

Francisca, assim como milhares de mulheres nortistas nascidas na terceira década do século XX, sofreu os impactos estruturais de um modelo social e político esmagadoramente capitalista, colonialista e patriarcal. A pequena Chiquinha não era uma exceção à regra, foi uma criança amazonense órfã de pai e mãe, pouco estudou

na escola formal e não experimentou a liberdade brincante da meninice, como ela mesma disse neste relato: “não tive infância, eu fui criada pelos meus pais de criação, eu realmente não tinha a chance de brincar, isso e aquilo outro, essas coisas que existem hoje” (MACHADO et al., 2017, p. 10).

Foto 3 - Título de Mestra conferido à madrinha Francisca



Fonte: Memorial CEOCPE (2020). Rio Branco.

Lá pelas tantas da vida adulta, Francisca se encontrou com o remédio sagrado da floresta amazônica, o santo Daime.⁴³ Este encontro com a bebida indígena foi um acontecimento de grandes proporções para a vida desta mulher de fé católica, expandindo a sua compreensão acerca da espiritualidade brasileira e das suas próprias potencialidades humanas. Este encontro com o Daime também teve uma função educativa, ensinando Francisca a se conhecer nas experiências rituais e sagradas com o chá, abrindo-se para um amplo espaço de aprendizagens antes não imaginadas em seus códigos existenciais.

Ela se tornou uma madrinha carismática e resiliente, após muitos anos de dedicação em seu saber-aprender e aprender-praticando, cumprindo os seus preceitos espirituais com zelo e rigor, praticando a caridade com as pessoas necessitadas e apresentando-se como uma liderança comunitária, antes mesmo de

⁴³ Faço referência à expressão santo Daime com a vogal s minúscula, me referindo à bebida sagrada. No outro caso, Santo Daime com as duas vogais iniciais maiúsculas, se refere à religião fundada pelo Mestre Irineu. Na maioria das ocasiões, utilizarei apenas Daime para me referir à bebida sacramental.

fundar o seu seguimento religioso. Segundo Sandra Goulart (2004, p.13), os líderes e adeptos destas “novas religiões”, em maior ou menor grau, vieram do meio rural, sendo uma espécie de mediadores entre o mundo da floresta e o mundo da cidade, reelaborando um complexo de crenças e práticas religiosas no processo de urbanização local.

“*Em qual o momento da sua vida você se encontrou com o santo Daime?*”. Esta foi a primeira e única pergunta que repetidamente fiz a todos os meus interlocutores nas entrevistas de campo, disparando uma longa e interessante conversa sobre o encontro das pessoas com o chá sagrado. Portanto, após escutar as mais variadas narrativas que levaram os afilhados e afilhadas de Francisca a tomarem o Daime, percebi que seria fundamental percorrer a memória social da madrinha Chica até o seu encontro com este sacramento amazônico.

Além disso, recebi instigantes orientações provindas das minhas experiências pessoais com o Daime⁴⁴, percebendo que o respeito pela história da professora Francisca seria o fio condutor desta pesquisa, desaguando nas discussões acerca das múltiplas aprendizagens com o Daime e a circulação de saberes em seu centro-igrejinha. Para realizar este empreendimento, foi necessário analisar pesquisas etnográficas, o acervo memorial do CEOCPE, além de artigos, entrevistas públicas e narrativas orais que pudessem contar a história desta matriarca, em seus percursos de vida até o seu encontro com o Daime.

Ao trazer a memória social da madrinha Chica para este texto, levo em consideração o contexto sociocultural onde ela nasceu e cresceu, articulando a sua biografia com as questões econômicas, históricas, políticas e religiosas locais. Metaforicamente, esta parte do texto se propõe a entender a vida de Francisca como uma composição de *arte em mosaico*, unindo pequenos fragmentos tanto da sua vida quanto do seu entorno sociocultural, a fim de apreciarmos um quadro belo, rústico, multicolor, resistente e cheios de detalhes. Certa vez, a minha coorientadora

⁴⁴ Refiro-me aos momentos em que tive dúvidas teóricas e metodológicas nesta pesquisa e pude, no decorrer do trabalho de campo, beber o Daime e pedir orientação a esta planta professora. Alguns esclarecimentos, correções e direções que recebi na experiência direta com o chá sagrado, será discutido em um momento posterior da tese. Esta seção, por exemplo, começou a ser escrita pouco antes da minha qualificação da tese, após um intenso trabalho de entrega da romaria de São Francisco das Chagas, em 2020, onde fui “orientado” pelo Daime a ter maior respeito e dar maior visibilidade nesta pesquisa à biografia e os ensinamentos de Francisca Gabriel.

perguntou-me se eu havia prestado atenção no nome de Francisca Campos do Nascimento a partir de um olhar poético. Pude perceber que o significado e o significante do sobrenome *Campos do Nascimento*, expressa a trajetória da madrinha Chica na Barquinha. Em resumo, trata-se de uma matriarca que semeia tanto em terra fértil quanto em terra árida; regando os ensinamentos do fundador da Barquinha, fazendo brotar nascimentos em seu entorno franciscano.

Assim, entendo que a singularidade desta mulher está atrelada a sua existência comunitária, expressando a força de um *sujeito coletivo*, próximo ao sentido que o filósofo indígena Ailton Krenak (2020a) dá a este termo. Para o pensador, este termo se refere tanto a comunidades indígenas, quanto às comunidades autônomas e periféricas, como no caso da Barquinha desde a sua fundação, propiciando trocas humanas “onde a vida prospera à revelia dos arranjos políticos em geral” (KRENAK, 2020a, p. 83). São lugares e sujeitos preenchidos pelo saber da oralidade, onde se escutam histórias profundas sobre a vida, principalmente dos mais velhos, construindo sujeitos potentes e comunitariamente referenciados.

Para o autor, trata-se de biografias coletivas que não se conectam com os imperativos econômicos e ideológicos dominantes do mundo global. São pessoas que aprenderam a criar os seus filhos e netos, se relacionando com o ambiente cósmico a partir de sentimentos ancorados nas trocas mútuas e proteção coletiva.

A madrinha Chica cria em seu entorno existencial, um potente território de experiências coletivas, agregando ao redor das suas memórias um intenso calendário que constrói encontros e ações comunitárias: festas de aniversário, acontecimentos educativos, compromissos religiosos, romarias, amizades, resolução de conflitos, benzimentos de pessoas doentes e enfeitiçadas, batismos de crianças, casamentos, pesquisas acadêmicas, rituais fúnebres etc. Essa pesquisa, no entanto, não enseja produzir um culto à história pessoal de dona Chica Gabriel, uma espécie de idolatria dogmática. Aliás, ela detesta bajulação, individualismos, favoritismos ou mesmo ser tratada como uma pessoa excepcional!

Segue uma parte da entrevista que Francisca Gabriel cedeu para a *TV Aldeia* em Rio Branco, disponível também no acervo memorial do CEOCPE:

Eu fui criada num meio simples, pessoas pobres, acho que sou aquela mesma (risos). E quando eu comecei a me entender de gente (risos), acho que sou a mesma coisa. Entonce eu rezo com os irmãos, pra quê, assim:

pedir por todos nós, pelo mundo inteiro. Não é só por mim, não é só pelos irmãos, não é só pela minha família. Eu peço por toda a humanidade. Peço pelo mundo inteiro! Qualquer pessoa que queira cumprir uma Missão e que se dedica e se entrega de coração, não tem nada difícil. Aí, quer dizer, quando a gente não quer, aí a gente mesmo é quem bota obstáculo (Francisca Campos do Nascimento, 2009, acervo memorial CEOCPE).

Neste sentido, seguindo as pistas deixadas por esta senhora, faço a seguinte pergunta: *quais ensinamentos a vida e a religiosidade de Francisca nos oferecem?* Trata-se, portanto, de um aprofundamento na memória viva e na trajetória desta matriarca que traz consigo uma força pedagógica, notavelmente respeitada pelos adeptos do seu centro-igrejinha. Mas este respeito é mútuo, Francisca também reconhece e aposta nos saberes dos seus educandos, algo que aproxima esta professora das orientações pedagógicas de Paulo Freire (2011, p. 31), guardando as devidas diferenças de contextos educativos, quando o pensador diz que o professor deve não apenas respeitar, mas agregar ao ensino os “saberes socialmente construídos na prática comunitária”.

Na percepção de Francisca das Chagas Campos do Nascimento (Chaguinha), terceira filha da madrinha Chica, a sua mãe aprendeu com os mestres e padrinhos, mas também aprende com a irmandade e com os seres espirituais: *“sempre tem a troca de conhecimento né, entre a irmandade mesmo. Um observa uma coisa, outro observa outra e assim, vão levando, né! E também as entidades, ela recebia muita coisa das entidades, as instruções das entidades”* (Francisca das Chagas, 2022, informação verbal).

Ainda hoje, como pude acompanhar em uma visita ao Acre no ano de 2021, Francisca mantém a sua casa aberta “24 horas por dia”, aconselhando e benzendo pessoas, além de dividir o que tem em sua mesa, referenciando princípios éticos e morais no bairro em que reside, a Vila Ivonete. Portanto, a construção de uma memória social da madrinha Chica nesse estudo se alinha com uma perspectiva psicossocial, cumprindo o papel de fazer lembrar e ressignificar a experiência desta mulher como pessoa, além do seu grupo sociocultural e religioso de referência.

Mas não interessa a esta pesquisa fazer um debate conceitual acerca da categoria “memória social”, mesmo porque esta expressão não é consensual, segundo Gondar (2008), trata-se de um termo polissêmico e em disputa. Para a psicanalista, certos acontecimentos pessoais e coletivos são lembrados/rememorados pela sociedade, em maior ou menor grau, marcando a

dimensão coletiva de certos eventos, rompendo com o reducionismo de pensar a memória apenas individualmente.

Seguindo as pistas de Celso Pereira de Sá (2007) e do método cartográfico em pesquisas biográficas (SILVA, 2017), irei construir uma *biografia cartográfica* de Francisca Gabriel, buscando compreender o que se abre socialmente em seu modo de existir coletivo, evitando assim, construir uma espécie de psicologismo sobre a individualidade da madrinha. Seguem as palavras do psicólogo social Celso Pereira de Sá:

São, assim, memórias sociais, embora o *lôcus* desse processo construtivo seja a pessoa, pois é ao passado dela que estão continuamente referidas as lembranças, mesmo que envolvam também fatos sociais, culturais ou históricos de que ela tenha participado, testemunhado ou simplesmente ouvido falar. A preferência pelo termo 'pessoais', em lugar de 'individuais', se deve a que nele próprio já está embutida uma dimensão social (SÁ, 2007, p. 292).

Os firmes ensinamentos, rezas, bençãos e caridades de Chica Gabriel, têm sido narrados de boca a boca com grande admiração pelas comunidades daimistas no Brasil, mas principalmente em Rio Branco, capital das religiões ayahuasqueiras. Portanto, voltando à ideia dos nossos heróis civilizadores serem outros, Francisca também aparece no inventário quase esquecido desse Brasil popular onde existem muitos brasis de pequenas histórias, de pedrinhas miudinhas, escondidas aos olhos desse lajedo tão grande: o mundo globalizado e demasiadamente espetacular. Dona Francisca é discreta, considerada uma mestra do silêncio e da experiência, ensinando um saber cultivado na prática e nos gestos cotidianos que falam por si só. Segue o depoimento de Lusiélia, uma adepta fardada do CEOCPE que acompanha a madrinha há mais de trinta anos:

E com a madrinha eu aprendi a dividir o que eu recebo. Não que eu não soubesse, mas com ela mais ainda. A madrinha é uma pessoa que tudo o que ela tem na mesa dela, quem chegar se alimenta. E ela divide tudo com muito amor para as pessoas, sem medo de faltar para ela amanhã. Então esse é o maior exemplo, assim, que eu vejo na madrinha: Ela não tem medo de dividir o pão que tem, achando que amanhã não vai ter. Ela sempre acha que amanhã chegará um novo para ela. E isso eu acredito que seja uma virtude muito grande, e não são todas as pessoas que realmente têm essa virtude. Eu, particularmente não tinha. Eu vim aprender com ela a dividir e a se desprender também de bens, de coisas materiais pequenas... E a madrinha ela tem, vamos dizer assim, o jeitinho dela de brigar com a gente... como ela fala, 'dar carão na gente', mas é um jeito dela demonstrar amor (Lusiélia Venâncio, 2021, informação verbal).

Ao refletir sobre este relato oral, unido às inúmeras narrativas sobre a história dos mestres e mestras da religiosidade daimista no Brasil, percebo que a maioria desses líderes resistiram às precariedades econômicas em suas vidas pessoais. Para além dos ensinamentos espirituais, esses professores daimistas recriaram o valor da dimensão humana nas comunidades em que viviam (alguns ainda vivem) em extrema pobreza, com infortúnios habitacionais, desqualificação escolar e humilhações em seus papéis sociais como trabalhadores e cidadãos. Conforme Almeida e Souza (2008):

A grande obra desses mestres foi ter aberto as portas para a possibilidade de uma existência para si mesmo como alternativa àquela do lugar comum na luta pela sobrevivência, sob as mais variadas formas de opressão. Nesse sentido compreendemos o Daime como um espaço de liberdade, um reencontro com a insólita dimensão humana perdida ou esquecida em meio às injunções do cotidiano, sufocada ou oprimida pelas pressões de cunho social (ALMEIDA; SOUZA, 2008, p. 29-30).

Para Simas (2018), essas gentes do Brasil são frutos das reinvenções ontológicas e resistências à colonialidade neste país. Neste sentido, no próximo tópico vamos compreender a relação entre *religiosidade e brasilidade* como contraponto às políticas de exclusão e morte, situando os dribles existenciais da madrinha Francisca como uma expressão de afirmação da vida.

2.2 Devir-Garrincha, madrinha!

Mesmo depois da abolição da escravidão, sabemos que a aventura civilizatória neste país ainda fomenta continuamente o cativo nas entrelinhas das legislações, arquiteturas e discursividades vigentes, produzindo macro e micropolíticas de exclusão. Diversos são os dispositivos sociais que reforçam o silenciamento e o genocídio da população negra, povos indígenas, quilombolas e demais grupos sociais minoritários. Para Nêgo Bispo dos Santos (2020), a grande exclusão produzida após o marco da abolição da escravatura em Pindorama (nome dessa terra antes dos colonizadores a nomearem de Brasil), foi o fato dos invasores europeus terem criminalizado os modos de vida e os bens simbólicos dos povos afro-pindorâmicos.

Assim, segundo o filósofo quilombola, o Brasil produziu uma falsa democracia étnico-racial a partir da revogação do sistema escravagista (1888) até a histórica *Constituição de 1988*. De maneira perversa, continuamos a excluir e estigmatizar os

conteúdos culturais e a própria humanidade dos povos originários e seus saberes cosmológicos. Nas palavras de Ailton Krenak (2020b, p. 10): “aliás, esse clube exclusivo da humanidade – que está na declaração universal dos direitos humanos [...] foram devastando tudo ao seu redor. É como se tivessem elegido uma casta, a humanidade, e todos que estão fora dela são a sub-humanidade”.

Nesta mesma direção, seguem as palavras contundentes do filósofo Nêgo Bispo:

Até a Lei Áurea, tanto povos pindorâmicos quanto povos africanos eram chamados ou de quilombos – portanto, ‘povos criminosos’ –, ou de aldeias, indígenas, povos selvagens. A Lei Áurea diz que esses povos não serão mais escravizados, mas também não revoga a criminalização desses povos. E pior, vamos dizer assim, ela intensifica de forma sutil a criminalização. Porque além de não revogar as leis que criminalizam os povos, ela aperfeiçoa as leis que criminalizam as expressões dos povos, os modos desses povos (SANTOS, 2020, p. 176-77).

No ensaio filosófico do professor camaronês Achille Mbembe (2018) intitulado “*Necropolítica*”, o autor oferece ricas análises para pensarmos as formas contemporâneas onde a vida é subjugada pelas *políticas de morte*. Estas, também são chamadas de necropolítica e necropoder, autorizando as guerras sem fim na ocupação colonial contemporânea, definindo as vidas que importam e as que são consideradas descartáveis. Não é o intuito desta seção aprofundar na tese levantada por este pensador, mas é um estudo de grande valor para as reflexões e pesquisas acerca da história, direito e ciência política na atualidade.

Porém, paralelamente às necropolíticas que estão gerando traumas históricos, genocídios e esquecimento de certas sabedorias tradicionais e populares, nos deparamos com uma importante questão: “A chibata que bate no lombo e a baqueta que bate no tambor são as duas faces dessa moeda. Elas conversam o tempo inteiro. Se a chibata é grito de morte, o tambor é discurso de vida” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 58). Me apoiando teoricamente nos autores Antonio Simas, Luiz Rufino e também nos autores da filosofia da diferença, usarei a expressão *linhas de drible* (uma espécie de Devir-Garrincha)⁴⁵ em contrapartida à ideia de um apagamento existencial total.

⁴⁵ Manoel Francisco dos Santos (Mané Garrincha) foi um dos maiores jogadores de futebol no Brasil e no mundo, conhecido por suas pernas tortas e seus dribles desconcertantes. As características desta personalidade famosa nos anos 50 e 60 do século passado, levou o historiador Luiz Antonio Simas (2020) a cunhar o termo garrinchamentos: num tom lúdico e com sabor de brasilidade, entendendo o futebol e a vida do brasileiro a partir do drible, do deslocamento do corpo, do efeito em burlar o inimigo e marcar o gol. Esta proposta conceitual poderia ser mais bem destacada, mas não é o intuito

Portanto, vejo a religiosidade na Barquinha vivida por dona Chica Gabriel como uma experiência de reconstrução ontológica e dribles existenciais. Driblar para não morrer, driblar para tornar-se forte: uma insistência ancestral que pede passagem e um lugar digno no mundo!

O devir (palavra tão cara à filosofia antiga), como nos ensina o francês Gilles Deleuze (2010) é o movimento contínuo de transformação e a resposta da vida ao intolerável. É o aparecimento do novo no processo de mudança-transformação que as coisas e as pessoas passam, se renovando, se multiplicando, mas também permanecendo e se diferenciando em suas potencialidades. Dona Chica em seu encontro sagrado com o Daime, driblou o futuro sórdido que lhe aguardava e costurou novas e resistentes formas de viver, não previstas por ela.

Devir-Garrincha, madrinha! Garrinchar é verbo com gosto de brasilidade e garrincha também é nome de passarinho, para não perder a poética franciscana quando falamos de Francisca. Mas não se trata apenas de uma expressão romântica, ingênua, exótica ou até mesmo floreada com um patriotismo azul-verde-e-amarelo-fascista. Seguindo o *pensamento terreirizado* de Simas e Rufino (2019, p. 99-100), tomo o termo brasilidade taticamente alicerçado na produção de uma identidade nacional contra-hegemônica, oriunda das manifestações culturais tradicionais do Brasil. Para os autores, não se deve confundir essa brasilidade com o empreendimento colonialista da República Federativa do Brasil que suja de sangue a bandeira do país com discursos de ódio e políticas de morte. Este Brasil necropolítico, nada se parece com os *garrinchamentos* dos “Manés”, das “Marias”, “Franciscos” e “Franciscas” que subvertem a ordem do inimigo/adversário, deslocando o jogo, abrindo brechas e ampliando os horizontes da vida (SIMAS, 2020, p. 113).

Pensem, portanto, a brasilidade como uma expressão real de um país latino-americano, forjado no complexo das “sabenças ancestrais” dessas gentes (RUFINO, 2020, p. 181), com experiências sociais e conhecimentos locais muito valiosos, porém, muitas vezes subalternizados e silenciados. Assim, admitimos que as sabedorias populares que nascem no âmago deste país são potentes afirmações e dribles

do texto, deixando apenas as pistas desse conceito, para o leitor pesquisar na referência citada. Por fim, como nos mostra o livro *A estrela solitária*, do jornalista Ruy Castro (1995), vale lembrar que Garrincha era descendente de povos indígenas Fulni-ô. Neste sentido, procuro relacionar esse conceito com a resistência cultural da ancestralidade brasileira.

existenciais! Contemplando os incríveis dribles do artilheiro Mané Garricha, pensemos mais uma vez a identidade nacional furando a zaga do *carrego colonial* (SIMAS; RUFINO, 2018), com seus efeitos deletérios para as subjetividades minoritárias.

No caso desta pesquisa, reconheço a experiência social da Barquinha da madrinha Francisca como uma religiosidade minoritária, fundada na intrínseca relação da pessoa humana com a biodiversidade amazônica e os seus bens imateriais. Essa relação respeitosa e não fragmentada entre natureza e cultura pode ser entendida também como uma *biointeração*, conforme Nêgo Bispo dos Santos (2015) nos ensina. Para o pensador, as culturas de matriz euro-cristã são cosmo-fóbicas e só se relacionam com os elementos vitais (terra, água, fogo e ar) a partir do castigo, do domínio, da expropriação e do sacrifício. Neste sentido, não seria possível criar confluências de linguagens e saberes cosmológicos entre as religiosidades monoteístas e politeístas, entre os cristãos e os pagãos, entre os colonizadores e os colonizados.

Devo dizer que me contraponho à perspectiva analítica do autor neste ponto, no sentido de afirmar que essas confluências podem acontecer e são realizadas a partir de certos cruzamentos e rearranjos socioculturais que chamarei nesta tese de *confluências pela via do encantamento*. Essas práticas de encantamento ultrapassam os “encapsulados padrões eurocêntricos”, recriando ontologias e epistemologias a partir de uma terreirização dos valores euro-cristãos, ressignificando o complexo epistemológico das macumbas nas crenças e práticas da religiosidade brasileira (SIMAS; RUFINO, 2019). Como diz a música da artista Glória Bomfim (2020), por vezes é necessário invocar a presença dos santos e dos Orixás⁴⁶ para amenizar as dores dos povos desta terra Brasil:

*é muito pranto
tem povo triste em todo canto
é muita dor pra pouco santo
e o santo vira dois
é santo e orixá”.*

⁴⁶ Nas palavras de Reginaldo Prandi (2015, p. 20), os Orixás do panteão iorubano são deuses que “receberam de Olodumare ou Olorum, também chamado de Olofin em Cuba, o Ser Supremo, a incumbência de criar e governar o mundo”. Cada Orixá fica responsável por reger aspectos específicos da natureza e da sociedade em geral. São cultuados principalmente na África e nas Américas.

A híbrida Barquinha da madrinha Chica amplia a noção de brasilidade, expressando uma religiosidade onde a presenças dos santos cristãos, missionários católicos, pretos-velhos da mãe África e os seres encantados das florestas e das águas se encontram e se harmonizam ritualmente. Eles se entendem na experiência do arrebatamento e transmutação da vida! Indo nessa mesma direção teórica, Antonio Simas e Luiz Rufino trazem as seguintes palavras:

Não livre de contradições e das tensões dessa terra, essa cultura vai ganhando diferentes roupagens, reivindicações e usos distintos. Nesse caso, vai do terreiro de terra batida na favela em que quem manda é o preto velho até a macumba sem tambor da classe média que busca 'assepsiar' as chamadas marcas do atraso oriundas do 'baixo espiritismo'. Da absorção de seus referenciais por uma política identitária do Estado-nação adequada ao mito das três raças e da suposta cordialidade do povo brasileiro até a manutenção de práticas comunitárias seculares e sabedorias ancestrais que versam na cura e no fortalecimento de outras identidades políticas. Nas nossas andanças vimos pajelança amazônica que se dizia umbanda, encantaria capitaneada por Tóia Jarina que se nomeava da mesma maneira, Catimbó de mestre Sibamba que reivindicava o mesmo prefixo e camdomblé angola que, pra não falar que era um ou outro, se definia como 'traçado' (SIMAS; RUFINO, 2019, p. 69).

Vejamos que, mesmo diante da tensão nas sobreposições entre crenças e práticas ameríndias, africanas e europeias, nasce no Brasil um terreno fértil para um encruzamento cultural potente, subvertendo a lógica clerical das ortodoxias religiosas católicas, fugindo da previsibilidade da verdade única e universal. Como vimos anteriormente, a Barquinha da madrinha Chica é entendida como uma linha ayahuasqueira tradicionalista, mas de uma tradição não estática, portanto, mutável e com uma cosmologia em contínua construção (ARAÚJO, 1999). Neste sentido, a híbrida cosmologia do CEOCPE parece guardar uma íntima relação com os elementos da natureza:

Como é próprio das religiões da natureza não se processa verticalização e sim crescimento ou expansão na horizontalidade, ou seja, novos mestres vão se revelando e novas igrejas vão se constituindo, prevalecendo o respeito e a amizade entre eles. Quando se verifica a tendência a fomentar oposição entre as diversas igrejas do Daime, isso decorre, provavelmente, devido ao padrão como se estabeleceu e consolidou a Igreja Católica Romana, enquanto estado universal, globalizado e solidamente hierarquizado. Aqueles que carecem de discernimento, mesmo inserindo Daime, exprimem aquele padrão que foi internalizado por essa cultura romana que está nos fundamentos do ocidente (ALMEIDA, 2005, p. 30).

Apoiado novamente pelos textos de Luiz Antonio Simas, ênfase a noção de brasilidade, convidando os leitores a inverterem a lógica do pensamento "está tudo dominado" por um instante e experimentarem a seguinte perspectiva: os saberes dos

povos ameríndios amazônicos e dos filhos da diáspora negro-africana não foram apenas convertidos e totalmente enquadrados pelo catolicismo romanizado. Com suas ciências enigmáticas e ancestrais, *encantaram o cristianismo* europeu e as missões jesuíticas trazidas para o Brasil. Isso se deu a partir de uma “adequação transgressora”, como aponta Simas (2020, p. 178-9), louvando o modelo religioso católico e sua catequese, porém, incluindo outras semióticas, liturgias e signos sagrados. O que isso nos ensina? Qual é o efeito pedagógico para a sociedade quando uma religião originalmente brasileira coloca no mesmo altar elementos da natureza, seres encantados do mar, juntamente com as imagens de Nossa Senhora da Paz e a última ceia de Jesus Cristo?

Foto 4 - Altar no Barco na festa de ano novo



Fonte: Isabel Carvalho (2021). Memorial CEOPE. Niterói.

Esta imagem é rica em sua composição mítica e semiótica, veiculando de modo não verbal, um certo modelo de subjetividade e religiosidade à brasileira. Ademais, demarca uma política cognitiva, atenta à multiplicidade dos atravessamentos cosmológicos e ontológicos. Nesta mesma direção, recorro a um belo depoimento da Andréia Carvalho, uma adepta da Barquinha de Niterói, contanto sobre o seu encontro com a religiosidade nas terras fluminenses até se tornar fardada na Barquinha da madrinha Chica.

Ainda criança, reza a lenda que o caboclo Pena Branca disse pra minha mãe Dina que eu era médium. Eu via e falava coisas que não era comuns em crianças. Ele orientou que algo fosse feito (que nunca soube o quê) para que isso se manifestasse mais tarde. Não sei se deu certo. Eu desmaiava nas igrejas evangélicas que comecei a visitar na adolescência e aos 21 as manifestações começaram em qualquer lugar e só acalmaram ao entrar num terreiro de roupa branca quando fiz 24. Ano da morte de minha mãe amada

do coração... Nesse mesmo chão permaneci por 18 anos e sempre o amarei. Mas não fui feita só desse barro, sempre me fez falta outras referências da infância. Minha mãe Dina gostava de missa, procissão, quermesse, reza e trezena de Santo Antônio. Fiz a primeira comunhão e me acostumei com sua devoção a Santa Clara e Santo Expedito. Assistia com ela na TV a Missa do Galo no Natal. Mais brasileiro, impossível! Sempre tive um tercinho de Patuá e gostava de ficar rezando a Ave Maria nele mesmo sem lembrar das outras rezas. Sempre visitava igrejas e chorava ao ver a imagem do Cristo. Acho que por isso procurei tanto os seus louvores na igreja evangélica na adolescência, mas não consegui ficar. Lá não se pegava doce, não se via os caboclos dançando com seu brado, nem a Mãe d'água encantar. Ao mesmo tempo lá eu não rezava chorosa pra Nossa Senhora consolar meu coração. Percebi rapidamente que aquele não era o meu lugar, no máximo viraria uma 'sinistra irmã da revelação' com minhas entidades dando os toques. Até o dia em que talvez uma gargalhada estridente fizesse com que eu fosse expulsa... Me encontrei anos depois, onde minha fé católica à brasileira também pôde ser cultuada de um jeito simples e cantado, sem abandonar minhas raízes. Cada dia mais amo a devoção do Rosário, da Semana Santa, das Novenas, do Natal e de praticamente todo calendário litúrgico que acompanho pelos cânticos lindamente presenteados por Santos Seres do céu, da terra e do mar. Como amo as Romarias, as devoções dos Santos, ser marinheira, água e folha da Amazônia! Como aprendo com uma grande matriarca de Nanã, fiel devota da Virgem Santíssima e que faz os seus festejos com encantos, erês e pretos-velhos! (Andréia Carvalho, 2022, informação verbal).

Percebe-se no Brasil, o nascimento de híbridas expressões religiosas e culturais, marcadas por uma espécie de antropofagia mística onde as rezas do rosário e os benzimentos católicos andam juntos com a cura da pajelança, com o transe extático, com o toque dos tambores e a inclusão dos enteógenos. Como relatou Andréia, a religiosidade da madrinha Chica “*grande matriarca de Nanã*”⁴⁷ também é marcada pelas danças e presenças de seres divinos vindos das expressões espirituais não europeias.

Neste encantamento do cristianismo pelo complexo epistemológico das macumbas, a cultura religiosa do CEOCPE pode ser vista como um cristianismo amazônico, cruzado com outras matrizes religiosas, numa perspectiva de acréscimo e multiplicação de força vital. A Barquinha é híbrida, como defende Ricardo Santos (2021), tendo o Daime como sacramento que une, soma e transforma todos esses

⁴⁷ Nanã na cosmogonia dos Orixás, se apresenta como uma anciã, divindade feminina que se relaciona com a origem do homem na Terra. Na mitologia iorubá, segundo Reginaldo Prandi (2015, p. 196), Nanã forneceu lama ao orixá Oxalá para ele moldar e dar consistência ao corpo do homem, efetuando a tarefa de criar o homem. Uma cor ligada a esta divindade é o lilás, cor que está acentuada na fachada do Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe e Espadarte, em Rio Branco. No calendário da Barquinha da madrinha Chica, todo ano no dia 31 de julho, este centro-igrejinha homenageia a Senhora de Santa Ana na igreja, avó de Jesus Cristo, conforme está escrito no livro da “Bíblia de Jerusalém”, escritura sagrada para os cristãos (GORGULHO, STORNILOLO E ANDERSON, 2015). Nesse mesmo dia de Santa Ana, no segundo ato dos trabalhos, o CEOCPE também homenageia Nanã no terreiro, cantando, tocando e dançando os pontos dos Orixás. Essa relação de filiação espiritual entre Nanã e Francisca é muito falada neste centro-igrejinha.

elementos heterogêneos em uma expressão religiosa singular. Nessa direção, segue o relato de uma preta-velha entrevistada nesta pesquisa:

É claro que às vezes - digamos assim - tem um filho que vem e que tem... digamos assim, alguma semelhança com o candomblé, né! Uns vêm que não tem semelhança com nada, uns vêm que têm semelhança com o catolicismo com a Igreja Católica, uns vêm que têm semelhança porque é evangélico, né! Mas - digamos assim - a luz do santo Daime ele em tudo se soma, ela a tudo se soma, ela tudo transforma! Não é - digamos assim - uma casa, um segmento que diga: ah, você não pode, você não pode! Porque na casa de Deus entram todos, todos aqueles que querem entrar. Então, - digamos assim - a meu ver - digamos - a casa de Frei Daniel abraça a todos e, todos - vamos dizer assim - seguindo o caminho, a disciplina, os ensinamentos, ouvindo os salmos, os cânticos que são cantados em cada corrente de trabalho que se faz - digamos assim - é num rosário, - é digamos assim - é numa quarta-feira de instruções, é num sábado de obras de caridade é em todo ele, todo e qualquer trabalho - digamos assim - é um trabalho realmente de aprofundamento dos filhos diante de Deus, diante da fé e, - digamos assim - junto à luz do santo Daime que mostra realmente aos filhos aquilo que cada um traz! (Vó Cambinda das Almas, 2021, informação verbal).

Foto 5 - Madrinha Francisca irradiando as entidades



Fonte: Memorial CEOCPE (2021). Rio Branco.⁴⁸

Por fim, respondendo à pergunta disparadora do tópico anterior, essa senhora amazonense chamada Francisca é neta, filha, irmã, mãe, avó, bisavó e tataravó de

⁴⁸ Nesta foto a madrinha Francisca está irradiada pelas entidades, acompanhada pela sua filha Neide, sua neta Cléia e toda a irmandade do CEOCPE de Rio Branco, em homenagem à Nanã no dia 31 de julho de 2021.

uma brasilidade onde a fé e a festa, a dor e a alegria, a penitência e a dança, a igreja e o terreiro, Jesus Cristo, Maria, José, os pretos-velhos e os encantados encontram-se navegando no mesmo barco!

2.3 O campo social e a infância de Chiquinha

No dia 7 de junho de 1934, nascia Francisca Campos do Nascimento. Veio ao mundo em uma colônia na Vila Antimari, posteriormente chamada Vila Floriano Peixoto, situada no maior estado brasileiro em extensão, o Amazonas. Fruto do casamento de Raimunda Luiza Campos e Manoel Pereira Campos, Francisca também tinha um irmão mais velho, chamado Apolinário Pereira Campos (MACHADO et al., 2017). A terra natal de Chiquinha era um território de grande mixagem sociocultural, hoje situada no município Boca do Acre. Na época do seu nascimento, havia extração da borracha nos seringais, portanto, no mesmo local encontravam-se imigrantes, além da população rural local e pelo menos seis etnias indígenas originárias da região.

Neste período, a cidade de Rio Branco, local onde Francisca Campos do Nascimento viria a morar em meados da década de 1940, estava se tornando o centro das decisões econômicas no mercado da borracha e politicamente o país estava vivendo a “Era de Getúlio Vargas”. Como mostram Almeida e Souza (2008, p. 16), na década de 1930 e posteriormente na década de 1940, cerca de sessenta mil nordestinos foram levados ao Acre por incentivo governamental, porém, de forma precária, “trazendo o mínimo para a sobrevivência nas selvas e sem conhecimento algum sobre os seus direitos nem sobre o volume monetário” em torno dos seus trabalhos.

A partir de 1942, com o início da *Batalha da Borracha* no Acre, os trabalhadores do extrativismo viviam como soldados de guerra (eram nomeados soldados da borracha), garantindo o fornecimento de matéria-prima para o governo norte-americano, no período final da *II Guerra Mundial*. Neste período, foram contabilizadas milhares de mortes de trabalhadores no entorno dos seringais amazônicos, sem vestígios nem visibilidade social. Em contrapartida, os comércios prosperavam com o reaquecimento econômico local (ALMEIDA; SOUZA, 2008; NEVES, 2018). A intensa expansão urbana no Acre durou até década de 1970, quando o extrativismo da borracha entrou em crise. Nesse período histórico, o Brasil vivia uma conjuntura política conservadora e autoritária na ditadura civil/militar em todo território nacional.

Nesta circunstância, as cidades acreanas se tornaram mais volumosas, aumentando desordenadamente a formação de bairros urbanos, em situações habitacionais precárias. Com a explosão demográfica e o intenso fluxo migratório do campo para a cidade, o governo local desenvolveu ações políticas e obras públicas para garantir uma infraestrutura mínima (escolas, postos de saúde, penitenciária, aeroporto etc), dando suporte aos comerciantes e as famílias locais (NEVES, 2018). Este era o cenário sociocultural no processo de urbanização em Rio Branco:

Foi nesse período que Rio Branco passou a ter característica que viriam a se desenvolver nas décadas posteriores. Os equipamentos públicos instalados pelo governo territorial e as colônias agrícolas serviriam como novos pontos de atração e fixação urbana e suburbana, A Cerâmica, o Aviário, a Estação Experimental, o Aeroporto Velho, a Fazenda Sobral, as colônias São Francisco e Apolônio Sales, entre outros, deram origem a alguns dos atuais bairros da cidade, revelando os fluxos e processos espaciais da cidade desde então (NEVES, 2018 p. 122).

Antes de experimentar esse modo de subjetivação no Acre, como dito anteriormente, Francisca nasceu e viveu os primeiros anos de sua vida no estado do Amazonas. Durante a gestação de Chiquinha, não havia assistência médica regular, porém, a própria cultura se encarregava de gerir e transmitir esses saberes, garantindo os cuidados para as gestantes com a presença de parteiras locais. No parto de dona Raimunda, mãe de Francisca, quem deu assistência foi dona Maria das Neves Moreira, sua vizinha. Esta tornou-se madrinha de batismo e futuramente a mãe adotiva de Chiquinha, pois o pai e a mãe da criança faleceram quando ela tinha cerca de três anos de idade. É preciso dizer que o apelido Chiquinha foi dado por sua “mãe de criação”, como relata uma das filhas da madrinha Francisca.

A vó Maria, sempre chamou ela de Chiquinha! E ela não permitia que alguém chamasse ela de Chica, porque ela não gostava. Então, quem falava o nome da mamãe... quem falasse o nome de Chica pegava um ‘carão’ (risos). Era Chiquinha, todo mundo lá, chamava ela de Chiquinha... os irmãos de criação e a madrinha Paulina que era irmã (Francisca das Chagas, 2022, informação verbal).

De modo geral, as pesquisas sobre a Barquinha narram que Francisca desconheceu o motivo da morte dos seus pais. Porém, no livro *Imagens de Cura: Ayahuasca, imaginação, saúde e doença na Barquinha*, de Marcelo Mercante (2012, p. 72), podemos encontrar um relato oral de Alcimar que é filho da madrinha, dizendo que os seus avós morreram provavelmente vítimas da malária ou da febre amarela. Devido à orfandade, Francisca e o seu irmão foram criados separados. Chiquinha, foi criada por Maria das Neves e por Manoel Balbino, este exercia o ofício de “regatão”,

um comerciante de mercadorias diversas que transportava desde bebidas à tecidos de borracha. Em sua nova família, Francisca viveu com outros irmãos e irmãs, alguns faleceram jovens vitimados também pela febre amarela, pelo sarampo e por complicações alimentares (MACHADO et al., 2017, p. 9).

Neste sentido, convoco para esta análise sociocultural da infância da madrinha, as discussões acerca dos grupos sociais historicamente marginalizados, realizada pelo argentino Alfredo Moffatt (1986) no livro *Psicoterapia do oprimido: ideologia e técnica da psiquiatria popular*. Dialogando com o Moffatt, considero que o nascimento de Francisca se deu em uma camada social marginalizada da sociedade amazonense, em um cotidiano marcado pela pauperização da vida. Esses grupos sociais, vivem inseridos em localizações ecológicas específicas (favelas, cortiços, vilas etc). Ao comparar “os pobres” do Brasil, Peru e Argentina, o autor nos diz:

Em viagens de estudo por zonas de subdesenvolvimento extremo no norte do Brasil (Amazônia) e por áreas camponesas pobres do Peru (região de Cusco, dos índios quíchuas) pode-se observar que certas técnicas instrumentais para o reaproveitamento de objetos, estilos alimentares e familiares e o fatalismo básico são comuns a todos estes grupos e são, ao mesmo tempo, equivalentes aos padrões da cultura da pobreza em nossas favelas (MOFFATT, 1986, p. 71).

As famílias dessas classes sociais, segundo Moffatt (1986), vivem administrando grandes inseguranças e incertezas em seus projetos de vida devido à pobreza extrema, estando na linha mais tênue da desigualdade social! Desenvolvem, assim, traços psicosssexuais, expressões emocionais, organização do tempo laboral, símbolos religiosos e atividades de lazer diferentemente das famílias de classe média e da alta burguesia. Portanto, neste caso não cabe qualquer tentativa de *edipianizar*⁴⁹ em termos psicanalíticos a compreensão psicológica das famílias nascidas nessas condições materiais inóspitas e com profunda disparidade social.

Portanto, os processos de subjetivação nessas comunidades carregam importantes particularidades, em função do seu contexto econômico e sociocultural (MOFFATT, 1986). No funcionamento familiar dos sujeitos historicamente marginalizados, segundo o autor, torna-se comum as mães criarem vários filhos com

⁴⁹ No arcabouço teórico da psicanálise fundada por Sigmund Freud, o Complexo de Édipo é um conceito fundamental para a explicação da origem sexual da neurose, primeiramente no seio familiar. O problema em questão é que este postulado sobre a estruturação da personalidade muitas vezes é interpretado erroneamente como uma hipótese universal, atemporal e válida para todas as culturas.

a ausência da figura paterna. Em muitos outros casos, o pai presente está ligado ao alcoolismo e a violência sexual. Além disso, a presença da avó assume, muitas vezes, um papel fundamental na criação das crianças. Portanto, até a elaboração psíquica e emocional de perdas e lutos, como foi o caso de Francisca, carrega uma particularidade que só pode ser analisada a partir dos recursos culturais locais.

As condições de vida em contínua escassez econômica faz desmontar a ideia de um *modelo universal da infância*, como no caso de Chiquinha e de tantas outras crianças que vivem os seus primeiros anos de vida sem a referência do triângulo edipiano (pai, mãe e filho/a). Segundo José Roberto Tozoni Reis (1987), ao analisar a família pensada por Freud a partir da *Psicologia Social*, o autor conclui que o criador da psicanálise, apesar das suas importantes descobertas, reduziu a família a um modelo psicológico da família burguesa. Segundo o autor brasileiro, a análise freudiana perdeu de vista a complexidade da dimensão social e cultural, postulando como natural e inevitável certas estruturas que organizam o psiquismo nas famílias em geral, a exemplo da dominação patriarcal e a repressão sexual.

Para a feminista Grada Kilomba (2021), a ideia de *trauma* na psicanálise raramente é aplicada no contexto do racismo, indicando que as disciplinas consagradas da psicologia, pelo seu viés branco e eurocêntrico, negligenciam amplamente as cosmovisões das sociedades não ocidentais ou periféricas. As teorias e práticas psicoterapêuticas que pleiteiam a explicação universal do funcionamento do psiquismo humano, comumente correm o risco de serem indiferentes às opressões de cunho histórico e étnico-racial na formação do trauma e na expressão dos sintomas neuróticos desses grupos sociais. Como é o caso da psicanálise, segundo Grada Kilomba, geralmente o trauma colonial e o sofrimento psíquico das pessoas negras e/ou subalternizadas são compreendidos apenas em sua trama psíquica e individual.

Esses setores e grupos sociais marginalizados além de viverem experiências de extrema pobreza, exploração e opressão, têm os seus saberes e suas tecnologias culturais colocados em descrédito pelas epistemologias oficiais. Como nos diz Moffatt (1986, p. 77), “o pobre se encontra na condição de perdedor”, muitas vezes precisando assumir os discursos dos opressores e ignorando os próprios recursos simbólicos. Essa “decapitação cultural”, acontece em vários níveis: quando as classes sociais politicamente dominantes negam outros modos de vida e suas expressões artísticas, econômicas, linguísticas, religiosas, terapêuticas etc.

Ao analisar a infância de Francisca pelo prisma do campo social, percebo que apesar dos infortúnios e sofrimentos vividos com a experiência da pobreza e orfandade, foi no seio da sua própria cultura que a madrinha encontrou os recursos necessários para dar os primeiros dribles existenciais, saindo da condição de uma “sobra vivente”, nos termos de Simas e Rufino (2018, 2020). Primeiramente, a madrinha Chica foi adotada prontamente pelos seus padrinhos de batismo e posteriormente, encontrou no casamento com o seu esposo Francisco Gabriel, novas oportunidades para ampliar os seus projetos de vida. Apesar dessa última afirmação estar arraigada nas engrenagens patriarcais, a própria Francisca afirma em conversas informais que “encontrou no casamento” uma oportunidade de uma nova vida. Porém, foi no encontro com o Daime na casa do Mestre Daniel que Francisca se viu assistida por uma terapêutica popular que sustentou as suas perspectivas de sobrevivência, colocadas em risco.

Francisca conta que durante a sua infância, não faltou o alimento, digamos assim, material e espiritual. Os pais adotivos dela trabalharam na agricultura, mantendo uma plantação familiar em uma colônia. Espiritualmente, a nutrição religiosa de Francisca esteve ligada à Igreja Católica, sendo confirmada no batismo, primeira comunhão e a crisma (MACHADO et al., 2017).

Neste sentido, cabe uma importante observação sobre a fé católica no Brasil do início do século XX. Segundo Marcelo Mercante (2012), a presença do cristianismo no estado do Acre esteve tensionada entre uma verve popular trazida na bagagem religiosa dos nordestinos retirantes e o enquadramento do catolicismo romanizado, instruído por bispos reformadores da Europa:

As ordens religiosas tradicionais (jesuítas, franciscanos, beneditinos, carmelitas) enfrentavam uma série de problemas internos, e o chefe da Igreja brasileira não era o Papa, mas o imperador do Brasil. Esse ambiente permitia que diferentes tradições se mesclassem facilmente, em um sincretismo aberto e franco de práticas, crenças e deidade de origem cristã, africana e indígena (MERCANTE, 2012, p. 67).

A vertente do cristianismo europeizante (clerical, branca e romanizadora) se instala no Brasil a partir da metade do século XIX, marcando a tentativa de substituir e desqualificar o catolicismo abasileirado, liderado por “padres” leigos, livres-pensadores carismáticos, beatos e ermitões (OLIVEIRA, 2002, p. 20-1). Estes líderes populares, segundo a autora, traziam a expressão de uma religiosidade descentralizada que promoviam festas para os santos cultuados no Brasil colonial,

recolhendo e distribuindo esmolas, rezando terços, ladainhas e novenas a partir de manifestações espontâneas da fé popular. Para Mercante (2012), ao invés das missas dominicais, as organizações leigas rezavam o rosário: expressões micropolíticas de resistência popular no âmbito religioso! Padre Cícero Romão Batista (Juazeiro) e o peregrino Antônio Conselheiro (Canudos), foram líderes populares que apesar do grande exemplo e prestígio conquistado em suas comunidades locais, pagaram um preço caro, sendo considerados imorais, desordeiros, supersticiosos e desautorizados pela Igreja Católica romanizada.

Portanto, este catolicismo colonial durou até janeiro de 1890, quando o Estado e a Igreja se separaram, conferindo força política às autoridades eclesiásticas para romanizar o catolicismo no Brasil (MERCANTE, 2002). Certamente, o cristianismo nos estados do Amazonas e Acre não foram completamente “purificados”, pois como estou defendendo nesta tese, sempre houve expressões de resistências e cruzamentos litúrgicos e ontológicos, sendo assim, veremos adiante que a Barquinha também nasce como uma expressão de uma religiosidade popular, quando o Mestre Daniel se converteu em um exímio seguidor de Jesus Cristo e da Rainha do Mar, construindo uma capelinha na beira da estrada para ajudar os viajantes, pobres e necessitados, louvando a Deus e oferecendo Daime, se autoproclamando cristão e edificando de modo artesanal o seu templo sagrado: a Capelinha de São Francisco.

Na sequência, vou realizar um salto estratégico nessa narrativa sobre a vida de Chiquinha, pulando como uma criança a fase da adolescência e o início da vida adulta de Francisca, para investigar como se deu o encontro dela com o Mestre Daniel na capelinha para receber o santo Daime.

2.4 Dobrando a morte: Daime saúde

No dia 07 de junho de 2020, eu estava atento aos acontecimentos no campo de pesquisa, pois era um dia especial no CEOCPE: comemorava-se o aniversário de 86 anos da madrinha Francisca de modo singular. O Brasil estava passando por uma grande crise sanitária, devido à pandemia mundial (Covid-19). Portanto, os encontros comunitários e festejos populares estavam proibidos pelas medidas de isolamento social. Para a comunidade da Barquinha da madrinha Chica, este dia consta no calendário litúrgico como um dia oficial onde os soldados vestem as suas fardas de

marinheiros e batem continência à dirigente geral, prestando as suas homenagens à “Rosa da Missão”.

Para não passarem em branco na data natalícia desta matriarca, os membros oficiais realizaram um trabalho espiritual inusitado, a partir de uma conferência on-line. Os dirigentes integraram o CEOCPE matriz com as filiais do Brasil inteiro, reunindo as pessoas em suas casas e alguns poucos membros nos templos para fazerem uma cerimônia singela de homenagens. Aconteceu em uma tarde de domingo, portanto, como de costume neste dia, todos comungaram o Daime e realizaram a devoção do *Rosário de Nossa Senhora*,⁵⁰ além da apresentação dos salmos cantados por cada comunidade filial, além da matriz em Rio Branco. Chica Gabriel rezou o rosário inteiramente, emocionando muitos adeptos que moram em outras cidades e nunca haviam compartilhado um momento de devoção com esta professora.

Neste dia, os dirigentes de outras cidades também contaram alguns causos e trouxeram lembranças importantes sobre a madrinha e o movimento religioso dirigido por ela. A fala de um dirigente me chamou bastante atenção: “*Madrinha, você venceu a morte!*”. Nesta afirmação, ele rememorava a chegada de Francisca na casa do Mestre Daniel na década de 1950, com uma doença severa e a sua posterior cura recebida nesta linhagem espiritual. Ao escutar aquela frase impactante, fiz uma nota mental e por alguns instantes fiquei refletindo sobre a força que ela trazia, ao mesmo tempo, eu sentia uma estranha sensação de desençaixe naquela expressão. Ora, pensei: “*como a madrinha Chica venceu a morte? Ninguém vence a morte!*”.

Alguns dias após o aniversário de dona Chica Gabriel, ainda com aquele impasse, me deparei com a expressão *dobrar a morte* de Simas e Rufino (2018). A meu ver, este conceito traz elementos interessantes para pensarmos a passagem gradual da sobrevivência (doença) para a supravivência (vivacidade) da madrinha Francisca, após o seu encontro com o santo Daime, acompanhada pelo Mestre Daniel. O meu desejo era voltar no tempo e torcer aquela frase, dizendo: “*Madrinha, você dobrou a morte!*”.

⁵⁰ A devoção católica ao Rosário de Nossa Senhora, foi instituída como um compromisso oficial na Barquinha da madrinha Chica. A devoção aos três mistérios contidos no Rosário de Maria (gozosos, dolorosos e gloriosos) integram o compromisso dominical deste grupo, sendo considerada a principal devoção de Francisca e deste segmento.

Mas como é possível alguém dobrar a morte? Como alguém pode sobreviver? Primeiramente, devemos evitar qualquer literalidade na compreensão e uso dessas expressões, pois são conceitos carregados de mirongas e poéticas. Para Luiz Rufino (2019), na cosmogonia iorubana a morte não é lida apenas como oposição à vida, mas como um estado de escassez, desconexão com os ancestrais, desperdício de potencialidades e diminuição da energia vital. Na esteira dessa cosmovisão, a morte se próxima à noção de esquecimento e desencantamento, não ao desencarne. Portanto, a despedida da vida física seria apenas uma passagem transformada para a vida no plano espiritual. Trocando em miúdos, tem gente que está morto em vida, e outros, como o Mestre Daniel, estão cheios de vida, mesmo depois que morrem. Portanto, nas palavras de Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino (2018, p. 31):

Um ancestral de um determinado grupo, mesmo na condição que conhecemos como desencarnado, ocupa uma condição de vivo, uma vez que interage, é lembrado, é reverenciado e participa das dinâmicas da vida e do cotidiano daquele grupo. Nesse caso, a condição de não vivo estaria vinculada ao esquecimento. Ou seja, perda de potência.

Neste sentido, entendo que a condição histórica e socioeconômica que Francisca cresceu e se desenvolveu, em certo nível produzia uma diminuição da sua vitalidade, vivendo juntamente com os seus conterrâneos as lutas extenuantes pela sobrevivência, no estado do Amazonas e posteriormente no Acre. Na direção dos argumentos construídos nesta tese, entendo que o funcionamento das políticas de aniquilação/morte que compõem a agenda capitalista, colonialista e patriarcal, são efetuadas a partir de duas estratégias. A primeira estratégia de aniquilação é ontológica: deixando certos corpos morrerem fisicamente pelo extermínio, genocídio, esquecimento, exclusão, exploração, cerceamento de direitos e quebra do pertencimento comum. A segunda instância é epistemológica: silenciando os saberes locais, descredibilizando culturas milenares, estigmatizando cosmovisões não ocidentalizadas, suprimindo memórias e aniquilando bens simbólicos dos antepassados (não brancos).

Nesta linha de pensamento, podemos entender que as constantes batalhas de Francisca para perseverar na vida escassa, podem ter produzido desarranjos em sua saúde (perda de potência vital), sendo uma porta de entrada à enfermidade corporal e espiritual! Das sobras viventes aos sobreviventes, diriam Simas e Rufino (2020), poucos conseguem driblar as condições de exclusão ou sair da reatividade para

afirmar uma vida digna. Essa afirmação da dignidade ou *encantamento da vida* é aquilo que os autores estão chamando de supravivência, ou melhor: dobrar a morte. Muitos grupos sociais minoritários dobram continuamente a morte, a partir de muitas linhas de dribles. Uma dessas vias está no complexo epistemológico das macumbas, ou seja, nas sofisticadas culturas e religiosidades de terreiros no Brasil. Para Simas e Rufino:

Somos orientados por aqueles que na escassez, na ausência e na interdição inventaram possibilidades. [...] Por mais que o colonialismo tenha nos submetido ao dismantelamento cognitivo, a desordem das memórias, a quebra das pertenças e ao trauma, hoje somos herdeiros daqueles que se reconstruíram a partir de seus cacos. A resiliência é a virtude dos que atravessaram o mar a nado por cima de dois barris. Quem atravessa a calunga grande certamente não se desencantará na praia (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 13-4).

Ora, desde a chegada de Francisca à casa do Mestre Daniel, iniciou-se para esta irmã uma jornada que se resume na palavra *caridade*. Pela via da religiosidade daimista, Francisca conheceu uma vida mais afirmativa e potente, dobrando e driblando a morte! Foi no dia 20 de maio de 1957 que ela chegou à Capelinha de São Francisco. Para narrar este importante acontecimento, me apoio nas bibliografias e autores que pesquisaram o movimento religioso da Barquinha, mas também nos salmos recebidos⁵¹ pelos médiuns desta doutrina, contando através de lindas canções, os acontecimentos importantes nesta escola espiritual.

Segue um pequeno trecho de um salmo intitulado *Frutos de Caridade*, recebido e psicografado por Lusiélia Venâncio. Esta mensagem é atribuída ao espírito do Mestre Daniel Pereira de Mattos, homenageando e contando a história da chegada e caminhada de Francisca Gabriel em sua casa:

I
 Numa manhã ensolarada
 Meu coração se emocionou
 Na capelinha de São Francisco
 Essa irmã humilde chegou

II
 Em vida convivemos um ano
 Eu parti, ela permaneceu
 Cumpriu por mais 34 anos
 Sua missão ao lado de Deus

⁵¹ Na dissertação de mestrado de Daniel Flores (2020), encontra-se uma discussão mais aprofundada sobre o ato de receber salmos como uma expressão ao mesmo tempo musical e mediúnica (música mediúnica), na Barquinha da madrinha Francisca.

III

*Com a permissão do Pai da Criação
E da Virgem Senhora da Glória
Iniciou a sua casinha
Com o preparo que a vós lhe dei
Continuando meus ensinamentos
E do seu lado sempre estarei⁵²*

Conforme Marcelo Mercante (2012, p. 74) e Cristiane Albuquerque Costa (2019), Francisca foi levada pelo seu esposo Francisco Gabriel até a casa de Daniel, angustiada e pedindo algum tratamento para o seu corpo que estava coberto de feridas que apareciam como tumores, provocando coceiras e muita ardência. No livro de homenagens à Francisca Campos do Nascimento, lançado em 2017, tem uma seção intitulada *A doença e o encontro com Mestre Daniel* (MACHADO et al., 2017, p. 20), a qual traz detalhes dessa dolorosa passagem na vida de Francisca.

Após ter sido “desenganada” pelos médicos locais, pois não encontravam a causa e nem um prognóstico favorável diante daquele quadro clínico de adoecimento, mandaram dona Chica Gabriel para casa sem esperanças de cura. Ao lembrar essa passagem em sua vida, Francisca afirma que não tinha medo de morrer, porém, o seu maior temor era deixar as suas três filhas pequenas órfãs, assim como ela vivenciou e sabia das suas duras consequências (MACHADO et al., 2017).

Diante desta situação, seu esposo Francisco Gabriel se lembrou de um homem rezador com fama de bom curador que conhecera anteriormente, quando estava realizando um serviço de carpintaria próximo ao bairro Vila Ivonete. Neste local, Francisco sabia que residia o Mestre Daniel, pois já o tinha visitado juntamente com o seu amigo Luís, possivelmente no ano de 1946 (MACHADO et al., 2017).

Era uma manhã “ensolarada”, como afirma o salmo, quando Daniel recebeu o casal para auxiliá-los. Percebendo a angústia na feição de Francisca, o Mestre solicitou que ela entrasse em sua igreja simples, ofereceu-lhe água e pediu para ela se sentar em um dos banquinhos de madeira (MERCANTE, 2012; COSTA, 2019). Neste dia acolhedor, Francisca tomou apenas uma pequena quantidade de Daime como remédio! Percebendo o constrangimento daquela mulher que imaginava ter uma doença contagiosa, Daniel recomendou à irmandade presente na sessão que não

⁵² Fragmento do salmo recebido por Lusiélia - acervo memorial CEOCPE.

tivessem medo, pois a doença de Francisca era apenas dela, feita somente para ela. O que ela tinha era um malefício recebido espiritualmente: era um “mal secreto”. Neste sentido, qual saber possibilitava o Mestre Daniel fazer esta afirmação?

Segundo constam nas narrativas orais e nas bibliografias citadas, Daniel pediu ao irmão José Joaquim para tomar o Daime e fazer uma *busca espiritual*, averiguando a condição de Francisca. Segundo Eloi Magalhães (2014), José Joaquim foi o primeiro marinheiro da Barquinha a partir para a “grande viagem” e depois de falecido, ganhou o título de Frei José Joaquim “*o pastor das almas*”. Em vida, era a pessoa responsável pelas procurações espirituais, auxiliado pelo Daime a buscar as explicações para os problemas das pessoas que chegavam à Capelinha de São Francisco. Mestre Daniel “passava o visto” final, confirmando ou refazendo a procura, além disso, propunha um tratamento aos consulentes.

Diante daquele malefício, Daniel estava convicto da possibilidade de cura de dona Chiquinha, como ele gostava de chamá-la. Conta-se então, que em outra oportunidade Daniel pediu para Chiquinha enxugar as lágrimas e perguntou por três vezes se ela acreditava em São Francisco das Chagas. Ela respondeu que acreditava! Diante daquele ato de fé, dizia o Mestre que ela então seria curada, mas levaria algum tempo. Esta confirmação trouxe um grande alívio para Francisca, pois encontrou naquela capelinha um apoio espiritual e emocional, além de ser orientada pelo Mestre a retornar com a amamentação da sua terceira filha (Francisca das Chagas), recém-nascida. Em uma entrevista cedida para Almeida e Souza (2008, p. 50), Francisca narra o seu encontro com Daniel e o Daime da seguinte maneira:

Ele disse que quanto mais Daime eu tomasse, seria melhor pra mim, mas só que de início também, ele não me deu Daime assim para trabalhar. Ele me deu um Daime numa garrafinha pra tomar como remédio. E me ensinou a tomar uma colher pela manhã, outra ao meio dia e a noite. E no dia que eu viesse assistir ao trabalho, entonce eu tomasse uma colher daquele Daime e viesse embora.

Além do tratamento com o Daime, segundo Sandra Goulart (2004, p. 149), Chica Gabriel se submeteu a um longo tratamento que “implicou numa série de procedimentos, combinando-se receitas fitoterápicas a de ‘remédios de farmácia’, indicados pelo próprio Mestre Daniel”. Após sete anos Francisca se viu completamente saudável, prometendo seguir naquela linha espiritual até o dia em que Deus determinasse.

Estas práticas curativas eram muito conhecidas e requisitadas na juventude de Francisca, principalmente pela população rural e povos originários no eixo norte-nordeste. São heranças da ciência encantada dos pajés, benzedoras e xamãs da floresta amazônica, principais curandeiros daquelas regiões que na época eram desassistidas pela medicina oficial. Para Antonio Bianchi (2005), a habilidade de um xamã depende de um treinamento adequado, constituindo uma afinidade com certas dietas e adquirindo conhecimento com as plantas professoras. Para o autor, a “viagem ao mundo espiritual e contato com os espíritos, mais do que para curar, serve para obter conhecimentos e favores que assegurem, àqueles que consomem as plantas alucinógenas, uma sintonia íntima com o ambiente da floresta” (BIANCHI, 2005, p. 325).

Neste sentido, procurei compreender nas entrevistas de campo e conversas informais, quais foram os motivos e o momento da vida em que os meus interlocutores – afilhados e afilhadas de Chica Gabriel – chegaram no seguimento espiritual liderado pela madrinha. Será que a chegada deles no CEOCPE tinha alguma similaridade com a chegada de Francisca, no sentido de procurar auxílio para doenças e situações de sofrimento em suas vidas?

Na maioria dos relatos, os entrevistados disseram que conheceram o Daime ou por questões de saúde, ou pela necessidade de dar um sentido mais amplo em suas vidas. Alguns procuravam respostas ao “vazio interior”, “depressão”, “problemas sérios com drogas”, “problemas de perturbação mental”, “problemas orgânicos sem explicação médica” e “malefícios espirituais”. Outros chegaram por “afinidade espiritual”, recebendo indicação de amigos ou familiares que percebiam a sintonia deles com a religiosidade da Barquinha!

Minha primeira vez foi através de uma amiga. Dona Odete o nome dela. Ela me levou na igreja porque eu tinha um problema na pele, né... tinha um problema na pele. Eu fui em todos os médicos, fiz exames e não deu nada. Aí ela foi e perguntou se eu não queria ir ao centro. Eu fui e perguntei pra ela se era macumba, daí ela disse que não! E aí eu fui. Cheguei lá e me tratei com o Rei Urubatã. Ele é um Caboclo, né! Metade homem, metade cobra e lá ele me tratou e disse que eu tinha tipo um feitiço, né! E eu questionei na hora, porque eu também não entendia muita coisa. Eu questionei a ele, perguntei, né: mas que feitiço é esse porque eu não faço mal a ninguém?! Aí ele foi e disse que para fazer um feitiço a gente não precisava fazer mal a ninguém! Aí tá, eu fui e ele fez um trabalho. Desfez o feitiço que tinha sido feito. Eu fiquei um tempo e depois fiquei curada, graças a Deus até hoje eu não tenho mais nada. E foi daí que eu comecei a gostar de ir à igreja, até aí eu ainda não tinha tomado o Daime (Maria Rozangela Menezes, 2021, informação verbal).

Este depoimento da Maria Rozangela (Mana), demonstra que antes de se encontrarem com o Daime, devido aos estigmas e preconceitos em relação à beberagem, na maioria dos casos os entrevistados procuraram outros recursos aceitos como legítimos na sociedade: a ciência oficial, a medicina tradicional e a Igreja Católica, para os casos ditos espirituais.

Ademais, segue um longo depoimento de Joyce Santos, uma irmã fardada que chegou no centro-igrejinha de Niterói com uma grave depressão e que hoje ocupa uma função muito importante na casa, tanto como oradora nos trabalhos espirituais, quanto na harmonização das relações e conflitos que surgem na comunidade. Joyce é bastante requisitada pela irmandade como uma conselheira. No trabalho campo, pude perceber a sua habilidade e sensatez em pensar juntamente com os dirigentes, soluções tanto para as tarefas práticas dos trabalhos espirituais, mas também no trato sensível com a irmandade, sendo cuidadosa com as pessoas que chegam emocionalmente fragilizadas:

Eu cheguei nesta casa há uns 10 anos atrás, né, em 2011. Era a segunda vez que eu estava chegando numa casa assim, tão séria. Já tinha tomado Daime uma vez só em um ritual simples na casa de um amigo e depois eu cheguei em 2011 aqui. [...] eu cheguei no mês de março dentro da Romaria de São José. Eu vinha de uma história... tinha descoberto uma recém gravidez e eu estava num processo muito complicado da minha vida, em um momento pessoal bem tenso, difícil, uma separação e uma depressão. Foi assim que eu cheguei. Fui trazida por uma amiga e fui acolhida aqui nesta casa, pelo Daime realmente como remédio. Foi o meu primeiro contato com a doutrina da Barquinha. [...]

Eu tinha muito preconceito. Não conhecia o santo Daime, não conhecia a ayahuasca, não conhecia... então, eu como a sociedade toda tinha muito preconceito e medo. Achava várias coisas... alucinógeno! Pensava várias coisas realmente de uma pessoa leiga, né. E, nesse momento da minha fragilidade, da minha depressão, desses problemas todos, um amigo me convidou dizendo que eu ia me encontrar com uma casa onde eu receberia ajuda dos pretos-velhos, aí a minha pergunta para ele foi: posso ir sem tomar Daime? Porque eu realmente tinha muito medo. E ele falou: "você pode, mas você vai ser convidada e aí você prova, eu acho que vai ser bom para você". E, assim, eu fiz. Mas eu cheguei aqui bem receosa, né! Eu queria passar pela consulta, eu queria conhecer a casa, eu queria conhecer o trabalho, mas o Daime foi uma coisa que eu resisti e, a Mônica, que foi quem me atendeu ela me convidou, realmente como um convite – 'te convido a conhecer, você tem a confiança que você está numa casa segura' - e assim eu tomei. Foi muito bom! [...] No meu caso assim, fui tomando o Daime, fui fazendo os compromissos, as orações, me consultando com os pretos-velhos, fazendo banho, todo o processo que se faz para o filho que chega nesta casa em busca dessa ajuda. Fez toda a diferença assim, eu fui sentindo que o Daime agia nos detalhes da minha vida material mesmo. [...]

Por exemplo, no auge da minha depressão, no momento que eu cheguei aqui eu dormia muitas horas e a minha depressão me desliga porque a mente não parava enquanto estava acordada, né! [...] era essa a sensação que eu tinha. Então, eu dormia muitas horas. Eu dormia de 16 horas da tarde até às 09 horas do dia seguinte e acordava me arrastando cansada, realmente o

processo da depressão. E, uma coisa que eu fazia muito pouco era abrir janelas, abrir a casa, isso de invadir aquele sol, aquela sensação de alegria me incomodava, né, um processo depressivo. E, aí eu fechava a casa e estava sempre fechada, sempre com a casa fechada e dormia sempre quando eu não tinha que cumprir as minhas obrigações do dia, eu estava sempre dormindo ou tentando me desligar de alguma forma. Não tomava remédio, mas eu inventava um monte de chá, um monte de coisa que pudesse ir me apagando. E assim eu vinha há bastante tempo. E aí eu me lembro da Vó aqui também me atendendo dizer: ‘comece pelo começo. Vá devagar e sempre’. E assim foi acontecendo comigo. Eu fui, assim, me aproveitando desses detalhes, desse tratamento, dessa força para então na semana seguinte para poder contar isso: essa semana eu consegui não dormir tanto. Essa semana eu consegui cumprir todas as minhas obrigações. Estava no último ano da faculdade, tinha que escrever o trabalho de conclusão de curso, tinha dois estágios, tinha compromissos para cumprir da minha vida material que eu arrastava. E, assim foi devagar, né! E depois...enfim, esse é um detalhe, tá, mas foi um detalhe muito nítido que eu me lembro. Comecei a abrir a casa, a criar o meu ritmo, me empoderar mais da minha própria vida e não deixar só a minha mente trabalhar a depressão (Joyce Santos, 2021, informação verbal).

Nas tradições das religiões de terreiros e barracões de axé do Brasil, frequentemente se escuta a seguinte frase: *“as pessoas chegam aqui pelo amor, ou pela dor!”*. Na Barquinha da dona Chica também se ouve esse dito popular. Porém, não se diz esta frase a qualquer momento, pois trata-se de um ensinamento. Nas entrelinhas, fica subentendido que os consulentes, de modo geral, chegam pela dor em um seguimento espiritual estigmatizado pelo racismo religioso. Durante a pesquisa de campo eu escutei bastante as expressões *“tá aperreado”, “tá imprensado”* e *“acochou o nó”*, significando que a pessoa estava passando por um momento da vida mais difícil... mais “apertado”, por assim dizer.

Nesta perspectiva, quando a “corda arrebenta”, as pessoas costumam procurar ajuda nas religiosidades minoritárias para se consultarem com as entidades de pretos-velhos, exus, encantados, caboclos, erês etc. De modo geral, pedem amparo, esclarecimento, proteção, saúde e abertura de caminhos. Portanto, nessas encruzilhadas existenciais, quando as pessoas são abatidas por doenças, lutos, separações, perda de bens materiais e sofrimentos de várias ordens, comumente chegam nesses locais que Simas e Rufino (2018, p. 25) chamam de “complexos de saber das macumbas brasileiras”. Porém, não utilizo o termo encruzilhada em um sentido pejorativo ou negativo, mas como lugar de possibilidade para ampliação dos caminhos e sentidos da vida.

A doença é uma encruzilhada, ou melhor, um caminho para o encontro com a ancestralidade, como nos mostra o livro *“Pajé, Curadores e Encantados: Pajelança da*

Baixada Maranhense” de Christiane Mota (2009), apontando para o corpo como lugar de identificação e expressões dos males espirituais. Mas, conforme aponta a autora, a questão do sofrimento não se encerra no corpo, pois a doença ultrapassa a dimensão física, quando se trata de feitiçaria, flechadas e malefícios encomendados e realizados.

Eis o primeiro aprendizado que os consulentes devem vivenciar nas bancas dos terreiros, nos barracões dos pajés, tomando Daime ou nas casas dos benzedores quando chegam doentes ou desacreditados da vida: *ter humildade para pedir ajuda, ter fé em uma força superior e preparar-se para receber*. Segundo Mota (2009), a cura pode se dar pela concessão de Deus e pela mediação e interferência daquele seguimento religioso, entidade, santo ou pessoa curandeira na restauração da saúde e harmonia pessoal, familiar e social. Seguem as palavras de Vera Fróes Fernandes (1986), ao pesquisar a importância do Daime para as pessoas que procuram a beberagem quando estão enfermas:

A cura não depende somente da fé do curandeiro em seu medicamento ou em sua força espiritual; tem uma relação direta com o doente que precisa cooperar, abrindo-se e preparando-se para receber a cura. Os curandeiros entendem que a saúde depende do perfeito equilíbrio do corpo, dos sentidos, da mente e do espírito, daí a necessidade de todos os canais estarem desobstruídos para que a energia possa fluir e assim obter resultados satisfatórios [...]. Segundo os daimistas pode acontecer do doente não se curar porque não tomou a dose adequada do Santo Daime, ficou com medo do tratamento, de ver o corpo sofrer, porque muitas vezes o Daime leva a pessoas a um confronto com a própria morte e a loucura. Sendo superado o medo e a dúvida, o indivíduo passa por um processo de purificação do corpo e da mente, mas para isso precisa estar preparado e ter um guia ou um xamã que o oriente nessa difícil caminhada (FERNANDES, 1986, p. 89-90).

O segundo aprendizado na relação entre adoecer, sofrer e curar-se a partir de uma linha espiritual de matriz africana, indígena ou cruzada com o catolicismo popular, parece carregar um enigma ou uma explicação pouco acessível para os sofás epistemológicos eurocêntricos. Está na *relação entre a doença e o chamado espiritual*, quando a convalescência humana está atrelada a presença de almas, entidades e seres divinos que estão alertando ou preparando a pessoa para uma iniciação com o sagrado.

Durante o processo da pesquisa, para entender melhor essa questão do chamado espiritual nas religiosidades minoritárias, eu conversei com uma sacerdotisa

de um terreiro de umbanda em Minas Gerais. Mãe Laudelina⁵³ disse que o chamado espiritual pela via da doença é a chegada do compromisso da pessoa com a sua ancestralidade: para tanto, antes é preciso “*amansar o cavalo*”⁵⁴ com situações que impõe certo temor ou perplexidade, pois se depender apenas dos filhos e filhas de santo, em sua grande maioria não chegariam por vontade própria, precisando de um empurrão da força superior” (Laudelina, 2019, informação verbal).

O sociólogo francês Roger Bastide (2016, p. 113), seguindo nessa mesma direção, destaca a importância da doença como critério de alinhamento entre o profano e o sagrado, principalmente nos cultos das forças da natureza (xamanismo e cultos de possessão como o Candomblé). Então o “escolhido” ou a “escolhida” geralmente, mas nem sempre, passa por uma enfermidade antes de se inserir em uma função religiosa. Porém, a doença torna-se apenas um dos sinais, segundo o autor, “muitas conversões religiosas são determinadas por doenças prolongadas; no entanto, nem todos os cristãos são doentes crônicos” (BASTIDE, 2016, p. 115).

Na interlocução com o baiano Daniel Flores, membro oficial do CEOCPE, músico e pesquisador acadêmico da Barquinha, este fardado também trouxe a expressão *chamado espiritual* durante a sua entrevista. O entrevistado disse que essa expressão seria a definição mais apropriada para narrar a sua chegada no centro-igrejinha de dona Chica Gabriel, apesar de não ser algo explícito ou linear. Ao pedir mais detalhes sobre como isso ocorre, Daniel narra que é uma espécie de “convite da administração maior” para a pessoa cumprir uma Missão que já existe no plano espiritual e que se materializa no plano físico em forma de religiões, doutrinas, centros, templos e igrejas.

Daniel deixa a entender que as pessoas vão sendo chamadas pelo “*plano de Deus*” conforme as suas inclinações e linhagens ancestrais. Além disso, as dificuldades e as dúvidas são partes inevitáveis no mergulho iniciático e isso faz parte do amadurecimento da pessoa, principalmente para a pessoa que escolhe o caminho daimista.

⁵³ Mãe Laudelina e o seu esposo Pai Davi, são dirigentes de uma casa que trabalha na linha da Umbanda Omolokô, chamada Centro Espírita Irmãos do Arco-Íris, na cidade de Uberlândia-MG.

⁵⁴ Cavalo aqui pode ser entendido como o corpo da pessoa que serve de suporte para os guias espirituais ou para a possessão dos Orixás.

Eu chamo isso, vamos dizer assim, traduzo isso, entendo isso como na verdade um chamado. Foi um chamado espiritual que eu recebi, né! Só que não é uma coisa explícita. Não é uma coisa que você recebe uma carta – ‘oh, estão te chamando para você cumprir com uma Missão!’ - não é, não funciona assim. É uma coisa que realmente hoje a gente entende que era um chamado, mas na época - é aquela coisa né, funciona assim, através de intuições, sentimentos. A gente é movido pelos sentimentos e não por uma coisa que a gente entende facilmente. A gente é movido pelas nossas paixões, pelas nossas esperanças, né?! [...] A espiritualidade vai movendo ali os acontecimentos na vida de cada um. Mas, é um chamado para cada um. Assim aconteceu com o Mestre Daniel, assim aconteceu com cada irmão. A dona Chica Gabriel! Imagina o que foi isso na vida da dona Chica, né?! Uma doença que acabou chegando na Missão; os acontecimentos que vão nos movimentando. Hoje ela entende, hoje a dona Chica Gabriel vai olhar para o passado e vai entender tudo o que aconteceu na vida dela, né! Tudo fazia parte para que ela realmente...ela estava sendo chamada para a Missão e assim é com cada um de nós, é assim que eu vejo (Daniel Flores, 2021, informação verbal).

Como fica explícito no relato acima, segundo a percepção de um fardado do CEOCPE, foi pela via da doença e do sofrimento que Francisca Campos do Nascimento recebeu não apenas o Daime e a saúde, mas recebeu também uma Missão que compartilha com centenas de pessoas encarnadas e milhares de almas desencarnadas. Para Marcelo Mercante (2012, p. 77) a madrinha “considera sua doença como uma ferramenta, a qual Deus utilizou para guia-la para sua devida missão de vida, e Daniel [...] deu a ela a chance de encontrar essa missão”.

No caso da Barquinha da madrinha Chica, a expressão “*cumprir uma Missão*” surge com muita frequência entre os adeptos, mas também em sua expressão litúrgica e doutrinária, através dos salmos que são cantados. Na percepção de Daniel Flores, conforme o neófito prossegue a sua jornada tomando Daime e assumindo um lugar no centro-igrejinha, além de receber um direcionamento doutrinário, passa também por um preparo com a beberagem sacramental. Além disso, a pessoa que toma Daime no CEOCPE regularmente, compreende as suas próprias questões existenciais antes não compreendidas, conforme a graduação alcançada naquele seguimento.

No próximo tópico, procuro compreender como se deu o preparo de Francisca Gabriel e a sua filiação na linha espiritual do Mestre Daniel. Para tanto, vou construir uma possível correlação entre a iniciação de Francisca com o mito fundador na tradição daimista: a iniciação do Mestre Irineu. Ou seja, seguindo uma espécie de árvore genealógica das religiões daimistas, afirmo que a madrinha Chica se localiza na terceira geração de mestres e mestras desta tradição brasileira. Primeiramente, veio a iniciação do Mestre Irineu que iniciou o Mestre Daniel que iniciou a madrinha Francisca.

2.5 Recebendo o preparo e a limpeza espiritual com o Daime: saindo da floresta e mergulhando no fundo do mar

A beberagem ayahuasca, passou a se chamar Daime a partir da década de 1930 por Raimundo Irineu Serra e os seus seguidores, como é o caso do Mestre Daniel. Como consta na tradição oral, e posteriormente, narrado textualmente por biógrafos do Mestre Irineu, o nome Daime foi revelado por uma “Deusa” que se identificava como a *Rainha da Floresta e/ou Clara*. Esta deidade feminina seria uma aparição da própria *Nossa Senhora da Conceição*, a mãe de Jesus Cristo, encantada no mistério da Lua e da Floresta.

A Lua, segundo Jussara Rezende Araújo (2002, p. 83), em seu sentido esotérico e mítico é o símbolo chave que “anuncia a transformação que ainda vai ocorrer com o iniciado. Verdadeira advogada do ser humano neste mundo de ilusão”. Símbolo arquetípico em várias culturas, a Lua em sua impermanência, magia e encantamento, ensina sobre a transformação, o crescimento, clímax e as fases minguantes da vida, prenunciando a morte. “Para os daimistas é muito simples: se quisermos crescer de forma transformadora, devemos estar em contato com a Lua” (ARAÚJO, 2002, p.85).

Segue o hino completo que abre o hinário “O Cruzeiro” recebido pelo Mestre Irineu, intitulado *Lua Branca*,⁵⁵ uma valsa de singela beleza que conta a ligação do Mestre com esta *Mãe Divina*, mediado pelo chá sagrado.

*Hino 01. Lua Branca (Valsa)*⁵⁶

*Deus te Salve oh! Lua Branca
Da luz tão prateada
Tu sois minha protetora
De Deus tu sois estimada*

*Oh Mãe Divina do coração
Lá nas alturas onde estás
Minha Mãe, lá no céu
Dai-me o perdão*

⁵⁵ Segundo o sociólogo Juarez Bomfim (2015), este hino foi recebido por Raimundo Irineu Serra no Peru, entre 1928 e 1930, representando o rito de iniciação que ele recebeu com a ayahuasca para se tornar o mestre fundador de uma grande escola espiritual.

⁵⁶ Este foi o primeiro hino recebido pelo Mestre Irineu (BOMFIM, 2015).

*Das flores do meu país
Tu sois a mais delicada
De todo meu coração
Tu sois de Deus estimada*

Oh! Mãe Divina do coração...

*Tu sois a flor mais bela
Aonde Deus pôs a mão
Tu sois minha advogada
Oh! Virgem da Conceição*

Oh! Mãe Divina do coração...

*Estrela do Universo
Que me parece um jardim
Assim como sois brilhante
Quero que brilhes a mim*

Oh Mãe Divina do coração...

As aparições e as orientações desta linda senhora também aconteciam pela via dos sonhos, visões e mirações do Mestre Irineu com a beberagem indígena. No entanto, a Rainha da Floresta exigiu que ele fizesse um preparo e uma limpeza espiritual a base de abstinências e uma dieta rigorosa, tomando Daime, água e comendo apenas macaxeira insossa na mata por alguns dias (LA ROCQUE COUTO, 2009; ALBUQUERQUE, 2007). Trata-se do *mito fundador* na criação da primeira religião ayahuasqueira no Brasil! Este preparo seria necessário para que o jovem Raimundo Irineu Serra pudesse fundar a doutrina do Santo Daime, além de alcançar a compreensão da sua missão como *Mestre Império* e zelador universal deste chá da floresta amazônica.

Após cumprir este preparo, Clara ordenou ao Mestre Irineu que o ato de ingerir esta bebida indígena fosse recebido como um sacramento divino. Comungar com o Daime tornou-se um ato eucarístico que representa a comunhão com vinho/sangue e a hóstia/corpo de Jesus Cristo. A pessoa, portanto, deveria invocar o espírito da bebida para receber deste Ser Divino os ensinamentos e curas, através das mirações e limpezas. O intercâmbio, portanto, entre o *Espírito do Daime* e a pessoa humana, ultrapassa a condição da linguagem verbal ou psíquica, depende em especial da qualidade e respeito na interação entre o corpo humano e o corpo da planta, em aliança com o divino. Neste sentido, quanto mais purificados ambos estiverem, mais “cristalina” e profunda será a comunicação sagrada entre ambos.

Além disso, como pude perceber nas observações de campo, nos salmos da Barquinha e na literatura especializada, a pessoa que ingere o Daime precisa fazer certos pedidos a esta bebida: *“dai-me força, dai-me amor, dai-me a compreensão”*⁵⁷! Faço esta pequena incursão à revelação mística do nome Daime, pois fui percebendo no decorrer desta pesquisa que o seguimento da Barquinha da madrinha Chica, também está fundamentado nesta relação entre pedir, preparar-se, receber e posteriormente, doar. Este seria o ato da caridade, o princípio da dádiva neste espaço sagrado, doando e recebendo gratuitamente, seguindo uma ética franciscana. Mas como diria um preto-velho amigo: *“é preciso saber receber, pois quem não recebe, não tem nada para dar”* (Pai Preto, 2021, informação verbal).

Foi desta maneira que Chica Gabriel chegou no seguimento espiritual do Mestre Daniel: pedindo e recebendo pequenas doses diárias de Daime até alcançar maior estabilidade em sua saúde! Desta mesma maneira ela foi se aprofundando no *estudo fino*⁵⁸ com o Daime, entendendo os mistérios desta religiosidade e a sua linha de trabalho espiritual. Quando Daniel percebeu que Francisca já estava “trabalhando” melhor com a bebida, tendo passado pela fase inicial do seu preparo e purificação, o Mestre autorizou que ela mergulhasse mais profundamente no Daime para conhecer as entidades espirituais que lhe pertenciam.

No dia 15 de agosto de 1957 (dia de *Nossa Senhora da Glória*), Francisca recebeu um “Daime especial” pelas mãos do Mestre Daniel, fazendo uma recomendação a ela: dizia que ela seria levada espiritualmente para o fundo do mar, onde receberia uma limpeza de sua “croá” e um preparo muito importante. Este dia ficou marcado na memória de Francisca, na história da Barquinha em geral e no calendário litúrgico do centro-igrejinha CEOCPE.

Seguem as palavras da própria madrinha Francisca, sobre este importante momento:

Numa data de quinze de agosto. Justamente era já pra mim me aprofundar e conhecer também os mistérios, as próprias entidades a quem eu tinha me comprometido de trabalhar, que me pertencia, né! Justamente ele me disse que ia me dar o Daime que era pra receber um trabalho, um preparo no fundo

⁵⁷ Fragmento do Salmo recebido por Evandiê Silva - acervo memorial CEOCPE.

⁵⁸ A expressão “estudo fino” é bastante utilizada na doutrina do Santo Daime. Este termo demonstra que não se deve tomar o Daime de qualquer maneira, pois os ensinamentos ali contidos são complexos e profundos.

do mar. Ele disse: Dona Chiquinha a senhora hoje vai na pedra do Oceano, a senhora vai no fundo do mar, a senhora vai receber todo preparo que a senhora tem de receber. É lá que a senhora vai receber. Ele disse que eu ia receber no fundo do mar e que tinha uma entidade que ia lavar a minha 'croá' no fundo do mar, nesse dia. E realmente eu trabalhei muito. Eu agradeço a Deus primeiramente, a Virgem Mãe, a São Francisco e a ele... ainda hoje, eu agradeço por tudo que recebi, porque ainda hoje tá me servindo (ALMEIDA; SOUZA, 2008, p. 51).

Neste relato, Francisca nos convoca a pensar uma instigante questão: quais são os possíveis *lugares de aprendizagens com o Daime*? Pois ela tomou um Daime servido pelo próprio Mestre Daniel e foi levada ao “*opélago do oceano*”,⁵⁹ onde ela obteve conhecimentos profundos sobre os seres do mar que ainda hoje são importantes para a sua vida. Neste sentido, em outra seção, vou retomar essa discussão sobre os espaços míticos e os planos cosmológicos visitados pelos adeptos da Barquinha quando tomam o Daime.

Após alguns meses de preparo na Capelinha de São Francisco, conforme disseram os meus interlocutores, Chica Gabriel conheceu “as entidades dela” e se tornou uma das primeiras pessoas a trabalhar como médium de incorporação na presença do Mestre Daniel, sendo o primeiro *aparelho*⁶⁰ oficialmente autorizado pelo Mestre a prestar *obras de caridade*. Francisca se disponibilizava intensamente ao trabalho mediúnic, beneficiando as pessoas necessitadas que pediam ajuda na Capelinha de São Francisco (MERCANTE, 2012). No dia 01 de dezembro de 1957, madrinha Chica recebeu a sua primeira entidade chamada *Bispo Dom Nelson*. Segue o seu relato oral concedido à pesquisa de Sandra Goulart (2004, p. 145):

Foi num trabalho de Daime, quando o Mestre Daniel ainda estava vivo. Eu estava sentada na mesa, do lado dele, e comecei a sentir o Daime, o trabalho mesmo [...]. Eu escutava o som, a vibração de um ser [...]. E o Mestre Daniel disse para todos os irmãos que, naquele dia, um novo aparelho começava a trabalhar, na luz dos santos mistérios [...]. Depois, ela se apresentou outras vezes. No começo ela só fazia uns sons, umas vibrações. Depois, na terceira vez, ela se apresentou com palavras, e depois, até com um salmo [...]. Era um bispo, o Dom Nelson [...]. O Mestre Daniel disse que era a primeira vez que aquela entidade se manifestava, e ela era minha mesmo.

É notável e digno de observação que este primeiro guia espiritual recebido por Francisca Gabriel tenha o nome de um bispo, sendo uma entidade tipicamente cristã.

⁵⁹ Esta palavra foi utilizada pelo próprio Mestre Daniel para se referir às profundezas do mar sagrado.

⁶⁰ Na doutrina do Mestre Daniel, os aparelhos das obras de caridade são as pessoas que incorporam as entidades, aparelhando-acoplado os seres espirituais em seus corpos para que esses possam se expressar fisicamente.

Segundo Ricardo Assarice dos Santos (2021), a linha de trabalho do Mestre Daniel também recebe entidades espirituais que se enquadram na categoria de missionários cristãos: padres, freis, bispos e arcebispos, por exemplo, sendo responsáveis pelos trabalhos de doutrinas, batismos e consagrações. Esses dados vão de encontro à noção que defendo nesta seção, onde situo a Barquinha fundada pelo Mestre Daniel como uma religiosidade minoritária, composta por uma singular brasilidade onde o cristianismo é encantado pelo complexo epistemológico das macumbas.

Certa vez, no dia 19 de março de 1958, o Mestre Daniel arranhou um altar, cobrindo-o com um pano branco, deixando duas velas brancas e dois charutos, preparados por ele. Neste trabalho, Daniel pediu para o irmão Elias chamar a presença do Bispo Dom Nelson. Mas para a surpresa de todos, menos para Daniel, veio outra entidade no aparelho de Francisca, um ser que assoviava alto e frequentemente (MERCANTE, 2012). Veio pela primeira em terra neste dia o encantado *Príncipe Espadarte do Mar*. Daniel já o conhecia invisivelmente e aguardava que ele manifestasse em Francisca como um guia chefe da casa. Neste dia, Príncipe Espadarte atendeu uma mulher que se encontrava atormentada, precisando urgentemente de ajuda.

Quando perguntam quem é este encantado, Francisca Gabriel explica que o Príncipe Espadarte do Mar é um encanto de um peixe e a sua pessoa terrena se chama *Soldado Guerreiro Príncipe Dom Simeão*. Mas este soldado atua nos três planos cosmológicos (Céu, Terra e Mar), podendo se transfigurar nos três mistérios, sendo também conhecido no mistério astral como *Soldado Guerreiro Príncipe da Paz*. Atualmente, após 65 anos de serviços prestados em obras de caridade, Príncipe Espadarte é considerado um ser de grandes mistérios de luz e curador com singular autoridade espiritual, sendo o chefe do terreiro de dona Chica e o guardião espiritual do “Barco”, ao lado de Frei Daniel.

Desde que Dom Simeão chegou em terra, outras entidades que chegaram posteriormente também começaram a assoviar, até mesmo os pretos e pretas-velhas, trazendo uma sonoridade típica para quem está participando das sessões espirituais na Barquinha. Para Marcelo Mercante (2012, p. 19), “no contexto da Barquinha, o assovio emitido pelas entidades espirituais passou a ser um sinal de fidelidade a Dom Simeão”. O que se diz com frequência entre os membros oficiais da Barquinha CEOCPE é que Francisca se tornou uma eximia aprendiz nesta doutrina, ao lado de

Dom Simeão e demais entidades que ela trabalha, se dedicando permanentemente no refinamento da sua conduta ética e na atuação mediúnica, a benefício da Missão de Frei Daniel.

Foto 6 – Madrinha Francisca ao lado direito da consulente, em trabalho c/ Príncipe Dom Simeão.



Fonte: Carlos Renato. Memorial CEOCPE. Rio Branco.

Francisca também se tornou uma discípula leal do fundador da Barquinha e por este motivo, recebeu as chaves para continuar zelando os fundamentos doutrinários deixados pelo seu professor. Conforme Marcelo Mercante (2012), o preparo e a limpeza que madrinha Chica recebeu estavam ancorados na aquisição de fé, firmeza, calma, humildade, compreensão e paciência. Estas eram virtudes que ela certamente precisaria adquirir para futuramente, assumir a posição de liderança espiritual e comunitária, mas principalmente, para dar um primoroso exemplo de uma marinheira e comandante dessa missão.

Eis o sentido desta seção que nasceu a partir das afetações e entendimentos colhidos no próprio campo de pesquisa, me levando a fazer uma pequena cartografia biográfica de Chica Gabriel até a madrinha se encontrar com o Daime. Se o intuito desta parte foi apresentar a genealogia da conexão entre o Daime e a madrinha Francisca, na próxima seção veremos o desenvolvimento dos processos de aprendizagens desta professora com o Daime na tradição da Barquinha.

3 Tornando-se madrinha e zeladora na “escola” do bom professor

3.1 “Esta Santa Casa é a escola do bom professor”

*Que tenham sempre a lealdade
e humildade para praticar
as boas obras que ele ensina
em verdade nos ascenderá.*

Recebido por João Batista, salmo O Professor.⁶¹

Quem ensinou Francisca? Como foi construído o *processo de formação* da madrinha na escola do bom professor? O professor a quem o salmo se refere é o Mestre Daniel, mas também vou analisar o Daime como uma planta professora, além da presença pedagógica-espiritual de São Francisco das Chagas. O homem santo de Assis que viveu na Europa medieval, também se faz presente como um instrutor na Barquinha. Ora, até um santo do século XII pode ensinar oitocentos anos após a sua morte? Sim, nas ciências encantadas, a presença de educadores e a noção de ancestralidade operam-se em uma simultaneidade de temporalidades e espaços, alargando aquilo que entendemos como cruzamentos entre o passado, o presente e o futuro (RUFINO, 2019, p. 25).

Como se revela em um salmo de instrução na Barquinha da madrinha Chica:

*Irmãos estamos felizes
Temos um santo professor
Que nos ensina com amor
É São Francisco de Assis⁶²*

Neste sentido, analiso nesta seção, quais foram as aprendizagens e os acontecimentos educativos vividos por Chica Gabriel, tendo em vista a sua caminhada como aluna da Barquinha até receber o seu galardão⁶³: tornando-se uma madrinha, além de receber o título de professora e Irmã de Caridade. Nesta lógica, apoiado pelo estudo de Maria Betânia Albuquerque (2011, p. 169), reitero que a Barquinha também

⁶¹ Fragmento do salmo *O Professor*, recebido por “Joca” - acervo memorial CEOCPE.

⁶² Fragmento do salmo recebido pelo Mestre Daniel - acervo memorial CEOCPE.

⁶³ Galardão é um termo muito utilizado nas escrituras sagradas, mas também no vocabulário popular da Barquinha da madrinha Chica, significando os títulos espirituais recebidos como reconhecimento e recompensa pelos valiosos serviços prestados. É uma espécie de medalha que distingue quem foi galardoado.

funciona como uma agência educativa, capaz de produzir visões de mundo singulares, critérios de avaliação da vida e possui uma “proposta pedagógica própria”.

Para tanto, não tenho o intuito de abarcar todo o processo de formação de Francisca, como já foi dito, não se trata de uma pesquisa exclusivamente histórica. Aposto, portanto, que outros pesquisadores possam se inspirar neste trabalho e, posteriormente, realizar um estudo minucioso acerca das professoras de infância de Chiquinha nos seringais, além das aprendizagens religiosas da jovem Francisca na Igreja Católica e a marcante presença pedagógica do Mestre Antônio Geraldo no desenvolvimento da madrinha na escola da Barquinha. Nesta parte do estudo, irei destacar as características e as conexões entre três importantes professores de Francisca na Barquinha: São Francisco das Chagas, Mestre Daniel e o Daime!

Esta escolha enfatiza as múltiplas dimensões dos fenômenos educativos e, para tanto, vou sustentar este argumento seguindo os rastros dos conceitos: *pedagogias culturais, educação não escolar e acontecimentos educativos*, pensando os processos de formação da madrinha a partir dos saberes da experiência. A etimologia da palavra pedagogia, segundo Paulo Guiraldelli Jr. (2007, p. 11) vem do grego antigo: “paidós” significa (criança) e “agodé” (condução). Ou seja, o *paidagogo/pedagogo* conduz a criança, “metaforicamente, na direção do saber”. Assim, o sentido original desta palavra remete aos processos relacionais no campo educacional, envolvendo professores e alunos, mestres e discípulos, instrutores e aprendizes. Porém, segundo o mesmo autor, atualmente o fazer pedagógico não se refere necessariamente aos conteúdos ensinados por outrem, “mas aos meios de ensino, aos procedimentos para que alguém tenha acesso a um determinado conhecimento de modo a aproveitá-lo da melhor maneira possível” (GUIRALDELLI JR., 2007, p. 12).

Assim, procuro construir neste estudo uma relação entre os fenômenos culturais com os acontecimentos educativos situados fora do contexto escolar. Seguindo as pistas de Maria Betânia Albuquerque (2011, 2012, 2021), quero demonstrar a intrínseca relação entre a religiosidade da Barquinha e educação. Para tanto, afirmo que devemos tratar a educabilidade humana no plural: *educações*. Como diria o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (1989, p. 7): “Ninguém escapa da educação”. Este fenômeno acontece em todos os lugares, a educação “invade a vida”, seja na escola, mas também nas religiões, na experiência artística, no aperto de um

transporte público, na fila de um mercado, na suavidade dos momentos de lazer, nas experiências com o Daime, no brincar de um adulto com uma criança, em uma entrevista de emprego, enfim, em todos os momentos estamos envolvidos em processos de ensino e aprendizagem.

Portanto, Brandão nos mostra que não há um modelo de educação universal. Um jovem indígena, por exemplo, se educado durante um período em uma escola não indígena, pode desenvolver atributos e competências próprias da cultura dos brancos, mas não necessariamente será útil ou funcional para as habilidades necessárias dentro de uma aldeia, fora da cidade. Exemplifico esta ideia a partir do livro “O Papalagui”, o qual apresenta alguns relatos de Tuiávii, um chefe da tribo Tiavéa na ilha de Opolu (parte do arquipélago de Samoa). Segundo Erich Scheurmann (2005), esse homem samoano profere as suas perplexas impressões ao se deparar com a cultura europeia antes da Primeira Guerra Mundial. Em suma, o livro ressalta a nítida visão de um sábio aborígene, criticando os modos de vida e a civilização adocida dos brancos que ele denominou Papalagui: “parece ser realmente aquele que furou o céu” (SCHEURMANN, 2005, p. 63).

Tuiávii aconselha o seu povo (seus irmãos) para ficarem bem longe do Papalagui, apontando que este sofre de uma grave doença que é pensar sem parar, além de só pensar nele mesmo.

É este saber que o Papalagui exerce da manhã à noite. O espírito do Papalagui é como um tubo de fogo carregado, uma vara de pescar atirada à água. Ele tem pena de nós, povos das muitas ilhas, porque não exercemos este saber (SCHEURMANN, 2005, p. 87).

Além disso, o Papalagui sofre de confusão de pensamentos e paradoxalmente chama isso de *instrução*:

A única coisa capaz de curar os doentes de tanto pensar seria esquecer e expulsar os pensamentos. Mas eles não fazem isso ou só pouquíssimos; a maior parte leva na cabeça um fardo, um fardo que fatiga o corpo, tira as forças, envelhece antes do tempo (SCHEURMANN, 2005, p. 92).

É preciso lembrar que muitos estudos antropológicos realizados no século XIX, procuravam hierarquizar os estágios culturais das sociedades, construindo parâmetros científicos para justificar o evolucionismo social e as práticas de colonização. Muitos desses estudos, segundo José Luiz dos Santos (1988), estigmatizavam as sociedades indígenas como selvagens e as sociedades africanas

como povos bárbaros. De modo geral, os processos civilizatórios não ocidentais eram classificados cientificamente como modos de vida primitivo! Por outro lado, classificavam os povos europeus (a parte ocidental) como uma sociedade complexa e superior. Portanto, a publicação do livro *O Papalagi* no começo do século XX, trouxe um espelho ao colonizador, fazendo-o refletir sobre os percalços e infortúnios da civilização moderna, supostamente detentora de uma superioridade cultural. Eis uma tarefa difícil, reeducar o olhar do colonizador, filhos da taumaturgia iluminista⁶⁴, mal-acostumados a enxergar o mundo dos outros olhando para os seus próprios espelhos.

A partir das reflexões suscitadas, ao pensar a relação entre educação e descolonização, recorro mais uma vez ao pedagogo Luiz Rufino (2021), buscando diferentes respostas para a mesma pergunta: o que é educação?

Radical vivo que monta, arrebatada e alumbrada os seres e as coisas do mundo. Fundamento assentado no corpo, na palavra, na memória e nos atos. Balaio de experiências trançado em afeto, caos, cisma, conflito, beleza, jogo, peleja e festa. Seus fios são tudo aquilo que nos atravessa e toca. Encantamento de batalha e cura que nos faz como seres únicos de inscrições intransferíveis e imensuráveis. Repertório de práticas miúdas, cotidianas e contínuas, que serpenteiam no imprevisível e roçam possibilidades para plantar esperanças, amor e liberdade (RUFINO, 2021, p. 4).

Essas questões me levam a ressaltar a importância dos estudos acerca das pedagogias culturais, balizando as discussões desta tese que procura relacionar os estudos culturais, os saberes encantados e os processos de aprendizagens para além da escola. Para Eduardo Viveiros de Castro (2018, p. 21), “o que toda experiência de uma outra cultura nos oferece é a ocasião para se fazer uma experiência sobre nossa própria cultura”. Um museu indígena, por exemplo, pode mobilizar processos pedagógicos (acontecimentos educativos) em professores e estudantes não indígenas, ultrapassando os limites das teorias e práticas curriculares deste grupo sociocultural. Esses lugares fora da escola, possuem uma “força pedagógica” que funciona como uma dobradiça na subjetividade, permitindo que os sujeitos se reorganizem a partir de experiências (internas-externas) com os outros, com a alteridade, construindo novas aprendizagens e visões de mundo (ANDRADE; COSTA,

⁶⁴ O termo taumaturgia iluminista é utilizado por Eduardo Viveiros de Castro (2018, p. 22), se referindo à ciência antropológica que bebe do “espírito da modernidade”, se autoproclamando como o mais alto saber, sem considerar que se trata de “uma perspectiva epistemológica e ontológica” entre outras.

2017, p. 07-8). Seguem as palavras de Nelson Piletti (1987), ao defender o caráter social da educação:

A educação não é a mesma em todos os tempos e em todas as partes. Se considerarmos várias sociedades e várias épocas históricas, veremos que há diferentes tipos de educação e diferentes ideais educativos. Na verdade, não há uma educação universal e única. [...] Atualmente, se compararmos sociedades diferentes, veremos que os objetivos da educação são diferentes: entre as sociedades indígenas, pode-se dar valor à educação do corpo, à robustez física; na sociedade capitalista, predomina a orientação individualista, em que a competição é um processo básico; na sociedade socialista, parece prevalecer a orientação coletivista, com ênfase na solidariedade e na cooperação para objetivos comuns (PILETTI, 1987, p. 82-83).

Para Lima Severo (2015), a educabilidade humana é um fenômeno plurifacetado que se estende às diversas esferas da sociedade, portanto a noção de *educação não escolar* (ENE), pode ser entendida como práticas formativas situadas fora da escola, trazendo consigo a necessidade histórica de olharmos para a intrínseca relação entre pedagogia e sociedade. Tanto na educação escolar como não escolar, segundo Nelson Piletti (1987), existem condições de intencionalidade e não intencionalidade pedagógica. Porém, todas essas condições produzem ferramentas de sociabilidade para que os indivíduos e os grupos sociais assimilem cada um ao seu modo, maneiras de pensar, sentir e agir no mundo, mas principalmente no seu contexto sociocultural.

Pensemos a partir de outro exemplo, para compreendermos as noções de acontecimentos educativos e pedagogias culturais. Segundo Albuquerque (2012), os festejos de certos povos indígenas no Brasil colonial tinham nas bebidas fermentadas (*cauim*) um conjunto de saberes que circulavam, ativando a memória coletiva local e a impregnação de certos costumes, moralidades e crenças. Para a autora, a transmissão e afirmação da cultura Tupinambá com os seus complexos valores, se davam a partir de várias formas, por exemplo, no aprendizado das pinturas corporais. Nas cerimônias com a cauinagem, era marcado um “acontecimento eminentemente educativo. Por meio das práticas do beber ensinamentos eram transmitidos e apreendidos evidenciando uma situação de comunicação e aprendizagem” (ALBUQUERQUE, 2012, p. 92).

Os festejos embriagantes demarcavam sua centralidade no cotidiano dos Tupinambás, tendo até mesmo um caráter religioso. Esses encontros regados pelo cauim, distinguiam os ciclos de vida, como nascimentos, primeira menstruação,

afirmação da virilidade, consultas dos pajés aos espíritos, cerimônias canibalescas, além das questões geopolíticas, quando se bebia antes ou depois de uma guerra (ALBUQUERQUE, 2012). Quando um guerreiro matava um adversário e voltava para a aldeia, deveria passar por rigorosas restrições alimentares, para depois de dias em observação juntamente às dietas e jejuns, realizar a cerimônia de *renominação*, anunciando um novo nome, regado mais uma vez pela cauinagem coletiva. Nas palavras da autora:

A dimensão educativa das beberagens é evidente nas cerimônias de renominação, na medida em que estas funcionavam como indutores da memória dos índios que se punham a recontar suas façanhas guerreiras (como mataram, como entraram na cerca do inimigo [...]). Sob o efeito do cauim, a memória era ativada e a tradição, por sua vez, perpetuada. O cauim pode mesmo ser visto como condição dessa memória (ALBUQUERQUE, 2012, p. 109-110).

Segundo Andrade e Costa (2017), a ampliação do entendimento dos lugares de aprendizagens, perpassa pela compreensão dos eixos reguladores da educação inscritos em cada cultura. Neste sentido, afirmo que o conceito de *pedagogias culturais* não é fechado ou consensual, pois sua aplicabilidade vai variar conforme o grupo sociocultural pesquisado. Portanto, conforme Andrade e Costa (2017), há uma disputa de sentido para o uso deste conceito, entre os vários autores que utilizam esta expressão. O que me chama mais atenção nesta discussão teórica acerca dos estudos culturais em educação é o entendimento da sociedade como um território pedagógico, preenchido por lugares de aprendizagens. Dessa maneira, devo procurar responder à seguinte questão: *quais foram os lugares de aprendizagens para a madrinha Francisca se formar na escola de Frei Daniel?*

Certamente, a história das aprendizagens e a “alfabetização” de Francisca desde a Capelinha de São Francisco, esteve e ainda está enredada em acontecimentos educativos de todos os tipos. Porém, a didática de ensino desta escola não é proselitista e o seu método de alfabetização não passa pela via do letramento⁶⁵. Segue um trecho de um salmo de instrução recebido pelo próprio mestre Daniel:

⁶⁵ Atualmente, pude observar na pesquisa de campo que a comunidade de adeptos fardados do CEOPE, tanto na cidade de Rio Branco como em Niterói, uma convivência de pessoas com diversos níveis de escolarização. Em minhas entrevistas, conversei tanto com pessoas que não foram alfabetizadas no ensino formal, até pessoas com pós-graduações e professores universitários.

*Meu santíssimo professor
não sei ler e nem escrever
e o que eu ver nessa luz
vós me ensinai a compreender
estamos em um santo salão
com fé e amor e felizes
recebendo as instruções
de São Francisco de Assis [...].*

Segundo Machado et al. (2017) e Goulart (2004), durante o curto e intenso período em que esteve ao lado de Daniel e nos anos seguintes após a morte do seu principal professor, Francisca se destacou na aprendizagem do desenvolvimento mediúnico, aprendendo também a cantar salmos na igreja e os pontos no terreiro, desenvolvendo habilidades com as rezas na mesa⁶⁶ e capacidades curativas com as entidades espirituais, irradiada na luz do Daime. Segundo relatos informais de Francisca, ela esteve ao lado do Mestre Daniel por pouco mais de um ano, realizando trabalhos diários durante uma parte deste período, quando fizeram uma penitência de 90 dias (três meses). Atualmente é a única discípula direta de Daniel ainda viva: “eu ensino aquilo que ouvi diretamente da boca do Mestre, não aquilo que disseram o que ele falou” (Francisca Campos do Nascimento, 2021, informação verbal).

Chica Gabriel também aconselhava a comunidade local, ensinando os valores cristãos para as crianças aos domingos, confeccionando as fardas oficiais dos marinheiros, o andor dos santos, além de produzir as lembrancinhas para as datas comemorativas ao final das romarias.

Francisca era uma marinheira que assumi muitas funções, fruto da sua singular inteligência e exigência pessoal em aprender a cumprir com os compromissos da casa, seguindo rigorosamente com as responsabilidades que lhe foram confiadas na doutrina do Mestre Daniel. Aliás, quando perguntam se ela fundou uma nova doutrina, enfaticamente a madrinha diz que não, afirmando que o seu segmento apenas zela e perpetua a “semente” que ela recebeu e aprendeu a regar com amor, diretamente do seu professor Daniel! Antes mesmo de se tornar uma madrinha e líder comunitária, Chica Gabriel ultrapassou os obstáculos do seu não-saber e das questões individuais

⁶⁶ Neste contexto, rezar na mesa é uma atribuição dada aos oradores. Trata-se de um posto ocupado por pessoas preparadas e responsáveis por realizar as orações de modo harmonioso nos intervalos de cada salmo cantado durante a liturgia. Na Barquinha da madrinha Chica, os oradores também são responsáveis por abrir e entregar os trabalhos espirituais realizados, proferindo palavras sensíveis e conectadas com o “culto santo”, elevando as emanações, rogativos e agradecimentos ao plano superior, por intermédio dos santos missionários e padroeiros da Missão.

e familiares, se colocando a serviço do coletivo, como diz o salmo que introduz esta seção, praticando com humildade e lealdade os ensinamentos recebidos.

Em algumas preleções que pude estar presente e outras que tive acesso às gravações cedidas para esta pesquisa, Francisca instrui os seus afilhados e afilhadas para não colocarem empecilhos para o ato de aprender a ocupar certas responsabilidades dentro desta doutrina. Sendo assim, essa idosa professora afirma com corajosas palavras que muitas vezes devido ao medo, à preguiça e ao esmorecimento diante das dificuldades, os irmãos-oficiais “cruzam os braços” perante as pessoas mais necessitadas de cuidados. Assim, no processo de desenvolvimento nesta escola espiritual, os marinheiros muitas vezes não alcançam os ensinamentos disponíveis na experiência com o Daime da Barquinha quando as provas se tornam mais difíceis e profundas.

Segue um depoimento da madrinha Chica, contando e relatando como foi a sua atitude como aprendiz na Barquinha, se esforçando com prazer e trabalhando dia e noite durante várias décadas nesta tradição religiosa:

Como disse, oitenta e cinco anos não é oitenta e cinco dias. De quem vem batalhando de muitos anos. Noite e dia. Essa história deu ficar sem dormir de noite, dormir tarde, é porque estou sempre junto, desde quando eu iniciei na Missão... é... nunca dormi cedo, só dormia tarde. Muitas vezes tirava a noite inteira. Vi amanhecer, como diz, vi anoitecer e vi o dia amanhecer! Viu?! Trabalhava mesmo, trabalhava mesmo! Não era brincadeira não. Hoje como diz, eu vejo aqui, meus irmãos, cês me desculpem falar isso, mas eu vejo os aparelhos, ali, tem hora que é uma reclamação total. 'Ah, mas tinha muita gente, hoje tinha muita cliente, porque tinha isso e aquilo'. Eu passei uma temporada sendo o aparelho único, ali, onde é a matriz. Eu atendia os cliente que vinha, atendia os irmãos da casa, sem falar nas crianças [...] Tinha horário marcado. Ainda tinha um bocado de gente que chegava, e falava para Dom Simeão: 'Meu irmão, está faltando tantas horas ainda, uma hora, meia hora para encerrar o trabalho'. E ele atendia todo mundo! E por ter muita gente só para um aparelho, foi que o presidente, eh, colocou, como diz assim, os irmãos pra ser atendido só no dia de quarta-feira. E eu gostava de atender, eu gostava de trabalhar, gostava sim de atender. Eu não faltava um trabalho! Eu não faltava um trabalho! De jeito nenhum. Só a única vez que eu faltava era quando eu ia pra maternidade ter menino, mas nunca passei um mês inteiro sem ir à igreja, antes de terminar o resguardo eu tava lá, tomando Daime e prestando o compromisso. Quem sabe que é do tempo... sabe disso aqui (Francisca Campos do Nascimento, 2020, acervo memorial CEOCPE).

Percebe-se que esse *processo de formação* de Francisca durante algumas décadas antes de ser reconhecida como madrinha, teve uma longa duração como aluna em sua experiência religiosa e sociocultural. Desse modo, aponto que as instâncias de aprendizagens desta religiosidade minoritária estão imersas em uma

temporalidade e acontecimentos não lineares. Não se trata de graduações em séries, mas em séries de graduações cotidianas, provindas das experiências e do saber praticado. Em outras palavras, pensando junto com Simas e Rufino (2019), estes saberes e os processos de formação vivenciados pela madrinha se forjaram nas experiências de um cotidiano inventivo e plural, no fortalecimento de práticas que prezavam o bem viver coletivo nos afazeres e rezas que ainda hoje multiplicam o axé (força vital) da comunidade.

Como foi dito anteriormente, esta sabedoria popular extrapola os domínios das instituições escolares e autoridades formais do campo científico, inventando as suas próprias funções pedagógicas para o enfrentamento dos fenômenos inacabados da vida. No caso da madrinha Chica, esses saberes se estruturam principalmente dentro dos rituais sagrados, na prática da caridade, nas trocas de bens simbólicos, significados e serviços de cunho material-espiritual, necessários para a continuidade da tradição pesquisada. Análogo à experiência de aprendizados de Francisca Gabriel, Sousa e Albuquerque (2018) ao contarem sobre os percursos de uma curadora da Amazônia, relatam que dona Dionéia aprendeu a benzer/orar a partir dos saberes do cotidiano, com as doenças, as medicinas populares da floresta, as orações mágico-religiosas e as experiências provindas no “palco da vida”. Segundo os autores, devemos ampliar a compreensão do sentido pedagógico, entendendo-o como cultura:

O cotidiano da vida em sociedade respira educação. Em nossas agremiações, relações interpessoais, familiares, tribais, nas agências religiosas, [...] lá estamos, aprendendo uns com os outros, com os seres sobrenaturais, com o sagrado e com a vida (SOUSA, ALBUQUERQUE, 2018, p. 23).

Madrinha Chica, nesta circularidade de trocas que envolvem saberes, afetos e modos de existir, durante o seu processo de formação extraescolar também experimentou “provas amargas” nas relações comunitárias até receber o seu anel e certificado de formatura. Mas então, dona Chica Gabriel se formou? Sim, mas não aconteceu em uma instituição de educação formal, não como se imagina usualmente. A Irmã de Caridade recebeu a sua formação na escola do bom professor, em uma perspectiva enigmática e como estou defendendo, na esteira dos saberes encantados.

Em outra faceta mais concreta e materialista desta mesma graduação, afirmo que Francisca ganhou prestígios e destaque na comunidade local entre as décadas de 1960 e 1990, devido às obras de caridades prestadas e a sua marcante presença

naquele território existencial (GOULART, 2004). Carlos Renato (Cacá), um dos dirigentes da Barquinha de Niterói e o primeiro aparelho preparado pela própria madrinha Francisca em seu segmento, disse durante uma cerimônia em Niterói que as virtudes desta matriarca estão ancoradas na tolerância, no respeito ao próximo, na paciência, na fé, no amor, na humildade e na preferência pela simplicidade.

Com o passar do tempo, contabilizando mais de trinta anos como aluno da madrinha, Cacá entende que a tolerância é a característica mais marcante dela. Segundo o relato do dirigente: “*com o passar do tempo, eu tenho mais certeza disso (risos)*” (Carlos Renato, 2022, informação verbal). Cacá finaliza os seus comentários dizendo que todos ganham com os ensinamentos dela. O que Francisca recebeu, ela fez multiplicar, entregando e dividindo com toda a sua irmandade de marinheiros. Para Sebastião (Tião), membro fardado da Barquinha de Niterói, a madrinha ensinou que o zelo com essa doutrina depende da força comunitária. “*A responsabilidade dela é muita. Mas é como ela fala, a Missão não é dela, a Missão é de todos os irmãos. A obrigação se divide entre todos*” (Sebastião Ferreira, 2021, informação verbal).

Porém, no tempo em que Francisca ainda estava na igreja matriz da Barquinha, na medida em que ganhava notoriedade e destaque em seu saber-fazer, também testemunhava e se envolvia, ao seu modo, com os conflitos da comunidade. A partir das primeiras dissidências de alguns membros e fissões no movimento religioso da Barquinha, coube à futura líder comunitária um novo e difícil aprendizado: ter um posicionamento ético-político frente aos conflitos, intrigas e (in)decisões internas na Barquinha.

Neste sentido, procuro não trazer apenas uma descrição histórica da Barquinha da madrinha Chica, posto que esta tarefa já foi realizada anteriormente por Luna (1995), Araújo (1999), Mercante (2012), Magalhães (2013), Costa (2008, 2019), Flores (2020), Santos (2021), entre outros. Ressalto que a intenção desta seção está na compreensão da “escola da Barquinha” e os percursos pedagógicos que fizeram de Francisca uma professora neste movimento religioso. Enfatizo, portanto, a Barquinha como um território existencial ao mesmo tempo religioso e pedagógico, capaz de produzir e perpetuar conhecimentos tradicionais. Os professores desta escola não são formais, suas didáticas são ritualísticas e muitas vezes, esotéricas. E os seus lugares de aprendizagens? São múltiplos!

3.2 O Santo, o Mestre e o Daime: quem são os professores de Francisca Gabriel na Barquinha?

Foto 7 - Entrega da Romaria de São Francisco das Chagas na Barquinha de Niterói



Fonte: Memorial CEOCPE (2007). Niterói.

A partir das narrativas orais colhidas em campo e através da literatura especializada sobre a Barquinha, encontrei fragmentos de relatos que abordam a escolarização de Francisca. Sabe-se que a madrinha estudou na escola formal até a terceira série do antigo ensino primário, nas escolas dentro dos seringais. Aos 14 anos Francisca precisou interromper definitivamente os seus estudos formais, abandonando a escola e iniciando a vida laboral para garantir o autossustento e a sobrevivência (SANTOS, 2021).

Em meados dos anos 40 do século passado, Francisca era uma adolescente que trabalhava em casas de farinha, colhendo macaxeira, feijão e quebrando milho. Além disso, trabalhou também como costureira e empregada doméstica, morando em uma casa de família por três anos:

Empregou-se na casa de seu Chico Padeiro, que ficava nas redondezas do atual Terminal Urbano. A partir desse momento não estudou mais na escola formal. Os afazeres domésticos a deixavam tão cansada, que não conseguiu mais estudar no período noturno (MACHADO et al., 2017, p. 13).

Em conversas informais, Francisca narra a questão da sua baixa escolaridade: *“eu não tenho estudo, como vocês têm”*. Mais do que isso, a madrinha afirma ser analfabeta. Por outro lado, sabe-se que ela consegue ler e escrever, além de ter uma

bela caligrafia. Para entender melhor essa questão, tive alguns diálogos com a Flávia Burlamaqui que atualmente é a pessoa de confiança da madrinha para cuidar do seu acervo de memórias e documentações na história do CEOCPE. Para a historiada Flávia, apesar da baixa escolaridade da madrinha Chica, esta idosa professora se interessa bastante por leituras de cunho religioso.

Por exemplo, a madrinha Francisca realizou importantes observações textuais, no intuito de melhorar a escrita do livro *Francisca Campos do Nascimento: uma caminhada de luz, amor e caridade*, publicado em sua homenagem no ano de 2017. Seguem as palavras da minha interlocutora Flávia, elucidando esta questão:

Eu acredito que quando ela fala isso, sobre a questão de ser analfabeta, ela tá se referindo aos conhecimentos da matéria né, porque realmente ela teve o estudo bem limitado, mas aí você pode fazer justamente esse paralelo né, porque espiritualmente ela é uma doutora (Flávia Machado, 2022, informação verbal).

Ao olhar para a educação como uma prática social, tendo em vista a noção de *saber popular ou sabedoria de vida*, Albuquerque (2012) lembra-nos que a inteligibilidade do real está sempre disponível no cerne da cultura como estratégia de sobrevivência, criação de vínculos sociais, além de perpetuar saberes e valores. Apoiada no conceito de *mediadores culturais* do historiador Serge Gruzinski, a autora indica que nesta vertente dos estudos em história cultural, há um alargamento daquilo que entendemos por educação e um deslocamento de interesse nos processos pedagógicos: “das instituições para os indivíduos, das políticas governamentais ou do pensamento pedagógico para as práticas cotidianas, abrindo, portanto, possibilidades para o alargamento da concepção hegemônica de educação” (ALBUQUERQUE, 2012, p. 25).

Para avançar nesta análise, vou caracterizar três importantes professores na formação de Francisca na Barquinha, considerando que os acontecimentos educativos nesta religiosidade ocorrem a partir da ingestão do Daime. Para Maria Betânia Albuquerque (2015, p. 7055), a “singularidade dos processos de aprendizagem mediados pela ayahuasca/daime reside no fato de que eles não são transmitidos pelos humanos, como tradicionalmente podemos pensar as formas ocidentais de educação”. Ou seja, nessa escola, além dos professores humanos, a madrinha realizou o seu estudo com uma planta mestra: o Daime.

No livro *Sabenças do Padrinho*, de Maria Betânia Albuquerque (2021), a autora discute as seguintes expressões: espaços pedagógicos e sujeitos educadores. Segundo Albuquerque (2021, p. 57): “Um mestre ou padrinho não nasce pronto posto que precisa passar, em sua jornada de vida, por uma formação”.

Começo, portanto, ressaltando as singularidades que marcam a pessoa do santo professor de Francisca na escola de Frei Daniel. Segundo Mendonça (2004), São Francisco nasceu em 1182, filho de uma rica família de Assis (Itália) e morreu em 1226, deliberadamente pobre e em estado de santificação. Francisco de Assis, viu com os próprios olhos o sangue humano sendo derramado nas “guerras santas”, imbuídas com os ideais da supremacia do cristianismo sobre os povos não cristãos, juntamente ao sonho de glória militar dos jovens que aderiam ao cavaleirismo na Europa medieval como um estilo de vida. Portanto, além de ter sido contemporâneo das históricas cruzadas, conforme Mendonça (2004), Francisco testemunhou e se opôs ao seu modo, à posição oficial da Igreja Católica que acumulava riqueza econômica e soberania política, construindo luxuosas catedrais góticas e se filiando ao sistema bancário internacional no início do século XIII.

O *Poverello de Assis*⁶⁷ após os anos de conversão ao cristianismo, experimentou uma vida radicalmente diferente das sonhadas glórias militares e das noites enluaradas regadas a festas e extravagâncias burguesas, vividas em sua juventude (LIMA, 2004). Giovanni, apelidado de *Francesco*, levou às últimas consequências a leitura que realizou do novo evangelho, vivificando a palavra sagrada, vivendo o amor cristão, a humildade, a pobreza, a fraternidade, a caridade e o rigor das penitências como regra de aproximação radical à vida de Jesus Cristo. Nas palavras de Alencar Lima (2004, p. 53):

Na regra primitiva da Ordem Franciscana, que ele redige algum tempo depois, está registrada a renúncia aos bens terrenos: ‘Todos os irmãos se dediquem a seguir a humildade e a pobreza do Nosso Senhor Jesus Cristo... E não se envergonhem disso, porque Nosso Senhor Jesus Cristo, filho de Deus vivo e todo-poderoso, fez-se pobre e peregrino, e viveram de esmolas, ele, a bem-aventurada Virgem e seus discípulos’.

⁶⁷ A palavra *Poverello* é traduzida como *pobrezinho*. Foi uma expressão que acompanhou Francisco após a sua renúncia aos bens materiais, agregando muitos discípulos franciscanos que viveram sem posses, dependendo de esmolas dos outros. Ver em Inácio Larranaga (2021).

Este encontro apaixonado de Francisco com o Deus-filho (a pessoa divina de Jesus) a partir do despojamento total das posses, não coincidia com os rumos sacerdotais da hierarquia eclesiástica da cristandade em sua época. Nas palavras de Leonardo Boff (1982, p. 72), da “coligação entre Igreja hierárquica e Estado (com classes dominantes nele representadas) nasce o fenômeno histórico-cultural chamado de cristandade.” Em outras palavras, a cristandade na época de São Francisco criou uma relação íntima entre o poder religioso, político e militar.

O Império e os sacerdotes juntos, se posicionaram socialmente e politicamente “acima” dos pobres. Estes em relação aos ricos, estavam à margem, não eram dirigentes, mas também não eram esquecidos pelos administradores do catolicismo. Francisco, se autoproclamava devoto da *Senhora Pobreza*, rompendo com a sua antiga posição econômica de opulente riqueza, optando por viver com os pobres, para os pobres e a partir dos valores dos pobres (BOFF, 1982). Neste sentido, o santo demarca para si uma atitude existencial radicalmente pobre, mas também convoca os novos cristãos para viverem essa experiência ontológica, trazendo uma direção filosófica e ética juntamente à experiência da pobreza:

Pobreza, fundamentalmente, não está somente em não ter coisas, porque o homem sempre tem: seu corpo, sua inteligência, sua roupa, seu estar-no-mundo. Pobreza é um modo de ser pelo qual o homem deixa as coisas serem; renuncia a dominá-las e a submetê-las e a serem objeto da vontade de poder humana. Abdica de estar sobre elas para colocar-se junto delas. Isso exige uma ascese imensa de despojamento do instinto de posse, de domínio sobre as coisas e da satisfação dos desejos humanos. A pobreza constitui a caminhada essencial de S. Francisco feita no lugar físico dos pobres. Quanto mais pobre, mais livre e fraterno se sentia. A posse é que cria obstáculos à comunicação dos homens entre si e do homem com a natureza (BOFF, 1982, p. 55).

Vejamos aqui um primeiro ponto de cruzamento entre a biografia de Francisco e a escola espiritual que Francisco frequentou. Segundo o Frei Geraldo Monteiro (2002), a aprovação do Papa Inocêncio III no dia 16 de abril de 1209 para que Francisco pudesse liderar uma Ordem dos Frades Menores, outorgou a integração do franciscanismo ao catolicismo. Este importante acontecimento na história do cristianismo se efetuou a contragosto e desprezo de cardeais em relação à “*Regra Primitiva*” e as motivações espirituais do irmão menor.

Neste sentido, a liderança e as propostas de Francisco era um contraponto aos rumos que a Igreja Católica estava tomando, causando um sentimento paradoxal nos sacerdotes e féis de sua época. Se por um lado, os contemporâneos de São Francisco

viam a cristandade entre a cruz, a riqueza e a espada, por outro lado viam um grupo cada vez maior de franciscanos peregrinos e mendicantes-livres que andavam com os pés descalços, pregando e praticando a gratuidade, a alegria, o cuidado fraternal, vendo nos degredados humanos a própria imagem do Cristo (LARRAÑAGA, 2021). Contudo, como e o que este professor chamado São Francisco ensina aos marinheiros Barquinha?

A meu ver, este santo trouxe um importante fundamento para a escola de Frei Daniel, em especial para a madrinha Francisca: para chegar-se ao Cristo e às experiências sagradas, será preciso se encontrar fraternalmente com a complexidade humana, principalmente pela prática religiosa da caridade e aceitação da diferença. O antropólogo anarquista David Graeber (2013, p. 53), ao pensar a noção da dádiva cristã, diz: “A verdadeira caridade, na doutrina cristã, não poderia se basear em qualquer tipo de desejo de superioridade, ou de ganhar o favor de alguém, ou em qualquer tipo de motivo egoísta que fosse”. No sentido franciscano, a caridade não deve estar atrelada a ganhos pessoais e também não deve ser realizada como uma estratégia política.

Mais ainda, a prática da caridade pode funcionar como uma bússola para o cristão avaliar as suas reais intenções e capacidades de estar em comunhão ou não, com os seus irmãos. Neste mesmo sentido, sob o exame das intenções que regem a prática espiritual dos “alunos daimistas”, segue um pequeno trecho de um salmo que compõe o hinário da Barquinha da madrinha Chica, chamado *ABC de Juramidam*, atribuído ao espírito do Padrinho Sebastião:

*Todos que tem sua doutrina
 Todos tem seu galardão
 Mas nem todos sabem ser amigos
 E se unir aos seus irmãos
 Se engrandecem, se envaidecem
 Por ter grandes veneração
 Desprezam seus irmãos amigos
 Por não ter o amor no coração.⁶⁸*

Deste modo, o *ethos franciscano* valoriza a experiência da amizade e da irmandade, em um sentido de solidariedade mútua na vida comunitária. Esta dimensão coletiva e fraternal presente nos ensinamentos franciscanos, deve ser

⁶⁸ Fragmento do hino recebido por Francisca Campos do Nascimento - acervo memorial CEOCPE.

fortalecida na prática da caridade: ação que preza o bem viver comum, levando o praticante a diminuir suas ambições pessoais por títulos, posses, status sociais e privilégios políticos. Desse modo, o aluno de São Francisco pode alcançar o sensível da vida humana e a ternura da troca afetiva que faz criar laços de comunhão entre as diferentes pessoas e tudo o que existe na natureza extra-humana. Na tradição da Barquinha, o fundador ensinou o seguinte lema que até hoje é perpetuado, mas nem sempre praticado pelos seus seguidores: “fazer o bem sem olhar a quem” (OLIVEIRA, 2002, p. 73).

Ouso afirmar que a prática da caridade é o maior dos ensinamentos franciscanos na escola de Frei Daniel e talvez, o atributo que a aluna Francisca mais se aprofundou. Prova disso é o título que ela recebeu ao passar dos anos: *Irmã de Caridade*. Segundo Araújo (1999, p. 108), a caridade é a principal finalidade da casa fundada pelos seguidores do Mestre Daniel, prestando “assistência aos necessitados no visível e no invisível”. Quando perguntei a um preto-velho da Barquinha de Niterói o que é a caridade, ele respondeu com a seguinte definição:

Como se diz assim, na caridade o que se resume são as atitudes, são trabalhos feitos em que compartilhamos tanto das dores como, também estamos dispostos a doar aquilo que temos que é o amor de Deus para poder fortalecer cada filho (Pai Preto, 2021, informação verbal).

Essa mesma pergunta, “o que é a caridade?”, também foi direcionada para a madrinha Cléia⁶⁹, dirigente da Barquinha de Niterói e neta da madrinha Chica. A resposta da dirigente parece trazer três elementos importantes na cosmovisão do grupo. Primeiro: a caridade serve à própria pessoa que realiza o ato de doação, pois lapida o espírito e aumenta a probabilidade de sua salvação na vida espiritual, após a morte terrena. Segundo: a caridade ajuda o outro que recebe e necessita de auxílios de ordens materiais e espirituais, diminuindo as desigualdades e iniquidades entre os seres vivos. Terceiro: trata-se de uma ação que efetua um movimento concreto de alguns fundamentos cristãos na doutrina de Frei Daniel, ou seja, trata-se um saber eminentemente prático. Portanto, a caridade é um aprendizado franciscano de grande valor na Barquinha. Dar é receber!

⁶⁹ Cléia é maneira como a dirigente Wilicleia do Nascimento Ferreira prefere ser chamada.

Como veremos na fala da Cléia, a caridade na Barquinha de Niterói projeta os marinheiros de Frei Daniel na condição do agir, mais do que falar:

A caridade, pra mim né, mais profunda é aquilo que fazemos para as nossas próprias vidas né, pela nossa salvação. De caridar, ajudar e ensinar aos filhos que necessitam, sejam familiares, sejam os doentes, sejam pessoas que nós não conhecemos. Então constantemente, cada um de nós temos tantas oportunidades de ajudar, de prestar realmente esse auxílio. Para mim, caridade é isso, prestar o auxílio ao desesperado, ao necessitado. Seja uma criança, seja uma mãe, seja um pai, seja um inocente... quem quer que seja. É a caridade, rezar por quem a gente não conhece, levar o alimento para quem tem fome, água para quem tem sede, pra mim caridade é tudo isso. Tem muitas coisas, tem muitas formas de prestarmos a caridade. Então esse ato que cumprimos na missão, esses ensinamentos da vó, de estarmos rezando... nós estamos caridando o nosso espírito para o futuro de salvação, mas caridando a quem está aqui nesse plano sofrendo, caridando quem já não mais se encontra aqui. Então a caridade, tem várias formas para a gente pensar nela e agir (Willicleia do Nascimento Ferreira, 2022, informação verbal).

Desta maneira, a presença de São Francisco como patrono e professor na Barquinha da madrinha Francisca, convoca os tripulantes desta religiosidade à prática da caridade, buscando a conexão com o divino nas questões humanas. Portanto, na perspectiva dos saberes encantados, o santo não está distante, ele é demasiadamente humano! Se aproxima de Deus, mas convive e se mantém conectado com os dilemas terrenos (OLIVEIRA, 2002). Mais ainda, no caso de São Francisco, o santo dos pés descalços agregou a si mesmo o negativo da vida, unindo o feio ao belo, a doença com a saúde, a pobreza com a riqueza, a cultura com a natureza, o fracasso com o triunfo, a cruz com a liberdade. Nas palavras de Leonardo Boff (1982, p. 33):

Francisco libertou as fontes do coração e as vertentes do Eros. É o sol de Assis como o chamou Dante. Realizou um admirável acordo entre Logos e o Pathos, entre o Logos e o Eros. Mostrou em sua vida que para ser santo se precisa ser humano.

Para Alencar Lima (2004, p. 36):

O beijo no leproso integra-o definitivamente na miséria da humanidade. Sente aquele homem como um irmão e seu coração exulta com a descoberta. Como Cristo, que encontrara um leproso no caminho para Cafarnaum, também São Francisco tem o seu encontro. Daquele dia em diante vai com regularidade ao leprosário tratar das criaturas que lá se encontram e essa prática de caridade mostra-lhe com clareza os ensinamentos de Cristo.

Eis o segundo ponto de aproximação que faço entre a aluna Francisca e o professor São Francisco das Chagas. Os ensinamentos franciscanos rompem com a hegemonia do Logos e a excessiva racionalização da vida. Conforme Leonardo Boff

(1987, p. 35): “Por isso seu axioma é: ‘Tanto sabe o homem quanto põe em prática’”. Segundo o biógrafo e frei franciscano Inácio Larrañaga (2021, p. 136), Francisco “não gostava de teorizar, e menos ainda de racionalizar. Foi o homem do concreto e do literal [...]. Foi o homem da improvisação, no melhor sentido da palavra”. O Pobre de Assis carregava consigo a surpresa, a simplicidade, a inspiração divina e a disciplina na execução dos afazeres sagrados. Colocava tudo na prática, o conhecimento vinha da experiência sensível, sem grandes complicações intelectuais ou verborragias. Conforme o autor, Francisco foi:

[...] como um explorador: quando escala uma montanha, o explorador consegue ver uma elevação proeminente ao longe; quando consegue escalar essa outra, enxerga outros cumes que não tinha visto antes. Ou como o explorador de galerias subterrâneas: avança cinco metros perfurando as entranhas e, de repente, topa com um filão de qualidade e de cor desconhecidas. Continua perfurando e pouco adiante, à esquerda, dá com uma jazida de metal novo e puro. Vive do imprevisível. O Pobre de Assis viveu assim, principalmente naqueles anos: sempre a ponto de descobrir; à espera do inesperado, disponível e atento, sem pressuposições nem condicionamentos (LARRAÑAGA, 2021, p. 136).

No desenvolvimento desta pesquisa, pude perceber algumas similaridades deste método espiritual franciscano no saber-fazer e saber-ensinar de Chica Gabriel. Em todos os momentos em que estive conversando com a madrinha, apesar da sua idade avançada, nunca a encontrei completamente ociosa. Ao contrário, estar próximo da madrinha sempre foi uma experiência de pleno movimento, improvisação e execução de tarefas práticas da vida. Ora estávamos conversando enquanto a madrinha organizava a sua casa em um período de reforma, ora conversávamos enquanto arrumávamos a mesa da refeição, ou mesmo quando ela queria ensinar uma devoção (oração) específica, aproveitando o momento para me contar um “causo” de sua vida.

Em um raro momento de exceção, tive uma conversa “atoa” com a madrinha Francisca quando ofereci rapadura a ela, em um encontro de 2018 na cidade de São Paulo. A rapadura a fez lembrar do seu falecido esposo que tanto gostava deste doce, provindo das suas raízes nordestinas. Neste momento de raro repouso, Francisca parou tudo e me contou com detalhes “as coisas do padrinho Francisco”.

Portanto, na tentativa idealizada de realizar uma pesquisa de campo conforme um roteiro prévio, procurei o momento em que a madrinha Chica pararia tudo para me conceder uma entrevista, mas isso de fato nunca aconteceu. Aprendizagens do

método cartográfico, aprendizagens das ciências encantadas! Eu dizia: “*madrinha, vamos fazer aquela entrevista?*”. Ela me respondia: “*vamos ver, vamos ver*” e soltava uma risadinha alegre de quem estava me dizendo implicitamente que a entrevista já estava acontecendo, só que do jeito dela, sem o gravador, ativando apenas a minha memória e capacidade de compreender o que ela estava fazendo e dizendo para toda a irmandade. Neste sentido, compreendi que a entrevista com a minha principal interlocutora aconteceria em movimento e na observação constante dos seus gestos e palavras.

Foto 8 – Conversa com a madrinha Francisca



Fonte. Joyce Santos (2018). Memorial CEOCPE. São Paulo.

Isto não quer dizer que a madrinha Chica não concede entrevistas, mas devido ao meu lugar de pesquisador acadêmico e marinho em seu segmento, provavelmente ela tenha optado pelo método que ela oferece a todos os seus alunos-afilhados do CEOCPE. Segue uma anotação de campo que realizei “supostamente” após entender o jeito de pesquisar o meu objeto de estudo:

Como compreender método de aprendizagem na Barquinha da madrinha Chica? Parece ser necessário buscar uma observação mais silenciosa; é necessário realizar um esforço para aprender o que não sei; é preciso ter bastante dedicação na oração para alcançar os esclarecimentos que não são falados; é fundamental comungar o Daime sem medo para elevar o pensamento a Deus; por fim, é preciso praticar os ensinamentos com humildade (Gabriel, novembro de 2021, diário cartográfico).

Em minhas anotações durante a romaria de São Francisco no mês de setembro de 2021, era uníssono na comunidade de Niterói as seguintes afirmações: “*São Francisco traz a disciplina...*”, “*esse santo cobra bastante...*”, “*é conhecido por ser bonzinho, mas durante a sua romaria ele acorda quem está dormindo no ponto...*”. Curioso notar que São Francisco, muitas vezes no imaginário popular seja visto como um santo despojado das formalidades e convenções sociais, carregando até mesmo um estereótipo de “*santo hippie*” que viveu entre a loucura, a infantilidade e o amor desmedido pela natureza. Porém, São Francisco é reconhecido pelos seus biógrafos por cultivar três importantes características em sua liderança e ascese espiritual, muito presentes na escola da Barquinha: *a disciplina, a prudência e o silêncio*. Caminhos esses percorridos por Francisca que carrega certa austeridade, uma mistura de diligência, firmeza, discrição e entrega amorosa aos seus compromissos espirituais e comunhão com as forças sagradas.

Segundo Larrañaga (2021), Francisco também era extremamente austero, reservado e sigiloso em seus ofícios sagrados, principalmente quando fazia caridades a benefício dos seus semelhantes, mas sobretudo na sua relação mística e íntima com Deus. Sabe-se, por exemplo, que a rápida canonização de Francisco de Assis se deu, tanto pela sua obra social-espiritual incontestável, mas também pela marca abrasadora que ele recebera milagrosamente em seu corpo (as cinco chagas de Jesus Cristo), ainda em vida. Por isso, o santo também é conhecido como São Francisco das Chagas. Esta marca sagrada, ele escondeu como pôde da curiosidade alheia e dos fanáticos religiosos, até o dia da sua morte:

Ocultou zelosamente durante três anos aqueles sinais misteriosos que levava em seu corpo. Todo mundo sabia de sua existência, mas, enquanto ele viveu, ninguém teve oportunidade de vê-los, nem seus confidentes mais íntimos, nem a própria Clara. O único que pôde vê-los foi o irmão Leão, que servia de secretário e enfermeiro (LARRAÑAGA, 2021, p. 16).

Ainda sobre o santo professor de Francisca, vale ressaltar a sua admiração pela estética da existência, especialmente pelas artes dos poeta-cantores e tocadores de instrumentos medievais, a exemplo do alaúde (LARRAÑAGA, 2021). Antes de sua desilusão com a vida militar e posterior conversão espiritual, o filho de Pedro Bernardone e Dona Pica carregava em sua juventude uma alma que cultivava a beleza, a alegria, a boemia e os sonhos cavalheirescos, expressos nos versos dos seresteiros em sua época. Conforme Lima (2004, p. 113): “Esse gosto pela música,

aliás, vinha de sua primeira juventude. Naquela época, em que levava uma vida diferente, encantava-o o alegre saber dos trovadores”.

Pouco antes de morrer, Francisco já cego da visão e sofrendo de inúmeras dores corporais, segundo consta na biografia de Inácio Larrañaga (2021), começou a aprender a tocar alaúde com o Frei Pacífico. Segue um belo trecho da biografia que narra Francisco sublimando a sua dor no contato com a música:

Por algum tempo, o Irmão Crucificado deixou de lado o breviário e, durante o tempo todo, repetia o Cântico do Sol. Quando aumentava a dor das enfermidades, entoava-o com voz mais alta e vibrante, convidando Frei Leão e Irmã Clara a cantarem juntos. Era a melhor anestesia para suas dores. 'Irmão Leão', disse um dia Francisco, 'eu gostaria de fundar outra Ordem, ou melhor, eu gostaria que a Ordem dos Irmãos Menores se transformasse na Ordem dos Irmãos Jograis. Irmão Leão, vai procurar o Rei dos Versos, que ele venha quanto antes para cá'. Quando Frei Pacífico chegou, Francisco perguntou: 'Irmão Pacífico, trouxeste o alaúde?'. 'Irmão Francisco, respondeu Pacífico, para que serve um soldado sem espada ou um arauto sem trombeta? Um cantor sem alaúde não serve para nada. Querido Francisco, o meu está aqui' (LARRAÑAGA, 2021, p. 454).

Estes aspectos artísticos que integraram as zonas profanas e as zonas sagradas na existência de São Francisco, também estiveram presentes ao longo da vida do seu devoto e filho marinho: o Mestre Daniel. Este mestre é considerado por Francisca Gabriel como o seu maior professor em vida de matéria. Daniel Pereira de Mattos, como apresentei anteriormente, foi um homem singular. Os livros que contam a sua história, lembram que este líder religioso passou parte da sua vida servindo à Marinha do Brasil. Segundo Neto et al. (2010), Daniel ingressou na infância como aluno na *Escola de Aprendizizes Marinheiros* do Maranhão, porém, não se sabe se ele foi levado pela família ou pelas autoridades públicas, “laçado” como criança órfã.

Os maus-tratos e castigos severos que aconteciam nesta escola eram direcionados principalmente para crianças e adolescentes pobres e desvalidos, principalmente se fossem negros como Daniel. Paradoxalmente, se não fosse o colégio militar, dificilmente ele teria sido alfabetizado nos conhecimentos em caligrafia, matemática, geografia, gramática, artes, entre outras disciplinas, além dos vários ofícios que aprendeu na Marinha (NETO et al., 2010). Mestre Daniel ficou conhecido como *o homem das doze profissões*: músico, poeta, marceneiro, carpinteiro, construtor naval, alfaiate, sapateiro, barbeiro, padeiro, cozinheiro, artesão e pedreiro (SANTOS, 2021).

Integrando a tripulação que trazia os batalhões de defesa do Acre, Daniel pisou em terras acreanas pela primeira vez no ano de 1905, chegando pela via fluvial, como marinheiro oficial da Marinha de Guerra Brasileira. Posteriormente, depois de viajar em treinamento pela Europa e Jerusalém, ele deu baixa em seu compromisso militar, provavelmente como 2º Sargento da Marinha, fixando morada em Rio Branco no dia 07 de abril de 1907 (MERCANTE, 2002; MARGARIDO; NETO 2005; SANTOS, 2014). Segue um trecho do livro *No caminho de Mestre Daniel*, onde os seguidores de Frei Daniel identificam as interpenetrações da sua profissão como marinheiro e a construção litúrgica e ritual da sua doutrina religiosa:

No seu trabalho religioso é possível identificar elementos que remetem ao seu tempo de vivência e aprendizado na Marinha: os símbolos (barquinho, leme, mastro, âncora, bandeira), usados na farda, na igreja e no parque; as palavras (viagem, leme, embarcação, navios, proa, mar, ondas, praia, navegar, marinheiro, faróis, hastear, esquadra, naufragar) contidas no hinário e nos pontos cantados no parque. As molduras entalhadas em madeira e usadas para colocar as gravuras dos santos de devoção usadas no altar; o crucifixo e descansos de pés feitos em madeira, lembranças de sua prática de marcenaria; a construção da fachada, mesa e altar da igreja, que demonstra o conhecimento de desenho e arquitetura e, por fim, a fabricação de instrumentos musicais como o violino (com o qual musicalizava os hinos e salmos recebidos do astral), violão (tocado durante o ritual religioso na igreja) e, ainda, o cavaquinho (NETO et al., 2010, p. 46-7).

Após a sua chegada definitiva nas terras acreanas, antes de conhecer o Daime, Daniel viveu “umas temporadas na vida do mundo”, como relatou o meu interlocutor também acreano Manoel Francisco Dias da Silva (Manoel Abelha). O ex-soldado da Marinha tinha grande afeição pelas artes, pelas serestas e pelo estilo de vida boêmio. Segundo Araújo (1999) e Magalhães (2014), até as décadas de 1930 e 1940 ele era conhecido em Rio Branco como um barbeiro e boêmio que fumava e vivia embriagado, fazendo inúmeras composições e serenatas apaixonadas. Porém, os problemas que Daniel viveu com o alcoolismo não diminuiram o seu prestígio artístico e respeito no Acre. De acordo com Neto e Oliveira (2010, p. 83):

Daniel era um grande compositor e intérprete. Tocava em vários estilos, como valsa, choro, marcha e samba, e construía violão, violino e cavaquinho. Era um reconhecido tocador de violão, e dava sua grande contribuição para a sociedade acreana, principalmente nas décadas de 30 e 40, escrevendo e ofertando partituras musicais para a Banda da Antiga Guarda Territorial do Acre, que tocava suas músicas nas retretas da cidade.

O maestro-professor de Francisca Gabriel não desenvolveu as suas aptidões nas academias universitárias, neste sentido, sua erudição e grandes habilidades em diversos ofícios foram aprendidos tanto na Marinha, quanto nas experiências no

mundo. No relato de um homem que conheceu Daniel na época em que ele já tomava Daime, chamado Raimundo Gomes do Nascimento, fica claro que o maranhense tinha apreço pelos estudos: “ficava em casa estudando, ele gostava muito de estudar. O negócio dele era ler, trabalhar de carpinteiro, como também ele era o barbeiro dele (o Mestre Irineu)” (ALMEIDA; SOUSA, 2008, p. 46). Como disse anteriormente, parte desses saberes foram desenvolvidos pela via da disciplina militar e demais saberes náuticos, mas outros acontecimentos educativos na vida de Daniel foram forjados na cultura popular e nas experiências visionárias com o Daime. Como disse anteriormente, grande parte do ritual e estrutura cosmológica da Barquinha estão envoltos nessas experiências de vida do seu fundador (COSTA, 2019).

Após viver as desilusões existenciais por causa da dependência alcoólica, acompanhado por problemas severos de saúde, com dificuldades financeiras e abandonado por sua família, Daniel iniciou um tratamento espiritual com o Daime instruído pelo Mestre Irineu, seu conterrâneo e cliente na barbearia (FLORES, 2020; MAGALHÃES, 2013). Segundo Rosana Oliveira (2002), Daniel bebeu o Daime pela primeira vez em 1937 e após muitos anos de tratamento e transformações em seu mergulho na espiritualidade daimista, fundou e construiu a sua própria doutrina, consagrando-se como professor e mestre pela obra que deixou arquitetada em sua vida, com mais de 200 hinos/salmos escritos em pautas musicais antes do seu falecimento (MAGALHÃES, 2013)⁷⁰.

Segue o trecho de um salmo cantado na romaria de São Francisco das Chagas no CEOCPE, atribuído ao espírito de Daniel:

*Eu sou o irmão Frei Daniel
e o meu caminho já foi de espinhos
hoje navego em rosas e lírios
perfumando os peregrinos [...] ⁷¹*

Portanto, Daniel apresenta fases distintas em sua existência: viveu o caminho de espinhos e também navegou entre rosas e lírios. Essa grande transição em sua

⁷⁰ Além das centenas de salmos que deixou escritos em pautas musicais, Daniel também fez um importante trabalho político, enviando cartas e fazendo alianças com os governantes do Acre, pedindo proteção frente aos ataques e perseguições que a comunidade da Capelinha de São Francisco sofria pelos preconceitos da sociedade de Rio Branco (GOULART, 2004, p. 120; NETO; OLIVEIRA, 2010, p. 84-5).

⁷¹ Fragmento do Salmo recebido por Lusiélia Venâncio, acervo memorial CEOCPE.

vida pode ser entendida como uma “morte iniciática” (PASKOALI, 2010). Porém, a morte simbólica de Daniel para a vida boêmia não significou apenas um processo pessoal de conversão e aperfeiçoamento espiritual. Como nos mostra Araújo (1999), esse acontecimento reverberou em saúde e benfeitoria para inúmeros habitantes na cidade de Rio Branco.

Daniel Pereira de Mattos passou por um processo de transformação espiritual que durou muitos anos e, assim como São Francisco, não aconteceu da noite para o dia. Segundo Larrañaga (2021), Francisco de Assis estava no auge de sua juventude, preparando-se para mais uma expedição militar quando teve um sonho em um dia qualquer, recebendo “uma visita de Deus” perguntando se ele queria seguir ao Senhor (Deus) ou ao servo, referindo-se aos homens tiranos (LARRAÑAGA, 2021, p. 33-4). A partir desse dia, conforme narra o biógrafo do santo, o processo iniciático e as mudanças radicais nos hábitos de Francisco duraram cerca de dois a três anos. No caso de Daniel, a sua conversão durou cerca de oito anos, desde 1937, quando provavelmente tomou o Daime pela primeira vez, até 1945, ano em que fundou a sua doutrina.

O processo iniciático do músico e líder religioso brasileiro é contado a partir de um mito fundador nesta tradição: trata-se das mirações que Daniel tivera com o *Livro Azul* em estado de êxtase. Essas visões são narradas em livros, salmos e também pela tradição oral da Barquinha como a revelação mística da doutrina. As visões do Livro Azul não aconteceram apenas na experiência com o Daime, mas também em sonhos quando Daniel era criança e também sob efeito da cachaça, ainda na fase inicial do seu encontro com a doutrina daimista (ARAÚJO, 1999; GOULART, 2004; SANTO, 2021). Um dia:

Ao retornar de uma festa junto a um de seus parceiros de farra, resolveu descansar um pouco em um lugar conhecido por poço das cobras. Bêbado, chegou a receber uma revelação na qual dois anjos desciam do céu e lhe entregavam um livro de cor azul. Ao despertar, não procurou saber o significado da visão que acabara de ter: sua única reação foi a de despejar o restante da aguardente no rio Acre (ARAÚJO, 1999, p. 46).

Ao dialogar com o meu interlocutor Manoel Abelha sobre o significado do *Livro Azul*, ele traz a seguinte explicação:

M.A: Baseadamente, eu vejo assim né, eu... vejo assim. Esse livro, esse livro na minha intuição é a Bíblia. Que na maioria desses salmos...voltando lá na história do salmo que eu ouvi e tava na Bíblia [...]. Se você for procurar bem mesmo, tá lá dentro da bíblia a maioria desses salmos. Que aí você pode ter

a conclusão desses salmos, por exemplo, de que João Batista batizou Jesus, isso tá na Bíblia! Se você for procurar...o negócio é que você vai ter que procurar nos versículos e tal e você vai encontrar esses salmos. É a minha concepção [...] esses hinos eles vêm por intermédio dos espíritos, sempre vem pelos seres. Esse livro quem recebeu foi o Mestre Daniel. Esse Livro Azul é a Bíblia. Eu tenho para mim isso.

G: Por que azul?

M.A: Azul porque assim.... azul diz é uma cor que mais usam, assim também dizem. A cor da água do mar, a cor do céu e tal...o Livro Azul é também o globo, o mundo. Então, está tudo ali. A Bíblia eu vejo que é esse Livro Azul (Manoel Francisco Dias da Silva, 2021, informação verbal).

Nas palavras de Sandra Goulart (2004), o recebimento deste livro místico revelava o destino religioso deste homem e da missão que ele deveria fundar: “É interessante notar como visão, sonho, inconsciência, revelação se equiparam nestas histórias, se aproximando, ao mesmo tempo, da experiência visionária produzida pelo Daime” (GOULART, 2004, p. 116). Deste modo, a antropóloga analisa o êxtase místico vivenciado pelo Mestre Daniel como um *estado de embriaguez*, ora provocado pelo álcool, ora provocado pelo Daime. Posteriormente, Daniel abandona o álcool e vive aquilo que chamei na introdução de *sagrada embriaguez*, lendo e traduzindo as páginas misteriosas deste livro invisível para os seus companheiros e companheiras da Capelinha de São Francisco. Diferentemente de um estado de dependência e compulsão alcoólica, a sagrada embriaguez carrega um potente e afirmativo modo de aprender. Seguem as palavras do historiador Henrique Carneiro, ao pensar a dimensão cultural desta experiência psicoativa:

A integralidade do fenômeno da embriaguez, assim como os efeitos psicoativos em geral, é sempre biopsicossocial. Uma história da embriaguez também é uma história de como os corpos podem transformar suas consciências por meio de ingestões e de como esses estados vão adquirindo significados culturais partilhados e formas de gestão coletivas de sua condição alterada, tanto nos momentos agudos de embriaguez como na cronicidade dos comportamentos de ingestão alcoólica (CARNEIRO, 2010, p. 16).

Embriaga-se para transbordar a vida, intensificando amores, dores, datas comemorativas, contemplações artísticas, rituais fúnebres, iniciáticos e também para gerir um determinado grupo. Embriaga-se também ao comer e beber dos “frutos paradisíacos” e dos “frutos proibidos” que exaltam a alma humana em experiências de êxtase. As fontes das escrituras sagradas e as narrativas míticas também nos oferecem uma multiplicidade de sentidos para a ideia de embriaguez, não sendo tão somente um estado de percepção e de humor problemáticos que precisam ser contidos ou controlados. Ao contrário, pode ter uma conotação positivada, como tomar

o vinho para entrar em comunhão com o sangue divino (CARNEIRO, 2010, p. 14). Segundo o biógrafo de São Francisco, a embriaguez divina é uma experiência arrebatadora, gratuita e sagrada, onde a pessoa vivencia a presença plena em Deus: “A pessoa sente-se como uma praia inundada por uma maré irremediável. Fica muda, aniquilada, absolutamente embriagada, com uma consciência claríssima de sua identidade, [...] e tudo isso em Deus” (LARRAÑAGA, 2021, p. 35).

Vale ressaltar que as mudanças na vida de Daniel, advindas das visões do Livro Azul, podem ser compreendidas como o primeiro ensinamento deste professor na sua jornada como um líder religioso: a conversão! Para Magalhães (2014, p. 115), os processos transformativos da conversão são compreendidos como uma espécie de “magia cristã”, mediados por santos auxiliares. Portanto, a iniciação é um processo de aprendizagem alquímica do ser, onde a pessoa é transformada em seus atributos mentais e corporais. O antropólogo Wladimir Sena Araújo, inspirado pelos estudos dos ritos de passagem do etnólogo Van Gennep, nos traz a seguinte perspectiva acerca da iniciação do Mestre Daniel:

Como lembra Van Gennep, a situação de transição compreende três momentos específicos: a separação (saída do estado anterior), a liminaridade (o estado de passagem propriamente, em que a pessoa se acha entre o estado anterior e posterior) e a agregação (quando se dá a entrada no novo estado). (ARAÚJO, 1999, p. 48).

Assim, o livro que o fundador recebeu do astral se tornou uma palavra sagrada na Barquinha, uma palavra cantada e vivida pelos romeiros de Frei Daniel, como nos mostra Rosana Oliveira (2002). Lembro-me de um mutirão realizado em Niterói em que estávamos terminando um longo dia de limpeza; todos estavam bastante cansados. Resolvi sentar em um canto para fumar um cachimbo e relaxar o corpo! Logo, se aproximou um músico do centro-igrejinha e começamos a falar informalmente sobre a musicalidade na doutrina de Frei Daniel. Neste momento o músico faz a seguinte afirmação: “*Nossa Bíblia é a música! Nossa doutrinação é musical, aqui não temos o livro físico*” (Gabriel Varela, 2021, *informação verbal*). Posteriormente, eu entrevistei este membro oficial da casa para que ele pudesse me explicar melhor essa afirmação. Para o Gabriel, as mensagens contidas no Livro Azul foram reveladas e são transmitidas pelos salmos, hinos e pontos da Missão, ensinando os marinheiros da Barquinha a sentirem a palavra, alcançando uma

experiência que ultrapassa os limites da razão ou da explicação pela linguagem verbal. Nas palavras do meu interlocutor:

É você se sentir dentro daquilo que está acontecendo... que está sendo cantado e dito dentro da música. As palavras que vão trazendo e que são assim, que se você comparar são bíblicas, né?! As palavras que estão ali tem tudo a ver com o que já é dito pela Igreja Católica...tipo sei lá, os evangélicos, você vê a Bíblia... têm salmos que condizem com aquilo que está escrito na palavra da Bíblia. Então é você sentir aquilo de verdade... é uma coisa que eu não tenho como te explicar (Gabriel Varela, 2021, informação verbal).

Ao refletir sobre a importância da musicalidade na Barquinha, é possível afirmar que a madrinha passou por um processo formativo envolvendo as habilidades musicais. Desde os momentos vividos ao lado de Daniel, escutando-o cantar e tocar os seus instrumentos até a posterior estruturação ritualística da doutrina, realizada pelo o Mestre Antônio Geraldo que também era um excelente músico. *O saber musical* sempre esteve presente na pedagogia da Barquinha, pois nesta doutrina o aprendizado das canções compõe um dos principais pilares do ritual sagrado. No entanto, exceto os dirigentes que conduzem os rituais do CEOCPE, os fiéis não usam papéis para cantarem os salmos pela via da leitura, uma vez que o extenso hinário da Barquinha é tradicionalmente memorizado e cantado de olhos fechados durante os rituais.

A estética religiosa que Daniel criou, fundou uma relação harmoniosa entre o Daime, a concentração mental, a oração, a mediunidade e a musicalidade, conforme João Batista, um dos principais músicos deste segmento:

A Barquinha, ela tem uma diversidade muito grande de coisas, né? Mas o forte, assim, que eu acho dentro da Barquinha é a música. [...] Mesmo porque Frei Daniel, ele era músico. Ele era maestro, ele tinha conhecimento da música. (João Batista “Joca”, 2021, informação verbal).

O depoimento do violonista e cantor João Batista “Joca”, filho de madrinha Francisca, resume a importância da musicalidade na Barquinha ao afirmar que, em geral: *“nosso cartão postal é a música!”*.

Além disso, em seus rituais a Barquinha sempre transbordou as influências religiosas trazidas por Mestre Daniel lá das suas terras maranhenses. Em sua capelinha, foram revividas algumas experiências devocionais e rituais nordestinos, alargando as ideias acerca da religiosidade cristã. As matrizes afro-maranhenses e o catolicismo nordestino que compunham a subjetividade do Mestre Daniel, foram

incorporadas na criação da sua doutrina, com a forte presença da cultura popular acreana e da espiritualidade indígena amazônica.

No texto intitulado *Matrizes Maranhenses do Santo Daime*, Labate e Pacheco (2009) mostram a importante presença dos rituais do *Tambor de Mina*, das *Caixeiros do Divino Espírito Santo*, do *Baile de São Gonçalo*, além das técnicas de curas realizadas na *pajelança maranhense*, nas doutrinas daimistas. Todos esses saberes estavam presentes e incorporados nos cultos daimistas e na Capelinha de São Francisco. Essas tradições, trouxeram a ciência e a presença dos seres encantados, no uso de ervas, na forma de fumar, nas danças folclóricas e no balanço musical tanto para a tradição da Barquinha quanto para o Santo Daime. “A Barquinha é uma casa de encantados”,⁷² assim afirmam os pesquisadores Rodrigues et al. (2018, p. 10), ao analisarem as narrativas míticas reveladas nas mensagens dos salmos e pontos do CEOCPE. Segundo os autores:

As narrativas discorrem sobre o modo como se pensa e se vive naquela região. Povos das florestas, das matas e dos mares guardam histórias sobre o mundo invisível, sobre o mundo de seres que vivem em lugares míticos, lugares de encantados como as águas, as fontes, os brejos, as folhas e além das plantas animais de diversas espécies. Compreendidos e utilizados como portais para outras dimensões, que possibilitam o contato com o universo invisível e todo o conhecimento oculto (RODRIGUES et al., 2018, p. 10).

Além dessas influências, provavelmente foi no Maranhão que Daniel se filiou espiritualmente a São Francisco das Chagas, além da devoção a São José de Ribamar, advogado dos desvalidos e zelador dos mares (NETO et al., 2010). Pedagogicamente, todas essas “interferências” participaram na complexa formação religiosa de Francisca, devido ao respeito e admiração que ela sempre teve pelos fundamentos litúrgicos e rituais ensinados pelo Mestre Daniel.

Vale lembrar que anteriormente, Francisca só conhecia a Igreja Católica, portanto, nos primeiros anos de aprendizagens na Barquinha, provavelmente a madrinha passou por inúmeras desconstruções e reconstruções em suas crenças, valores e práticas. Mas, neste ponto, conforme pude perceber nas entrevistas realizadas em campo com os fardados mais antigos, tive dúvidas sobre como essas

⁷² “As encantadas e encantados não são espíritos dos mortos; são pessoas ou animais que viveram, mas não chegaram a morrer; sofreram antes a experiência do arrebatamento: foram madrugarem no invisível. De vez em quando saem de lá e vêm à terra...” (SIMAS, 2020, p. 31). Quando os seres encantados retornam à terra, podem vir brincar neste plano, mas também trazem as curas para doenças e feitiços, dão conselhos ou apenas voltam para matar a saudade das suas antigas famílias.

cosmovisões de matrizes afro-indígenas são percebidas pela madrinha Chica. Segue a fala de Maria Rozangela Menezes (Mana), membro oficial que se fardou no Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus - Fonte de Luz” (CECOCJFL), mas seguiu com a madrinha Chica para o CEOCPE quando ela construiu o seu centro-igrejinha:

A Madrinha Francisca ela diz, ela sempre diz que nós somos... Católicos Apostólicos Romanos. Ela sempre fala porque na nossa casa a gente faz igual a Igreja Católica, a gente reza o rosário, a gente reza o Pai Nosso, a gente reza a Ave Maria, tem Salve Rainha...tem tudo, entendeu?! Então, assim... não sei se tu tá entendendo... As freiras e até padre se deixar baixam! Rezamos o Pai Nosso, rezamos a Ave Maria, né. Então, assim, eu acho que a única coisa que muda um pouco é porque nós trabalhamos com a Umbanda Branca e na Igreja Católica não tem isso, ela abomina esse lado... na Igreja Católica não tem isso... é só essa parte (Maria Rozangela, 2021, informação verbal).

Em uma entrevista realizada em 1993 para o trabalho de Wladimir Sena Araújo (1999), *Manuel Hipólito de Araújo*, segundo sucessor de Daniel e dirigente do CECOCJFL naquela época, trouxe a seguinte definição sobre a identidade religiosa dos fiéis que seguem Frei Daniel:

O Daime é usado nesta casa, que é uma casa espírita, é um centro espírita e culto de oração, é... um espiritismo cristão, apostólico cristão. Nós somos espíritas porque trabalhamos em obras de caridade, segundo Jesus fez quando cumpriu a sua missão sobre a terra. Trabalhar e fazer o bem sem olhar a quem. Curar os necessitados. Nós aqui fazemos isso.... somos apostólicos porque assumimos essa responsabilidade como verdadeiros apóstolos de Cristo. É deste mundo à eternidade, trabalhando na seara do Senhor. Somos Cristãos porque acreditamos, respeitamos e procuramos cumprir as leis cristãs corretamente dentro da nossa missão (apud ARAÚJO, 1999, p. 88).

Em outra entrevista realizada em 1996 para o mesmo trabalho, o filho de Manuel Hipólito, Francisco Hipólito de Araújo Neto, traz alguns detalhes acerca desta religiosidade ao definir o que os marinheiros de Frei Daniel não são:

Nós, não somos católicos, não somos evangélicos, somos cristãos que trabalhamos com a linha doutrinária recebida pelo mestre Daniel que nos foi enviada através do hinário. Dentro daquele hinário está contida toda a doutrina Cristã. Para nós o Daime é um veículo da nossa percepção, para a nossa sensibilidade. (ARAÚJO, 1999, p. 88).

Contrapondo esta última fala, no dia 11 de agosto de 2022 (dia de Santa Clara), Vó Maria Clara, uma importante entidade da Barquinha de Niterói, afirmou em uma palestra que a doutrina de Frei Daniel é uma continuação, digamos assim, mais esotérica da Igreja Católica Apostólica Romana. Essa sacerdotisa explicou que, espiritualmente, a Barquinha e Igreja Católica estão apoiadas nos mesmos pilares

doutrinários, carregando uma ligação autorizada por Deus no plano astral, mas permanecem separadas apenas na Terra pela ignorância, preconceitos e dogmas das instituições terrenas. Vó Maria Clara afirmou que a Igreja Católica nunca irá aceitar esse fato. Trata-se de enigmas das ciências encantadas que eu não pretendo resolver nesta tese!

Neste sentido, conforme nos mostra Rosana Oliveira (2002), a comunidade que seguia o Mestre Daniel manteve uma boa relação com a Igreja Católica até os primeiros anos da década de 1970. Porém, posteriormente, os padres locais explicitaram os seus preconceitos com a comunidade da capelinha, negando-se batizar os filhos das famílias que tomavam o Daime. Segundo a autora, estas questões chegaram até o Papa, em Roma. Devido aos inúmeros ataques e preconceitos que esta comunidade estava sofrendo, o dirigente desta doutrina incluiu no próprio culto o batismo das crianças daimistas e da população local, prescindindo do padre, porém, aumentando as difamações e os descasos vindos da própria Igreja Católica (OLIVEIRA, 2002). As resistências dos daimistas se estenderam para o campo educacional, conforme mostra a autora:

A resistência no campo religioso se estendeu para o social. As crianças, filhos dos participantes da Capelinha, que estudavam nas escolas da cidade de Rio Branco, eram discriminadas por serem filhos de daimistas, isso levou os participantes da Capelinha a se organizarem para fugirem dessa perseguição. [...]. Em 1963, Manuel Hipólito de Araújo toma a iniciativa de dá aulas para as crianças da comunidade no próprio terreno da Capelinha (OLIVEIRA, 2002, p. 86).

Chamo a atenção para a informação desta citação, pois levanta uma importante questão político-pedagógica que se relaciona diretamente com o tema e problemas abordados nesta pesquisa. Embora esta seção se detenha na compreensão das pedagogias culturais, educação não escolar e os processos de formação da madrinha Francisca na “escola do bom professor”, ressalto que nas primeiras décadas desta comunidade os seguidores de Frei Daniel precisaram construir uma escola formal para que os seus filhos pudessem se alfabetizar, protegendo-se dos ataques e difamações da sociedade conservadora de Rio Branco.

A escola “São Francisco de Assis I” foi criada em 1963, pelo irmão Manuel Hipólito de Araújo (NETO; ROSANA, 2010, p. 85). Significa dizer que, desde a chegada na Capelinha de São Francisco, a madrinha Francisca recebeu importantes ensinamentos práticos sobre as conflituosas relações políticas entre a sua

religiosidade minoritária, as religiões dominantes e os outros setores da sociedade. Portanto, as práticas de resistência também fizeram parte deste processo de formação da madrinha!

Porém, assim como na escola formal, cada aluno nutre afinidades específicas com certos professores, áreas do conhecimento e didáticas de ensino. Na escola da Barquinha, Francisca parece ter “tomado gosto” pelo aprendizado dos preceitos franciscanos do seu professor Daniel, desenvolvendo habilidades singulares como líder comunitária. A madrinha era carismática sem precisar cultivar a sua própria imagem, longe disso, ainda hoje parece almejar ser a menor (a pedrinha miudinha) entre os seus irmãos. Para estar à frente dos seus irmãos, Chica Gabriel tornou-se pequena e simples, evitando assim, os perigos constantes da soberba e das ambições pelo poder de dominação. Digo isto, pois a partir da década de 1970 em diante, aumentaram as rixas internas entre os demais líderes da Barquinha, como veremos no próximo tópico (SANTOS, 2021).

De todos os professores de Francisca, ressalto a presença da beberagem sacramental como um sujeito de inestimável saber: o Daime ou Santa Luz.⁷³ Eis o professor não humano de Francisca que amplia a discussão epistemológica acerca da educação espiritual desta matriarca, tendo uma planta como sua educadora. Assim, o Daime é compreendido como a encarnação-encantamento de um Ser Divino, conhecido também como *o professor dos professores* (ALBUQUERQUE, 2021; MERCANTE, 2012), ensinando igualmente os ditos eruditos e analfabetos. A noção de “Luz”, conforme Araújo (2009) e Goulart (2004), está associada ao conhecimento revelado a quem comunga desta bebida, saindo do estado de ignorância através das mirações.

Nos primórdios da Barquinha, o Mestre Conselheiro Antônio Geraldo, primeiro sucessor de Frei Daniel, conta em entrevista que certa vez precisava ajudar um irmão chamado Elias que foi desenganado pelos médicos. O Mestre Conselheiro procurou a solução dentro do Daime: “A gente procura dentro do Daime, a gente acha”

⁷³ Na Barquinha, o Daime é sinônimo de Luz Divina, podendo ser associado à ideia de revelação do Divino Espírito Santo. “É quando se percebe a Vida nos olhos, o olhar de si no outro e do outro em si. A revelação é considerada como um processo simbólico de aprendizagem significativo” (ARAÚJO, 1999, p. 81).

(ALMEIDA; SOUZA, 2008, p 65). Numa miração,⁷⁴ o Mestre Conselheiro perguntou ao Daime como ajudar o irmão Elias e foi levado em uma viagem visionária a uma farmácia que tinha inúmeros remédios, mas não tinha ninguém para auxiliá-lo. Posteriormente, Antônio Geraldo chegou em um salão e viu apenas uma mão apontando o dedo para uma prateleira cheia de remédios escrito “penicilina”.

Antônio Geraldo não tinha conhecimentos de remédios e nem sabia qual era o efeito desta droga farmacêutica. Quando voltou da miração, procurou o irmão Manuel Araújo, que na época era enfermeiro, contando sobre o acontecido e perguntou ao enfermeiro se havia penicilina no Acre. Fato consumado: conseguiram esse remédio e o rapaz Elias tomou e melhorou!

Ora, para entender a racionalidade destes saberes encantados é preciso exercitar a *desaprendizagem* dos monopólios discursivos da verdade e cânones epistêmicos onde a espécie humana domina e detém o saber sobre a natureza (RUFINO, 2021). No caso narrado, houve uma inversão: o Daime ensinou ao humano o que ele deveria fazer para ajudar o enfermo em seu tratamento de saúde. Na Barquinha da madrinha Francisca, durante as minhas incansáveis perguntas como pesquisador de campo, muitas vezes escutei a seguinte frase dos irmãos: “*toma Daime que você vai saber*”.

Os alunos humanos que comungam desses saberes encantados, entendem que esses *entes vegetais* são plenos de dignidade própria, direitos e inteligibilidade cósmica, portanto, são capazes até mesmo de domesticar nós humanos, corrigindo-nos em nossa condução da vida, comunicando saberes cosmológicos, estéticos, medicinais, filosóficos, linguísticos etc. Segundo Langdon (2019), este vegetal (o Daime) é um sujeito de conhecimento próprio, capaz de ensinar a pessoa humana, orientando novas ecologias e aspectos da convivência entre sujeitos humanos e não humanos.

Nesta lógica, é importante atentar para a noção de *natureza*! Segundo Albuquerque (2014), no modelo canônico da ciência ocidental a natureza é dessubjetivada e compreendida apenas como um conjunto de elementos (oceanos,

⁷⁴ Segundo Marcelo Mercante (2012), as imagens percebidas na experiência da miração, podem ser entendidas como processos de completa coerência consciencial entre o dentro e o fora, por meio de imagens visuais, gerando conhecimentos e entendimentos de situações da vida ordinária e do cosmos como um todo.

montanhas, rios, animais, vegetais etc), sendo matéria-prima a ser explorada mecanicamente pelos humanos para fins econômicos e políticos. Para os povos ameríndios, segundo a autora, existe uma relação orgânica de continuidade, sustentabilidade e interdependência entre humanos, animais, plantas, rios, pedras e espíritos; ou seja, *tudo é subjetivado*.

Estamos sempre nos reportando a relações sociais (com gente, com bichos, com os rios, artefatos, espíritos etc), na cosmovisão ameríndia e nos saberes tradicionais que transitam entre as florestas e as cidades! Conforme Boaventura de Sousa Santos (2019), podemos também evocar a ideia da *pachamama*, substituindo o conceito cartesiano e baconiano de natureza para pensá-la como um ser vivo e pensante, fonte geradora da vida e origem de todos os direitos. Esta discussão busca também provocar a seguinte reflexão: qual são os modelos de racionalidade e cosmovisões admitidos como ciência pela nossa cultura ocidentocêntrica?

Desde 1987, quando o sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2018) lançou a famosa crítica à epistemologia positivista com o livro *Um discurso sobre as ciências*, foi deflagrada uma crise no paradigma científico dominante:

O modelo de racionalidade que preside à ciência moderna constituiu-se a partir da revolução científica do século XVI e foi desenvolvido nos séculos seguintes basicamente no domínio das ciências naturais. Ainda que com alguns prenúncios no século XVIII, é só no século XIX que este modelo de racionalidade se estende às ciências sociais emergentes. A partir de então pode falar-se de um modelo global de racionalidade científica que admite variedade interna, mas que se distingue e defende, por via de fronteiras ostensivas e ostensivamente policiadas, de duas formas de conhecimento não científico (e, portanto, irracional) potencialmente perturbadoras e intrusas: o senso comum e as chamadas humanidades ou estudos humanísticos (em que se incluíram, entre outros, os estudos históricos, filológicos, jurídicos, literários, filosóficos e teológicos) (SANTOS, 2018, p. 19-20).

Portanto, chamarei de *ciência desencantada* o campo epistemológico hegemônico cujo valor científico se apoia rigorosamente na objetividade e na “neutralidade”, ceifando a subjetividade, o desejo e a intencionalidade das forças não humanas o tanto quanto possível. Para Eduardo Viveiros de Castro (2017), até mesmo as ciências humanas se guiaram pela objetividade para alcançarem um status de um conhecimento credível e verdadeiro. Portanto, nas palavras do pensador brasileiro,

interessa à mitologia-evolucionista-ocidental aquele que é visto e estudado de fora, com um objeto, dessubjetivado. Ciência desencantada que esteriliza a vida!

Em outras palavras, discutir o lugar do Daime como uma planta professora, coloca em evidência a descolonização do conhecimento e a desconstrução do antropoceno⁷⁵: o humano não é o centro do saber, nem o centro mundo! Como nos ensina Ailton Krenak (2019, p. 20), se não escutarmos os ensinamentos do organismo Terra com os seus complexos atributos e formas de funcionamento, “vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios”. Portanto, conforme propõe Albuquerque (2011), nem sempre alguns grupos humanos precisam adquirir conhecimento consultando exclusivamente a escola, os livros, os laboratórios e os professores em um âmbito formal. Segundo a autora: “Em vez disso, consultam fungos, cipós, raízes, cascas ou folhas, consumidos para fins festivos, políticos, religiosos ou de curas, servindo, portanto, como fontes de conhecimentos para a vida prática ou futura” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 26).

Esse giro decolonial, coloca o humano como aprendiz das plantas psicoativas e faz ventilar novos ares para os estudos das políticas cognitivas: destacando mais uma vez, a ideia de uma educação pelas plantas professoras. Ora, essa afirmação é uma espécie de “heresia epistemológica” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 75), pois afirmamos as plantas como sujeitos de saber. Ao pensar a dimensão pedagógica das plantas professoras, em particular do Daime, o estudo de Maria Betânia Barbosa Albuquerque (2011) no livro *Epistemologia e saberes da ayahuasca*, configura-se como o principal guia bibliográfico que inspirou a construção desta tese.

Neste livro, a autora analisa o contexto ayahuasqueiro a partir de um acontecimento educativo e epistêmico, capaz de fazer circular saberes, além de evidenciar um fascismo epistemológico que está imbuído de modelos totalitários presentes na racionalidade científica, nas religiosidades ortodoxas e nos contextos escolares formais. Para ela:

Um olhar para a história dos saberes provenientes do êxtase evidencia que, ao tempo em que estiveram presentes em quase todas as culturas humanas desde remotas eras, sendo parte da realidade de homens e mulheres, ricos e pobres, letrados ou não, as plantas professoras estiveram, também, sob impiedosa perseguição daqueles que viram, nessas práticas, autênticas

⁷⁵ Discussões acerca do antropoceno e dos direitos da natureza (ética biocêntrica e políticas ambientais), podem ser encontradas nos livros de Eduardo Gudynas (2019) e Alberto Acosta (2018).

inspirações demoníacas. Por esse motivo, deveriam, ser incessantemente combatidas e eliminadas, configurando uma situação efetiva de 'fascismo epistemológico' ou 'epistemicídio' (ALBUQUERQUE, 2011, p. 31).

O pensamento científico tal como o conhecemos e comumente divulgamos nas academias universitárias, foi talhado no paradigma da modernidade ocidental e desde então, vem ocupando o estatuto de modelo universal: saber ordenado, racional, analítico e capaz de explicar o mundo a partir de teorias e métodos válidos para qualquer contexto. Assim, naturalmente admitimos suas políticas cognitivas-normativas para validar a veracidade ou a falsidade do conhecimento em geral. Deste modo, ignoramos um campo extenso e complexo de intelectualidades e racionalidades outras que são genericamente definidas como inferiores e não credíveis.

As premissas que orientam os valores ideais sobre o “ato de conhecer” e o “como aprender” assumidos ocidentalmente, foram hegemonicamente desenvolvidos na Europa moderna entre os séculos XVI e XIX e suas regras epistemológicas e pedagógicas foram exportados a outros continentes como modelos absolutos, reforçando um “excepcionalismo do mundo ocidental em relação ao resto do globo” (SANTOS, 2019, p. 23). Estas incursões eurocêntricas ocorreram às custas do assujeitamento de saberes milenares e povos asiáticos, africanos e ameríndios, a partir de justificativas colonialistas, validadas à revelia da cultura local. Ou seja, o procedimento colonial e capitalista de desarranjo cognitivo inclui entre tantas facetas, a supressão das tecnologias culturais, saberes e memórias ancestrais locais, a partir da suposta neutralidade e objetividade das missões científicas e “civilizadoras das luzes” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 19).

Durante o trabalho de campo realizado nesta pesquisa, pude escutar inúmeras narrativas que apontavam o valor pedagógico e epistemológico do Daime. Neste sentido, vou trazer um breve relato de uma trágica narrativa que marcou a presença pedagógica do Daime na vida de Francisca. No ano 2000, a madrinha viveu o luto da morte física tanto do Mestre Antônio Geraldo, quanto do irmão Manuel Hipólito de Araújo. Esses dois homens, como foi dito anteriormente, durante décadas foram importantes dirigentes e companheiros de Francisca na Barquinha. Portanto, a madrinha se encontrava emocionalmente abalada, mas não imaginava o que ainda estava por acontecer.

Neste mesmo ano, o seu neto Andrew do Nascimento Silva (Andrinho) se afogou no rio e faleceu, após um passeio com a sua avó e outros familiares. Esse grave acidente deixou Francisca ainda mais abalada e a família naquele instante não conseguia encontrar o corpo da criança. Segundo os relatos orais da sua filha Francisca das Chagas (Chaguinha), percebendo o desespero de sua mãe, buscou no Daime as respostas necessárias para encontrar o corpo do Andrinho, tentando amenizar aquela trágica situação. Chaguinha, a partir de uma manifestação mediúnica, foi orientada pelo ser encantado Príncipe Dom Simeão a tomar o Daime e se concentrar, recebendo a revelação nítida acerca dos passos necessários para localizar o corpo da criança.

Através do Daime, Dom Simeão revelou o lugar, a hora e a condição em que Andrinho seria encontrado. Segundo a filha da madrinha Francisca, foi uma orientação exata! Após essa “busca espiritual” com essa planta professora, foram alguns irmãos ao local (Chaguinha, Manoel Abelha, Toinho, Francisco, Thiago, entre outros) e resgataram o corpo da criança da forma como ela recebeu na luz do Daime:

No decorrer do processo, ele (Dom Simeão) foi me dizendo tudo. Mandou eu tomar Daime, né, que a mamãe tava muito atribulada. Ela não conseguia nem raciocinar naquele momento de tanto que ela ficou abalada com a situação. E eu fiquei tomando Daime e ele ficou me passando as orientações tudo direitinho até o momento de resgatar o corpo do menino. E conseguimos resgatar o corpo dele da forma que ele falou. Que ele morreu afogado num local onde as pessoas que caem lá nunca se encontram inteiras. E ele estava totalmente inteiro. Não tinha nada. Não tinha bicho nenhum. Não tinha... Não tinham comido a carne, né. Não tinha deformado o corpo do menino. Nada. Estava perfeito quando nós encontramos. Já estava com mais de 24 horas na hora que encontramos o corpo dele (Francisca das Chagas Campos do Nascimento, 2021, informação verbal).

Chaguinha diz, portanto, que o Daime ensina bastante coisa, mas ele também cobra ação e diligência do seu aprendiz. Na doutrina da Barquinha, o Daime é um agenciador dos ensinamentos de Jesus Cristo, da Virgem Maria e do cristianismo como um todo. Mas como eu disse anteriormente, essa planta professora se relaciona com um cristianismo amazônico que agrega e afirma a presença material-espiritual dos diferentes panteões míticos e matrizes étnico-raciais. Nas palavras de Chaguinha, o Daime ensina também sobre o valor da sociabilidade e convivência com as outras pessoas, com os espíritos e com a natureza em geral: *“Ele ensina tudo, praticamente. O que eu sei é isso, né!”* (Francisca das Chagas, 2021, informação verbal). Nesta perspectiva do *encantamento*, percebo que existe uma marcante presença das práticas xamânicas na Barquinha, mesmo que não seja dito, lembrando que em

muitas sociedades indígenas da Amazônia o chá da ayahuasca era ingerido pelo xamã ou mais pessoas (os líderes espirituais e comunitários) com a finalidade oracular, militar e medicinal (GENTIL; GENTIL, 2009). Segundo os autores citados, as práticas xamânicas orientavam principalmente as práticas da caça, da guerra e da cura, por isso, as plantas psicoativas sempre foram compreendidas como mestras ou professoras.

No caso da Barquinha, entendo essa perspectiva como um “xamanismo coletivo”, assim como conceituou Edward MacRae (1992) ao pesquisar a presença do xamanismo no culto do Santo Daime. Trata-se, portanto, de uma mesclagem entre a pajelança, as orações cristãs e outras técnicas rituais necessárias para uma navegação-viagem coletiva, guiada pelo Daime nos segredos do oceano existencial. Para o autor: “A prática ritual é de certa forma um aprendizado dessa arte, e, à parte a vocação xamânica, todos os que participam do ritual podem manifestar essa qualidade, considerada latente na natureza humana” (MACRAE, 1992, p. 130).

Em outras palavras, quando os adeptos da Barquinha comungam o Daime, assim como a madrinha Francisca, todos podem experimentar viagens para outros planos, sendo necessário um preparo e o conhecimento das “políticas cósmicas”, como nos diz Eduardo Viveiros de Castro (2017), para não se perderem na viagem guiada ritualmente. Na perspectiva xamânica, os planos cosmológicos não estão separados: o mundo natural “liga tudo”, formando um ecossistema multidimensional e imanente, povoado por gente de carne e osso, bichos, plantas, pedras e entidades espirituais (LUNA, 2009). Nesse sentido, me apoio em outros paradigmas epistemológicos, diferentes da hegemônica racionalidade moderna, tomando as plantas professoras e os saberes encantados como modelo de uma ciência e uma pedagogia produzida fora dos cânones epistemológicos.

Essas narrativas orais e pesquisas citadas, apontam que nem toda racionalidade se encontra dentro das academias universitárias, nas religiões hegemônicas ou na escolarização formal. Portanto, reafirmo que diversos povos-praticantes dos saberes encantados, aprendem com as próprias plantas professoras, com as pedagogias das florestas e na observação dos mais velhos. Ou mesmo, como dizem Simas e Rufino (2018) sobre os povos de terreiro, emprestam os seus corpos para a experiência de transe e possessões, recebendo entidades variadas: príncipes do além-mar, mães d’água, pretos-velhos, crianças e seres que jamais imaginaríamos

que pudessem existir. Na escola do Mestre Daniel, também baixam toda espécie de doutores que ensinam sobre medicina popular, filosofia e histórias não contadas nos livros, além de estabelecerem linguagens que desatam os nós do pensamento ordinário.

3.3 (Des)continuidades no movimento religioso da Barquinha

Figura 1 - Retrato do fundador da Barquinha, Mestre Daniel Pereira de Mattos.



Fonte: Memorial CEOCPE e Magalhães (2013, p. 10).

Os próximos tópicos desta seção, terão um caráter predominantemente histórico e genealógico, no intuito de contextualizar as (des)continuidades no movimento religioso da Barquinha até a fundação do Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte (CEOCPE). Compreendo que as minuciosas análises históricas e sociológicas acerca das fissões internas, dissidências e ramificações na doutrina do Mestre Daniel, desde a sua fundação até os dias atuais, já foram amplamente discutidas pela bibliografia especializada da área (LUNA, 1995;

ARAÚJO, 1999; OLIVEIRA, 2002; GOULART, 2004; COSTA, 2008; MERCANTE, 2012; COSTA, 2019; FLORES, 2020; SANTOS, 2021).

Conforme Araújo (1999), o relógio marcava 18h30 no dia 08 de setembro de 1958, quando findou os dias do Mestre Daniel nesta terra. Este brilhante homem faleceu durante a romaria do seu eterno mentor e santo advogado, São Francisco das Chagas. Daniel Pereira de Mattos foi vítima possivelmente de um tumor na garganta, mas segundo as referências citadas, não se sabe se este fato aconteceu devido a um feitiço que ele “pegou”, ou se a doença se tornou severa em decorrência do seu histórico com abusos de bebidas e outros problemas de saúde. Após doze anos ensinando os seus irmãos na Capelinha de São Francisco, o bom professor seguiu a sua viagem para a eternidade. Foi batizado como um “Frei” franciscano pelos seus seguidores, “vivo em espírito”, sendo considerado o principal guia espiritual da Barquinha a partir daquele marco histórico (SANTOS, 2021, p. 60).

No dia 20 de janeiro de 1959 (dia de São Sebastião), o carismático Mestre Conselheiro Antônio Geraldo da Silva assumiu a direção do barco e a presidência da doutrina. A Capelinha de São Francisco passou por uma transformação, sendo renomeada como Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus - Fonte de Luz” (CECOCJFL). Naquele rito de instituição de uma nova religiosidade brasileira, os discípulos do Mestre Daniel escreveram uma *Ata de Fundação* com registro em cartório, constando o nome de alguns membros oficiais na ocupação de cargos administrativos. Antônio Geraldo (presidente), Manuel Araújo (vice-presidente), Elias Kemel (primeiro secretário), Selma da Silva (segundo secretário), Milton da Silva (tesoureiro), assim por diante. Neste documento oficial, a madrinha Francisca tornou-se uma conselheira fiscal (MAGALHÃES, 2013, p. 107; SANTOS, 2021, p. 64).

Ou seja, desde o primeiro dia em que o CECOCJFL foi formalmente institucionalizado, Chica Gabriel esteve lá, formando um pilar humano de sustentação material-espiritual na construção de uma legitimidade política, ética e litúrgica para a comunidade da Barquinha. Seguem as palavras da própria madrinha Francisca, legitimando o cargo de presidente ocupado pelo seu amigo e Mestre Antônio Geraldo:

Depois que o Mestre Daniel morreu, o trabalho era feito no dia de domingo. Os próprios irmãos antigos, oficiais, abriam o trabalho. Lembro que tinha o irmão Adelino, o Mestre Antonio Geraldo. O trabalho era feito pelos próprios irmãos. Quando Daniel faleceu, o Mestre Antonio Geraldo já sabia que ia assumir, mas ele não chegou ao ponto de falar que era ele quem ia ser o presidente. Os irmãos gostavam muito do Mestre Antonio Geraldo, devido ele

ter uma entidade que dava bons conselhos, sempre dizia alguma coisa de proveito pra gente. [...] Daí chegou ao ponto de todo mundo querer que ele assumisse a missão. Antes disso outras pessoas assumiram, mas foi aquela confusão, aquele negócio, só queriam mesmo era assumir. Houve lá muitas coisas, que se for falar não adianta. O importante é que ele, o Mestre Antonio Geraldo assumiu (ALMEIDA; SOUZA, 2008, p. 40).

Sob a gestão presidencial de Antônio Geraldo (de 1959 a 1977), novos elementos litúrgicos e ritualísticos foram acrescentados nos trabalhos da Barquinha. De acordo com Flávia Machado et al. (2017) e Sandra Goulart (2004), este centro formulou o seu primeiro estatuto, além de terminar a obra da igreja de alvenaria, incluindo os seguintes elementos arquitetônicos: o *cruzeiro*, local destinado às orações, o *parque* onde era realizado os bailados, além do *Castelo Azulado*, onde residia o presidente e a sua família.

Foto 9 - Complexo arquitetônico do CECOCJFL na década de 1970



Fonte: Magalhães (2013, p. 123).

De acordo com Machado et al. (2017, p. 31):

No que se refere aos trabalhos espirituais, sob a orientação espiritual de Mestre Daniel, Antônio Geraldo instituiu o bailado, o fardamento, o cumprimento diário das romarias de São Sebastião, Nossa Senhora e São Francisco e o batismo de crianças.

No período entre as décadas de 1960 e 1990, aconteceram as ramificações e dissidências internas na comunidade fundada por Frei Daniel. A partir desses

acontecimentos, nasceram novas comunidades e novas expressões litúrgicas na tradição iniciada na década de 1940. Acerca desses fatos históricos, faço uma aposta poético-filosófica para pensá-los a partir da ideia de (des)continuidades no movimento religioso da Barquinha, em detrimento de uma visão ortodoxa onde o grupo original é visto como verdadeiro e os demais grupos são vistos como falsos, dentro desta tradição.

Porém, como nos mostra a tese de Sandra Goulart (2004) intitulada *Contrastes e continuidades em uma tradição amazônica: as religiões da ayahuasca*, muitas das linhas, segmentos, centros, núcleos e igrejas que compõe o universo das religiões ayahuasqueiras, reservam a si mesmos “o privilégio de serem a linha ‘autêntica’ em detrimento das demais, consideradas menos legítimas ou ‘verdadeiras’” (GOULART, 2004, p. 09). No caso das comunidades que seguem os ensinamentos do Mestre Daniel, as fontes bibliográficas e orais mostram a presença destes mesmos conflitos e enunciados.

Na pesquisa de Goulart (2004, p. 139), a autora demonstra as seguintes informações: “Verifiquei em diversas ocasiões que os integrantes do atual Centro Espírita e Culto de Oração e Casa de Jesus Fonte de Luz procuram valorizar sua posição de representantes do culto ‘tradicional’ ou ‘original’ do Mestre Daniel”. As lideranças deste centro, justificam esse ponto de vista, destacando o fato de serem o centro matriz e por estarem situados no lugar onde Daniel construiu a sua capelinha. Certamente, a comunidade da CECOCJFL deve ser respeitada pela sua história, além do zelo que demonstram cultivar na preservação da memória social e obra do Mestre Daniel. Além das funções estritamente religiosas, as lideranças deste grupo empreendem pesquisas acadêmicas, publicam livros e participam de debates públicos acerca do uso ritual da ayahuasca⁷⁶.

Possivelmente, esta tese não seria viabilizada se não fossem os imprescindíveis livros publicados pelos próprios membros do CECOCJFL: a exemplo

⁷⁶ O livro *Comunidades Tradicionais da Ayahuasca: construindo Políticas Públicas para o Acre – Seminário* (NEVES; SOUZA, 2010), foi fruto de um seminário que aconteceu em Rio Branco, entre os dias 12 e 15 de abril de 2010, no intuito reunir grupos tradicionais da rede ayahuasqueira, junto aos representantes das três esferas do poder público, para somarem esforços na consolidação do direito de exercício de suas práticas espirituais e manifestações culturais. Nesta publicação, encontra-se contribuições textuais do presidente e outros membros do CECOCJFL.

das obras *Mestre Daniel: história com a ayahuasca* e *No caminho de Mestre Daniel*, ambos coordenados pelo atual presidente Francisco Hipólito. Esses livros são frutos de minuciosas pesquisas que duraram mais de vinte e cinco anos, segundo Francisco Hipólito de Araújo Neto (2010), analisando documentos históricos, arquivos públicos, acervos paroquiais, além de entrevistarem amigos, familiares e pessoas que conviveram com o Mestre Daniel (MARGARIDO; NETO, 2005; NETO et al., 2010).

Porém, vale lembrar que os discursos ortodoxos apontam para certos “exclusivismos” reservados ao “grupo raiz” da Barquinha, produzindo efeitos danosos que deslegitimam e minimizam a importância histórica de Francisca Campos do Nascimento, Antônio Geraldo da Silva e demais líderes e segmentos da Barquinha. É preciso lembrar que toda forma de invisibilidade forjada (apagamento histórico), produz desumanidade (exclusão do ser) e epistemicídio (silenciamento do saber). Além disso, a fragmentação e as rixas internas entre as diferentes linhas que seguem a doutrina de Frei Daniel, apenas enfraquecem politicamente a potente história desta singular religiosidade.

Diante da necessidade de compreender melhor essas narrativas conflituosas, conversei com José Carlos, adepto da Barquinha desde a década de 1980 que trouxe sua percepção acerca das crises comunitárias e conflitos nesta tradição. Para ele:

a Barquinha não é o paraíso na Terra, aqui é um hospital onde as pessoas chegam para receber tratamento para as suas mazelas. Portanto, os problemas sociais, psicológicos, emocionais e espirituais sempre fizeram parte das relações humanas e cotidianas nesta tradição (José Carlos, 2022, informação verbal).

Esse interlocutor me lembrou que a doutrina de Frei Daniel vivenciou e ainda vivencia conflitos, rixas e traições, assim como qualquer outra comunidade estruturada em nossa sociedade neurótica, a partir do olhar de um psicólogo. Ao revisitar essas histórias, José Carlos aponta que não existem heróis ou vilões, afirmando que “ninguém é santo”.

No entanto, alguns dias após me conceder o seu depoimento, José Carlos me procurou novamente e, “ao pé do meu ouvido”, disse-me de forma contundente: “apesar de ninguém ser santo nessa história, a tolerância da madrinha Francisca foi e ainda é um diferencial na Barquinha, pois com esse raro atributo ela mantém uma coesão incrível em sua liderança comunitária”. Vale lembrar que Francisca atualmente é a liderança mais antiga nesta tradição, além de ser o aparelho mediúnico que

incorpora o próprio Frei Daniel, trazendo mensagens diretas do fundador aos adeptos do CEOCPE. Neste sentido, qual é o interesse das lideranças do CECOCJFL nas gravações das palestras proferidas pelo próprio Frei Daniel, incorporado na madrinha Francisca? Essas e outras questões, são provocações epistemológicas e políticas que eu deixarei ressoando neste texto, sem a pretensão de respondê-las. Segundo a Flávia Burlamaqui, historiadora e oficial da Barquinha da madrinha Francisca:

A madrinha, ela tem uma participação na Missão muito forte, né! Essa participação muitas vezes, eu não sei se ela é negada ou se ela é até - vamos dizer assim - minimizada. Negada eu acredito que seja bem difícil porque, enfim! Mas, minimizada sim. Então eu acho que se a gente não cuidar de deixar isso registrado, deixar o nosso acervo organizado, deixar toda essa história da madrinha - vamos dizer assim - toda essa trajetória [...] algumas coisas vão se perdendo (Flávia Burlamaqui Machado, 2021, informação oral).

Na sessão anterior, fiz uso da expressão “linhas de drible”, demonstrando quais recursos e alianças foram necessárias para que Chica Gabriel pudesse se manter viva e com saúde diante dos seus grandes enfrentamentos existenciais. No entanto, a sobrevivência de Francisca também foi forjada em sábios dribles existenciais dentro da própria Barquinha, enfrentando os infortúnios das perseguições internas, como veremos adiante. Ora, para afirmar que houve (des)continuidades neste movimento religioso, recorro a uma famosa imagem filosófica do pensamento pré-socrático de Heráclito de Éfeso, lembrada por Nietzsche (2008):

Com uma voz mais potente que a de Anaximandro, Heráclito exclamou: “Só vejo o devir. Não se deixem enganar! É um efeito de sua vista curta e não da essência das coisas, se julgarem perceber em algum lugar terra firme sobre o mar do devir e do perecível. Utilizam os nomes das coisas como se elas tivessem uma duração fixa; mas até o próprio rio, no qual entra pela segunda vez, já não é o mesmo da primeira vez (NIETZSCHE, 2008, p. 44).

Para a filosofia de Heráclito, segundo Mario José dos Santos (2011), a manifestação da realidade se dá a partir de um fluxo perpétuo de tudo e todos. O processo de mudança é contínuo e permanente, mesmo que aparentemente tenhamos a percepção e a sensação de fixidez e estabilidade. Para construir um retrato simbólico do movimento religioso da Barquinha, nada melhor que a *metáfora do rio* para deflagrar uma antiquíssima questão que ainda hoje causa ruídos e disputas entre alguns discípulos de Frei Daniel: será possível seguir uma tradição exatamente da maneira como ela começou? Eis a metáfora que traz elementos filosóficos para responder essa questão: “aparentemente, o rio é sempre o mesmo. Mas por trás dessa aparência podemos defini-lo como águas fluentes, águas que correm sempre e

tampouco são as mesmas. Daí ser impossível banhar-se duas vezes no mesmo rio” (DOS SANTOS, 2011, p. 89).

Portanto, se as águas se renovam a cada instante, nem mesmo a primeira Barca será a mesma, pois ela estará permanentemente se transformando junto aos seus tripulantes, no tempo e no espaço que se atualizam. Assim, vou citar apenas três (des)continuidades na Barquinha que os pesquisadores e os adeptos mencionam como as principais fissões nesta tradição⁷⁷. A primeira fissão com o centro matriz aconteceu em 1961, quando Maria Baiana e o seu esposo Juarez se desligaram do CECOCJFL e fundaram em 1967 o *Centro Espírita Luz, Amor e Caridade (CELAC)*, conhecido também como o *Terreiro de Maria Baiana* (FLORES, 2020; SANTOS, 2021).

A segunda fissão na Barquinha aconteceu no dia 27 de abril de 1977, após 18 anos segurando o leme do Barco, o Mestre Antônio Geraldo “desligou-se” da casa (MAGALHÃES, 2013, p. 123). Diante de inúmeras polêmicas em torno deste fato, outras narrativas contam que Antônio Geraldo foi destituído do seu cargo de presidente, sendo este assumido pelo então vice-presidente, Manuel Hipólito de Araújo (GOULART, 2004; SANTOS, 2021). Nas palavras do próprio Mestre Conselheiro, ele foi retirado do seu cargo durante uma viagem que realizou para visitar os seus familiares no Nordeste, após muitos anos em dedicação total à Missão de Frei Daniel. Antônio Geraldo explica em uma entrevista cedida para o livro em sua homenagem, os pormenores deste acontecimento:

Bem, quando eu cheguei lá, no Nordeste, visitei meus irmãos, muitos parentes, muito primos, muitos sobrinhos. Convidei todos eles para vir para cá, mas eles não quiseram vir. Aí recebi uma carta de um irmão, da Missão, dizendo que a pessoa que tinha ficado na vice-presidência da Missão, tinha assumido a Presidência. E eu, recebendo essa carta, voltei. Cheguei aqui estava essa guerra, essa briga, essa coisa toda. [...] Eu disse não, não vamos brigar, não vamos fazer isso, que isso não se resolve assim. Vamos se aquietar. Eu tenho capacidade de fundar outro Centro em qualquer lugar que chegar. O que Deus me deu ninguém toma (ALMEIDA; SOUZA, 2008, p. 56-57).

No ano de 1980, o Mestre Antônio Geraldo funda o *Centro Espírita Daniel Pereira de Matos (CEDPM)* e segundo Daniel Flores (2020, p. 27), este líder e brilhante médium, “recebeu 320 hinos salmos e 720 hinos pontos, deixando além

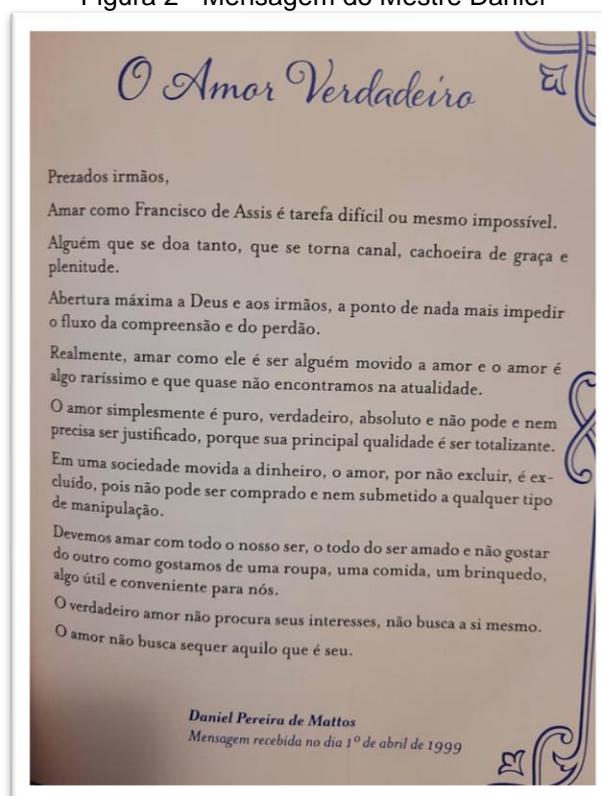
⁷⁷ Apesar de citar apenas as três principais (des)continuidades no movimento religioso da Barquinha, houve outras ramificações nesta tradição. Ver em Santos (2021) e Goulart (2004).

disso, 200 mensagens psicografadas que são utilizadas nos rituais litúrgicos do Centro”. Para a dirigente da Barquinha de Niterói (Cléia), este Mestre foi o grande professor e incentivador da sua avó Francisca na escola de Frei Daniel:

É a pessoa que após a passagem do Mestre Daniel segurou, né, firme o leme do barco e ensinou a ela todas as coisas que ela aprendeu, né. Porque foi depois da passagem de mestre Daniel em que as coisas realmente começaram ter um modelo, uma forma ali já mais evoluída. É onde entrou todo o compromisso da cortina, ornamentações, farda, tudo que ela realmente ficou responsável, né. Ela ficou responsável pela parte da caridade. Mas ela ficou responsável pela organização do barco, de tudo que o trabalho espiritual compõe, né: que é farda, que é obra de caridade, que o canto, que é os festejos, as confraternizações, os andores, comidas... Tudo essa mulher, ela carregou nas mãos. E tinha esse Mestre que ensinava muita coisa pra ela. O Mestre Antônio Geraldo, ela fala desse Mestre assim como ela fala do Mestre Daniel (Willicleia do Nascimento Ferreira, 2022, informação verbal).

Segue uma carta psicografia pelo Mestre Antônio Geraldo, onde o espírito de Frei Daniel faz uma preleção intitulada *O Amor Verdadeiro*, publicada no recente livro *Mensagens de Amor e Saber: Mestre Conselheiro Antônio Geraldo da Silva*:

Figura 2 - Mensagem do Mestre Daniel



Fonte: Burlamaqui e Bandeira (2022, p. 57).⁷⁸

⁷⁸ Mensagem psicografada pelo Mestre Antônio Geraldo em 1999.

Esta mensagem e demais dados históricos resumem a importância do Mestre Antônio Geraldo para a tradição da Barquinha, como sucessor do Mestre Daniel. Mesmo após fundar o seu novo centro, muitas vezes o Mestre Antônio Geraldo solicitava a ajuda de Chica Gabriel em determinadas situações. Nas conversas que tive com a Francisca das Chagas (Chaguinha), ela demonstrou muito carinho e respeito por esse Mestre:

Ele mandava chamar a mamãe pra conversar, pedir ajuda em algumas coisas. A mamãe sempre esteve disposta a ajudar ele no que ele precisava, né. Ele tinha muito respeito também. Muito, muito respeito pelo trabalho da mamãe, o Mestre Antônio Geraldo (Francisca das Chagas, 2021, informação verbal).

Após assumir a presidência do Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus - Fonte de Luz” em 1977, o “Velho Pastor”, como era conhecido Manuel Araújo, dirigiu a doutrina até 2000, ano do seu falecimento (MAGALHÃES, 2013; MARGARIDO; NETO, 2005). Durante a pesquisa de campo, colhi alguns relatos de pessoas que se fardaram sob a gestão do padrinho Manuel no CECOCJFL, mas depois optaram por deixar o centro e acompanhar a madrinha Francisca no CEOPE. Segundo José Carlos: *“ele era um bom trabalhador no espiritual e na administração do centro, mas era um homem muito ‘tinhoso’ e ‘rígido’, se mexesse em seu calo, a pessoa recebia logo uma correção”* (José Carlos, 2022, informação verbal). Nos depoimentos colhidos, prevaleceu a ideia de uma gestão disciplinar neste período; uma espécie de militarização das normas rituais e regras de conduta comunitária, sob a liderança de Manuel Araújo.

No entanto, sob a gestão do “Velho Pastor”, também houve uma importante estruturação desse movimento religioso, conforme aponta a bibliografia da área:

Preocupados com a necessidade crescente do cipó Jagube e da folha Rainha para o feitiço do Daime, o Centro adquiriu ao final da década de 80 uma área rural batizada por Colônia de São Francisco das Chagas, que além de servir como área de plantio, passou a ser utilizada pela irmandade como um espaço de retiro para a prática de lazer, descanso e realização de alguns trabalhos espirituais. Foram ainda anos de defesa do uso do Daime, onde o irmão Manuel incansavelmente se fez presente em várias reuniões com representantes do Alto Santo, União do Vegetal e autoridades, buscando garantir o bom uso do Daime por nossas comunidades. Em 2003, a missão foi reconhecida como de utilidade pública federal (MARGARIDO; NETO, 2005, p. 16).

Por fim, a terceira (des)continuidade no movimento religioso da Barquinha que interessa a este estudo aconteceu com a própria Francisca Campos do Nascimento.

Após 34 anos prestando obras de caridade no CECOCJFL, a madrinha Chica se afastou do centro matriz (MACHADO et al., 2017). Francisca recebeu orientação espiritual das entidades dela, especialmente do seu principal guia, Príncipe Espadarte do Mar, pedindo para que ela deixasse o centro definitivamente após cumprir a romaria de São Francisco das Chagas no ano de 1991. No dia 23 de novembro daquele ano a madrinha deixou o centro, sendo este dia comemorado como o aniversário do Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte (MERCANTE, 2012).

Na dissertação de Daniel Flores (2020), o adepto e pesquisador do CEOPE afirma que este fato se consumou por motivos de conflitos internos, mas o autor optou por não explorar a natureza desses conflitos. Porém, na tese de Sandra Goulart (2004), a pesquisadora deixa explícito que a liderança carismática de Francisca estava provocando grandes incômodos e até mesmo ciúmes no então presidente Manuel Araújo. Consequentemente, a madrinha Francisca e a sua família sofreram algumas retaliações:

As pessoas, frequentemente, a procuravam em sua residência, para se aconselhar e se consultar. A partir de um determinado momento o destaque de Francisca Gabriel passa a ser visto negativamente, sobretudo pelo então presidente do centro, Manuel Araújo. Este desautoriza a primeira a desempenhar várias de suas antigas funções. Manuel Araújo se opõe, principalmente, ao fato de Francisca Gabriel atender aos fiéis em sua residência particular. Ele proíbe, então, os membros do centro de buscarem consultas com os seus médiuns fora do espaço da igreja, ameaçando a quem desobedecesse suas ordens com uma “suspensão”, a qual implicaria no impedimento da participação nas cerimônias rituais bem como no consumo do Daime (GOULART, 2004, p. 148).

No caso deste relato, o então presidente estava proibindo as pessoas de receberem ajuda da madrinha na residência dela. Ora, a madrinha sempre foi uma benzedeira que reza em crianças e adultos quando precisam. Aliás, ainda hoje ela benze quem chega em sua casa pedindo ajuda. Pude ver essa cena acontecer algumas vezes no mês de novembro de 2021, durante o meu fardamento no segmento de Francisca!

De modo geral, abordo essa polêmica na Barquinha criticando mais uma vez os modelos cristalizados que rejeitam e difamam o aparecimento do novo, principalmente, se tratando de uma mulher nortista que se destacou como liderança carismática em um grupo composto por homens em sua maioria, habituados a um modo de vida patriarcal e machista. Conforme Sandra Goulart (2004, p. 149): “O clima

de boatos, suspensões, conflitos, envolvendo a madrinha Chica perdurou um bom tempo”. Segundo a autora, esta situação chegou a um clímax em uma fatídica reunião durante um ritual com o Daime. Neste dia, o presidente Manuel Araújo exigiu que os membros do CECOCJFL fizessem uma escolha: ou seguiriam estritamente sob as suas regras, deixando de visitar a casa de Chica Gabriel, ou deveriam sair do centro.

Essas mesmas informações eu também obtive em minhas entrevistas, conversando com antigos membros do CECOCJFL que hoje fazem parte da Barquinha da madrinha Chica. Devo acrescentar mais um importante detalhe colhido nas entrevistas e também nas bibliografias da área, acerca da decisão de Francisca em sair do CECOCJFL. Para a madrinha Cléia, a situação da sua avó ficou insustentável na “Casa de Jesus - Fonte de Luz” quando um dos seus filhos foi humilhado, perseguido e proibido de visitar a igreja, pelo simples fato de ter escolhido o caminho espiritual do Candomblé. Conforme relata a neta de Francisca, desde os tempos do Mestre Daniel, Francisca lutava para conseguir equilibrar o seu tempo, ora dedicado à doutrina, ora dedicado ao seu casamento com dez filhos e muitos netos.

Quando esses filhos foram crescendo, alguns foram fazendo parte oficialmente do compromisso da doutrina, acompanhando-a. Alguns se fardaram e outros seguiram caminhos distintos, como é o caso do Antônio (Toinho). Nas palavras da Cléia:

O filho dela, que é o meu tio Antônio, ele seguiu né na história dele, na espiritualidade dele, e foi para o Candomblé. E, dentro dessa caminhada dele, ele sempre quis estar perto da mãe dele. Então ele visitava a casa, ele ia no festejo. Ele queria estar perto. Ele queria assistir. Então, existia umas críticas muito pesadas. Esse tipo de perseguições por ele ser essa pessoa, que não era da Missão, mas que era de um outro terreiro, né. Era de um terreiro! Então ela (a madrinha Francisca) sofreu as humilhações, as proibições, né, do filho não poder ir, enfim. Essa dor, essa agonia dela foi bastante profunda (Willicleia do Nascimento Ferreira, 2022, informação verbal).

Portanto, mesmo nos territórios existenciais subalternizados, há sempre o risco do esmagamento e silenciamento das minorias no interior desses grupos (mulheres, negros, indígenas, gays, lésbicas, macumbeiros etc). Apoiado no pensamento de Boaventura de Sousa Santos (2019), Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011), entendo que a nossa formação social capitalista, colonialista e patriarcal, historicamente produz microfascismos nas instâncias das sociabilidades cotidianas, propagando discursos de ódio e práticas sorrateiras ou declaradas de exclusão nas microrrelações. Neste sentido, até mesmo dentro da Barquinha com sua origem

popular, subalterna e plural, ocorre práticas de perseguição e difamação das diferenças. Ninguém escapa disso!

Diante dessas questões, a continuidade de Francisca no centro matriz estava bastante comprometida. Porém, alguns entrevistados afirmaram que as situações conflituosas também fizeram parte de um “plano maior” da espiritualidade. Segundo alguns relatos orais, os conflitos que levaram Francisca a romper com o CECOCJFL já estava orquestrado pela espiritualidade da casa para que ela pudesse alcançar o seu lugar de liderança e iniciar uma nova história na Barquinha.

Conforme Mercante (2012, p. 82) e o relato oral da madrinha Cléia, atualmente Toinho é fardado na Barquinha da madrinha Francisca e a sua bagagem espiritual nas religiosidades de matrizes africanas, ajudou muitos médiuns do CEOPE a se desenvolverem nos conhecimentos sobre os banhos de ervas, pontos riscados, pontos cantados e na incorporação das entidades. Nas palavras da Cléia:

O tio Toinho, ele é uma chave muito preciosa na história da fundação da nossa igreja. Não só eu tenho o tio Toinho como o nosso pai mesmo de cabeça, ‘o pai de santo’, como diz o povo dos terreiros. Ele sempre foi muito sábio com a espiritualidade. Ele deu o sentido da nossa história, do nosso jeito, da nossa casa. Naquilo que encaixava na nossa iniciação do nosso trabalho. Ele foi fundamental! Ele é para mim até hoje um grande exemplo, né, de um servo de Deus também na espiritualidade (Willicleia do Nascimento Ferreira, 2022, informação verbal).

É válido lembrar que, mesmo saindo do CECOCJFL, Francisca prometeu continuar na Missão de Frei Daniel até o dia em que Deus determinasse. Conforme a sua promessa, Chica Gabriel precisaria reconstruir o seu lugar na tradição da Barquinha, dando continuidade ao trabalho que a ela foi confiado pelo fundador. Eis a complexidade das provas e aprendizados que ela estava passando. Curioso notar que algumas passagens dessa “tempestade” na vida de Francisca são narradas nos salmos e hinos recebidos espiritualmente por ela e por outros médiuns em seu novo segmento, construindo uma espécie de memória ritual da sua graduação. Ano após ano, novos e antigos membros da Barquinha dirigida pela madrinha Francisca são lembrados durante os rituais que ela trabalhou durante 34 anos, recebendo um longo preparo antes de se tornar uma professora na escola do Mestre Daniel. Segue um pequeno trecho do salmo intitulado *Estandarte*:

*Eu levantei meu Estandarte
E hasteei minha bandeira
Recebi o meu bastão
E lá no céu minha estrela*

*Eu trabalhei 34 anos
Me preparando nesta luz
Para receber o grande mérito
Ordenada por Deus Jesus⁷⁹[...].*

Portanto, voltando à ideia das (des)continuidades nesse movimento religioso, afirmo que a Barquinha ainda está em contínua construção. Assim como a pioneira pesquisa de Wladimir Araújo (1999) aponta para uma *cosmologia em construção* nesta tradição, reitero que esta pesquisa procura realizar uma crítica às discursividades ortodoxas que tentam deslegitimar os diferentes grupos que seguem os ensinamentos de Frei Daniel. *A doutrina é viva!* Além disso, a híbrida Barquinha tem uma essência múltipla (SANTOS, 2021). Portanto, qualquer desejo de purificação desta religiosidade, me parece um grande contrassenso diante dos elementos heterogêneos contidos na sua fundação em 1945.

3.4 O Nascimento do Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte

Foto 10 - Trabalho na *Casinha do Pai Vicentino* na década de 1990



Fonte: Memorial CEOCPE. Rio Branco.

Após deixar a “Casa de Jesus – Fonte de Luz”, segundo Mercante (2012) e Flores (2020), a madrinha Francisca relutou com a ideia de fundar outro centro da Barquinha. Nas palavras de Francisca: “eu só queria mesmo uma casinha para trabalhar com os meus guias e para fazer a caridade” (apud GOULART, 2004, p. 150). Porém, um grupo de pessoas que reconheciam a força da liderança espiritual de

⁷⁹ Fragmento do salmo recebido por João Batista “Joca” - acervo memorial CEOCPE.

Francisca, juntamente aos clientes das suas entidades, incentivaram ela a conduzir os trabalhos em sua casa. No entanto, independente desta decisão, em nenhum momento Chica Gabriel deixou de rezar as crianças e os doentes que lhe solicitavam orações, remédios naturais e conselhos (MACHADO et al., 2017).

Houve uma colaboração coletiva para que Francisca pudesse continuar a Missão deixada pelo Mestre Daniel, como dirigente do seu próprio segmento. Conforme Daniel Flores (2020, p. 29): “seu esposo, Francisco Gabriel, também conhecido Padrinho Chico, cedeu um casebre de madeira bem simples, que fez para guardar suas ferramentas, para que dona Chica pudesse trabalhar no local”. Este local, ficou conhecido como a *Casinha do Pai Vicentino*, nome do preto-velho que trabalha com a madrinha.

Entre o final de 1991 e o começo de 1992, Francisca realizou uma viagem para a cidade do Rio de Janeiro a convite de um casal de amigos. Em janeiro de 1992, um grupo de familiares e pessoas próximas à madrinha iniciaram os primeiros trabalhos em sua casa, mesmo com a sua ausência. Em março daquele ano, Chica Gabriel realizou a primeira romaria em louvor a São José, como líder e dirigente (MACHADO, 2017). Durante o período de abertura deste novo segmento da Barquinha, Manuel Araújo não autorizou Francisca a levar nenhum documento pertencente ao CECOCJFL.

Mesmo os inúmeros salmos e pontos recebidos pela própria madrinha Chica, o presidente não entregou, restando apenas alguns rascunhos guardados por ela em sua casa. Mas também, contam as fontes orais, que houve uma espécie de micropolítica transgressora por parte dos jovens companheiros de Francisca em relação a esta proibição. Na transição entre os dois centros, algumas pessoas anotavam, memorizavam ou gravavam os salmos, ajudando Francisca a ter acesso ao hinário da Barquinha.

Esta situação trouxe um importante aprendizado para a madrinha, neste sentido: todo irmão que recebe um salmo ou um ponto em seu segmento, ela orienta a fazer uma cópia para si de “próprio punho” (anotando a data e o nome de quem recebeu), entregando outra cópia digitalizada para os dirigentes do CEOCPE, garantindo a liberdade e o direito de propriedade daquele médium que recebeu a mensagem espiritual.

A partir de uma análise sociológica dos conflitos e rupturas no movimento religioso da Barquinha, Sandra Goulart (2004) traz o seguinte entendimento sobre os possíveis motivos para que o presidente do CECOCJFL impedisse Francisca de ter acesso ao hinário da doutrina:

Enquanto alguns elementos rituais ou doutrinários são acionados para marcar as fronteiras e oposições entre os diferentes centros da Barquinha ao serem recusados ou negados, outros se revelam importantes mecanismos no processo de disputa entre estes centros exatamente porque sua posse é alvo de concorrência, se constituindo em espécies de símbolos de poder e em meios de afirmar ou legitimar uma nova liderança ou novo grupo. Este é o caso dos hinos ou salmos. Como esclarecemos anteriormente, eles possuem um caráter de mistério e segredo. Por isso, em todos os processos de ruptura ocorridos no interior da Barquinha os líderes dos grupos originais, isto é, das matrizes, procuraram impedir o acesso dos representantes de grupos dissidentes à letra e à partitura musical dos principais hinos desta religião (GOULART, 2004, p. 168).

Como que “confirmando espiritualmente” a legitimidade deste novo segmento que estava nascendo, logo nos primeiros anos da década de 1990, tanto a madrinha Chica como os seus filhos e afilhados mais preparados mediunicamente, começaram a receber e psicografar os salmos e pontos que estruturaram liturgicamente grande parte do hinário do Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte. Segundo Machado et al. (2017, p. 40), o primeiro salmo recebido nesta casa se chama *Salmo Bendito – Uma prova de Amor*, recebido curiosamente pelo seu filho Toinho, com a última estrofe sendo acrescentada pela sua mãe:

*[...] Este salmo bendito
É uma testificação de amor
Que eu estou com Deus
Estou com o fundador.⁸⁰*

Com o passar do tempo, foram chegando mais irmãos na “casinha” e o espaço físico precisou ser ampliado. Em 1992 começaram a construção da igreja com ajuda de doações de familiares da madrinha, amigos, além das rifas, bingos e várias formas de arrecadação a partir de ações comunitárias (MACHADO et al., 2017). Conforme o depoimento de Lusiélia Venâncio, a madrinha Francisca nunca aceitou que os serviços espirituais prestados no CEOCPE fossem cobrados. Neste sentido, mesmo diante das dificuldades em levantar um novo templo, ela sempre incentivou que a sua

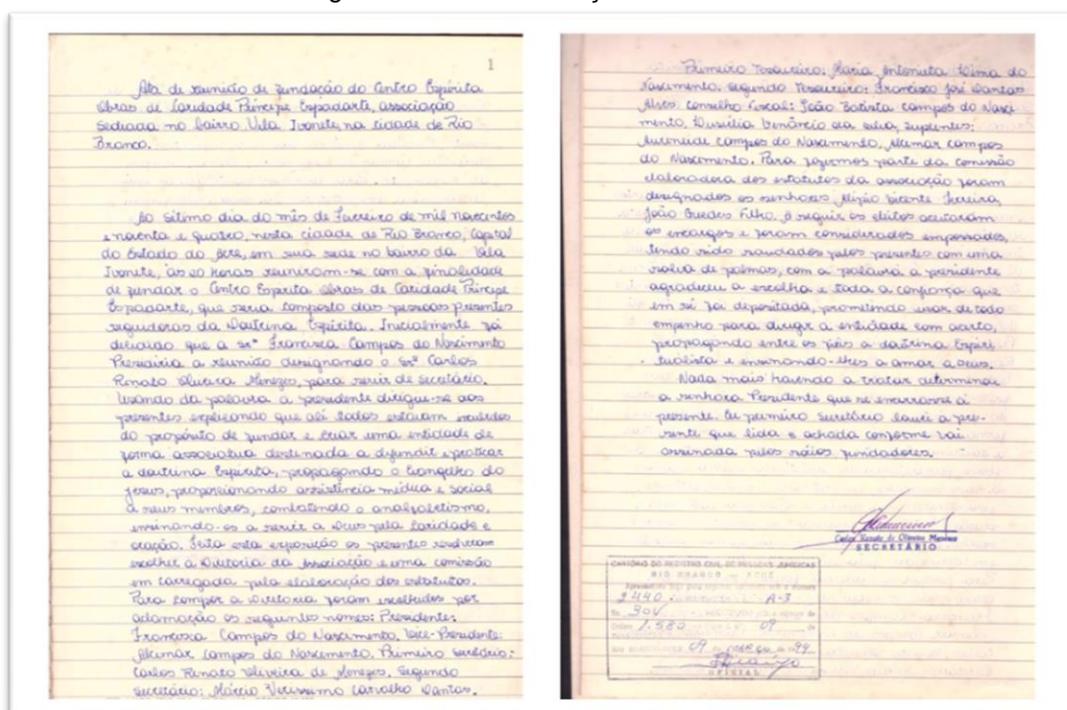
⁸⁰ Fragmento do salmo recebido por Antônio e Francisca - acervo memorial CEOCPE.

comunidade fizesse um esforço em manter o propósito da gratuidade e da caridade, assim como o Mestre Daniel a ensinou:

A madrinha não aceitava nem que a gente pedisse vela pros irmãos. [...] Vamos dizer assim, tudo gira através do dinheiro nesse mundo. Então ela sempre acreditou que até as velas pros plantões da casa iriam chegar. E chegam... (Lusiélia Venâncio, 2021, informação verbal).

A *Ata de Fundação* do Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte foi escrita à mão por Carlos Renato (Cacá), no dia 07 de fevereiro de 1994. O estatuto do centro-igrejinha foi construído e registrado em cartório, tendo como referência o estatuto do *Centro Espírita Daniel Pereira de Matos*, ofertado amigavelmente pelo Mestre Antônio Geraldo (MACHADO et al, 2017).

Figura 3 - Ata de Fundação do CEOCPE



Fonte: Memorial CEOCPE. Rio Branco

O nome deste segmento também é uma homenagem ao guia chefe da doutrina, Príncipe Espadarte do Mar. Como disse anteriormente, este ser guardião e curador, acompanha a madrinha “desde os primórdios de sua caminhada” (MACHADO et al., 2017, p. 43). Neste sentido, com perseverança, calma e união comunitária, em 1996 a irmandade do CEOCPE inaugura oficialmente a sua igreja⁸¹. Segundo as fontes

⁸¹ Durante a pesquisa de campo, Flávia Burlamaqui aponta que todos os trabalhos acadêmicos e não acadêmicos sobre o CEOCPE, afirmam que a inauguração da igreja aconteceu em 1996. Porém,

orais, na passagem de 1999 para o ano 2000 esta comunidade oficializou o novo fardamento:

Na verdade, a gente fardou, eu vou falar por mim e por toda a irmandade, né. Nós fardamos no ano 2000, na chegada do novo milênio. Foi quando começamos, né. Quando o fardamento chegou pra irmandade de modo geral. Os mais velhos, os mais antigos que fundaram ali junto com a Vó Francisca a igrejinha dela, né? Então foi nesse momento que nós todos juntos fardamos (Willicleia do Nascimento Ferreira, 2022, informação verbal).

Ademais, torna-se importante enfatizar que o CEOCPE trouxe em sua singularidade uma proximidade maior da Barquinha com os cultos afro-brasileiros, em especial com a linha da umbanda (COSTA, 2008; SANTOS, 2021). Neste sentido, a madrinha na condição de líder, ofereceu maior liberdade e oportunidades para que os médiuns e as entidades do seu segmento se desenvolvessem espiritualmente com a prática da incorporação. Conforme Goulart (2004), Costa (2019) e Santos (2021), diferentemente das proibições no CECOCJFL em relação ao uso do tabaco, Francisca definitivamente autorizou que os pretos e pretas-velhas utilizassem essa planta, reconhecendo a importância da fumaça do cachimbo no trabalho espiritual de cura, concentração dos médiuns e limpeza de cargas negativas dos consulentes.

Certa vez, a madrinha Chica narrou uma história para a sua neta Cléia que demonstra a importância da fumaça do cachimbo no trabalho dos pretos e pretas-velhas. Ao aparelhar o preto-velho Pai Vicentino do Mar, Francisca via a fumaça do cachimbo que ele estava fumando percorrendo uma estrada e chegando até a casa de uma filha sua que estava morando em outra cidade, mas não estava bem. A madrinha Chica contou que a fumaça chegou espiritualmente naquela casa, fazendo uma limpeza no espaço que estava carregado: *“Então ela entendeu, né. O quê, como e o porquê daquela fumaça... o porquê daquele cachimbo”* (Willicleia do Nascimento Ferreira, 2021, informação verbal).

No quesito da expansão institucional, a madrinha Francisca autorizou que o CEOCPE fundasse novos núcleos em outras cidades do Brasil, tendo filiais em *Belo Jardim (AC), Niterói (RJ), Brasília (DF) e São Paulo (SP)* (FLORES, 2020)⁸². Segundo

segundo a historiadora, a inauguração não oficial pode ter sido realizada durante as romarias de 1995, porém não há fotografias que comprovem.

⁸² Além das igrejas do CEOCPE citadas no texto, recentemente, a Barquinha de Fortaleza (CE) se desvinculou do CEOCPE, atualmente sendo considerada uma Barquinha que realiza um trabalho independente. Além disso, está sendo estruturada uma nova filial do CEOCPE em Salvador (BA),

Araújo (1999), Mercante (2012) e Santos (2021), a Barquinha da madrinha Chica cumpre anualmente o ciclo de cinco romarias: *São Sebastião* (entre 01 a 20 de janeiro), *São José* (entre 01 e 19 de março), *Nossa Senhora da Conceição* (entre 01 e 31 de maio), *Nossa Senhora da Glória* (entre 01 e 15 de agosto) e *São Francisco das Chagas* (do dia 01 de setembro a 04 de outubro). Dentro das romarias também são realizados alguns compromissos específicos que não iremos nos aprofundar nesta tese. São os *trabalhos de limpeza com Dom Simeão e demais entidades*; o *trabalho de confissão espiritual*; o *batizado das crianças*; a *doutrina das almas* e o *batizado das entidades pagãs*. Além das romarias, os adeptos do CEOCPE realizam o trabalho de *Prestamento de Contas* (todo dia 27 de cada mês), rezam o *Rosário de Nossa Senhora* como um compromisso dominical, cumprindo também obrigações em datas festivas ou penitenciais, relacionadas a determinados santos, aniversários e datas judaico-cristãs, como é o caso do *Cerco de Jericó*, *Compromisso das 1.000 Ave Marias*, *Quaresma* e *Semana Santa*. Estes compromissos/rituais citados, são tratados com maiores detalhes na seção “*As flores, folhas e frutos*” do livro de Ricardo Santos (2021) intitulado *A híbrida Barquinha: histórias, influências e rituais*.

Por fim, deixo registrado um importante dado cartográfico relacionado ao extenso calendário de trabalhos espirituais do CEOCPE em Rio Branco e Niterói, foco desta pesquisa. Tanto a matriz, quanto a filial de Niterói, cumprem liturgicamente as cinco romarias do ano todos os dias do mês. Neste sentido, pude contabilizar em meu trabalho de campo no ano de 2021 a intensa marca de *duzentos e dezessete (217) cerimônias tomando Daime*, desde 1 de janeiro até o dia 31 de dezembro.

3.5 Recebendo o seu Galardão: Professora e Irmã de Caridade!

Este breve tópico, busca demonstrar a passagem ritual onde Francisca recebeu o título de *Irmã de Caridade* e o galardão como professora na doutrina de Frei Daniel. Ao ser designada como presidente da doutrina, segundo Machado et al. (2017), Francisca preferiu ser tratada como Irmã de Caridade, assim como as entidades trouxeram nos salmos, pontos e palestras na mesa dos trabalhos, quando se referiam a esta líder. Nas palavras do meu interlocutor Manoel Abelha: “*até tentaram colocar*

dirigida por Kleimany Melo que tem uma importante trajetória como músico e orador, ao lado da madrinha Francisca.

uns nomes imperativos, uns nomes avançados né! E ela não quis não!". Para Flávia Burlamaqui Machado, a madrinha não se coloca maior do que ninguém, mas ela realmente é um "soldado exemplar". Tanto a madrinha como o Príncipe Dom Simeão são considerados como soldados exemplares em suas condutas, mas principalmente no cumprimento da Missão:

Então, se você parar para observar como a madrinha se porta...como a madrinha se porta na mesa, como a madrinha se porta numa festa, como a madrinha se porta num compromisso, como a madrinha se porta numa romaria... então, quer dizer, ela está ali ensinando com o exemplo dela. Então, para mim foi assim (Flávia Machado, 2021, informação verbal).

Como uma aluna do Daime, de São Francisco e do Mestre Daniel, essa professora prefere ser lembrada como uma irmã que presta caridade aos necessitados, vivos e mortos. Mas, então, como esse título foi afirmado e consagrado ritualmente?

A partir de experiências místicas inspiradas em um *trabalho de instrução*, Lusiélia Venâncio narrou que havia tomado o Daime e estava sentada na mesa da igreja, quando entrou em uma miração. Segundo a minha interlocutora, ela foi levada pelo Daime a uma singular visão: "eu estava concentrada e caiu um anel na minha mão. Quando olhei pro anel, eu achei ele muito bonito e disse: 'esse anel é meu!'. E segurei ele. Na luz ele tava na minha mão! Ele tinha uma pedra verde e era de ouro".

Durante a miração, Lusiélia ficou segurando o precioso anel em sua mão, como se tivesse recebido um presente espiritual. Porém, disseram a ela que o anel não era dela, não lhe pertencia. Disseram também que no momento certo ele iria para o dedo da pessoa que era a verdadeira dona. Segundo o relato da minha interlocutora, a experiência foi muito intensa.

Em outro trabalho, novamente na força do Daime, disseram à Lusiélia que aquele anel de ouro e pedra verde era da Irmã de Caridade. Então, perguntei a ela: "Mas quem disse?". Respondeu Lusiélia: "Foi a Princesa Damiana, uma entidade encantada, representando o fundador da doutrina". Por fim, fiz outra pergunta: "Mas o que significava este anel e por qual motivo ele deveria ser entregue à Irmã de Caridade?". Segue a resposta dessa irmã:

Porque ela não tinha formatura na vida material, mas na vida espiritual ela tinha passado por todas as provações e tinha se tornado professora desses irmãos que hoje estão completando trinta anos de Missão com ela. Porquê da casa de onde ela veio, ela já tinha 34 anos de caminhada. Eu achei difícil

porque eu não tinha dinheiro nenhum. Como que eu ia conseguir esse anel pra ela? Mas conversando com outros irmãos que eu contei a história, e a gente se reuniu, e realmente esse anel chegou até a madrinha do mesmo jeito que eu vi na visão do santo Daime. E quem entregou esse anel materialmente pra ela foi o Rei Germano, na época. Colocou no dedo dela. E pediram pra mim providenciar um certificado [...]. Esse certificado foi providenciado, assinado pelo presidente na época, pelo Alcimar que é presidente ainda hoje. E me veio a testificação num salmo realmente. Como era pra ser entregue a ela por Frei Daniel, então ela não podia estar incorporada com Frei Daniel. Então, Frei Daniel passou pra Princesa Damiana. Então a Princesa Damiana foi que veio e trouxe a testificação, né. Trouxe o salmo testificando a formatura e o recebimento do galardão pra ser entregue a ela por Frei Daniel. E a madrinha ela sempre foi muito simples. Através de nós irmãos que de nada sabia, de nada entendia, ela recebeu todas essas testificações (Lusiélia Venâncio, 2021, informação verbal).

Neste sentido, o salmo *Frutos da Sabedoria Divina*, demonstra que a Irmã de Caridade recebeu um anel, um certificado e uma formatura digna dos saberes encantados. Eis o registro e a consagração desta senhora como professora:

I

*Eu venho baixando do reino astral
Num lindo mistério de um anjo guardião
Sou a moça morena do Pai Oxalá
Princesa Damiana das Oliveiras Paz*

II

*Eu venho trazendo um mistério sagrado
Foi Deus nosso Pai quem me ordenou
Para entregar à Irmã de Caridade
Em nome do meu querido professor*

III

*Pois este mistério que eu vim deixar
Tem certificado de formação
A santa aliança da nossa irmã
Com a caridade da Virgem Mãe*

IV

*Te parabeno minha linda flor
Como professora dos meus irmãos
Formada e consagrada por Deus Jesus
E Frei Daniel te deu o galardão⁸³ [...].*

Com este galardão em mãos, a Irmã de Caridade continua se aprofundando até os dias de hoje nos ensinamentos e na titulação que recebeu. Na compreensão da Cléia, a sua avó recebeu o título de professora primeiramente por Deus e Nossa Senhora, os quais Francisca mantém uma íntima relação. Portanto, a madrinha Francisca se formou nessa escola espiritual, tornando-se posteriormente uma

⁸³ Fragmento do Salmo recebido por Lusiélia Venâncio - acervo memorial CEOCPE.

professora de muitas pessoas ao longo de 31 anos como líder-dirigente e 65 anos como um soldado e marinheira da doutrina de Frei Daniel. Para Cléia:

Ela é realmente muito sábia. Eu costumo dizer que a vó Francisca, ela é íntima de Nossa Senhora em todos os instantes da vida dela. [...] isso que Deus confiou na mão dela é mais do que merecido, porque ela realmente tem muita força de vontade (Willicleia do Nascimento Ferreira, 2022, informação verbal).

3.6 Edificando o Acervo Memorial da madrinha Francisca

Foto 11 - Fachada da igreja do CEOCPE

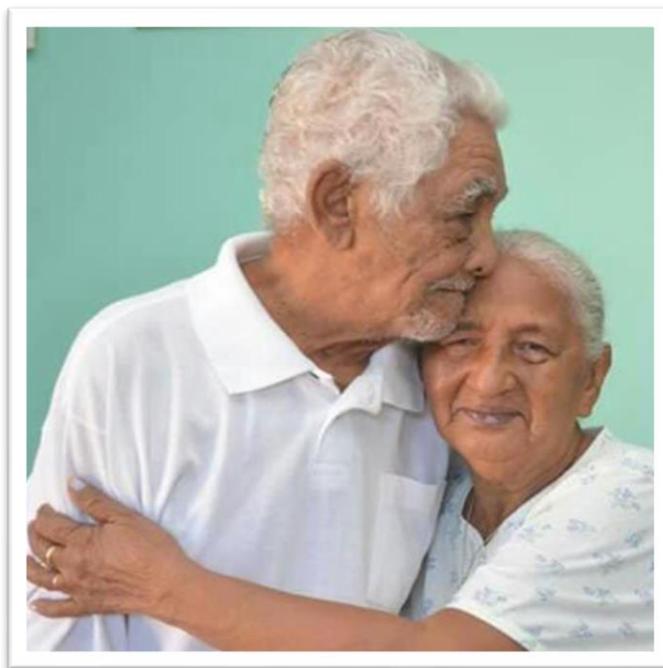


Fonte: Kleimany Melo (2021). Memorial CEOCPE. Rio Branco

No ano de 2017, Francisca Campos do Nascimento perdeu a companhia do seu queridíssimo esposo. Francisco Gabriel do Nascimento faleceu no dia dois de março, aos 102 anos, cumprindo uma longa vida de trabalho duro, cuidados no casamento e na criação dos dez filhos do casal, além da presença fundamental na construção e sustentação do Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte. Apesar de ter sido um ano muito difícil para a sua viúva, tão acostumada com a presença centenária do padrinho Chico, no mesmo ano madrinha Chica comemorava 60 anos cumprindo o seu dever material e espiritual como discípula e zeladora da Missão deixada pelo Mestre Daniel Pereira de Mattos. Para essa data, foi publicado

um livro comemorativo, organizado pelos membros oficiais do CEOCPE, homenageando essa matriarca, criando memórias públicas e institucionais sobre o legado vivo da sua história.

Foto 12 - Padrinho Francisco com Madrinha Francisca



Fonte: Memorial CEOCPE. Rio Branco.

Para Flávia Burlamaqui Machado que é historiadora, diretora cultural e responsável pelo acervo memorial do centro-igrejinha fundado pela madrinha, é necessário, ao menos para os fardados o CEOCPE, intensificarem as pesquisas que possam registrar, organizar e multiplicar a memória social dessa mulher e exímia professora. Flávia entende que os ensinamentos da madrinha devem ser respeitados, sublinhados e narrados na história das religiões ayahuasqueiras do Brasil. Portanto, trata-se de uma expressão de agradecimento e reconhecimento, mas também de “reparação pública”⁸⁴ sobre a importância de Francisca Gabriel na história da Barquinha e na cultura ayahuasqueira. Nas palavras da minha interlocutora: *“minha única pretensão é preservar a história dessa mulher incrível que é a madrinha*

⁸⁴ Reparação pública foi a expressão utilizada pela minha interlocutora. Neste sentido, a expressão pode ser compreendida pelo fato de Francisca Campos do Nascimento estar inserida em um espaço fortemente marcado pelo patriarcado e descaso com a sua história na religiosidade fundada por Daniel Pereira de Mattos, conforme a visão de alguns adeptos do CEOCPE. Portanto, esta pesquisa também cumpre com este papel, evidenciando a trajetória e os ensinamentos da professora Chica Gabriel.

Francisca, dando a ela o lugar que merece e tem direito na história da Missão de Frei Daniel” (Flávia Machado, 2021, informação verbal).

Curioso notar que recentemente, o autor Edson Lodi (2021) lançou um livro em Rio Branco (AC) intitulado *Eu vi a Lua: histórias de mulheres ayahuasqueiras*, trazendo histórias de mulheres do Santo Daime, da Barquinha e da União do Vegetal, mas sequer mencionou a existência de Francisca Campos do Nascimento. A historiadora Flávia Burlamaqui, além de ter uma visão nativa sobre o movimento religioso da Barquinha da madrinha Chica, contribui ativamente com as pesquisas científicas, culturais e não acadêmicas sobre esse segmento. Porém, Flávia ressalta que, recentemente, o centro-igrejinha recebeu pesquisadores pouco cuidadosos com o rigor metodológico e ético na produção da pesquisa, levando para o texto acadêmico erros grotescos quanto aos fundamentos da doutrina. Sobre esta pesquisa de doutorado, Flávia está sendo uma das principais interlocutoras, apoiando e acompanhado de maneira solícita o desenvolvimento da tese.

Flávia é fardada no centro-igrejinha e a principal organizadora do livro comemorativo intitulado *Francisca Campos do Nascimento: uma caminhada de luz, amor e caridade*. Além disso, atualmente ela está reunindo materiais antigos e recentes que possam enriquecer o memorial com diversos documentos no acervo do CEOCPE: fotografias (impressas e digitais); documentos manuscritos e datilografados (por Frei Daniel e Francisca Gabriel); jornais (impressos e digitais); objetos ritualísticos e pessoais doados pela madrinha Francisca; salmos e pontos; fitas VHS e K7 (gravações de trabalhos espirituais, palestras, eventos, entrevistas, documentários, entre outros).

Figura 4 - Campanha para fortalecer o Memorial da Madrinha Francisca

Campanha para Fortalecimento do ACERVO DO MEMORIAL DA MADRINHA FRANCISCA

Amãos amigos!

Buscando enriquecer o acervo disponível no Memorial da Madrinha Francisca, localizado no Centro Espirita Obras de Caridade Príncipe Espadarte, estamos lançando esta campanha de resgate histórico de documentos relacionados a Mestre Daniel Pereira de Mattos e Madrinha Francisca, que podem ser fotos, vídeos, áudios, documentos impressos e digitais, entre outros. Então, se você possui algo que acha que pode ser interessante, nos procure!

(68) 9988-9014 (11h às 18h)

Nos podemos digitalizar ou fazer uma cópia do documento.

O Cotidiano

Iniciativas na área de Patrimônio Cultural são apoiadas pela Prefeitura

Um acervo que viveu o cotidiano de uma comunidade que mudou de endereço para se tornar o Memorial da Madrinha Francisca, localizado no Centro Espirita Obras de Caridade Príncipe Espadarte, está sendo resgatado por meio de uma campanha de resgate histórico de documentos relacionados a Mestre Daniel Pereira de Mattos e Madrinha Francisca, que podem ser fotos, vídeos, áudios, documentos impressos e digitais, entre outros. Então, se você possui algo que acha que pode ser interessante, nos procure!

A Prefeitura Municipal de Rio Branco, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, está lançando uma campanha de resgate histórico de documentos relacionados a Mestre Daniel Pereira de Mattos e Madrinha Francisca, que podem ser fotos, vídeos, áudios, documentos impressos e digitais, entre outros. Então, se você possui algo que acha que pode ser interessante, nos procure!

PRESEMANAL DO COTIDIANO

PRESEMANAL DO COTIDIANO

PRESEMANAL DO COTIDIANO

PRESEMANAL DO COTIDIANO

Fonte: Memorial CEOCPE. Rio Branco.

Este acervo está disponível para a consulta da comunidade e pesquisadores interessados, mediante regras estabelecidas pelo CEOCPE, considerando a restrição de determinados aspectos ritualísticos. Durante as conversas com Flávia, ela me contou que este acervo nasceu de maneira espontânea com fotos e gravações de vídeos amadores, realizados pelos irmãos Carlos Renato (Cacá) e Salu Florencio no início da década de 1990:

Bom, naquela época - assim, eles mesmos já me relataram isso - a grande maioria dos irmãos eram pessoas muito simples e não tinham essa facilidade tecnológica que nós temos hoje em que qualquer um tira uma foto do celular, faz uma gravação, né?! Então, o Cacá e o Salu eles tinham câmeras fotográficas e câmeras filmadoras. Eram câmeras bem grandes que eles filmavam, naquelas câmeras VHS. Aí nós temos registros dessa época, filmagens incríveis. Claro que a qualidade... mas, assim... alguns trabalhos na casinha logo que a madrinha começou. Algumas festas ali no terreiro; como o terreiro era antigamente que era um espaço assim bem mais estreito. A casa da madrinha... ficava entre a casa da madrinha e a 'casinha', né! Era todo de barro, sem cobertura. Então, nós temos esses registros. Tanto fotos

quanto vídeos e a maioria desse material, pelo o que me consta, foram feitos, produzidos pelo Cacá e pelo Salu, né! E o Guedes, você não conhece, mas com certeza já deve ter ouvido falar, um irmão que esteve com a gente por muito tempo, também tinha essa preocupação com a organização desse material (Flávia Machado, 2021, informação verbal).

João Guedes Filho, um antigo membro fardado do CEOCPE, iniciou na década de 2000 (entre 2003 e 2004) um trabalho de organização, digitalização e montagem do acervo memorial. Ele fez um grande trabalho, recolhendo fitas de vídeos VHS e as fotos da fundação do centro-igrejinha, organizando esses materiais que hoje completam 31 anos de registro. Segundo Flávia:

Tem filmagens de 93, a gente tem filmagens de 94, né! Fotos também temos dessa época - aí o Guedes, em trabalhos mais recentes; acredito que esse trabalho do Guedes ele deve ter iniciado em 2003, 2004 mais ou menos... O que ele fez?! Ele pegou esse material das fitas VHS, das fitas cassete, as fotos que na época eram impressas, né! Ele digitalizou, ele digitalizou. Ele fez um trabalho incrível, ele passou todas as fitas VHS, fitas cassetes para CD's. Primeiro foram para CD's, eram um monte, eram assim uns 50 CD's e aí digitalizou todas as fotos também, as fotos que ele tinha. Aí, depois, ele passou para um HD. Eu me lembro que quando ele passou para um HD eu já estava na igreja e já estava começando a trabalhar com ele. Era um HD desse tamanho! Era um HD externo, mas era do tamanho de uma CPU. Ele passou para esse HD externo e aí nós em 2008, 2007...ele tinha um espaço ali na Igreja que hoje é onde fica nossa salinha e aí ele teve uma ideia de fazer uma reforma nesse espaço para transformar ele numa sala de memória, num memorial. E aí nós fizemos um projeto na época para a Fundação Elias Mansour,⁸⁵ era Lei de incentivo, troca de bônus fiscal, nós fizemos esse projeto e aí nós reformamos esse espaço (Flávia Machado, 2021, informação verbal).

Posteriormente, construíram um “quartinho” reservado para o acervo memorial. Reformaram o local, compraram um armário, uma mesa e um computador. No início, fizeram uma primeira exposição fotográfica, no intuito de apresentar para a irmandade uma parte deste memorial. O Guedes era também a pessoa responsável pela diagramação dos hinos deste segmento, na época em que esteve à frente do acervo memorial. Inclusive, tinha uma pasta que se chamava *hinos recebidos pela madrinha*. Foi a partir dessa pasta que a Flávia começou a fazer uma catalogação de todos os hinos e pontos, referentes aos irmãos do CEOCPE que recebem as mensagens espirituais. Conforme a minha interlocutora:

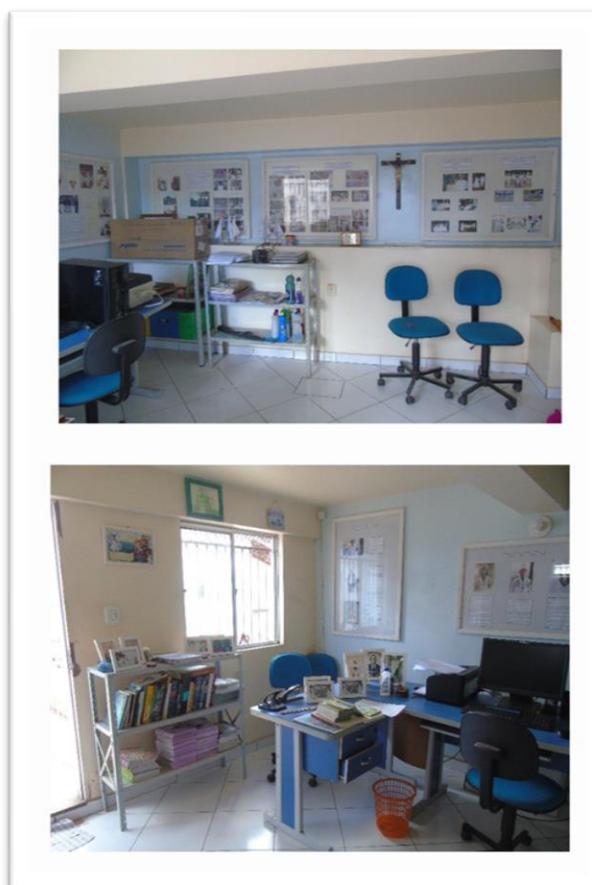
O primeiro hino recebido pela madrinha é de 1958, entendeu?! Por exemplo, já nessa memória dos hinos dela, já tem uns 3 ou 4 que ela não lembra a música, entendeu?! A importância da gente está ali registrando, gravando, resgatando, indo atrás para saber quem ainda lembra, entendeu?! Os Pontos. Porque, por exemplo, ela relata que quando ela estava lá na ‘Casa de Jesus’,

⁸⁵ Fundação de Cultura Elias Mansour (FEM) - Rio Branco (AC).

ela disse que ela cantava no coreto. Tem aquele coretinho ali do meio e diz que ela cantava ali. E aí, as entidades irradiavam ela, entendeu?! Ela cantava às vezes algumas coisas que traziam ali para ela, tá entendendo?! Que...um dia ela até brincou comigo: 'Não tinha ninguém atrás de mim com um gravador na mão!' (risos). Naquela época não tinha quem tivesse um gravador ali registrando, gravando. Alguns que pegavam mais, o pessoal foi aprendendo e se interessando, lembrando! Mas outros já se perderam. Então, é importante a gente estar ali nesse resgate, nesse registro o tempo todo com ela (Flávia Machado, 2021, informação verbal).

Dentro desse trabalho de registro e organização dos salmos e pontos do Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte, Flávia está separando os materiais a partir de cada médium/aparelho, priorizando a organização dos salmos recebidos pelos fardados mais antigos da casa: compilando todos os salmos e pontos recebidos por madrinha Francisca, João Batista (Joca), Lusiélia (Lúcia), Fátima, Neide, Selene, Dona Antonieta, Dona Aguida, Alcimar e Francisca das Chagas (Chaguinha). Segundo Flávia, seguramente os documentos já organizados ultrapassam o número de quinhentos (500) hinos. A madrinha Chica tem uma média de setenta (70) salmos e pontos identificados, outros tantos se perderam pela falta de registro.

Foto13 - Espaço do Memorial da madrinha Francisca no CEOCPE



Fonte: Flávia Machado. Memorial CEOCPE. Rio Branco.

Vale lembrar que este esforço pela edificação do acervo memorial da madrinha Francisca, foi inspirado na *Casa de Memória Daniel Pereira de Mattos*. Segundo Margarido e Neto et al. (2005), esta casa foi criada em 1995 com a finalidade de organizar, preservar e disponibilizar documentos e objetos de valor histórico sobre o Mestre Daniel, bem como do centro fundado por seus sucessores. A *Casa de Memória Daniel Pereira de Mattos* é uma réplica da casa do fundador da Barquinha, aberta para visitação e pesquisas, possuindo “um acervo documental de 18.000 página de documentos, organizado em fundos e séries, catalogados e microfilmados, e aproximadamente 3.000 fotografias e negativos com registros do Mestre Daniel desde a década de 30 e de trabalhos com o Daime” (MARGARIDO; NETO et al., 2005, p. 15).

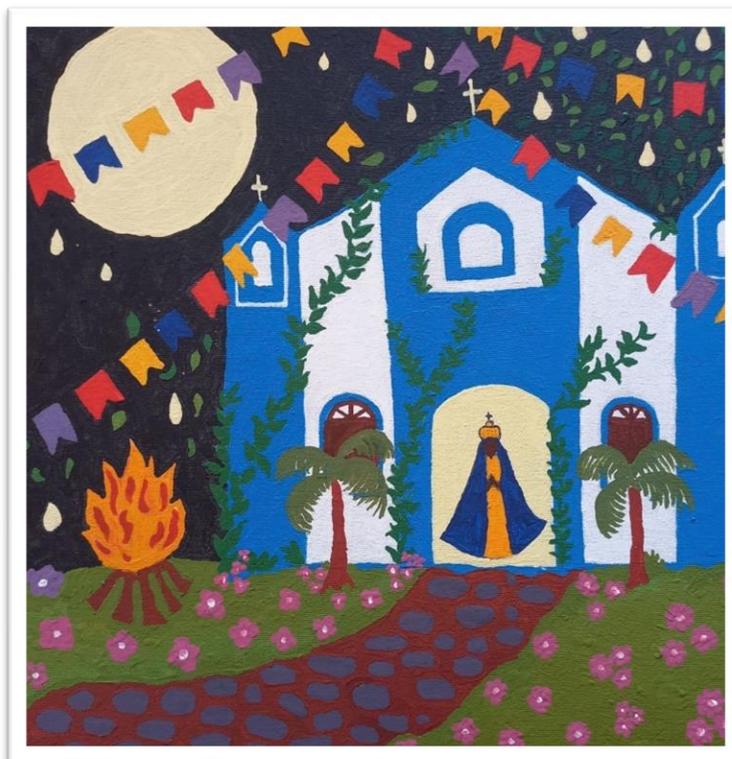
Finalizando essa seção, devo relembrar que a construção do acervo memorial da Irmã de Caridade, discípula do Mestre Daniel, funda um ato de resistência contra o apagamento da memória social e os saberes dessa professora. Além disso, o segmento religioso liderado por Francisca Campos do Nascimento também se expandiu para outras cidades do Brasil: a partir do meu olhar como psicólogo, cambone e pesquisador cartógrafo, na próxima seção irei demonstrar como a Barquinha da madrinha Francisca chegou no Rio de Janeiro, firmando um templo e uma comunidade na cidade de Niterói.

Na continuidade deste estudo, também analisarei as múltiplas aprendizagens com o Daime na Barquinha de Niterói. Tendo em vista a perspectiva transdisciplinar desta pesquisa, vou cartografar os acontecimentos educativos nos rituais com a bebida sacramental, além de investigar os modos de subjetivação na circulação e trocas de saberes nessa tradição. Para tanto, elejo algumas cenas registradas no caderno de campo, fotografias, entrevistas e depoimentos que narram “o *que*” e “*como*” se aprende no território existencial da Barquinha de Niterói.

4. Múltiplas aprendizagens com o Daime na Barquinha de Niterói.

4.1 Ancorando o Barco no Rio De Janeiro

Figura 5 - Pintura da Barquinha de Niterói inspirada pelo Daime



Fonte: Marília Cafezeiro, visitante do CEOCPE. Niterói.

Quem diria, uma doutrina que canta louvores e navega entre os mistérios do mar sagrado, nasceu em um lugar que não tem oceano. Com a virada do milênio, esta mesma doutrina ancorou o seu “barco” em Niterói-RJ, cidade banhada pelo Oceano Atlântico. Eis a força da Capelinha de São Francisco e os frutos da liderança da Irmã de Caridade, proporcionando espiritualmente o encontro entre as águas do rio com as águas do mar! De forma não premeditada, como nos mostra Ricardo Santos (2021), os ensinamentos do Mestre Daniel e da madrinha Francisca chegaram na cidade do Rio de Janeiro, na “bagagem” de um casal acreano radicado nas terras fluminenses.

Foto 14 - Igreja da Barquinha de Niterói em construção



Fonte: Memorial CEOCPE. Niterói.

A história da filial do CEOCPE em Niterói/RJ é iniciada com a chegada de Carlos Renato (Cacá) e Willicleia (Cléia) na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1999 (DIAS, 2017). Na época, Cacá e Cléia eram casados, hoje são separados e constituíram outras famílias, mas continuam unidos como dirigentes da Barquinha de Niterói. Quando deixaram a cidade de Rio Branco, ambos eram membros fardados e aparelhos oficiais das obras de caridade do CEOCPE. Segundo Mônica Dias (2017), o jovem casal acreano se mudou para o Rio de Janeiro movido pela necessidade de estudar. Nas palavras da Cléia:

Eu conheci o Rio de Janeiro. Eu não gostei. Na verdade, eu vou ser muito sincera. Eu achei muito difícil estar aqui e aí chegou um momento que o Cacá conseguiu passar no vestibular. Viemos. Isso lá no início de 99, se eu não me engano. Então a gente chegou somente com essa função de estudar. Ele iria estudar e eu ia tentar fazer o meu primeiro vestibular, também para ver se eu conseguia engajar numa faculdade. Ele não conseguiu passar de cara na área que ele queria, que seria medicina. Ele foi para enfermagem. Então, os primeiros 4 anos foi ele fazendo a enfermagem, a qual ele chegou a se formar (Willicleia do Nascimento Ferreira, 2022, informação verbal).

Com a mudança de cidade e as grandes distâncias socioculturais entre Rio Branco e Rio de Janeiro, Cacá e Cléia obviamente sentiram a falta do CEOCPE, eixo de ligação espiritual daqueles jovens com as suas origens. Porém, Cléia afirma que eles não tinham a pretensão de firmar uma igreja em terras cariocas, pois eram muito

jovens e vieram apenas construir uma carreira profissional, principalmente pelas recomendações dos familiares do Carlos Renato.

A preciosidade da doutrina que Cacá e Cléia trouxeram do Acre para o Rio de Janeiro, se expressava em suas experiências vividas ao lado da madrinha Francisca, mas também estava guardada em uma garrafinha com cerca de 600 ml de Daime e algumas fitas K7 com as gravações dos trabalhos espirituais no CEOCPE. Nas palavras da Cléia: *“a gente rezava o Rosário e ouvia esses cantos dos trabalhos. A gente fazia trabalho assim”*. As gravações em fitas K7, eram o único recurso que o casal tinha para acompanhar as romarias, segundo o depoimento do Cacá que guarda essas fitas até hoje como recordação.

Durante as romarias e demais períodos penitenciais do CEOCPE, Cacá e Cléia realizavam trabalhos apenas nas quartas-feiras (dia de instrução) e nos sábados (dia de obras de caridade), adaptando o calendário da doutrina acreana para a realidade metropolitana do Rio de Janeiro. Muitas vezes, eles faziam um roteiro prévio para localizar os salmos nas inúmeras fitas K7. Durante o ritual, trocavam as fitas de lado (lado A e lado B) para acompanhar as gravações que não estavam em sequência, sendo um exercício cansativo e muito difícil de ser realizado na força do Daime. Nas palavras do dirigente Carlos Renato: *“Até que um dia nós decidimos, né, pensamos... e eu falei: ‘Poxa, porquê não cantar? Vamos cantar?’ E aí foi uma libertação! E a gente começou a cantar, deu super certo”*. Posso afirmar que eles se desenvolveram muito bem no saber musical e na capacidade em executar o canto dos salmos e pontos da doutrina de Frei Daniel. Ademais, suas vozes são bastante elogiadas pelos membros oficiais e visitantes do centro-igrejinha, facilitando a harmonia dos trabalhos e a “navegação” na experiência ritual com o Daime.

Com o passar do tempo, foi-se formando um grupo de pessoas ao redor do casal, acompanhando os trabalhos regularmente. Além disso, a madrinha Francisca com o seu saber e intuições, não demorou para visitá-los, realizando alguns trabalhos e plantando as suas sementes no estado do Rio de Janeiro. Foi como um movimento natural, segundo o relato da Cléia, trabalhando com os guias espirituais e ajudando as pessoas necessitadas em vários lugares: no apartamento do casal, nas casas cedidas por amigos e até mesmo na praia, com ou sem chuva. Nas palavras de Mônica Dias (2017), ao final de uma peregrinação em alguns locais provisórios, Cacá

e Cléia conseguiram um local fixo para realizar os trabalhos na cidade de Niterói, na casa de Ivan Gomes e Andréia Luciano:

Foi assim que, diante da necessidade, ou seja, do aumento de participantes frequentes e de espaço para os guias espirituais trabalharem de maneira mais adequada, procuraram um lugar que comportasse o pequeno grupo. O lugar foi cedido por uma irmã da missão, Selene Fortini, que na época tinha uma casa em Santa Tereza. No ano de 2002 conseguiram outro espaço, a casa do Ivan e da Andreia, em Niterói. Assim, iniciou-se nova etapa na vida espiritual dos dirigentes, Cacá e Cléia, bem como do grupo que, então, tornara-se parte de um corpo da igreja da madrinha em Niterói (DIAS, 2017, p. 61).

Ivan e Andréia já eram casados, ambos daimistas e fardados no *Céu do Mar*, importante igreja do Santo Daime na cidade do Rio de Janeiro. Tal como Cléia e Carlos Renato, o casal Ivan e Andréia passaram por um movimento de mudança em suas vidas, porém realizando o caminho oposto. Quando esteve desempregado, Ivan conseguiu um novo trabalho através de um amigo e mudou-se do Rio de Janeiro para Rio Branco, juntamente com a sua família. Segue um relato da Andréia, dizendo como o casal se aproximou da Barquinha da madrinha Francisca:

Na verdade, eu não conhecia a madrinha Francisca, mas muitos me diziam lá no Céu do Mar que eu me parecia muito com ela, que eu tinha alguma coisa. Eu não sabia quem era ela naquele momento. Mas, nós passamos por uma situação familiar que o Ivan ficou desempregado e através de um conhecido ele conseguiu um emprego em Rio Branco no Acre [...]. E aí nós acabamos indo para lá, morar lá por 1 ano. Em 1 ano nós ficamos próximos dela [da madrinha Chica], nós ficamos próximos da casa dela. E ali nós fomos aprendendo muita coisa, mas sem jamais pensar em sair do Santo Daime para a Barquinha né, porque era um compromisso assim muito honrado nosso. Mas chegou um momento em que a espiritualidade se fez muito presente comigo e me falou uma verdade, enfim. Que um soldado de Deus e da Virgem Maria ele segue onde ele é ordenado e que eu deveria fazer isso porque eu tinha essa encarnação para fazer. Assim, eu fiz, tomei essa decisão com Deus mesmo, conversei muito com a madrinha Francisca e ela entendeu. Não foi fácil não, não foi fácil, mas também nada nunca nos faltou (Andréia Luciano, 2021, informação verbal).

Neste sentido, Andréia relata que ela recebeu uma ordenação divina na luz do Daime para deixar a sua doutrina de origem e se fardar na Barquinha da madrinha Chica. Ivan relata que estava satisfeito na doutrina do Santo Daime, mas ele tinha várias mirações com a Barquinha, embora não entendesse o significado:

Essa mudança, realmente era uma coisa que a gente não tinha pensado e enfim, não era uma coisa que estava no nosso coração. Mas, tudo foi se moldando para isso acontecer independente da nossa vontade. Começou muito com a presença de Santa Clara, nos trabalhos espirituais com a presença dela e aí eu fui entendendo, dentro da presença dela nas nossas vidas, com o nascimento da nossa filha Lirian que nasceu no dia 11 de

agosto⁸⁶ às 11 horas, entendeu?! O meu avô nasceu no dia 11 de agosto, enfim. Isso foi aparecendo no trabalho sem eu perceber, mas apareceu e eu já tinha as mirações anteriores com a Barquinha, apesar de não entender de não saber o que era a Barquinha. Aí teve esse encontro com a Madrinha Chica que eu também não queria ir, minha esposa quase que me arrastou para eu ir porque eu não gostava de ir em outras igrejas de jeito nenhum. Para mim lá no Céu do Mar já estava tudo certo, já estava tudo completo, enfim. Mas aí eu fui e aí me deparei com as minhas mirações e aí, daí eu entendi. E disso aí tive a ordem espiritual, através de sonhos que eu tinha que fazer essa viagem (Ivan Gomes, 2021, informação verbal).

O encontro de Andréa e Ivan com a madrinha Francisca tocou seus corações. Ao mesmo tempo, Cléia e Cacá procuravam um local que pudesse acolher a estrutura ritual do CEOCPE que estava “tomando forma”, como nos mostra Cristiane Costa (2008, p. 79). Os percursos que levaram Cléia ao encontro de Andréa, além das pessoas e instituições religiosas que mediaram esses acontecimentos, não serão tratados nesta tese, mas podem ser pesquisados nos estudos de Cristiane Costa (2008) e Ricardo Santos (2021). Em suma, Ivan e Andréa doaram parte do terreno familiar para abrigar e construir o centro-igrejinha. Nas palavras de Cléia: *“E chegamos aqui! Estamos aqui até os dias de hoje e acredito que a gente vai morrer aqui. Essa é uma das grandes histórias”* (Willicleia do Nascimento Ferreira, 2022, informação verbal).

Esta história também teve seus balanços e tempestades: desde a separação de Carlos Renato e Cléia, desafios na convivência comunitária entre os irmãos, além das decisões importantes sobre a construção da igreja no terreno e a delimitação entre o espaço público/religioso e o espaço privado da família de Ivan e Andréa (COSTA, 2008). Mas o barquinho ancorou nessas terras e segue navegando até os dias atuais. Portanto, os cultos da Barquinha de Niterói ocorriam inicialmente na casa de Ivan e Andréa, na varanda externa.

⁸⁶ No dia 11 de agosto a Igreja Católica celebra a memória de Santa Clara de Assis.

Foto 15 - Trabalho do CEOCPE na casa do Ivan e Andréia



Fonte: Memorial CEOCPE. Niterói.

O novo espaço em um local fixo favoreceu a formação de uma irmandade regular e a comunidade começou a crescer. No dia 12 de outubro de 2003, a madrinha Francisca esteve presente para oficializar os trabalhos na Barquinha de Niterói (DIAS, 2017, p. 61). A *varandinha*, como os irmãos mais antigos se referem, funcionou como o templo da filial até o dia *12 de outubro de 2010 (dia de Nossa Senhora Aparecida)*, quando a igreja foi oficialmente inaugurada e consagrada (SANTOS, 2021, p. 90). Assim, “a partir de seu registro em Cartório, que se deu no dia 30 de abril de 2008, a Igrejinha passou a ser, sob todos aspectos, uma entidade legalmente constituída” (COSTA, 2008, p. 73).

Nas palavras da Cléia, o Ivan teve a grande ideia de construir uma Igreja. Com o esforço coletivo e “peleja” da irmandade, amigos e visitantes, dentre muitos mutirão, a igreja se ergueu. Ivan chamou este templo de *Capelinha de Nossa Senhora Aparecida*:

Eu passei a concordar com ele que realmente a gente construiu uma Capelinha. Ela é pequenina. E tinha que ser uma capelinha porque é a nossa grande matriz lá no Acre que realmente é o foco de tudo isso que se expandiu (Willicleia do Nascimento Ferreira, 2022, informação verbal).

No ano de 2022, a igreja completou 12 anos desde que foi inaugurada, mas a filial está próxima de completar 20 anos desde que foi oficializada pela madrinha Francisca. Para tanto, a irmandade está fazendo uma campanha de reformas nos espaços do templo, especialmente no espaço em que os irmãos fazem a confecção do Daime (casa do feitio) e também no salão das obras de caridade (o gongá), onde os pretos e pretas-velhas trabalham a benefício das pessoas enfermas.

Foto 16 - Madrinha Francisca e Ivan Gomes na *varandinha*



Fonte: Memorial CEOCPE. Niterói.

A dissertação de mestrado de Cristine Costa (2008), intitulada *Uma casa de 'preto-velho' para 'marinheiros' cariocas: a religiosidade em adeptos da Barquinha da Madrinha Chica no estado do Rio de Janeiro*, conta minuciosamente o início desse processo de aterramento e institucionalização do centro-igrejinha no estado do Rio de Janeiro, especialmente na cidade de Niterói. Costa (2019) continuou a sua pesquisa na tese de doutorado intitulada *Os sentidos de Cura: Religião, saúde e performance na Barquinha de Niterói-RJ*. Outras pesquisas e textos também trazem informações sobre esta filial do CEOCPE, como podemos ver em Mônica Dias (2017), Icaro Torres (2019) e Ricardo Santos (2021).

Foto 17 - Trabalho na igreja da Barquinha de Niterói



Fonte: Carlaile José. Memorial CEOCPE. Niterói.

4.2 Mapa Descritivo do Campo Pesquisado

Foto 18 - Igreja da Barquinha de Niterói com o entorno arborizado



Fonte: Carlos Renato (2022). Memorial CEOCPE. Niterói.

Dentre os desafios e processos de aprendizagens que experimentei como cartógrafo ao adentrar o campo de pesquisa, me deparei com um importante problema metodológico levantado por Virgínia Kastrup (2012): onde eu deveria pousar a minha atenção como pesquisador? Neste sentido, o método cartográfico convida o pesquisador a cultivar uma cognição inventiva, experimentando uma atenção ao mesmo tempo movente (flutuante) e concentrada (sem estar focalizada) nos acontecimentos que se sucedem na pesquisa de campo. Nas palavras de Kastrup (2012, p. 48):

A ativação de uma atenção à espreita – flutuante, concentrada e aberta – é um aspecto que se destaca na formação do cartógrafo. Ativar esse tipo de atenção significa desativar ou inibir a atenção seletiva, que habitualmente domina nosso funcionamento cognitivo.

Durante a pesquisa realizada no centro-igrejinha de Niterói, evitei deixar a minha atenção completamente passiva aos encontros ou extremamente rígida no direcionamento da pesquisa. Nem subjetivista, nem objetivista: como cartógrafo-aprendiz, cultivei uma atenção sintonizada com os processos de aprendizagens que se atualizaram nos mais diversos tempos e espaços. Porém, com avanço deste estudo, muitas vezes precisei fazer cortes, desvios e mudanças de rotas na cartografia. Conseqüentemente, algumas instâncias de aprendizagens no centro-igrejinha não entraram neste texto, pelos limites que o tempo desta pesquisa me impôs.

O título desta seção faz uma menção à multiplicidade de acontecimentos educativos na Barquinha de Niterói, reafirmando a diferença, o múltiplo, o ritual, o coletivo, os saberes da experiência e o inesgotável das possibilidades de viver e aprender em comunidade. Essas são as apostas que sustentam esta tese como um caminho ético, estético e político. Como nos ensina Cristina Rauter (2017, p. 20), a perspectiva transdisciplinar acolhe a multiplicidade e a complexidade da vida, aproximando diferentes saberes na compreensão de um mesmo fenômeno. Por este motivo, esta pesquisa de campo abordará velhos problemas sobre o fenômeno da aprendizagem, sob um novo prisma.

Nesta parte do estudo, apresento um mapa descritivo do campo pesquisado, facilitando o percurso afetivo dos leitores no encontro com as imagens cotidianas do centro-igrejinha. Posteriormente, buscarei compreender como se dá a circulação de saberes e afetos no centro-igrejinha, na experiência ritual de uma procissão entre os

romeiros de Frei Daniel; nas minhas próprias experiências com esta planta professora; nos lugares espirituais que os fardados visitam em suas viagens enteógenas; no axé dos aniversariantes distribuídos em pedaços de bolo; nas pedagogias dos mutirões comunitários e nos saberes de um feitor da Barquinha de Niterói. Ademais, afirmo que a força pedagógica neste local também está ancorada nos modos de falar, nos modos de escutar, nas maneiras de agir e conviver no cotidiano da comunidade. Tudo isso produzem modos de subjetivação nesta tradição!

Desde a minha chegada no centro-igrejinha de Niterói em 2014 até meados de 2019, o “caminho da roça” era mais ou menos assim: eu e mais alguns visitantes pegávamos o famoso ônibus “Rio do Ouro”, quase sempre lotado de passageiros no centro de Niterói, às 17h30. Atravessávamos a cidade desconfortavelmente naquele ônibus até chegarmos no ponto de descida: *a estrada da paciência*. Nome sugestivo para as inúmeras idas na hora do *rush* e vindas nas madrugadas perigosas de Niterói. Da estrada da paciência até a Barquinha, ainda caminhávamos mais 5 minutos a pé. Após o ano de 2019, empregado e com mais recursos financeiros, continuei este mesmo trajeto, porém, com a facilidade de um carro.

O *Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte* está localizado no bairro Muriqui. A rua que dá acesso ao centro-igrejinha é estreita, serpenteada e pouco iluminada durante a noite, sendo um local difícil de ser encontrado para as pessoas que vão pela primeira vez nos rituais. Uma grande porteira de madeira dá acesso ao terreno da Barquinha, onde funciona um estacionamento. O terreno possui uma inclinação elevada que conduz à estrutura arquitetônica do templo. A área do estacionamento termina antes do início desta elevação do terreno e é delimitada por dois *plantões*, indicando ritualisticamente a entrada no espaço sagrado.

Os plantões da entrada consistem, cada um, em um pequeno compartimento de concreto feitos para comportar uma vela e mantê-la acesa. São acesos sempre antes do início de cada ritual, um pouco antes do horário que a irmandade costuma chegar. Na Barquinha da madrinha Chica, esses plantões sustentam materialmente e espiritualmente a guarnição da casa contra as intenções maléficas e ataques espirituais que queiram atingir o templo e os irmãos que ali se encontram presentes. Os plantões são acesos pelos irmãos oficiais do CEOCPE enquanto entoam preces e pedem a proteção a Deus e aos seres guardiões desta doutrina. Além dos plantões da entrada, são acesos plantões no cruzeiro, na mesa e no altar da igreja, além da

pedra de Dom Simeão e o altar do gongá. Cada local e cada plantão possui uma função ritual nos trabalhos espirituais realizados na Barquinha de Niterói.

O caminho da subida até a igreja é ladeado por vegetações nativas, envolvendo ervas utilizadas nos trabalhos espirituais (*murta, colônia, espadas de São Jorge, abre-caminho, comigo-ninguém-pode*, entre outras), além das plantações de arbustos da rainha e do cipó: os dois vegetais que são utilizados na feitura do Daime. Essas ervas muitas vezes são utilizadas pelos pretos e pretas-velhas para benzimentos, banhos, trabalhos de limpeza e proteção espiritual. Esta atmosfera mais “próxima à natureza”, marca o momento de entrada nas dependências da Barquinha de Niterói.

Este ambiente contribui para que as pessoas vivenciem uma experiência de evasão das excessivas imagens e ruídos sonoros da cidade metropolitana. O contraste entre as ruas e estradas dos bairros próximos à Barquinha e a ambientação arborizada/silenciosa no terreno, tornam as experiências com o Daime mais agradáveis, além disso, tornam possíveis novas aprendizagens neste ambiente. Sempre tive a sensação de respirar mais profundamente neste “espaço verde”, em contraste com a respiração curta e a sensação ansiogênica que experimento constantemente na sinfonia das buzinas e informações urbanas na região central de Niterói.

Ao subir a elevação do terreno que conduz ao espaço do templo, a fachada da igreja se destaca entre as áreas de vegetação que a contornam. A construção da igreja se assemelha a uma capelinha católica, com as cores azul e branco, simbolizando a relação desta doutrina com as cores do céu e do mar. A fachada do templo conta com elementos importantes da iconografia católica: notadamente, a cruz, os santos e o sino. Este é tocado sempre no início de cada sessão, convocando os irmãos para comungarem o santo Daime. O sino é o chamado para cada pessoa dar início ao trabalho, se reunindo no templo, similarmente ao que ocorre em ordens religiosas católicas.

Nas extremidades superiores da fachada da igreja há três crucifixos de madeira, formando uma triangulação. Abaixo de cada um dos crucifixos estão expostos os três santos patronos da doutrina de Frei Daniel: São Sebastião, à esquerda; São Francisco das Chagas, elevado no centro; e São José, à direita. Em frente à igreja está localizado o grande cruzeiro de madeira, onde os irmãos fazem as orações e acendem suas velas. O cruzeiro é o símbolo cristão que representa a

mistério da salvação e remissão dos pecados, indicando o madeiro da crucificação de Jesus Cristo em tamanho similar, além de ter uma função ritual: espaço sagrado onde as almas necessitadas que chegam no CEOCPE são acolhidas, preparadas e beneficiadas pela espiritualidade da doutrina.

Ao entrar no templo, vê-se um altar preenchido com uma bela e sofisticada pintura, além de flores e diversas imagens cristãs, em especial Jesus Cristo e Nossa Senhora; mas também os santos padroeiros e outros santos importantes para o cristianismo em geral: São Pedro, São João Batista, Santa Bárbara, Santa Clara, Santa Luzia e Santa Terezinha do menino Jesus, além dos Arcanjos São Gabriel, Miguel e Rafael. Na parte superior da parede onde se encontra o altar, estão expostas as fotografias da madrinha Francisca e do padrinho Francisco Gabriel no lado esquerdo, e dois quadros do Mestre Daniel no lado direito.

Assim como nos espetáculos de teatro, o altar é coberto por uma grande cortina que é aberta e fechada, respectivamente, no início e ao término de cada trabalho oficial. Esta performance ritual acontece quando é executado o salmo *Culto Santo*, recebido pelo Mestre Daniel. Ao final dos trabalhos rituais, os dirigentes dizem: “fechado e aberto, para sempre” e os fiéis respondem: “amém”. Estas expressões rituais indicam uma “eterna peregrinação” humana até Deus, fonte da vida e finalidade última de toda existência, na cosmovisão desta doutrina. O cântico *Culto Santo* discorre sobre a missão dada a São João Batista, preparando e abrindo os caminhos para a doutrina de Jesus Cristo. Assim, revela-se neste salmo, a linhagem ancestral desta religiosidade que segue os ensinamentos cristãos como o principal pilar doutrinário.

No centro da igreja encontra-se a mesa onde os irmãos oficiais se sentam de olhos fechados e se concentram para realizar os trabalhos espirituais. Estes trabalhos são chamados *trabalho de mesa*. Esta mesa possui um formato de cruz e comporta treze pessoas: seis mulheres ao lado esquerdo, seis homens ao lado direito e a dirigente Cléia aos “pés da cruz”: o centro da igreja. Neste caso, estar aos pés da cruz significa estar no “comando” do trabalho espiritual. A cruz e o número de pessoas presentes na mesa simbolizam o Cristo e seus apóstolos em comunhão. Assim como na doutrina do Santo Daime, a mesa é um elemento sagrado na estrutura ritualística e montagem simbólica na Barquinha da madrinha Francisca, a qual:

[...] localiza-se ao centro do salão e é considerado a fonte receptora e transmissora das correntes do astral. Junto com o dirigente ela forma um dispositivo capaz de captar e redistribuir entre a irmandade e o cosmos o poder do astral. O conjunto mesa-dirigente-irmandade são alguns dos dispositivos rituais geradores de poder (CEMIN, 2009, p. 355).

Continuando o percurso deste mapa descritivo da Barquinha de Niterói, na varanda lateral – lado direito – da igreja encontra-se a janela da *Casinha do Daime*, local onde o sacramento é armazenado e servido aos irmãos. O interior deste espaço onde o chá fica armazenado, encontram-se as fotografias do Mestre Irineu, Mestre Daniel, São Francisco e Jesus Cristo, além de escultura da *Santa Ceia*, comunicando a linhagem desta tradição e mencionando simbolicamente que nesta casa o Daime é compreendido como uma bebida sacramental.

Acima da janela onde fiéis formam a fila para comungar o Daime, está pendurada uma placa talhada em madeira com as imagens do *Sagrado Coração de Jesus* e do *Imaculado Coração de Maria*, com a inscrição “Deus lhe guie” entre eles. Essa frase é repetida pelo servidor do sacramento e a pessoa que recebe o Daime lhe responde como uma afirmativa de confirmação: “para sempre, amém!” ou “assim seja!”. Este rito a cada ingestão do Daime é um momento de reverência e respeito à bebida. Os elementos da iconografia cristã, notadamente a imagem da *Santa Ceia*, corrobora com esta interpretação.

Assim, nesta religiosidade a noção de ancestralidade não está, necessariamente, ligada à consanguinidade, mas ao encantamento. Daniel para chegar a Deus, se filiou espiritualmente a Jesus Cristo pelas mãos de São Francisco e ao próprio Daime, pelas mãos do Mestre Irineu. Madrinha Francisca, espiritualmente, se tornou uma filha de Daniel e os marinheiros de sua casa, se tornaram os seus filhos e afilhados. Esta filiação espiritual (construção de uma ancestralidade e tradição) se constata na Barquinha de Niterói quando os dirigentes e a irmandade chamam Francisca de *Irmã e Mãe de Caridade*.

Ao considerar que a filiação ancestral na Barquinha se dá pela perspectiva do encantamento, me sustento teoricamente nos textos de Simas e Rufino (2018) quando os autores versam que o *encante* é uma prática indispensável para a produção de conhecimentos, invenção de sentidos no mundo e sustentação de uma linhagem de antepassados que souberam dobrar a morte. Para os autores, trata-se dos ensinamentos das pedrinhas miúdas: “aquelas que sustentam, na sua pequenez, os

segredos dos grandes lajedos [...]. Somos orientados por aqueles que na escassez, na ausência e na interdição inventaram possibilidades” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 13).

Tratando-se de uma religiosidade encantada, a Barquinha de Niterói reza as orações cristãs, mas também dança, bate tambor e chama a presença de seres de outros panteões no *terreiro*. Este, encontra-se ao lado da varanda onde é servido o Daime, também conhecido como *salão de comemoração* ou *salão de festas*. É o local onde ocorrem os trabalhos chamados de festas, bailados ou giras. Trata-se de um espaço amplo e retangular, com o piso calçado em concreto. O terreiro possui um altar em forma de barco de madeira onde são postas imagens, enfeites e flores correspondentes ao dia da comemoração. Sejam festas em homenagem aos santos, Orixás e entidades espirituais da doutrina, cada festejo possui elementos característicos que fazem variar a decoração do altar e a ornamentação geral do templo. No centro do salão é firmada uma vela sobre uma pedra.

Foto 19 - Festa de Aniversário da Barquinha e Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Carlaile José (2019). Memorial CEOCPE. Niterói.

Os irmãos que se encontram irradiados pelos seres espirituais bailam e giram em volta desta pedra formando dois anéis, enquanto os pontos e hinos são entoados. Diferentemente do trabalho de mesa que é sentado e de olhos fechados (uma espécie de concentração mental), nos trabalhos de terreiro fica evidente o desenvolvimento do saber corporal, através do ritmo, orientação postural no espaço, além da expressão emocional da irmandade. Na entrada do salão são instalados os instrumentos

musicais e microfones. Neste espaço os músicos e cantores permanecem tocando e cantando durante toda a festa. Os principais instrumentos utilizados são os atabaques, pois representam o fundamento espiritual que traz as entidades para o terreiro. Por isso, antes de cada festa é acesa uma vela que permanece em frente aos atabaques até o encerramento do trabalho.

O terreiro dá acesso ao *gongá*, também conhecido como salão das *Obras de Caridade*. Este espaço é o lugar onde acontecem os atendimentos com os pretos e pretas-velhas e demais entidades oficiais da doutrina. O *gongá* de Niterói é dividido por treze bancas: local de trabalho onde cada entidade atende seus respectivos consulentes, com o auxílio dos cambones. Cada banca possui um armário (gabinete) para guardar os instrumentos de trabalho da entidade, além de possuir um altar, um pequeno cruzeiro de madeira e uma pedra utilizada para firmar a vela de plantão daquele guia, juntamente às imagens e objetos específicos que pertencem às entidades oficiais da casa. As imagens são de santos ou Orixás e os objetos variam: rosários, *quartinhas*⁸⁷, ervas, cuias de coco, cabaças, cristais, dentre outros.

No centro do *gongá* tem uma pedra oval onde os guias trabalham através de pontos riscados e firmações de velas. No centro da pedra é posto um cruzeiro talhado em madeira de jagube (cipó) e uma pedra de plantão que representa materialmente a presença do Príncipe Dom Simeão, guia chefe das Obras de Caridade. No centro da parede do *gongá* é montado um altar onde é exposto um cruzeiro junto das imagens de santos e anjos, sustentando espiritualmente os trabalhos que são realizados naquele local. Além desses espaços sagrados descritos, no amplo terreno deste templo encontram-se a *Casa de Feitio* onde é confeccionado o Daime, além dos banheiros, cozinha, entre outros cômodos, utilizados para acomodar os materiais do centro-igrejinha e também para as famílias cuidarem de suas crianças durante os rituais.

Este mapa descritivo foi construído em 2021 apenas como uma bússola cartográfica, no início da pesquisa de campo oficial, sem a intenção de construir análises teóricas sobre os simbolismos arquitetônicos do CEOPE em Niterói. Discussões similares podem ser encontradas no livro *Navegando sobre as ondas do*

⁸⁷ *Quartinha* é um pequeno pote, geralmente de barro, o qual deposita água sagrada, abrigando os fundamentos de um Orixá ou entidade de uma pessoa.

Daime: história, cosmologia e ritual da Barquinha de Wladimir Sena Araújo (1999) e o livro *Imagens de Cura: ayahuasca, imaginação, saúde e doença na Barquinha* de Marcelo Mercante (2012), que trazem ricas análises antropológicas acerca dos espaços/símbolos sagrados e as suas funções rituais na doutrina de Frei Daniel.

A partir deste mapa descritivo, no tópico seguinte, convido os leitores a seguirem os trajetos que eu percorri na Barquinha de Niterói até desenvolver o meu problema de pesquisa. A definição do eixo problemático “aprendizagens com o Daime” foi um processo de amadurecimento deste estudo: aliás, aprender é sempre um processo. Para Virgínia Kastrup (2015), o aprendizado jamais é concluído e sempre se abre uma nova aprendizagem, sendo necessária uma reativação nas formas de aprender.

4.3 O Que a Rainha me ensinou?

Cartografar é sempre compor com o território existencial, engajando-se nele. Mas sabemos que o processo de composição de um território existencial requer um cultivo ou um processo construtivo. Tal processo coloca o cartógrafo numa posição de aprendiz, de um aprendiz-cartógrafo (ALVAREZ; PASSOS, 2012, p. 135).

No início desta cartografia eu estava convicto que o tema e o problema desta pesquisa eram: *as práticas de cuidado na Barquinha de Niterói*. Inspirado na dissertação de mestrado da psicóloga Luiza Salas (2017) intitulada *Awré: Cartografias dos Rumos e Percursos das Práticas de Cuidado no Ilê Axé Omiojuaro*, meu intuito era comparar as práticas de cuidado no CEOCPE (uma terapêutica popular) com as práticas de cuidado na psicologia (uma terapêutica embasada na ciência oficial). Porém, a vivência no cotidiano dessa comunidade religiosa fez-me perceber outras questões. Assim, espontaneamente eu fui desenvolvendo o que Johnny Alvarez e Eduardo Passos (2012) chamam de receptividade afetiva no campo.

Com o tempo e o engajamento nas tarefas práticas na comunidade da Barquinha de Niterói, percebi que o eixo temático inicialmente pensado para esta tese não era tão relevante para o grupo pesquisado. A princípio, esta percepção na pesquisa de campo frustrou as minhas expectativas alimentadas no pré-projeto deste trabalho, tirando o meu “porto seguro” e me levando para o “alto-mar” desta pesquisa-navegação. Portanto, ao me aprofundar na sintonia afetiva com o centro-igrejinha, sensivelmente eu fui sendo convocado a reorientar a bússola deste estudo. Segue um

relato de campo e os desdobramentos de uma importante experiência que “virou” esta pesquisa, apontando para as questões das *aprendizagens, acontecimentos educativos e os saberes encantados*, como os principais pilares desta cartografia.

Meados de 2018, um grupo da Barquinha de Niterói viaja para Lumiar -RJ. Estávamos iniciando o feitio do Daime e o objetivo era realizar a busca por uma grande quantidade de folhas da rainha na casa da Thainá, uma irmã fardada do CEOCPE. Era sábado, dia de Obras de Caridade no centro-igrejinha. Saímos de Niterói às 5h (antes do sol nascer) e deveríamos voltar até as 18h, antes do ritual iniciar às 19h. Metade do dia fez muito calor (sol escaldante), na outra metade experimentamos uma chuva torrencial, mas cumprimos a tarefa da catação, desfolhando os arbustos da rainha, colocando nos sacos e voltando para Niterói para abrir o Culto Santo!

Aliás, nessas situações eu compreendo perfeitamente o termo ‘soldado’ atribuído aos fardados da Barquinha da madrinha Chica, pois os irmãos e irmãs oficiais, principalmente nas romarias e dentro do feitio do Daime, precisam executar certas tarefas extenuantes, muitas vezes em condições de sono e cansaço. O Daime ajuda, mesmo quando os irmãos viram noites e precisam trabalhar ou cuidar dos filhos no outro dia! Essas experiências são importantíssimas para quem segue uma religiosidade daimista, trazendo uma dimensão pedagógica do zelo, respeito, firmeza, esforço e responsabilidade que os daimistas devem cultivar no ato de plantar, cuidar, colher, confeccionar, armazenar e distribuir essa bebida. São verdadeiros sentinelas da Rainha da Floresta!

Nesse dia eu experimentei a primeira orientação da tese vinda do próprio Daime! A folha da rainha me deu logo um recado para eu entender que ao invés de pesquisá-la, quem estava ‘sendo pesquisado’ era eu. Logo na chegada em Lumiar, o Humberto que estava à frente dos serviços, organizou o grupo em setores e eu fiquei catando as folhas em um arbusto grande e robusto. Ali fiquei por horas! Logo no início, nós tomamos um Daime forte e quando eu comecei a desfolhar a rainha, a força chegou. A princípio, com o desconforto do sol e o preenchimento do Daime no meu corpo, eu fiquei inquieto. Estava indo de galho em galho, meio sem foco, desfolhando os galhos pelas metades e deixando o serviço incompleto. O Humberto percebeu e me chamou atenção em voz alta: todos escutaram. Me senti exposto, mas compreendi o que ele estava falando! Fiz um sinal de ‘sim’ com a cabeça e silenciosamente me compenetrei mais na atividade que eu estava executando.

Ao focar completamente na relação tátil com a folha da rainha, comecei a estudá-la, olhando a sua textura, o seu cheiro, as suas formas, além de matutar ideias para a minha tese de doutorado que estava apenas no início. Durante esse ‘estudo’, eu comecei a ficar mareado e o Daime preencheu todos os meus pensamentos de modo que eu embaralhei as minhas vistas e precisei parar, respirando profundamente para não vomitar. A princípio, fiquei relutante com essa situação, pois havia tomado uma bronca e se eu parasse de trabalhar, certamente eu chamaria atenção novamente. Mas não pude resistir, precisei parar e tentar acalmar o meu corpo que estava ficando trêmulo!

Eis que uma voz parecia sair diretamente das folhas da rainha, me dizendo enfaticamente que eu nunca seria professor desta planta. Ao contrário, o Daime será sempre o professor e eu serei sempre o aluno nesta escola. Para sempre serei educado pelo Daime! Assim, eu deveria diminuir a minha soberba, inveja, vaidade e orgulho constantemente, pois o bom aprendiz é humilde de coração e mentalmente atento aos ensinamentos que lhe são confiados. Assim disse a rainha!

Essas afirmações soaram como um estrondo de um trovão em minha mente, deixando bem claro como o raio daquele sol escaldante que nessa escola eu seria um eterno aprendiz. Continuou a rainha dizendo: ‘se você for

aprendendo e passando de série na escola do bom professor, você poderá se tornar um instrumento desses ensinamentos e divulgá-los em sua pesquisa universitária'. Seguindo essa direção, caminhos abertos eu teria junto da rainha, do cipó e da ancestralidade que garante esses mistérios.

Após a força se apresentar com essa instrução, eu fui me acalmando e a chave da minha pesquisa virou naquele dia. O Daime foi suavizando e eu trabalhei com harmonia, cumprindo a minha tarefa no sol e na chuva com a postura de um fardado, apesar de ser um visitante em preparo para o pré-fardamento.

Após voltarmos para a Barquinha, tomei um banho, coloquei a roupa branca e logo entrei na fila para comungar o Daime. O sino já havia sido tocado e o trabalho de Obras de Caridade estava iniciando! Sentei na varanda e logo no início eu entrei na miração... parecia que a rainha estava concluindo os seus ensinamentos. Eu via folhas de rainha saindo por todos os lados, inclusive por dentro dos meus próprios olhos, ouvidos e boca. Tinha folha dentro, tinha folha fora, tinha folha no teto, tinha folha no chão, tinha folha da rainha em todo lugar. Sim, sem dúvidas a rainha é uma planta professora! (Gabriel, setembro de 2018, diário cartográfico).

A partir deste relato, entendendo que a pesquisa de campo vai puxando os textos necessários para o desenvolvimento do estudo, passei a procurar os autores e perspectivas teóricas sintonizados com os ensinamentos que recebi da rainha. Tempos depois, minha coorientadora Célia Collet estava visitando a Barquinha de Niterói e eu soube que além de ser antropóloga, os estudos dessa pesquisadora sintonizavam com os problemas que estavam se abrindo nessa tese. Em nossas conversas de corredor inspiradas pelo Daime, essa amiga e professora me apresentou o livro de Luiz Antonio Simas em parceria com Luiz Rufino (2018) intitulado *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. A obra desses autores traz a perspectiva da ancestralidade, encantamento e o complexo epistemológico das macumbas como modelo de uma ciência produzida fora dos “cânones do saber”. Assim,

a partir, das noções de ancestralidade e de encantamento praticamos uma dobra nas limitações da razão intransigente cultuada pela normatividade ocidental. São a partir também dessas duas noções que se enveredam grande parte dos saberes assentes no complexo epistemológico das macumbas (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 11).

A leitura desse livro foi o meu primeiro contato com os autores e as teses defendidas por eles. Posso afirmar que a partir dessa experiência com a rainha e a leitura desse livro, essa tese ganhou uma direção mais consistente e encantada: “Esta é a lógica do jogo. A macumba é ciência, é ciência encantada e amarração de múltiplos saberes” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 12). Esses percursos teóricos e práticos na pesquisa também me levaram ao encontro com a obra de Maria Betânia Albuquerque (2011) que aborda os saberes das plantas professoras e as

epistemologias da ayahuasca. Em outras palavras, os caminhos se abriram na encruzilhada desta pesquisa. Axé!

4.4 O ritual e os saberes da experiência

Foto 20 - Fila da procissão em dia de Romaria



Fonte: Memorial CEOCPE. Niterói.

Na escola-mundo, os percursos rituais e os acontecimentos do cotidiano se apresentam como uma importante instância de aprendizagens, onde a teoria e a prática se entrelaçam nos desafios do saber experimentar, saber conviver e saber fazer. Na escola da Barquinha de Niterói, aprender a tradição é fundamental: através do engajamento ativo no cotidiano da comunidade, especialmente na montagem e execução dos rituais com o Daime durante as romarias.

A foto que introduz esse tópico sintetiza a força pedagógica na ritualística da Barquinha de Niterói. Após comungar o Daime, durante todos os dias no período das romarias, os fiéis oficiais e visitantes realizam tradicionalmente uma pequena procissão no início dos trabalhos. Os dois dirigentes se colocam à frente com velas acesas em suas mãos, dando a direção e ritmo aos romeiros e dois membros oficiais fecham as filas dos homens e das mulheres, garantindo a segurança espiritual na retaguarda desta performance ritual. A procissão na Barquinha da madrinha Francisca é uma experiência ritual que rememora a condição da peregrinação dos seus devotos-

praticantes: os romeiros saem de suas casas, deixam as suas famílias e entes queridos para cumprirem uma Missão. Segundo Araújo (1999, p. 203):

Este barquinho tem uma divisão temporal lógica no que concerne o sentido da travessia: por exemplo, na romaria de São Francisco, que ocorre setembro e outubro de cada ano, o tempo sagrado dedicado a este tipo de atividade é de 34 dias. O barco Santa Cruz sai, portanto, do cais do porto no dia 1º de setembro navegando mar a dentro; no décimo sétimo dia, o barquinho faz a volta e retorna ao ponto de origem em 4 de outubro. Os marinheiros chegam renovados ao cais, local de embarque e desembarque, perfazendo um outro percurso que não o inicial.

Além dessa explicação proposta por Wladimir Sena Araújo sobre o período da romaria, na pesquisa de Marcelo Mercante (2012), realizada na matriz do CEOCPE, o autor demarca que ao final dessas peregrinações junto a determinados santos, a procissão dos romeiros não se restringe apenas ao espaço do centro-igrejinha:

Ao fim da romaria uma imagem do santo comemorado é colocada em um andor, que no dia do encerramento será carregado pelas ruas, em procissão. Esse andor, ao término da procissão, é colocado na junção dos braços da mesa, e ali permanecerá até o fim da romaria seguinte, quando é removido para ser novamente decorado. A procissão final é um momento muito festivo, com todos os fardados, caminhando pelas ruas próximas ao Centro e soltando foguetes, em comemoração ao encerramento de um período de trabalhos muito intenso (MERCANTE, 2012, p. 205).

No extenso calendário litúrgico da Barquinha da madrinha Chica, tanto em Rio Branco como em Niterói, há uma intensa circulação de saberes e afetos durante o ciclo de uma romaria. Neste sentido, a relação comunitária em seus espaços-tempos educativos ultrapassa os esquemas binários das experiências ditas sagradas e profanas. Portanto, os códigos éticos e morais da tradição que “fazem” e “formam” os marinheiros da Barquinha de Niterói são ensinados através das cerimônias, mas também na experiência cotidiana da comunidade.

Porém, ainda que haja uma forte produção de sentido na convivência coletiva e nas trocas comunitárias fora dos contextos rituais, a experiência religiosa na Barquinha da madrinha Francisca também é um rito de ordem e disciplina, onde se constitui uma espécie de alinhamento militar, assim como Fernando de La Rocque Couto (2009) analisa nas estruturas rituais no Santo Daime. Para o autor:

A ordem interna, por sua vez, é reafirmada pelo empenho de cada um na performance ritual ao submeter-se aos imperativos do ‘Império Juramidã’, na sua práxis ritual o fiel acredita receber os ‘ensinos’ e, principalmente, o ordenamento simbólico que se acredita eficaz, e que, nessa ordenação, vai limpando e desobstruindo simbolicamente os canais invisíveis dos neófitos, levando todo o sistema para uma ascese simbólica (COUTO, 2009, p. 397).

Para Marilena Chauí (2000), a função desses rituais religiosos é criar e organizar um espaço/tempo propício para que os humanos e a divindade se mantenham ligados. Segundo a filósofa brasileira: “O rito é uma cerimônia em que gestos determinados, palavras determinadas, objetos determinados, pessoas determinadas e emoções determinadas adquirem o poder misterioso de presentificar o laço entre os humanos e a divindade” (CHAUÍ, 2009, p. 299). Deste modo, a eficácia do ritual dependerá de certa repetição para que os fiéis possam lembrar constantemente os mitos originários daquele acontecimento sagrado, diminuindo as distâncias entre a vida atual e o passado esquecido. Isto fica evidente na Barquinha de Niterói quando os marinheiros desenvolvem a capacidade de cantar dezenas ou centenas de salmos e pontos “de cabeça”, memorizando e praticando os fundamentos da doutrina, a partir da experiência ritual.

Desta maneira, aprender na tradição na Barquinha de Niterói é um ato ritual que vivifica a memória dos adeptos praticantes, retomando as práticas dos fundadores e mestres desta doutrina. No livro *Introdução à antropologia da religião*, o autor Jack David Eller (2018, p. 171) aponta o ritual como uma *ação religiosa*: um saber eminentemente prático. Trata-se de gestos, palavras, roupas, movimentos e códigos de interação que estabelecem critérios para um comportamento grupal/social adequado e harmonioso, envolvendo agentes humanos e não humanos. Segundo o antropólogo:

Curiosamente, assim como os gatos ou os pássaros ou os peixes não precisam ‘compreender’ ou “concordar com” o código de interação, tampouco os humanos precisam necessariamente concordar. Os humanos precisam ser capazes de executar o código, com ou sem ‘crer’ nele ou ‘referir-se’ a ele. Na maioria das culturas este código não é explicitamente articulado (sendo mais tácito ou implícito) e geralmente não está registrado por escrito (ELLER, 2018, p. 175).

Essa comunicação sagrada, no caso dos rituais religiosos, cumpre a função de transmitir conhecimentos, estabelecendo e mantendo certas interações, mas também influenciando e rompendo com relações e hábitos que estejam prejudicando o bem viver em cada fiel praticante. No caso dos rituais da Barquinha de Niterói, como pude perceber na pesquisa de campo, essa ação religiosa educa/doutrina tanto os fiéis romeiros, mas também os seus acompanhamentos espirituais que, por vezes, são a causa de determinadas enfermidades e sofrimentos na vida daquela pessoa. Segue

uma explicação de um preto-velho, sobre a estrutura e a função espiritual do ritual religioso na Barquinha de Niterói:

Para todo e qualquer trabalho espiritual - é como diz - qualquer outro rito religioso é necessário uma certa estrutura para que os filhos possam acompanhar. Então, eu costumo dizer, tudo é necessário que exista um começo, meio e fim. O começo - como se diz - aquela proposta, aquela intenção. Dentro do mistério de abertura em que se coloca receptivo e invoca aquele amparo necessário para poder prosseguir dentro do mistério de serviço, que seria o meio. O serviço que se tem a prestar sob este amparo - como se diz, doar aquilo que se recebe de Deus: o amor e a fé.

Tudo isso é de grande importância tanto para os filhos quanto para os seres que recebem: sejam as almas, sejam as entidades ou até mesmo - como se diz - a benefício de toda a humanidade, de todos aqueles filhos mais sofridos, principalmente as crianças que estão mais desamparadas - como se diz assim - aqueles filhos doentes e assim por diante, meu filho. Então - como se diz - tudo aquilo que se faz sob esta luz dentro desta estrutura de trabalho - como se diz assim - é uma oferta de amor, uma oferta de gratidão para quando chegar ao término do trabalho, podermos fazer os nossos agradecimentos e ao mesmo tempo, dentro deste mistério de agradecimento, fazer com que aquilo que prestamos de serviço, possa se elevar em vibração sublime de luz ao nosso Pai Salvador. Ao final, todo o ritual é elevado a Deus pelas mãos dos santos mensageiros, por aqueles que são os nossos patronos nesta casa - como diz - Senhor São Francisco, Mártir São Sebastião, Senhor São José, e é claro nossa Mãe advogada, que ela realmente tem uma proximidade sublime e singular junto ao nosso Pai Salvador, para que seja derramada as bênçãos sobre aqueles que necessitam.

Mas o caminho é esse - vamos dizer assim - é ofertar aquilo que recebemos de nosso Pai como uma expressão de gratidão para que o nosso Pai possa derramar santas bênçãos sobre todos aqueles filhos que necessitam. Assim é, também, - como se diz assim - por mais que a ritualística seja diferente em outros segmentos, também é o mesmo propósito. Até mesmo numa celebração, tá compreendendo meu filho? Também - como se diz - acaba como diz, que alcança esse mesmo objetivo de oferecer a Deus aquilo que temos em gratidão para que seja de serventia conforme a vontade de nosso Pai Salvador. Tá certo meu fio? (Pai Preto, 2021, informação verbal).

É válido lembrar que os rituais acontecem dentro e fora das religiões, podendo ser percebidos também nas ocasiões mais casuais! Para Eller (2018, p. 188): “Quando estendemos a mão para um aperto de mão, esperamos que o outro estenda a dele; quando dizemos ‘Como vai?’, esperamos um simples ‘Bem, obrigado’ e não uma minuciosa ladainha de lamúrias”. Portanto, conforme o autor citado, existem ritos comemorativos (festas de aniversário), ritos terapêuticos (protocolos clínicos), ritos de comunhão (celebração de casamentos), entre outros. Por exemplo, a recente morte da Rainha Elizabeth II no dia 08 de setembro de 2022, após ter governado o Reino Unido por 70 anos, foi acompanhada por um longo ritual fúnebre, também compreendido antropologicamente como ritual ideológico:

Os rituais de realeza, por exemplo, estabelecem o caráter poderoso ou até sagrado do rei ou governante, e ideologias com o ‘direito divino dos reis’

justificam e perpetuam esse poder. As obrigações rituais que os indivíduos observam em relação uns com os outros criam e mantêm estruturas sociais como também estruturas espirituais (ELLER, 2018, p. 192).

No período das romarias da Barquinha de Niterói, percebo que esse ritual evoca o drama social da peregrinação, tanto no corpo quanto na alma: instâncias que se separam com a morte física. Na cosmovisão da Barquinha da madrinha Francisca, quando a vida física acaba, a alma segue a sua jornada no plano espiritual. Passo a passo, os marinhos da Barquinha de Niterói seguem “a passos firmes com alegria”, como diz o salmo das romarias, se preparando e viajando ao encontro de Jesus Cristo e da Virgem Maria. Trata-se de uma longa navegação desta vida à eternidade: embarque – travessia – desembarque (ARAÚJO, 1999). Portanto, a produção da subjetividade neste local está diretamente associada com essa *experiência peregrina do ser*, tendo em vista que a subjetividade é formada pelas redes de conexões e vínculos dos sujeitos com o mundo e suas práticas discursivas e não-discursivas (TEDESCO, 2007). Conforme Sílvia Tedesco, os modos de existência (modos de pensar, sentir e agir) são produzidos tanto por signos, sinais, leis, códigos, convenções cotidianas, teorias, opiniões que se expressam no plano da dizibilidade, quanto por ações silenciosas e práticas empíricas que se expressam no plano da visibilidade.

Para Jack Eller (2018), o fenômeno social das peregrinações (como é o caso das longas andanças para Jerusalém na cultura cristã), são ritos de passagens que estabelecem uma liminaridade entre o antes e o depois dessa jornada. Algo acontece ao caminhar, seja na fisicalidade de um corpo que se movimenta em cortejo, seja na transformação e burilamento da pessoa que cruza certos limites existenciais. Portanto, como mostra Wladimir Araújo (1999), os romeiros da Barquinha professam a fé popular em Jesus Cristo, na Virgem Maria e nos santos católicos, crendo que, ao final dessas jornadas, seja no término/entrega das romarias ou no final da vida terrena, seus pecados serão perdoados e assim, poderão alcançar a salvação e um bom lugar nas moradas eternas. *Aprendizagens e preparação para uma boa morte!*

Para além do sentido religioso e escatológico desta grande viagem (ARAÚJO, 1999), como disse anteriormente, os peregrinos de Frei Daniel experimentam trocas cotidianas na convivência comunitária. Nessa convivência da irmandade, circulam os *saberes da experiência* de cunho artístico, culinário e terapêutico, por exemplo. Para o filósofo Marcos Villela Pereira (2016), o saber da experiência é um tema caro à

humanidade. Trata-se de um assunto diverso e inacabado, podendo ser compreendido a partir de inúmeras perspectivas: no campo da filosofia, educação, arte, psicologia, dentro outros.

Ao entrevistar Sebastião Ferreira (Tião) que é pedreiro e muito participativo nas obras e reformas do centro-igrejinha, ele me disse assim: “*nunca se aprende tudo, sempre se tem mais o que aprender a cada dia. Bom, é um dia por vez*” (Sebastião Ferreira, 2021, *informação verbal*). No entanto, o Tião afirma que no caso dos fardados a “cobrança” é diferente, neste sentido a aprendizagem precisa ser mais dinâmica, pois os soldados da doutrina precisam cumprir com os rituais: “*o soldado tem que estar preparado para todos os trabalhos, para rezar, para fazer o Daime, fazer o trabalho acontecer!*”. Dessa forma, estarei abordando os saberes da experiência em acordo com a interpretação do Tião, considerando sua fala como uma explicação nativa. Primeiramente, a Barquinha de Niterói proporciona variadas modalidades de aprendizagens e nunca se aprende tudo, portanto, os saberes são inesgotáveis.

Conforte Simas e Rufino (2018), todos os saberes rituais são praticados e forjados no imperativo da experiência:

Assim, não há saber socialmente tecido e compartilhado que não seja também um saber praticado. Encruzado a essa premissa apontamos as infinitudes dos saberes que compõem os universos cotidianos. O cotidiano como campo inventivo revela uma infinita trama de saberes que são expressos nos corpos das práticas e dos praticantes. Assim, as práticas cotidianas emergem como formas de saber-fazer (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 26).

A Barquinha de Niterói possui em seu cotidiano diversas atividades e práticas que ocorrem regularmente sem que façam parte de um contexto litúrgico. Os mutirões, por exemplo, são momentos em que os irmãos se reúnem para cuidar do espaço do centro-igrejinha. A dirigente Cléia uma vez me disse que esses trabalhos são a *pré-produção do ritual*, portanto, são fundamentais na aprendizagem da tradição e na firmeza dos marinheiros. Na percepção da madrinha de Niterói, muitas pessoas que tomam o Daime e participam somente da cerimônia (momento de contemplação espiritual), não imaginam o esforço material e a dedicação coletiva da comunidade para que esses trabalhos espirituais possam acontecer com tamanha beleza e primor.

No caso dos mutirões, eles podem ter diversas finalidades, como organizar e limpar os cômodos, cuidar dos reinados (plantações) de rainhas e cipós, ou mesmo fazer a manutenção do terreno da igreja. Toda a comunidade (irmãos oficiais e

visitantes) é convocada a participar dos mutirões, geralmente leva todo o dia e, mais do que ser apenas um dia de trabalho, é uma oportunidade de aprendizado e confraternização.

Foto 21 - Mutirão de mães, pais e filhos para pintar a casinha das crianças



Fonte: Memorial GEOCPE. Niterói.

No contexto dos mutirões, os irmãos se socializam de maneira distinta dos trabalhos ditos espirituais. São momentos mais descontraídos em lugares onde os visitantes e os fardados têm a oportunidade de se conhecerem melhor. É um momento em que laços e amizades se formam através da convivência espontânea. É também uma oportunidade ímpar de transmissão oral de conhecimentos, onde os irmãos oficiais mais antigos compartilham experiências com os irmãos que estão chegando à casa de Frei Daniel.

Como se trata de um momento de trabalho cotidiano e de caráter prático, o Daime não é necessariamente comungado durante os mutirões. A depender do trabalho realizado, o Daime pode ser servido para os irmãos que desejarem, especialmente quando o trabalho envolve o manejo da matéria-prima da bebida, ou quando se trata de um serviço braçal pesado. O Daime, neste caso, é utilizado como um revigorante para que os irmãos tenham mais força e energia para trabalhar. Entre os povos Tupinambás, segundo Albuquerque (2012, p. 114), as bebidas também eram servidas nos mutirões: estando “presentes em situações ordinárias do cotidiano, como, por exemplo, quando havia necessidade de somar esforços na realização dos trabalhos na roça”.

A dimensão coletiva se evidencia nos mutirões da Barquinha de Niterói em uma espécie de trocas de saberes. Os irmãos da casa realizam tarefas e tem contato com processos de trabalho que não teriam na vida cotidiana comum, fora da comunidade. Desde a prática de rachar lenha, pintar, restaurar objetos, trabalhar com obras, cuidar de plantas e manejar o jardim: atividades que nem sempre fazem parte do dia a dia metropolitano das pessoas que frequentam a Barquinha de Niterói. Nesse sentido, o mutirão é um espaço importantíssimo na educabilidade humana da comunidade.

Foto 22 - Humberto Fernandez cuidando do terreiro durante o mutirão



Fonte: Memorial CEOCPE. Niterói.

O irmão Humberto Fernandez relatou como a experiência na Barquinha de Niterói lhe possibilitou aprender diversas habilidades manuais, fazendo-lhe experimentar novas aprendizagens que, até então, se encontravam fora de sua realidade de “homem da cidade”. O contato com essa realidade, apresentada pela vivência no centro-igrejinha, lhe possibilitou aprender habilidades que contribuíram para sua formação humana:

Quando eu cheguei aqui logo depois surgiu a ideia de construir uma igreja, então eu aprendi a fazer uma massa, aprendi a fazer um cimento, aprendi a carregar um monte de coisas, coisa que eu nunca imaginei que eu fosse fazer na minha vida. Eu passei a minha vida inteira estudando, meus pais queriam

que eu fosse...que eu tivesse uma profissão que fosse um médico, advogado, alguma coisa do tipo. E, aqui eu aprendi a mexer com a enxada, aprendi a plantar, aprendi a cuidar da terra, aprendi a ajudar na obra, aprendi a cortar madeira, aprendi a usar uma ferramenta que eu nunca imaginei que iria usar: um facão, uma enxada. Então, aqui você aprende tudo...o homem da cidade vem pra cá e tem essa oportunidade de aprender. (Humberto Fernandez, 2021, informação verbal).

Seguindo as pistas do livro *Saberes da experiência, saberes escolares: diálogos interculturais*, organizado por Maria Betânia Albuquerque et al. (2016), não basta apenas identificarmos os saberes da experiência que circulam no cotidiano de determinado grupo: o pesquisador precisa compreender quais são os efeitos desses saberes na vida dessas pessoas. Para a autora: “Tais saberes englobam os rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, da ludicidade, das diversas formas de expressão artística (literária, musical, cênica, visual) e de tantas outras práticas da vida social” (ALBUQUERQUE et al., 2016, p. 33-4). Portanto, reitero que os acontecimentos educativos também indicam como se dão os modos de subjetivação na Barquinha de Niterói, em particular no que se refere às aprendizagens provindas dos saberes da experiência enteógena com o Daime, que passo a analisar.

4.5 O Mar Sagrado como lugar de aprendizagem

Tive uma experiência bastante significativa que ficou no limite entre uma miração e um processo mediúnico. Durante um trabalho de ‘doutrinação de almas’, vi a mim mesmo como um ser aquático, que se(me) transformou(transformei) em um peixe, e finalmente em um boto. Súbita e inesperadamente eu era esse boto. Eu podia ver embaixo d’água, via outros seres (MERCANTE, 2012, p. 142-3).

Oh mar! Lugar primordial, me permito usar das alegorias para imaginá-lo a partir da esperança, das epifanias e das lágrimas de amor e dor, fantasiando abismos profundos e procurando tesouros escondidos em seus corais e rochedos lá no fundo. O oceano com sua enormidade forma um berçário de múltiplas vidas aquáticas, mas também é espaço de ofícios humanos. Nas experiências marítimas, humanos e não-humanos se encontram nas farturas pesqueiras, mas também dos infortúnios da fome e das pestes.

Oh mar! Lugar de belas contemplações e experiências estéticas, mas também é um oceano de incertezas diante do porvir e das saudades descabidas durante o tempo das grandes navegações. Lugar de batalhas navais e disputas continentais, o oceano também foi o cativo da diáspora africana, onde se ouviam os cantos de dor

no convés dos navios negreiros. Oh calunga grande, onde a vida, a morte e a ancestralidade se encontram permanentemente, contendo “belezas, calmarias e tormentas, mas dentre os seus mais expressivos significados se encontra aquele no qual as suas águas guardam os mais profundos mistérios” (ARAÚJO, 2021, p. 05).

Seguindo os rastros deixados pelo antropólogo Wladimir Sena Araújo (1999, 2021), o mar pode ser percebido em sua materialidade (espaço físico), imaginado em seu caráter simbólico e poético (espaço psicoafetivo) ou experimentado como uma região sagrada do plano cosmológico (espaço espiritual). Conforme o autor citado, esta dimensão espiritual do mar é chamada de *mar sagrado*, em outras palavras, trata-se de um plano imaterial, acessível à percepção humana apenas em condições extraordinárias. No caso dos adeptos do CEOCPE, esse plano é um lugar que pode ser acessado nas viagens enteógenas com o Daime, conforme o preparo e o merecimento de cada marinheiro.

Nas palavras de Maria Betânia Albuquerque (2011; 2021), essas experiências enteógenas e viagens astrais, estruturam uma dimensão filosófica e educativa para aqueles que experimentam esses estados de expansão da consciência, pois propiciam reflexões e aprendizagens éticas, estéticas, ecológicas, societárias e cosmológicas. Para a autora: “É no estado de expansão da consciência, também chamado de miração, que muitas aprendizagens se efetivam” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 173). Portanto, o mar sagrado também é um lugar de aprendizagem!

Ao analisar o termo “lugares de aprendizagem” para além da escolarização formal, Albuquerque (2021, p. 293) recorre à autora Elizabeth Ellsworth para pensar os processos educativos da formação humana como amplos processos culturais, assim como foi discutido na terceira seção desta tese. Porém, esses lugares de aprendizagens podem alcançar uma profundidade esotérica. Ao aplicar essas ideias na experiência com o Daime na vida do carismático Padrinho Sebastião, a autora afirma que certas “zonas do saber” são adentradas apenas com uma *licença espiritual*:

Como um xamã da floresta, Sebastião rompeu fronteiras imaginárias para conhecer tais lugares e aprender deles. Entretanto, isso exige bem mais que o tradicional conhecimento humano, pois que é necessário ter galgado certo degrau perante a espiritualidade, que é quem concede a licença para adentrar em diferentes zonas do saber (ALBUQUERQUE, 2021, p. 294).

Neste mesmo sentido, lembro-me que no dia 23 novembro de 2021, dia do meu fardamento e aniversário de 30 anos do CEOCPE, após a cerimônia eu fui tomar um

café na casa da madrinha Francisca. Nesse dia ela me contou rapidamente como ela conheceu o mar sagrado na luz do Daime. Ao contar sobre esse lugar, ela imitava os barulhos do mar, murmurando e relatando a ambientação espiritual: o frio e as sensações das águas tocando o seu corpo, a presença dos seres encantados, além das experiências auditivas nas profundezas do oceano. A onomatopeia era um recurso fonético que a madrinha utilizava para reproduzir os barulhos que escutava debaixo d'água: “zummmm”, “plinnn”. A beleza e força epistemológica desse relato está no fato da Irmã de Caridade ter sido levada ao mar sagrado antes de ter conhecido o mar físico, conforme ela me disse informalmente. Eis o encontro entre os saberes da experiência com as ciências encantadas!

Nesse mesmo sentido, segue o relato de Mônica Dias quando essa irmã oficial da Barquinha de Niterói estava fazendo uma pesquisa acadêmica no centro-igrejinha, mas foi surpreendida na experiência com o Daime, visitando um lugar “de socorro às almas”:

Foi um Daime que me levou realmente para um lugar de socorro às almas. Eu vi muita coisa que eu tinha lido em livros kardecistas, que alguém tinha falado para mim. Aí eu falei: ‘Ah, isso é coisa que está no meu inconsciente, não é possível!’ Porque eu vivi verdadeiramente aquele... eu caminhei por lugares, eu fui vendo coisas, sabe?! Foi muito real, foi muito real mesmo. E aí eu dei uma pirada, eu dei uma pirada, ali eu dei. Eu vou te dizer porque eu dei uma pirada. Esse trabalho foi muito realista e eu fiquei meio assim, meio fora de mim, falando assim: o que eu estou fazendo em termos de pesquisa? Tudo o que eu estou tratando como representação, existe. E eu fiquei com essa presença, isso existe, não é uma coisa de quem escreveu isso lá, quem narrou aqui. Não são narrativas, não são representações. Não é um campo do simbólico, era um campo de verdade. Era uma mudança de estação (Mônica Dias, 2021, informação verbal).

Essas experiências de intercâmbio com regiões e seres invisíveis, portanto, não são simbólicas ou representacionais. São verdadeiras viagens aos diversos planos cosmológicos. É real, como disse o preto-velho Pai Preto, pois trata-se de uma “verdade vivida”. Conforme os depoimentos da Mônica e da madrinha Francisca, elas realmente conheceram outros lugares! Para o antropólogo Marcelo Mercante (2012, p. 119), esse “reino espiritual” na Barquinha da madrinha Francisca só pode ser descrito por quem já penetrou nessa realidade esotérica:

O espaço espiritual, devido a esse mistério, está aberto para os exploradores, e cada um traz na sua bagagem, quando do retorno de suas ‘viagens’, um pedaço da verdade por trás dos fatos espirituais. O uso da palavra ‘mistério’ para descrever os reinos espirituais coloca em evidência a limitação do conhecimento que a humanidade tem de tais reinos (MERCANTE, 2012, p. 128).

Deste modo, esses lugares espirituais educam a partir da experiência, perturbando os cânones pedagógicos e epistemológicos da razão ocidental, assente em uma lógica desencantada (SIMAS; RUFINO, 2018). Trata-se de zonas dos saberes esotéricos que dão um sentido ético na relação dos membros oficiais do CEOCPE com os seres divinos e com a vida em geral. Como afirma Luís Eduardo Luna (2009), o acesso espiritual a outras dimensões não é evidente e nem possível sem alguns pré-requisitos e uma adequada preparação. Existem perigos nas viagens pelos planos cosmológicos, podendo acontecer ataques, predações e parasitismos, como acontece no mundo natural.

Logo, a experiência com as plantas professoras envolve um estudo fino, acerca dos saberes cosmológicos e esotéricos. Até onde pude compreender nessa pesquisa, não se chega nesses lugares apenas tomando o Daime, não basta apenas querer. Para conhecer e aprender com os mistérios do mar sagrado, a pessoa precisa se burilar em um constante preparo, mergulhando profundamente na doutrina e nem todos o fazem. Conforme a minha interlocutora Mônica Dias:

A gente sempre tem isso, o preparo para o trabalho. Vamos nos preparar para o preparo (risos). A gente é muito preparado (risos). Nunca vi isso, a gente reza para rezar! Nessa doutrina a gente reza para ir para lá para rezar, né?! Aí era um trabalho de preparo da Madrinha. A casa cheia, muito cheia e eu tomo esse Daime e esse Daime realmente foi um Daime que me levou para um lugar de socorro às almas (Mônica Dias, 2021, informação verbal).

O dirigente Carlos Renato costuma repetir uma frase na Barquinha de Niterói, incentivando o aprofundamento da irmandade no trabalho espiritual: “*mergulhem nessa doutrina irmãos, vocês precisam dar o mergulho para conhecer*”. Eis uma dimensão dos saberes da experiência no mar sagrado: o mergulho. Assim, no aprofundamento desse mergulho, “o marinheiro do mar sagrado passa a ser irradiado pelo ‘invisível’, e com isso presencia em seu cotidiano a ampliação do sagrado” (ARAÚJO, 1999, p. 194). Nessa mesma direção, o próprio fundador da Barquinha, com os seus saberes e ensinamentos inscritos nos salmos, costuma convidar os fiéis a viajarem para os planos invisíveis, deste mundo a eternidade: “*Estou bem longe / pelas florestas / pelas campinas / a beira mar / com a Rainha e a Santa Fé / e o Santo Daime / a passear [...]*”. (Fragmento do salmo *Estou Bem Longe*, recebido pelo próprio Mestre Daniel).

4.6 O axé dos aniversariantes no pedaço do bolo

Foto 23 - Aniversário de Agnes Maria na Barquinha de Niterói



Fonte: Carlaile José. Memorial CEOCPE. Niterói.

Os aniversários na Barquinha da Niterói são sempre lembrados pelos bolos que parecem belas obras de arte, produzidos pelas boleiras da doutrina e servidos no fim dos festejos⁸⁸. Os bolos podem ser feitos em homenagem ao dia dos santos, em homenagem aos irmãos notáveis que já fizeram sua passagem para o plano espiritual e, na maioria dos casos, celebrando os aniversariantes do dia. O bolo é compartilhado e são cantadas canções de felicitações alegres e até mesmo dançantes. Todo o rito que envolve os aniversariantes chama a atenção dos visitantes por sua singularidade, proporcionando momentos lúdicos na comunidade de Niterói.

Os aniversários no CEOCPE, primeiramente são comemorados no trabalho de mesa. É cantado um salmo em homenagem ao aniversariante, escolhido pelo dirigente da sessão de modo a ofertar as bênçãos, mistérios e significados daquele hino executado. Após o salmo, é rezada uma prece e realizado um rogativo a Deus e aos santos seres pela data natalícia daquela pessoa. O orador invoca as bênçãos de paz, saúde, felicidade, amor e proteção divina para que, no próximo ano, todos possam estar reunidos novamente comemorando a vida da pessoa aniversariante.

⁸⁸ A dirigente Cléia e as fardadas Ana Luiza, Lirian, Andréia Luciano, entre outras mulheres da doutrina, são muito habilidosas no exercício da confeitaria dos bolos.

Este momento é seguido de um brado do orador: “*Viva o aniversariante*”, acompanhado por toda irmandade: “*Viva*”.

Esse ritual de celebração da vida e das qualidades de cada aniversariante no centro-igrejinha traz um ensinamento espiritual profundo. A energia vital que está presente no cotidiano da irmandade precisa ser potencializada e compartilhada com a comunidade a cada “*rosa colhida no jardim da existência*”, como dizem na Barquinha da madrinha Francisca. Lembrar e celebrar as datas natalícias é uma maneira de reencantar a vida ritualisticamente, não a deixando morrer pelo esquecimento ou pelo silenciamento! Portanto, volto a convocar o termo iorubano “axé” presente também no cotidiano da Barquinha de Niterói, entendendo com Simas e Rufino (2019) que é preciso intensificar a força vital dos seres vivos:

Entendemos que a prática do axé como aquela que designa um modo de relacionamento com o real fundamentado na crença em uma energia vital – que reside em cada um, na coletividade, em objetos consagrados, alimentos, elementos da natureza, procedimentos rituais, na sacralização dos corpos pela dança, no diálogo dos corpos com ritmos etc. – que deve ser constantemente potencializada, ofertada, restituída e trocada / transformada para que não se disperse. E falamos de um axé praticado que transcende os limites da prática religiosa dos terreiros (SIMAS; RUFINO, 2019, p. 26)

Conforme os autores citados, adaptando ao contexto dos aniversários na Barquinha de Niterói, o axé precisa ser pedagogicamente praticado e distribuído em gestos afetivos e materiais para que os aniversariantes possam expandir as suas virtudes, a saúde e o bem viver dentro e fora daquele local. “*O axé é sempre coletivo!*” ou “*uma centelha sozinha não pode brilhar*”, repetia constantemente o preto-velho Pai Preto quando eu o cambonava. Nesse sentido, o axé (força vital) do aniversariante é dividido em vários pedaços de bolo e ofertado para cada pessoa presente naquele dia. Em troca, a pessoa recebe abraços, beijos, palavras de prosperidade e renovação. Partilhar o bolo é partilhar dessas dádivas para todos os irmãos de Missão, fortalecendo o sentido da comunhão e do pertencimento comunitário.

Essa explicação sobre o bolo ser cortado e entregue pelo próprio aniversariante me foi dada pela própria madrinha Cléia, ensinando a importância espiritual dessa tradição. Raros são os aniversários em que as pessoas não levam seu bolo para o centro-igrejinha. Da mesma maneira, em datas onde a irmandade se reúne para comemorar o nascimento espiritual dos irmãos de Missão (morte física), este

significado permanece com a mesma alegria, como é o caso do grande dia em que se comemora a passagem do Mestre Daniel Pereira de Mattos.

Foto 24 –Aniversário do nascimento espiritual de Mestre Daniel



Fonte: Erasmo (2022). Memorial CEOCPE. Niterói.

O bolo de aniversário, nesse sentido, se torna um elemento encantado pela visão de mundo da Barquinha de Niterói. Tradicionalmente, os irmãos costumam realizar uma mironga separando um pedaço de bolo para os seus *erês*. As entidades das crianças trazem consigo a energia do nascimento, da vitalidade, da pureza, da alegria e, principalmente, a continuidade da vida. Uma fatia de bolo é, normalmente, posta junto à vela do aniversariante na pedra do gongá: o aniversariante, por sua vez, faz seus pedidos íntimos para o seu novo ciclo solar. Esses pedidos podem estar relacionados a diversos aspectos da vida!

Esta “firmação” espiritual do bolo e da vela é eventualmente realizada pelos pretos-velhos. Esses momentos trazem em si ensinamentos importantes sobre o valor da existência, das amizades, da família e assim, no centro-igrejinha, os fardados reafirmam os laços de fraternidade. O Daime age como o fio condutor dessa experiência que, unindo os ensinamentos oriundos das matrizes africanas e dos valores cristãos franciscanos, trazem transformações substanciais na *experiência peregrina* dos irmãos que seguem a linha de Frei Daniel.

4.7 Aprendendo com essa força estranha

Foto 25 - Manoel Abelha colhendo o cipó na mata



Fonte: Carlaile José. 2019. Memorial CEOCPE. Niterói.

O Daime é uma força estranha e ninguém sabe nem explicar direito não. Para explicar a força do Daime é difícil porque em tu é uma forma, em mim é outra, em outro é outra e assim sucessivamente. É como diz assim, o trabalho dele é um livro aberto. Dizer assim, que ninguém conhece, que eu conheço... não conhece. Tem a Madrinha Chica, o Mestre Antônio Geraldo, o Mestre Irineu, Frei Daniel todos esses daí...eles também, no meu entender, dizer que eles conhecem, não! Tiveram certo conhecimento e tem conhecimento mais profundo, mas conhecer mesmo, não. É um mistério! Isso aí só Deus, entendeu?! Porque ele é um livro aberto - assim - hoje o teu trabalho é de um jeito, amanhã de outro jeito e assim sucessivamente. O livro é aberto, sempre só a página que vai mudando (Manoel Francisco Dias da Silva, 2021, informação verbal).

Começo este tópico com essa imagem do Manoel Abelha e o seu impactante depoimento sobre o que é a força do Daime, afirmando que ninguém é capaz de explicar exatamente o que é essa força e, por isso, trata-se de uma *força estranha*. Esse querido irmão-amigo faleceu alguns meses após realizarmos a entrevista para esta pesquisa. Manoel sabia o que dizia sobre o Daime, pois realizou centenas de feitos (confeções) desta bebida ao longo de sua vida, se tornando o principal feitor da Barquinha de Niterói e uma referência na ciência do preparo do Daime em todo Brasil. Ele adorava viajar para fazer o Daime e dizia que estava “indo brincar um pouco”. Mesmo assim, ele afirmava de maneira socrática que nada sabia, estava sempre aprendendo a “ler esse livro aberto”, página por página.

Nesse mesmo sentido, na maioria dos grupos ayahuasqueiros que pude visitar antes mesmo de iniciar esta pesquisa, diziam-me com frequência a seguinte frase: “só se toma ayahuasca uma única vez”. Na entrevista realizada com o feitor Manoel em

Niterói, perguntei a ele se concordava ou não com essa frase. Ele então me respondeu da seguinte forma:

Pode até ser - vamos dizer assim - é uma vez só, como se diz assim, você tomou hoje e quando você tomar de novo o trabalho é outro. Então, você tomou uma vez só. Quer dizer, isso no meu entender dessa palavra que você ouviu. É uma única vez porque cada vez que você toma é só aquela vez, naquele trabalho. Então é essa a explicação que eu tenho pra dizer que eu concordo (Manoel Abelha, 2021, informação verbal).

Por vezes, esses curiosos jargões “o Daime é um livro aberto” ou “só se toma ayahuasca uma única vez” parecem-me máximas filosóficas, atos pedagógicos e uma política espiritual. Trata-se logo de educar os marinheiros de primeira viagem, os psiconautas⁸⁹ e os buscadores espirituais desavisados. Em meu caso, quando tomei essa bebida pela primeira vez, pude navegar em um oceano de experiências intensivas, guiado por uma força misteriosa e estranha, como disse o Manoel. Porém, essa mesma força me pareceu segura e ancestral, pois, nesse dia, fui obrigado a me despir “aos trancos e barrancos” da razão tagarela que tentava codificar a experiência com trajetos cognitivos pré-definidos.

Em setembro de 2012 encontrei-me pela primeira vez com a ayahuasca na Ordem Esotérica Cristã (O.E.C),⁹⁰ na cidade de Uberlândia - MG. Escutei a frase “só se toma ayahuasca uma única vez” quando estava preenchendo a ficha de anamnese⁹¹ e recebendo as últimas orientações antes da minha primeira cerimônia com o chá. Naquele momento não pude compreender a dimensão daquela informação, certamente não seria possível pensar fora da experiência. O contexto era litúrgico, ou seja, a bebida estava inserida em um ritual esotérico, envolvendo cânticos e práticas de uma ciência sagrada pré-cristã: a kabbalah. Portanto, era evidente que

⁸⁹ Para Labate (2016, p.425), os psiconautas são experimentadores da consciência, podendo ter um aspecto de turismo psicodélico com o consumo de substâncias psicoativas, ou mesmo ter um aspecto de pesquisa, numa dimensão acadêmica que valoriza a viagem em si e suas possíveis conexões éticas, estéticas e políticas.

⁹⁰ A minha primeira experiência com a ayahuasca aconteceu na Ordem Esotérica Cristã (OEC), tratando-se de um grupo legalmente autorizado para utilizar a bebida para fins religiosos. Nesta instituição, a ayahuasca é compreendida como um veículo sacramental, sendo potencializada a partir de um contexto litúrgico e ritualístico.

⁹¹ Em 2004, o uso religioso da ayahuasca foi reconhecido como uma prática legal pelo Conselho Nacional Antidrogas – CONAD, estabelecendo que todos os grupos devidamente legalizados, fizessem uma entrevista de anamnese para avaliar aspectos sociais, psicológicos e emocionais das pessoas que irão fazer uso da bebida pela primeira vez. Ver a Resolução em Albuquerque (2007, p. 30).

eu não poderia ingerir aquela bebida com arrogância, tampouco teria garantias sobre o que aconteceria comigo durante a cerimônia espiritual.

Após receber o copo com um líquido-cor-marrom-escuro e gosto muito amargo, um homem jovem olhou fundo em meus olhos, entregou-me o chá e percebendo o meu receio, disse-me com bastante ternura: “*Paz e Bem*”! Aquela saudação franciscana foi um divisor de águas, pois abrandou o meu peito, deixando-me mais receptivo para subir “*simbolicamente pela árvore da vida*”, como dizem neste grupo. Repetiam com ênfase que a experiência é única e singular, deste modo, possivelmente não iria se repetir em nenhuma outra circunstância.

Naquele mesmo dia, uma bela miração me ocorreu e nunca saiu das minhas saudosas lembranças: a imagem de uma enorme cachoeira, onde se via um paredão coberto pela relva molhada e o vento forte fazendo as águas dançarem em harmonia junto aos movimentos dos pássaros. Os tons de verde-floresta apareciam em contraste com o branco espumado no encontro das águas. No instante seguinte a essa visão, eu sentia o cheiro e o frescor daquela queda d’água como se eu fosse um dos pássaros, podendo sobrevoar de pertinho aquele enorme rochedo, contemplando a sua grandeza com estrondosa força, olhando de frente. Por fim, a grande estrutura transfigurou-se em um rosto de uma mulher indígena e a cachoeira era a própria cabocla que também me olhava de frente.

O encontro com a ayahuasca/Daime aconteceu e eu me senti em estado de graça! Mas o que me aconteceu? O que era aquele estado visionário? Isso era o mesmo que “entrar na força”, como diziam? Eu me perguntava e nenhuma palavra, nenhuma resposta ordinária foi capaz de explicar a mim o que havia experimentado. Para o filósofo da educação Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 21), a experiência é “o que nos acontece”, tocando-nos de uma maneira singular. Apenas houve um acontecimento e um bom encontro: eu simplesmente pude ver, sentir e experimentar o novo, por dentro. Após a beleza daquela miração, o trabalho espiritual se desenvolveu e muitas outras coisas se passaram em mim, durante aquela madrugada.

Ao final da sessão, entre tantos estímulos sensoriais experimentados, os processos foram se acalmando e de forma branda, escutei o dirigente fazendo a seguinte *chamada*.⁹²

*Caminhei oh, caminhei
Caminhei foi no astral
Caminhei na casa santa
No salão transcendental*

*Visitei os teus jardins
Vi a rosa divinal
Eu mirei nossa senhora
Seus encantos a me guiar*

*Caminhei oh, caminhei
Caminhei foi no astral
Caminhei na casa santa
No salão transcendental*

*Visitei o além de dentro
Vi o Eu que mora lá
Acordei de um velho sonho
Vou seguir eu vou caminhar*

*Caminhei oh, caminhei
Caminhei foi no astral
Caminhei na casa santa
No salão transcendental*

*Nesta estrada não cabe a crença
Pois tenho o Ser e o vivenciar
A estrada é esse caminho
E o destino é o meu santo pai.*⁹³

A *Chamada do Caminheiro* me tocou profundamente naquele dia, pois as palavras cantaroladas se cravaram como uma flecha em minhas memórias e no meu coração. No dia seguinte, num domingo pouco familiar estava eu totalmente arrebatado pelas lembranças daquela cerimônia, pois a tal “força estranha” e a complexidade das visões, insights, elaborações e limpezas físicas com vômitos não pareciam se conter nas horas cronológicas da noite anterior.

Fez-me lembrar a ideia de um tempo mítico! Fragmentos de múltiplos versos da existência em uma poção original da temporalidade: estava tudo ali, desde a

⁹² As *chamadas* são invocações com palavras ou cantos sagrados para trazer um novo momento (mais profundo) ao ritual. Normalmente as chamadas são realizadas no começo, no clímax e no fim para demarcar o tempo da experiência e harmonizar a liturgia.

⁹³ *Chamada do Caminheiro*, recebida por Alexandre Vianna Montagnero, Ordem Esotérica Cristã - Direitos Reservados.

criação do mundo, as formas geométricas da natureza e a lembrança de um acontecimento da minha infância; tudo em pequenos acontecimentos. Segundo o mitólogo Mircea Eliade (2011, p. 21): “Numa fórmula sumária, poderíamos dizer que, ao ‘viver’ os mitos, sai-se do tempo profano, cronológico, ingressando num tempo qualitativamente diferente, um tempo ‘sagrado’, ao mesmo tempo primordial e indefinidamente recuperável”. Porém, eu precisava de muito “tempo cronológico” para digerir aquela experiência. Quando me perguntavam o que eu havia sentido, respondia de maneira lacônica: “*tanta coisa*”. Tomei a decisão de não voltar tão cedo a tomar o chá, pois precisava decantar aquela experiência. Após alguns meses decidi retornar ao mesmo local, porém, assumindo a seguinte postura: *aqui eu só posso entrar para aprender*, assumindo uma condição de não saber, porém, curiosa.

Nas cerimônias subsequentes, fui tentando praticar essa recomendação de tomar o chá com a disponibilidade e a prudência de uma primeira vez, pois os encontros com a bebida foram marcados por uma tripla sensação: em primeiro lugar, me sentia constantemente *surpreendido por uma espécie de força inteligente* que estava acima do meu controle e da minha capacidade de compreensão. Essa força estranha contida no chá me guiava no ritual com maestria, apresentando uma multiplicidade de eventos espirituais, psíquicos, emocionais e catárticos muito refinados e seguramente mais complexos em relação a tudo que eu já havia experimentado com outras substâncias psicodélicas, anteriormente.

A segunda sensação comum reverberava na incômoda *aproximação com a minha ignorância*. Isso me fazia lembrar a cada cerimônia que eu precisava confiar nas minhas sensações e sentimentos, mesmo não sabendo explicar o que acontecia, eu tinha os afetos como bússola confiável, diante de um território novo e instável nas “viagens para dentro”. Por fim, a terceira sensação comum na força da bebida estava calcada na importância da *percepção corporal*, pois em minhas experiências com o Daime, toda e qualquer aprendizagem se dava através do corpo. Para Rufino (2019, p. 128): “O corpo em performance nos ritos se mostra como arquivo de memórias ancestrais, um dispositivo de saberes múltiplos que enunciam outras muitas experiências”. Não havia espaço seguro para produções de ideias e conceitos descolados do saber corporal, suporte polirracional e inventário para uma inteligência sensível.

Durante as cerimônias, se eu me desconcentrava do momento presente, da percepção postural, da temperatura interna, da respiração, dos fluxos mentais, até mesmo se deixasse de administrar o vazio ou a lotação no meu estômago⁹⁴, certamente eu era impelido pela experiência com a bebida a me corrigir com pequenos gestos! Ora me cobria do frio, ora eu examinava os meus pensamentos, ora “sacava” o ambiente ao redor. Cada som, imagem e cheiro, por exemplo, ganhavam grandes proporções sob o efeito do enteógeno.

Faço essa rápida menção à tripla sensação de tomar ayahuasca/Daime continuamente pela primeira vez, pois estas questões me motivaram a continuar “curiosamente” tomando a bebida até a presente data. Quando penso em algum conceito das artes que se aproxime dessa experiência única, lembro-me da noção de *epifania* na poética de Clarice Lispector. Em várias passagens dos seus livros, a autora leva textualmente os seus leitores ao encontro com experiências que reconquistam espaços originais no cotidiano. Como? Uma espécie de olhar espantoso toma os personagens por algum período, comumente com a figura das mulheres – donas de casa – quando estão fazendo compras, cozinhando ou andando de bonde. Diante de um acontecimento ordinário, elas mergulham em um lugar desconhecido de si, rompendo momentaneamente a continuidade das coisas.

Esse efeito-epifania no cotidiano faz desviar a normalidade daquilo que está posto como fixo (o casamento, o trabalho, a ideia de si e do mundo), mesmo que temporariamente. Para Luciana Stegagno Picchio (2015), a epifania é terminologicamente uma aparição instantânea, uma revelação e uma experiência lunar, isto é, liga-se à Lua, exaltando o mistério e o espaço-tempo não linear. Em minhas próprias noções, a epifania dinamiza os fluxos de encontros entre o eu conhecido e o outro desconhecido, alargando as *estrangeiridades* em nós. Por isso, Manoel chama o Daime de “uma força estranha” e “um livro aberto”, pois o encontro

⁹⁴ Uma quantidade relativamente alta do chá no estômago proporciona em alguns casos, a limpeza pelo vômito: o efeito purgativo tem um sentido purificador quando aliado ao aspecto ritual, sendo muito comum na cultura ayahuasqueira. A purificação e o preparo para receber as graduações espirituais na força do Daime, dependem de muitos fatores: orações, dietas e certas abstinências para que a intencionalidade da pessoa seja atendida durante as cerimônias rituais. Porém, algumas purificações acontecem intensamente durante a experiência com a bebida. Algumas reações corporais comuns no processo de purificação são: alterações emocionais, experiências cognitivas e afetivas com mortes e nascimentos simbólicos, ampliação espaço-temporal (distorções no passado, presente e futuro), além dos efeitos de náuseas, vômitos, diarreias e tremores em geral (PELAEZ, 2009, p. 477).

com o desconhecido também é comum durante as experiências com o Daime. É como estar diante de uma criança que desconcerta o olhar dos adultos com perguntas óbvias ao vivenciar situações pela primeira vez. Segue um trecho da literatura de Clarice Lispector, trazendo pistas sobre a experiência da epifania:

Eis que de repente vejo que não sei nada. O gume de minha faca está ficando cego? Parece-me que o mais provável é que não entendo porque o que vejo agora é difícil: estou entrando sorrateiramente em contato com uma realidade nova para mim e que ainda não tem pensamentos correspondentes, e muito menos ainda alguma palavra que a signifique. É mais uma sensação atrás do pensamento. Como te explicar? Vou tentar. Vista por um corte oblíquo. Só agora pressenti o oblíquo da vida. Antes só via através de cortes retos e paralelos (LISPECTOR, 1980, p. 69-70).

Neste sentido, tanto as epifanias de Lispector quanto as experiências únicas com o Daime incitam uma espécie de renovação da vida, fazendo a subjetividade transitar entre o familiar e o desconhecido, o que em minha hipótese leva a uma postura de aprendizagem contínua, forçando “o pensamento a pensar” de maneira mais inventiva. Assim, aprender com essa força estranha é uma maneira de se colocar como um eterno aprendiz na escola-mundo, exemplos dessas aprendizagens, podem ser vislumbrados nas experiências de Manoel Abelha!

4.8 Aprendizagens e instruções de Manoel Abelha

Entre as diferentes classes de pesquisadores, os antropólogos são conhecidos por sua disposição em aprender com aqueles que, em um mundo obcecado pelo avanço do conhecimento, poderiam ser rejeitados como incultos, analfabetos ou mesmo ignorantes (INGOLD, 2019, p. 11).

Neste tópico, buscarei ressaltar sinteticamente a história de vida e o saber de um homem considerado inculto e ignorante, até mesmo para algumas pessoas que conviviam com Manoel. Retomo a entrevista com o meu interlocutor Manoel Francisco Dias da Silva, conhecido como “Manel Abelha”, “Manoel Abelha” ou “Seu Manel”, enfatizando também um acontecimento que cruzou esta pesquisa com o trabalho espiritual no CEOCPE de Niterói. Durante um ritual, em uma quarta-feira de instruções, o áudio da entrevista realizada com Manoel foi transmitido e escutado por toda irmandade, um mês após a sua morte. Quando soube do falecimento de Manoel em fevereiro de 2022 devido ao agravamento de um tumor, chorei copiosamente, pois desenvolvi um laço muito estreito de amizade com esse irmão nos últimos sete anos.

Gostávamos de tomar sorvete juntos, conversar “coisa atoa” e trocar áudios com mensagens espíritas.

Esta proximidade entre nós ultrapassou a relação formal e o contrato entre pesquisador e sujeito pesquisado, pois compartilhamos experiências cotidianas e sobretudo, ampliamos os nossos universos existenciais com essas trocas. Posso afirmar, a partir das pistas cartográficas de Sade, Ferraz e Rocha (2014, p. 75) que o senso de confiança entre nós foi sustentado por uma *sintonia afetiva*⁹⁵, atualizando os termos de Daniel Stern:

A produção da confiança, portanto, requer dispositivos coletivos de pesquisa: não se trata de apelar para o imperativo ‘confiem’! Os dispositivos precisam cultivar a confiança, pois a confiança demanda tempo, temporalidade na qual se estabelece a sintonia afetiva e o engajamento que nela se baseia, o que põe em questão a regulação dos vínculos na pesquisa, assim como a própria definição do seu domínio, isto é, de suas regras e acordos (SADE; FERRAZ; ROCHA, 2014, p. 85).

A construção cotidiana do nosso vínculo se dava a partir do trabalho: importante modo de aprendizagem na Barquinha de Niterói. O trabalho efetiva relações neste local. Fazer algo era o que nos unia: migar tabaco, consertar coisas, desentupir ralos, fazer Daime etc. Quando eu me enveredava por alguns serviços de “ajudante de obras” no centro-igrejinha, Manoel ria de soluçar, pois dizia que eu não levava jeito, mas deveria aprender. Ao me ver trabalhando com uma enxada, ele falava que eu estava prestes a perder a minha coluna, pois não fazia o movimento corretamente. Mas ele não apenas falava, ele tomava o instrumento da minha mão e mostrava como a ação deveria ser realizada. Entre brincadeiras, trabalhos sérios e experiências conjuntas nos rituais com o Daime, construímos uma amizade e desenvolvemos um respeito mútuo.

Em particular, sempre a admirei a sabedoria desse caboclo acreano que encontrou a sua saúde e o porto seguro na Barquinha de Niterói. Nos termos do antropólogo Tim Ingold (2019), considero que Seu Manel foi um homem que desenvolveu uma sabedoria: “O conhecimento tem seus desafios, a sabedoria tem seus caminhos, mas, enquanto os desafios do conhecimento se encerram em suas soluções, os caminhos da sabedoria se abrem para um processo de vida” (INGOLD,

⁹⁵ Segundo Cristina Rauter (2012, p. 63), o conceito sintonia afetiva de Daniel Stern, “se refere à comunicação mãe-bebê, que se dá a partir de uma capacidade da mãe de se colocar de certo modo ‘no lugar do bebê’, a partir do que lhe informa a via do feto”.

2019, p. 11). Como disse anteriormente, Manoel Abelha desempenhou um papel muito importante como feitor de Daime no CEOCPE. Sua máxima filosófica era: “*tomo Daime para trabalhar, não para me atrapalhar*”. Manoel usava esse aforismo para dizer que não precisava tomar muita quantidade de Daime, evitando assim, o excesso de volume do chá no estômago. Dizia ele, “*menos é mais*”.

Com a pesquisa de campo em andamento, comecei a me interessar mais pela confecção do Daime, acompanhando Manoel Abelha em pelo menos cinco feitos da Barquinha de Niterói, sempre perguntando e tentando observar como esse “cientista da floresta” fazia essa bebida. Mais ainda, como psicólogo, procurei compreender os modos de subjetivação deste homem a partir da sua relação com o Daime. Na vida desse feitor, o Daime era tudo e servia para quase todas as ocasiões! Já presenciei Manoel Abelha utilizando o Daime como cicatrizante para cortes graves, quando estávamos na mata e alguém se cortava com um facão. Também já presenciei Manoel utilizando o Daime como analgésico, além de utilizá-lo para curar seus cachorros com febre ou doenças graves, tendo, por sinal, efeitos muito positivos nos casos que presenciei. Na partilha de experiências comunitárias, Manoel também aprendeu a misturar o Daime com outros remédios da floresta (mel, óleo de copaíba, dentre outros) para produzir expectorantes para doenças de pulmão.

Foto 26 - Último feito com o Manoel Abelha em Rio Branco



Fonte: Clebson Marques (2021). Memorial CEOCPE.

Desde que eu comecei oficialmente esta cartografia na Barquinha de Niterói, Manoel Abelha tornou-se um importante interlocutor na pesquisa, contribuindo ativamente comigo nas questões pertinentes ao Daime. Ao perceber a seriedade e o rigor deste trabalho, ele começou a me chamar de mestre e eu sempre protestava, dizendo que só era mestre em psicologia. Daí ele retrucava: “*Está vendo?! Você é mestre no seu saber e eu sou mestre no meu saber, cada um tem o seu, eu não sou melhor que você e você não é melhor do que eu. Cada um é mestre naquilo que faz!*”

Manoel Abelha era um homem rude, matuto e pragmático, seu jeito de ser no mundo o fez uma figura notável na Barquinha da Madrinha Francisca. Muitos o amavam, alguns não o suportavam. Por vezes, ele chegava a ser inadequado nos modos de se alimentar ou conversar com alguém. Ele dizia: “*Eu sô fuleiro mesmo*”, principalmente quando se sentia inadequado em determinadas socializações na comunidade, justificava a si mesmo que não era uma pessoa comum ou “normal”. Nos últimos anos ele morava literalmente dentro da mata, em uma casa construída por ele mesmo em um terreno no entorno da Barquinha de Niterói, cedido gentilmente pelos seus padrinhos Ivan e Andréia. Ele chamava a sua humilde casa de “*Palácio da Naturna*”, fazendo referência aos reinos encantados contemplados nos salmos do Mestre Daniel.

No ano de 2020, eu pude auxiliar/cambonar o preto-velho Pai Preto em uma defumação no “palácio” do Manoel, notando certo acúmulo de “*tralhas*” e materiais velhos em sua casa. Diante dessa percepção, o preto-velho fez uma interessante observação: disse que apesar dos excessos e certa desorganização na casa do Manoel, na *Casa do Feitio* (espaço sagrado que ele cuidava e carregava o título de feitor) o ambiente era impecável, sem nenhuma sujeira. Em outras palavras, a relação deste homem com o Daime o organizava, estruturando o seu lugar e a sua identidade no mundo. Ele zelava o título de feitor como um mestre deste saber!

Para Maria Betânia Albuquerque, o preparo do Daime/ayahuasca não pode ser realizado por qualquer pessoa, portanto, a autora chama esses feitores de cientistas da floresta:

No que se refere ao preparo, propriamente, ou feitio da ayahuasca, é preciso considerar uma rede de saberes os quais são reservados a determinados *cientistas da floresta* – xamãs, vegetelistas ou feitores – dependendo do contexto cultural onde a bebida é produzida. Entre os seringueiros, por exemplo, considera-se que a ayahuasca não pode ser preparada por qualquer pessoa (ALBUQUERQUE, 2011, p. 152).

Nas religiões ayahuasqueiras, a confecção da bebida enteógena é chamada de *feitio*, sendo um dos momentos litúrgicos mais importantes, onde os adeptos estão em contato com a alquimia e a ciência do preparo deste sacramento. O *feitio* é realizado em diversos formatos a depender de cada tradição e grupo ayahuasqueiro. Porém, as etapas de trabalho durante o preparo da bebida são basicamente as mesmas: coleta, limpeza, maceração e cozimento do cipó e da rainha. Nas palavras de Cemin (2009), a floresta é o pilar que sustenta as ações e a matéria-prima dos daimistas, sendo a mata o lugar de aprendizagem primordial no desenvolvimento dos saberes ecológicos, especialmente dos feitores, pois a mata é onde “tudo começa”. Segundo Manoel Abelha, os feitores e os daimistas,

[...] têm um compromisso com a floresta. Então, quer dizer, se nós tirarmos um pé temos que plantar pelo menos dois ou três, no mínimo. Mas, se você puder plantar mais é melhor, entendeu?! Porque desses dez se cinco vingar, que fique formoso para você conseguir fazer outro chá. Você vai estar ajudando a si mesmo e a própria natureza (Manoel Francisco Dias da Silva, 2021, informação verbal).

Nessa relação interdependente e alquímica entre daimistas e a floresta, cultivo a hipótese que a feitura do Daime possa estar diretamente atrelada à feitura da subjetividade dessas pessoas. No caso do feitor da Barquinha de Niterói, enquanto Manoel fazia o Daime, o Daime fazia o Manoel! Segundo Icaro Torres (2019, p. 73), o lugar do *feitio* “é por excelência um lugar de transformação, mediante a articulação entre pessoas, coisas, espíritos e plantas [...]. Não somente os elementos vegetais estão sendo processados, mas também as pessoas”. Aliás, quando Manoel vestia a farda branca e bem passada, não havia mais distinção entre ele (o homem rude da mata) e qualquer outra pessoa, independente da classe social. Nesse sentido, o uso do Daime atrelado ao uso da farda também parece estabelecer um critério de transformação do ser, trazendo um sentido de igualdade de direitos e deveres na comunidade do CEOCPE. Segue o trecho de um salmo que vai ao encontro dessas afirmações:

*Aqui nesta casa
Só se faz a caridade
Não há rico e não há pobre
Só se trata com igualdade⁹⁶*

⁹⁶ Fragmento do Salmo *Oferta a Frei Daniel e Mártir São Sebastião*, recebido por João Batista “Joca” – acervo memorial CEOCPE.

Manoel Abelha possui uma história de superação e transformação, pois chegou na casa de Frei Daniel diagnosticado como um louco e morreu reconhecido como um feitor de notável saber:

Eu era assim: louco! Era louco. Dizia que eu tinha... que eu era doido, o povo dizia isso. Eu fui até internado, né! Mas aí, tinha um médico lá, o doutor Joaquim que é o pai da Bel. Ele que constatou que meu problema não era lá, era no centro espírita. Aí foi quando a minha mãe foi me levar lá para fazer esse tratamento no centro espírita. Eu fazia umas coisas que não eram normal, né! Por isso que as pessoas achavam que eu era meio perturbado, né! Eu era perturbado né, ou é ou não é né, não tem meio termo (risos) (Manoel Francisco Dias da Silva, 2021, informação verbal).

Este homem chegou ao CECOCJFL aproximadamente aos 20 anos de idade. Na ocasião, como ele conta nesse relato, era considerado louco pelas pessoas ao seu redor e passou algum tempo internado em um manicômio de Rio Branco. Sua chegada na doutrina do Mestre Daniel se deu através de um médico daimista, percebendo que o seu problema não decorria apenas de uma origem física ou psíquica, tratando-se também de uma obsessão espiritual.

Ao chegar no centro matriz da Barquinha, ele foi atendido pelo Príncipe Dom Simeão, pois na época a madrinha Francisca ainda trabalhava em sua antiga casa. O guia espiritual confirmou que a causa da sua "loucura" era uma influência de uma alma. Após o tratamento com Dom Simeão, Manoel restabeleceu sua saúde mental, porém, não continuou a frequentar o CECOCJFL por muito tempo. Segundo o seu relato, Manoel Abelha entrou em conflito com o dirigente Manuel Araújo que o convidou a se retirar do centro.

Ao se retirar do CECOCJFL (ainda como irmão visitante), Manoel voltou a fazer uso desmedido e prejudicial de variadas drogas. Mesmo quando esteve no centro dirigido por Manuel Araújo, ele relata que ingeria o Daime principalmente para "*curtir um barato*" e frequentava os trabalhos sem seriedade. Após um tempo, Manoel Abelha teve um encontro com *Sandra Ferreira da Silva*, filha do Mestre Antônio Geraldo, numa mesa de bar em Rio Branco. A amizade formada com Sandra foi um acontecimento marcante em sua vida, pois a partir desse encontro ele chegou ao Centro Espírita Daniel Pereira de Matos (CEDPM), dirigido por Antônio Geraldo da Silva.

Sandra, que faleceu poucos meses antes da morte de Manoel Abelha, foi uma irmã conhecida principalmente por seu papel vanguardista como feitora de Daime na Barquinha. Ela aprendeu o ofício com o seu pai e com os anos se tornou uma feitora

de conhecimento notável e reconhecida por diversos centros ayahuasqueiros no Brasil. Ela foi a professora do irmão Manoel Abelha, lhe transmitindo os seus saberes sobre a confecção da bebida até Manoel se tornar um feitor na Barquinha da Madrinha Francisca. É interessante lembrar que Manoel levava esse legado com orgulho, pois relembra aos irmãos que quem lhe ensinou a fazer o Daime foi uma mulher.

Em uma conversa informal com um dos afilhados de Manoel Abelha, no ano de 2020, Sandra disse jocosamente: “*Sim, eu ensinei a ele. Peguei ele e disse: venha cá para frente desta panela, seu moleque, pois eu vou lhe ensinar a ser homem*”.⁹⁷ Esta brincadeira feita por Sandra em relação a um velho amigo e aluno, expressa a pedagogia do feitiço: o soldado deve estar pronto e atento para realizar o serviço com firmeza. Na Barquinha de Niterói, o feitiço é realizado pelos próprios irmãos que precisam se revezar em plantões para fazer o Daime, enfrentando longa horas de trabalho, pois, dia e noite a fôrnalha permanece acesa até finalizar todo o processo. Ao chegar na *Casa de Feitiço*, o soldado não chega pronto. É preciso aprender a trabalhar com Daime e com os instrumentos da feitura (panelas, garfos, colheres etc). A fala de Sandra também evidencia a necessidade de uma transformação de postura e comportamento para realizar o serviço.

Para aprender a trabalhar no feitiço e compreender a dinâmica da confecção do Daime os irmãos são orientados a observar atentamente os mais velhos. Este método de aprendizagem na Barquinha da madrinha Francisca é incentivado não apenas no feitiço, mas em diversos contextos dos trabalhos da casa. Manoel Francisco, quando estava à frente dos feitiços, não gostava de ser perguntado ou questionado frequentemente durante os trabalhos com a panela. Ele costumava dizer que a forma de aprender o trabalho é simplesmente observar com atenção e ter uma postura ativa. Quando necessário, porém, ele sempre dava suas orientações aos irmãos que trabalhavam com ele. Esta metodologia de ensino, Manoel Francisco aprendeu com Sandra!

Foi na casa do Mestre Antônio Geraldo que Manoel se encontrou com a doutrina de Frei Daniel e iniciou sua caminhada como um irmão fardado. Permaneceu

⁹⁷ Relato de Lucas Gazetta, membro fardado da filial de Brasília que esteve em Rio Branco em janeiro de 2020. Por ocasião de seu fardamento, conheceu Sandra em sua casa.

lá por três anos e se afastou da Missão por um período, quando voltou ao “*mundão*”, como ele dizia, passando a conhecer diversos centros daimistas no Brasil: *Alto Santo* e a *Colônia 5000*, por exemplo. Algum tempo após sair do CEDPM, Manoel chegou à casa da madrinha Francisca quando ela ainda estava começando os trabalhos como dirigente de um novo segmento. Manoel Abelha já conhecia alguns irmãos da época em que frequentou o centro dirigido por Manuel Araújo e, a partir deste momento, começou a participar dos feitos da Barquinha da madrinha Francisca.

No início, ele foi incumbido apenas de executar a “bateção dos cipós”, função que antecede o cozimento do vegetal. Com o tempo, ele foi ganhando mais espaço por causa do conhecimento adquirido com a feitora Sandra. Nesse sentido, Manoel passou a ter o papel de trazer novos saberes para a feitura de Daime na Barquinha da madrinha Chica. Tal como sua professora, ele também desenvolveu o costume de participar de feitos realizados em outras casas, diversificando seus saberes na ciência do preparo do Daime.

Um dado importante na história de Manoel Abelha é a sua caminhada até se tornar um soldado firme na Missão de Daniel Pereira de Mattos. Ele teve a experiência de passar pelos três principais segmentos na linha da Barquinha: O Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus Fonte de Luz”, na época dirigido por Manuel Araújo; o Centro Espírita Daniel Pereira de Matos, dirigido pelo Mestre Antônio Geraldo e, finalmente, o Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte, dirigido pela madrinha Francisca. Manoel frequentou o primeiro centro por cinco anos sem que assumisse o fardamento, permaneceu por três anos como fardado no centro de Antônio Geraldo e estabeleceu sua caminhada na Barquinha da Madrinha Chica por quase três décadas, até o seu falecimento. Foi no CEOCPE onde Manoel seguiu se aperfeiçoando na ciência do preparo do Daime e obteve o seu reconhecimento como feitor desta bebida.

A direção da madrinha Francisca é conhecida por ser um tanto quanto diferente em relação aos seus dois antigos companheiros e dirigentes do CECOCJFL. Como já foi tratado anteriormente nesta tese, Francisca parece apostar mais na tolerância e na liberdade que os outros dirigentes. Manoel atribuiu a sua permanência na doutrina e sua transformação, principalmente, à direção espiritual de Francisca. Ele explica que a madrinha teve mais paciência com ele para que, através do Daime e da doutrina transmitida nos salmos, ele pudesse alcançar uma transformação como pessoa.

Manoel considera a madrinha Francisca como uma mãe que lhe acolheu na casa de Frei Daniel!

Foto 27 - Manoel Abelha apurando o Daime



Fonte: Carlaile José. Memorial CEOCPE. Niterói.

A história e o exemplo de Manoel Abelha, evidencia como o Daime pode agir, constituindo e transformando o sujeito nesse contexto religioso. Para além de descrever como se faz o Daime, a intenção desse tópico é relacionar a aprendizagem do feitio com produziu da subjetividade de Manoel. Nesse caso, percebo como a doutrina e a pedagogia exercida na Barquinha da madrinha Francisca foi um divisor de águas na vida desse feitor que poderia ter sido vivida de outra forma, talvez a partir de uma “carreira” de internações psiquiátricas. Ou seja, a religiosidade daimista cumpriu uma função social na vida desse homem, fortalecendo a construção de um território existencial que acolhesse as suas angústias, seus sofrimentos, suas necessidades espirituais e lhe trouxesse um lugar de pertencimento.

Durante a entrevista que o feitor Manoel concedeu para esta pesquisa, ele trouxe uma série de explicações sobre a doutrina de Frei Daniel e o Daime, baseadas nas suas experiências práticas. Curioso notar que poucas pessoas na Barquinha de Niterói conheciam o modo como Manoel Abelha pensava o seu posto de feitor, pois simplesmente sabiam que ele era um feitor, mas muitos não percebiam como ele pensava e desenvolvia essa ciência. Segundo ele mesmo, muitas pessoas conheciam a sua história de perdição no “mundão”, mas poucas notavam a sua evolução e os

seus saberes como ser humano! Por vezes, Manoel precisava desabafar as suas dores emocionais com o dirigente Carlos Renato (Cacá) e demais amigos íntimos. Ele me dizia que em suas visitas para o Acre, mesmo estando “limpo” há tantos anos, ainda era estigmatizado como dependente químico e drogado.

Após o falecimento do Manoel, eu entreguei o áudio da entrevista realizada com ele para o dirigente Carlos Renato, seu antigo amigo. Cacá se emocionou e pediu autorização para reproduzir esse áudio no ritual da Barquinha, durante o feito do Daime que estávamos fazendo em homenagem a ele. Durante duas quartas-feiras de instruções, a pesquisa entrou no ritual! Tomamos o Daime, rezamos e escutamos as instruções e os saberes de Manoel Abelha. Nesses dias, Manoel também recebeu homenagens do seu afilhado Nick, um homem estadunidense e fardado do CEOCPE que cuidou do feitor em seus últimos meses e dias de vida. Enquanto escutávamos a entrevista, Nick reproduziu algumas fotos e vídeos do Manoel com os seus amigos, familiares e irmãos de Missão. Foi um momento de grande comoção para a comunidade. Nesse dia, Manoel Abelha falou e todos pararam para escutar o seu sofisticado saber.

Foto 28 - Dia de instruções do Manoel Abelha na Barquinha de Niterói



Fonte: Matheus Farias. Acervo memorial CEOCPE. Niterói.

Segue um pequeno trecho da entrevista quando eu perguntei ao Manoel como a pessoa se estuda na força do Daime:

Eu digo assim, a pessoa faz o exame de consciência que o Daime lhe traz, aí você está se estudando. Porque você vê claramente onde estão as coisas erradas, onde estão os vacilos. Nos hinos ele te instrui, entendeu?! Então, aí é onde você começa a se examinar, na consciência que ele vai te levar. O Daime vai te elevar num certo ponto para tu abrir a tua mente para tu se conscientizar daquilo, aí é donde eu digo que tu tá se estudando, né, se examinando na consciência (Manoel Francisco Dias da Silva, 2021, informação verbal).

Como tenho afirmado nesta pesquisa, na Barquinha da madrinha Francisca o Daime é considerado um professor. Portanto, os marinheiros são convidados a fazer uma viagem para dentro de si para se estudarem, se corrigindo de seus erros e se transformando como pessoas. Desse modo, acho importante lembrar a importância dessa entrevista, onde Manoel registrou o seu saber em um espaço que o legitimou como um professor-feitor!

Foto 29 - Manoel Abelha recebendo de Vó Cambinda o alimento consagrado



Fonte: Carlaile José. Acervo memorial CEOCPE. Niterói.

Além disso, percebi que ao divulgar parte da pesquisa dentro do ritual, a irmandade da Barquinha de Niterói reconheceu a validade deste trabalho científico, reconhecendo a contribuição deste empreendimento para o fortalecimento da memória social da comunidade religiosa. Nas palavras de Virgínia Kastrup e Eduardo Passos (2014), cartografar é também construir dimensões interativas de interesse mútuo entre pesquisador e campo pesquisado, produzindo um sentido de cuidado na ética da pesquisa:

A entrevista não visava tão somente à explicação de um vivido; ele se orientava, sobretudo, pelos modos de compartilhamento de sentido entre entrevistador e entrevistado e pela abertura, na experiência de entrevista, às possibilidades de transformação da experiência. Pesquisar e cuidar da experiência tornavam-se inseparáveis. (KASTRUP; PASSOS, 2014, p. 31).

As fotos, as narrativas e a entrevista de Manoel Francisco Dias da Silva se constituem como uma memória viva do seu legado, entre as dores e as alegrias, nas aprendizagens e nos ensinamentos semeados na doutrina de Frei Daniel. Manoel se beneficiou de uma tradição que aposta na força comunitária, no saber dos mestres e na presença de amigos que lhe estenderam a mão nos momentos mais difíceis de sua vida. Os ensinamentos desse feitor também foram estudados na monografia do antropólogo Icaro Torres (2019), intitulada *Cozinhando o santo: matéria e espírito nos feitos do Daime*. Por fim, segue um texto escrito pela própria irmandade de Niterói em homenagem a este irmão e feitor da Barquinha da madrinha Francisca:

Querido irmão Manoel Francisco, Seu Manel, para sempre Manel-Abelha, Saudando a natureza que é tão presente na sua existência, inclusive sendo parte do seu apelido, é que começamos a buscar formas e forças de nos despedirmos de você. Quando na despedida faltam palavras, a dor se conforta na esperança no Deus da Promessa e do homem que viveu sua missão, que abraçou a sua cruz, que superou dificuldades, ainda que lhe sobrassem outras;

Esse mesmo homem fez o que talvez seja o mais difícil na caminhada humana: a transmutação de si e de sua história ainda em vida terrena. Quem conheceu o Manel-Abelha lá no Acre foi reapresentado ao Seu Manel, aqui em Niterói, na nossa humilde igreja e certamente esbarrou com o Manoel Francisco ao longo da nossa missão. Nosso Feitor - dom e ofício que exerceu e ensinou com amor. Reforçando a máxima de que só se levanta para ensinar aquele que sentou para aprender.

E como a vida, a fé, lhe ensinaram meu irmão querido e você, sempre que pode dividiu esses ensinamentos com cada um de nós! Íntimo e adorador da natureza, franciscano no nome e na alma: falava com as abelhas, esse inseto tão incrível, cujo significado tem tanto a ver com o Seu Manel. As abelhas simbolizam cooperação, lealdade, disciplina, organização, ordem, alma, assim como os passarinhos, são as semeadoras de Deus. Observava os pássaros e seus ninhos, pegava cobra pela cabeça e devolvia pro mato, encantador de cães que tratava como filhos.

Maria Santíssima acolhe o trabalhador da luz do Nosso Salvador, Nosso Deus-Jesus. Feitor da vida espiritual, trabalhador incansável da casa santa, homem da água, do vegetal, da folha e do cipó; da ciência, do fogo e do tempo; da bebida sagrada, da medicina da floresta.

É como se o Manel tivesse se encantado, entrou falando sozinho no meio dessa floresta e lá está, não sumiu, não desapareceu, ficou por lá, se encontrou com a Rainha das Florestas, com os Santos Seres das Matas Virgens, com os caboclos, com os encantos e farás do lugar que ele conhece como ninguém, para sempre a sua morada, acomodado por rainhas e cipós, disfarçado na fumaça do feito, para sempre na luz do Santo Daime.

Volta o filho à casa do Pai e com esperança confiamos na Promessa Divina para ele que cumpriu com o dever sagrado. Segue, irmão Manel Abelha, Manoel Francisco, querido Seu Manel, na Luz do amor de Jesus. E que na Santa Eternidade possa receber feliz o seu encanto, de filho da paz, soldado da Mãe Rainha. Que a Paz de Deus te acompanhe. Para sempre, sempre, amigo de todos os seus irmãos. Siga na Paz!

(Texto escrito em 2022 por Mônica Dias e Raika Julie, em homenagem ao eterno feitor da Barquinha de Niterói, Manoel Abelha).

5 Cartilha de Preto e Preta-Velha

5.1 Saravá, salve a sua banda e salve a sua luz!

Foto 30 - Pai Miguel das Almas saldando Pai Francisco do Santo Cruzeiro



Fonte: Carlaile José (2022). Memorial CEOCPE. Niterói.

Ao sentar-se na banca de um preto ou preta-velha, ou mesmo se estiver próximo a eles, cumprimente-os com a seguinte saudação: *saravá!* Antes de qualquer “dedo de prosa” é preciso saudá-los, sendo a primeira lição desta cartilha. Nas religiões que bebem nas fontes das matrizes afro-brasileiras, como é o caso da Barquinha da madrinha Francisca, a palavra falada é atuante, possuindo um valor sagrado e uma virtude mágica. Como disse na introdução desta tese e volto a repetir nesta última seção: nesse território encantado, a palavra é um veículo de poder que expressa e movimenta as forças ocultas/latentes nas coisas e nas pessoas. Para Nei Lopes e Luiz Antônio Simas (2020, p. 43), a palavra é “divinamente exata, e o homem deve ser exato com ela. Falar pouco, não desperdiçar a palavra, é sinal de boa educação e de nobreza de espírito”.

A segunda lição é o pedido de benção aos vovôs e as vovós! Trata-se de um sinal de respeito aos mais velhos e uma atitude de confiança no amparo espiritual dessas entidades que se apresentam com simplicidade e humildade, porém, demonstram profunda sabedoria acerca dos enigmas existenciais, sendo verdadeiros diplomatas nas relações entre os humanos e as divindades. Os pretos e pretas-velhas na Barquinha de Niterói, como demonstra Cristiane Costa (2019), são os protagonistas dos trabalhos de cura no centro-igrejinha, expressando assim, o

símbolo mítico da sabedoria nesse local. A postura de mansidão e humildade dessas entidades, como pude compreender em conversas no gongá, procura espelhar o próprio Jesus Cristo (Deus que se fez humano), recebendo assim, grandes virtudes divinas para ajudar as pessoas mais necessitadas.

Muitas vezes esses vovôs, vovós, mães, pais, tios e tias são vistos como seres resignados e associados a ex-escravos que continuam a servir com doçura os brancos que os açoitaram. Mas não é bem assim, para Haddock-Lobo (2020) os pretos-velhos carregam não apenas os seus rosários, cachimbos, candeias e mirongas, eles também oferecem um pensamento político. A manifestação desses seres mansos, pacientes, conselheiros e curadores mantém a lembrança diária das batalhas vividas no cativeiro. Para o autor: “todo dia é ainda um dia de batalha e que o cativeiro ecoa nas favelas, nos presídios, nos manicômios, e que a carne mais barata do mercado ainda é a carne negra” (HADDOCK-LOBO, 2020, p. 159).

Isto posto, respeitando a ideia de falar menos para não desperdiçar as palavras, afirmo que a última seção desta tese será breve, sendo menos teórica e mais imagética. Portanto, grande parte das narrativas que serão apresentadas nesta parte são frutos dos saberes da oralidade que cartografei no gongá de Niterói, literalmente como um pesquisador e cambone. Ora pesquisador, ora cambone e no remanso da maré, virei pesquisador-cambone! Todos esses caminhos me levaram para o lugar de aprendiz, assumindo assim uma *ética da aprendizagem*.

Linha tênue onde sujeito e objeto de pesquisa se misturaram diversas vezes, nesse cruzamento enigmático entre os saberes encantados e a ciência oficial. Dessa maneira, o sentido maior desta seção derradeira está na síntese poética dos ensinamentos dos pretos e pretas-velhas na Barquinha de Niterói que trabalham no salão onde são prestadas as *Obras de Caridade*. Devo dizer que não tenho um objetivo grandioso e nem pretendo totalizar os saberes encantados desses guias curadores do CEOCPE em Niterói. Ao contrário, pretendo trazer nesse texto os ensinamentos miúdos, na sutileza das pequenas e singelas cenas cotidianas que pude cartografar ao lado dos pretos e pretas-velhas.

O título da seção foi colhido no próprio campo pesquisado, onde pude escutar regularmente um ou outro preto e preta-velha usando as seguintes expressões: “*aprender a cartilha da casa*”, “*rezar a cartilha da Irmã de Caridade*” ou “*essa é a nossa cartilha*”. Essas frases semeadas nas prosas entre entidades e consulentes, tinham a

função de instruir condutas, resolver conflitos, dar conselhos e transmitir os ensinamentos da casa. O termo cartilha no contexto do gongá é uma espécie de abecedário não oficial, sendo literalmente um manual didático de alfabetização espiritual. Nesse sentido, os pretos e preta-velhas do gongá trazem ensinamentos em seus palavreados, ancorados em frases ou narrativas curtas (parábolas, metáforas, analogias, aforismos e ditos populares) que cumprem uma finalidade pedagógica. Por exemplo, muitas vezes escutei as entidades do gongá proferindo a seguinte expressão: “*só colhe, quem planta*”, fazendo referência ao próprio Daime, aos alimentos em geral, mas também aos “frutos da vida” na trajetória de cada pessoa.

Os frutos das minhas experiências vividas como cambone nesse importante lugar de aprendizagens do centro-igrejinha (o gongá), construíram os fragmentos dessa “cartilha inventada” que será apresentada. Digo inventada, pois conversando com antigos aparelhos/médiuns oficiais da casa, compreendi que existe de fato uma cartilha nessa doutrina, mas esta não pode ser revelada. Da mesma forma, digo fragmentos, pois muitos ensinamentos dos pretos e pretas-velhas não serão incluídos explicitamente no texto, seja pela delimitação temática da tese, mas também pelas orientações que recebi na própria força do Daime para deixar alguns acontecimentos fora do texto.

Assim, navegando na perspectiva enigmática dos saberes encantados, convido os leitores para mergulharem no conhecimento dos pretos e pretas-velhos a partir de outras possibilidades, menos devotos da razão ocidental e “obsessões cartesianas” (SIMAS; RUFINO, 2019, p. 56). Em outras palavras, experimentem essa leitura como quem experimenta uma consulta com um “*nêgo véio*”, deixando de lado algumas parafernalias da linguagem acadêmica e formal (estritamente científica), adentrando na estética da linguagem coloquial, poética e cotidiana desses velhos professores.

Como cartógrafo, realizei entrevistas com a preta-velha *Vó Cambinda das Almas* e o preto-velho que preferiu não ser identificado nesta pesquisa, escolhendo o codinome de *Pai Preto*. Atualmente, treze pretos e pretas-velhas, juntamente aos seus aparelhos, trabalham oficialmente nas obras de caridade da Barquinha de Niterói: *Vó Maria Clara* (Willicleia), *Vô Leôncio das Almas* (Carlos Renato), *Vó Cambinda das Almas* (Andréia), *Benedito das Almas* (Ivan), *Pai Gusmão do Santo Cruzeiro* (Mônica), *Pai Guiné do Cruzeiro* (Luis), *Vó Mariquitinha das Candeias* (Viviane), *Vó Ana da Luz* (Raika), *Pai Miguel das Almas* (Raphael), *Pai Francisco do Santo Cruzeiro* (Victor), *Vó*

Maria do Congo (Lene), *Mãe Maria do Rosário* (Maria Rozangela) e *Pai Antônio das Cachoeiras* (Gabriel). Além disso, cada entidade é auxiliada por um ou mais cambones, sendo pessoas fundamentais no preparo, execução e manutenção dos trabalhos realizados com os guias dentro do gongá, no salão de festa, no santo cruzeiro ou dentro da igreja.

A ordem dos nomes citados, respeita uma hierarquia das entidades mais antigas na Barquinha de Niterói, até as mais novas, uma vez que o “ensinamento tradicional deve estar unido à experiência e integrado à vida, até porque há coisas que não podem ser explicadas, apenas experimentadas e vividas” (LOPES; SIMAS, 2020, p. 46). Eis a terceira lição da cartilha: sendo uma tradição que transmite os saberes pela via da experiência, os aparelhos mais novos devem aprender a trabalhar primeiramente como cambones, compreendendo a dinâmica do gongá, as orações rezadas, o fundamento dos banhos com ervas, benzimentos, descarregos, pontos riscados e cantados, observando os aparelhos mais antigos da casa. Assim,

[...] no início lá na madrinha, nós... eu e Cléia, a gente tinha a Vó Maria Joana (Carlos Renato) que também nos ensinava e nos preparava, nos desenvolvia. Nós éramos cambones. Eu fui cambone da Vó Maria Joana... com o passar do tempo, ela foi desenvolvendo a gente e, também, tinha outros aparelhos antigos, o Toinho (Antônio) e a Toni (Maria Antônia) também. O Caboclo Roxo (do Toinho) era o chefe do terreiro e ele desenvolvia a gente. Passava o banho de limpeza, passava o banho de croa. E, também, tomando o Daimé e rezando. E aí foi desenvolvendo, desenvolvendo, desenvolvendo até o dia que nós fomos merecedores de chegar até onde nós estamos. Porque custou anos, por exemplo eu. Vou dar um exemplo meu. Eu passei 10, 15 anos para receber a minha preta-velha, né! (Maria Rozangela Menezes 'Mana', 2021, informação verbal).

Este depoimento de Maria Rozangela (Mana), demonstra mais uma vez que a transmissão de conhecimentos na Barquinha da madrinha Chica está atrelada aos saberes da experiência, pela via da tradição oral. Portanto, a pedagogia dos pretos e pretas-velhas do CEOCPE ensina aos marinheiros o valor da temporalidade e da prática no amadurecimento das aprendizagens, escutando e observando quem veio antes. Desta forma, Vó Maria Joana, Vó Maria Clara e Vô Leôncio das Almas, são as entidades responsáveis pelo direcionamento dos serviços espirituais realizados no gongá em Niterói. Todas as entidades que trabalham oficialmente no CEOCPE, afirmam que respeitam e também aprendem com os ensinamentos da madrinha Francisca, respeitando igualmente as entidades que trabalham com ela, especialmente o preto-velho *Pai Vicentino do Mar* e o guia chefe do gongá, o *Soldado Guerreiro Príncipe Dom Simeão*.

Foto 31 - Vó Maria Joana (Carlos Renato) e a dirigente Cléia



Fonte: Carlaile José (2020). Memorial CEOCPE. Niterói.

5.2 Arquitetura subjetiva do Gongá

Foto 32 – Gongá na festa junina de São Pedro



Fonte: Carlaile José (2020). Memorial CEOCPE. Niterói.

O gongá não é apenas um espaço material, pois as nuances da sua arquitetura e adornos formam um território existencial que expressa e dinamiza enunciados mágicos, ancestrais, afetivos, cognitivos, éticos, estéticos e até mesmo políticos. Mais ainda, a arquitetura do gongá também educa e “chama a força espiritual” com as suas formas, cores e conteúdos singulares. Em outras palavras, a arquitetura de um lugar

não corresponde apenas à espacialidade do seu território. Conforme Félix Guattari (2012) em seu livro *Caosmose: um novo paradigma estético*, as formas de uma arquitetura estão sempre atreladas à produção de subjetividade parcial daquele local, onde os corpos e as formações do “eu” e do “nós” se fundem na interação sensível com os conteúdos semióticos. Segundo o exemplo do autor, “quando entramos em certas escolas primárias, sentimos uma angústia que transuda das paredes, fator de subjetivação parcial que se integra à ‘paisagem’ vivida de cada estudante e de cada professor” (GUATTARI, 2012, p. 143-4).

No livro citado, o autor francês usou a expressão “cidade subjetiva” para provocar uma reflexão filosófica em seus contemporâneos, especialmente nos arquitetos e urbanistas do final do século XX, propondo a ideia de uma ressingularização na produção de territórios urbanos e conteúdos arquitetônicos, atrelados aos modos de subjetivação em cada local. Para Guattari (2012, p. 41), as construções estéticas dos espaços físicos precisam se relacionar com as “intensidades ontológicas” dos grupos locais. As preocupações filosóficas do autor se confirmam na atualidade, com as transformações tecnológicas, midiáticas e econômicas que nos obrigam a experimentar uma tendência à homogeneização e massificação dos territórios existenciais, universalizando e reduzindo as singularidades culturais aos modos de vida dominantes: desde a culinária, moda, até as construções habitacionais, tudo parece igual, pois sofremos de uma nova violência que é a pobreza da alteridade no campo social e individual.

Na sociedade contemporânea, as subjetividades estão cada vez mais sufocadas em espaços físicos padronizados, exprimidas em estruturas urbanas que não consideram o desejo e a diversidade dos indivíduos e coletividades. Para Guattari (2012), a estética do capitalismo é fundamental na reprodução do mesmo. Neste sentido, os grupos sociais se encontram desterritorializados dos seus lugares afetivos e símbolos cosmológicos originários, experimentando desequilíbrios em três registros ecológicos: ambiental, social e mental (GUATTARI, 2009). O desmonte das arquiteturas singulares e a homogeneização dos espaços, produz desarranjos tanto na biosfera, como nas memórias ancestrais dos grupos humanos. Portanto, autor reitera que a atividade humana historicamente reivindica por territórios existenciais singulares, tendo em vista que a dimensão da subjetividade é heterogênea.

A partir dessas questões e inspirado no estudo de Araújo (1999) sobre os espaços sagrados e profanos nas construções arquitetônicas da Barquinha, proponho a ideia de uma *arquitetura subjetiva* do gongá, em Niterói. Segundo Araújo (1999), a relação entre a forma material do espaço religioso e os diversos elementos míticos presentes no ritual, promovem a expressão individual e coletiva das emoções, dos pensamentos e também facilita a “viagem” dos fiéis aos planos cosmológicos, a partir da ingestão do Daime. Conforme o autor:

Para entrar em contato com lugares míticos do espaço cosmológico, o fiel da Barquinha passa a trabalhar com os elementos mediadores da relação entre o espaço arquitetônico sagrado e o espaço mítico traduzido na forma sagrada do centro por meio de símbolos (ARAÚJO, 1999, p. 101).

Ao trazer esses conceitos para o meu campo de pesquisa, busco compreender a partir do pensamento de Nêgo Bispo dos Santos (2015), a biointeração entre as formas arquitetônicas do gongá e a produção de subjetividade na Barquinha de Niterói. No posfácio do livro *Colonização, Quilombos: modos e significações*, Maria Sueli Rodrigues de Souza nos diz: “Biointeração é ‘guardar o peixe nas águas, onde eles continuam crescendo e se reproduzindo’, é viver, conviver e aprender com a mata, com o chão, com as águas, com o vento, com a lua, com o sol, com as pessoas, com os animais” (SOUZA, 2015, p. 113). A noção de biointeração é uma expressão da linguagem viva na materialidade das coisas que interagem, nem sempre mediadas por palavras, como nos ensina Nêgo Bispo dos Santos (2015). Portanto, a ideia de uma arquitetura subjetiva que estou defendendo, procura evidenciar a íntima comunicação cosmológica entre os espaços materiais e as forças imateriais.

O gongá é um espaço com pequenas pedras e cruzeirinhos de madeira por todos os lados, além das imagens dos santos, entidades e Orixás. O gongá é um espaço com uma grande pedra oval ao centro, onde são assentados os rogativos e as mirongas nas candeias firmadas e nos pontos riscados com as pembas. É um espaço onde se realizam os louvores e as súplicas aos santos seres do céu, da terra e do mar, através dos pontos cantados. Lugar de trocas afetuosas, estruturado fisicamente em círculo, onde todas as pessoas podem se olhar. Espaço de acolhimento, de escuta e falas íntimas. No gongá as pessoas choram e são sinceras, sendo convocadas a desmontar as suas armaduras e máscaras cotidianas.

O gongá também é um lugar alegre, onde as pessoas e as entidades brincam, são mais espontâneas e autênticas. Um pouco mais de ar e de terra, o gongá está

mais próximo das matas! É um espaço de segredos, confissões e perdão. O gongá é um espaço mítico de tempos imemoriais, mas também é lembrança da escravidão. No gongá as ervas educam o humano: as folhas curam, protegem, abrem caminhos, descarregam e recarregam o corpo. O gongá é um espaço de tratamento espiritual com doutores encantados e enfermeiras santas do catolicismo popular, onde circula a fumaça da cachimba, água benta, cristais, mel, banquinhos e os tocos da antiga senzala. Lugar de aprendizagens, de ensino e instruções, onde todos pisam descalços no chão. No gongá se escuta o gorjeio dos pássaros e o latido dos cachorros, além disso, nesse espaço também circulam as formigas, o vento gelado e fogo de purificação. O gongá é um espaço sagrado neste território existencial!

Foto 33 – Gongá na comemoração de 13 de maio de 2022



Fonte: Carlaile José (2022). Memorial CEOCPE. Niterói.

O registro desta foto aconteceu no dia 13 de maio de 2022. Nas religiosidades de terreiro do Brasil, neste dia os tambores começam a rufar, os alimentos típicos da senzala são preparados e as macumbas são realizadas em comemoração ao famoso *13 de maio, dia dos pretos e pretas-velhas*. Este dia carrega um símbolo histórico no Brasil, “data na qual, em 1888, a princesa Isabel assina a Lei Imperial nº 3353, a Abolição da escravatura” (HADDOCK-LOBO, 2020, p. 159). Na religião católica, comemora-se o *dia de Nossa Senhora de Fátima*, dia em que a Virgem Maria fez a sua primeira aparição para três crianças em Portugal. Na Barquinha da madrinha Francisca, essas duas comemorações são realizadas ao mesmo tempo, sendo o primeiro ato realizado na igreja e o segundo ato realizado no gongá e no salão de festas: é a gira de preto-velho.

Na Barquinha de Niterói, no dia 13 de maio se presta uma grande homenagem às entidades dos pretos e pretas-velhas, seja pela força histórica e política dessa data em terras brasileiras, mas também por todos os serviços que esses guias prestam nas obras de caridade durante todo o ano, na doutrina de Frei Daniel. Portanto, os pontos cantados e as batidas dos tambores homenageiam as diversas origens e linhas de trabalho dessa falange espiritual, bem como são ofertadas comidas e bebidas de preto-velho (feijão, cuscuz, rapadura, café etc)⁹⁸.

No ano de 2022, o preto-velho Pai Antônio das Cachoeiras chorou. Ao chegar em terra, ele fixou o olhar no retrato de um homem preto, com chapéu de palha e barbas brancas que estava ornamentando a pedra do gongá. Naquele momento, fumando a sua cachimba ele fez uma viagem até os tempos em que viveu na Bahia, trabalhando como escravo nos engenhos de açúcar no Brasil colonial. Resumidamente, é isso que estou chamando de arquitetura subjetiva do gongá! A partir dessa experiência visual e estética, o preto-velho se lembrou que usava um chapéu de palha para se proteger do sol e esse adorno o acompanhou até a sua morte quando viveu no Brasil.

Naquela hora ele enxugou as próprias lágrimas e se virou para a banca da Vó Maria Clara, perguntando a ela se naquele dia ele poderia usar um barrete de crochê na cabeça, como uma homenagem ao seu velho chapéu de palha. Assim aconteceu! Naquele mesmo dia, ele também me revelou o seu nome verdadeiro, narrando os modos de vida no cativeiro, além de desenvolver uma longa prosa sobre o racismo milenar com a sua cambone.

A arquitetura subjetiva do gongá aflorou uma “constelação de memórias” na história pessoal e mitopoética de um preto-velho. A emoção de Pai Antônio naquele dia trouxe à tona o passado traumático de um povo, ao mesmo tempo, confabulou um ensinamento para um novo tempo. Para além de uma entidade espiritual, o Pai Antônio humanizou a sua presença no gongá e apesar de todos os pesares que experimentou na escravidão, disse que dia 13 de maio o alegrava, pois ali ele se encontrava liberto em terra, prestando as suas caridades aos necessitados em nome

⁹⁸ Os pretos e pretas-velhas do CEOCPE de Niterói se identificam com nomes que apresentam as suas origens africanas e brasileiras (Congo, Guiné, Angola, Bahia etc) e também as suas linhas de trabalho: linha das almas, da calunga, do cativeiro, do cruzeiro etc (COSTA, 2019, p. 52). Por exemplo, Pai Guiné do Cruzeiro.

de Deus, Nossa Senhora e dos santos Orixás. Seguindo nesta seção, apresento os saberes dos banhos de ervas e das rezas que me ajudaram nessa pesquisa, conforme a sabedoria das pretas-velhas do gongá.

5.3 A Reza, o alecrim e o banho com a flor do estudante

Ao iniciar a pesquisa de campo na Barquinha de Niterói, algumas vezes eu fui flagrado ali ou acolá, pela irmandade, com uma caderneta e uma caneta na mão, fazendo as anotações da minha cartografia. Por vezes, eu levava o gravador para entrevistar os meus interlocutores, outras vezes eu apenas gravava algumas ideias soltas que surgiam durante e após os rituais, irradiado pela força do Daime. Devido a minha afeição pelo espaço do gongá, quando eu não estava cambonando o Pai Preto, regularmente eu me sentava em um banquinho e escrevia as ideias em um rascunho de papel.

Eu não imaginava, porém, por mais óbvio que possa parecer, o movimento que essa pesquisa provocou na percepção das entidades espirituais da casa. Ingenuidade minha, pois o ato cognitivo é um ato de interferência no mundo visível e invisível! Conforme Johnny Alvarez e Eduardo Passos (2012), a pesquisa-intervenção também modifica a realidade do campo pesquisado, posto que a produção do conhecimento não é neutra. Os pretos e pretas-velhas do gongá são espíritos sábios, curadores e mirongueiros. Neste sentido, entre tantos atributos e responsabilidades que eles carregam, também são designados a dar conselhos e orientar os filhos da casa, nas mais diversas e complexas situações.

Porém, mesmo estando recorrentemente no gongá como cambone e pesquisador, eu não havia pensado em pedir uma “orientação de pesquisa” para as entidades, entendendo que seria um abuso da minha parte, importuná-los com os meus problemas acadêmicos. Mais uma vez, ingenuidade minha!

Mestres das ciências encantadas e dos saberes populares, os velhos sabem que para desatar o nó do pensar é preciso ir desenrolando calmamente a linha do pensamento embaraçado. Aos pouquinhos, os guias do gongá começaram a me perguntar como andava a minha pesquisa e se colocavam, cada um ao seu modo, na disposição para me ajudar. Como isso poderia acontecer? Será que caberia eu levar

um “dedo de prosa” sobre os meus referenciais teóricos, metodologias e construções textuais com os vovôs e as vovós?

Nada disso, como nos ensina o Nêgo Bispo dos Santos (2020), as trocas e orientações que recebi dos pretos e pretas-velhas se deram pela *confluência cosmológica*. Nos comunicamos pela linguagem da terra, das águas, das ervas e demais elementos da natureza que ultrapassam os códigos verbais e conscientes da cognição humana. Para o autor, diferentemente das barganhas exploratórias que o projeto colonialista opera sobre o conhecimento (vendendo o saber como mercadoria), os *saberes orgânicos* circulam de maneira espontânea, gratuita e próspera, assim como as coisas que nascem da terra, estando além e aquém da linguagem escrita e acadêmica. Neste sentido, faço menção ao pensador quilombola, entendendo que a sua distinção conceitual entre *saberes orgânicos* e *saberes sintéticos* expressa também uma crítica a este trabalho, muitas vezes conduzido por referenciais teóricos. Para o Nêgo Bispo dos Santos, “alguns intelectuais acadêmicos falam a partir das teorias, e não das analogias, falam da escrita desconectada da vida, ou seja, são pessoas do saber sintético” (SANTOS, 2020, p. 172).

Conforme o filósofo quilombola, podemos pensar também a partir dos bichos, das plantas, das pedras, da terra, da água e dos nossos antepassados. Confluências múltiplas! Isso me faz lembrar de um hino do Santo Daime, recebido pelo Mestre Irineu, fazendo menção à inteligência dos seres da floresta e dos saberes cósmicos, muitas vezes se relacionando com a ignorância e limitação da mente humana:

*Passarinho está cantando
Descorrendo o abc
E eu descorro a tua vida
Para todo mundo ver
Passarinho está cantando
Canta na mata deserta
Dizendo para o caçador
Você atira e não acerta⁹⁹*

Portanto, diante dessas questões levantadas, vou narrar três situações distintas em que estive com as pretas-velhas *Vó Maria Clara*, *Vó Ana da Luz* e *Mãe Maria do Rosário*, recebendo orientações para essa pesquisa, provindas dos saberes encantados.

⁹⁹ Fragmento do hino 69 do *O Cruzeiro*, recebido por Mestre Irineu.

Comecemos pela oração: na cartilha de preto e preta-velha da Barquinha da madrinha Chica, sempre terá uma devoção acompanhando um procedimento de cura, fixação de força ou proteção espiritual. No meu caso, eu fui pedir permissão à Vó Maria Clara para iniciar as entrevistas com as entidades espirituais, pois ela é a entidade responsável, juntamente ao seu aparelho (Cléia), pelas decisões gerais do centro-igrejinha. De imediato, Vó Maria Clara me receitou orar para o *Menino Jesus de Praga* (responsável por ajudar os jovens estudantes), além disso, me aconselhou rezar a *Coroa do Divino Espírito Santo*, invocando os sete dons de Deus para ampliar o meu alcance intelectual.

Desde então, eu senti maior afinidade com a *Coroa do Divino Espírito Santo*, oração muito rezada entre os fiéis católicos. Curioso notar que dentre os sete dons misteriosos e supremos de Deus, na perspectiva cristã o 5º mistério é o “Espírito de Ciência”. Assim como ensinou a vovó, eu costumo chamar a força semanalmente: “*Vinde, Espírito de Ciência, sede o Mestre de nossas almas e ajudai-nos a pôr em prática os vossos santos ensinamentos*” (apud REIS, 2019, p. 118)¹⁰⁰.

Vamos ao alecrim! Era quarta-feira, 10 de março de 2021, eu estava próximo da banca da Vó Ana da Luz e ela com a sua marcante voz baiana me chamou, dizendo que estava com saudade da minha presença no gongá. Expliquei a ela que eu estava “sumido” da cambonagem, pois precisava qualificar a minha tese de doutorado, então pedi licença à dirigente para me dedicar à escrita. Gentilmente, ela me disse que eu sempre estava nos bons pensamentos dela e me desejou boa sorte! Como quem não iria dizer mais nada, falou baixinho para eu carregar raminhos de alecrim, ficando bem pertinho dele, pois ele me daria concentração, vigor e tonificação mental. Além disso, Vó Ana disse que o alecrim iria abrir a minha intuição para a escrita. Eu agradei profundamente, peguei um raminho e fui embora!

Em outra situação, a preta-velha Mãe Maria do Rosário espontaneamente disse que também iria me ajudar com a escrita da tese. Isso se deu em uma época em que a pesquisa estava empacada e eu, estava com crises teóricas e metodológicas! No entanto, eu não disse nada a ninguém, exceto para as minhas orientadoras. Mas a preta-velha viu com os olhos espirituais! Assim, Mãe Maria do Rosário falou que iria

¹⁰⁰ A Coroa do Divino Espírito Santo é uma devoção que se reza em um terço específico, no entanto, no texto eu cito apenas uma parte dessa invocação sagrada.

preparar um banho de uma flor chamada *flor do estudante* (uma espécie de hibisco), para eu tomar da cabeça para baixo. Dias após, além de fazer o banho, a preta-velha invocou a presença da *Cabocla Naja* para que este ser encantado trouxesse a ciência dos mistérios e da sabedoria. Dito e feito! Todas orientações recebidas eu coloquei em prática e a pesquisa começou a fluir como as águas de um rio.

5.4 A po(ética) e a ciência da Vó Cambinda

Foto 34 - Vó Cambinda das Almas e a cadela Mel no Gongá



Fonte: Priscila Cardoso. Memorial CEOPE. Niterói.

Durante a entrevista com a preta-velha *Vó Cambinda das Almas*, conversamos abertamente sobre diferentes temas: falamos especialmente sobre os usos sagrados e profanos das plantas professoras que expandem a consciência. Por fim, esta preta-velha amiga me explicou sobre os efeitos espirituais do consumo irrefletido das plantas sagradas pela humanidade no atual período histórico, muitas vezes deturpando a singularidade das ervas psicoativas. Tenho grande admiração pelo trabalho e saberes da Vó Cambinda das Almas, assim como pelo seu aparelho (Andréia), pois os seus ensinamentos, carregam, a meu ver, uma relação entre a liberdade de pensamento, a poética no falar e a responsabilidade no agir.

Além disso, se a coisa fica feia no terreiro, Cambinda afirma em seu ponto cantado que sabe “segurar o touro” e “amarrá-lo no mourão”, com firmeza, amor e fé. No quesito das mandingas que realiza em sua banca, essa preta-velha carrega o saber das curas, das rezas e uma beleza singular ao suplicar a Deus e os seus santos de devoção por uma pessoa enferma. Até consigo imaginar esta preta amiga orando por um filho: *“valei-me meu Santo Antônio pela saúde do...”*

Durante muitos anos, eu mesmo fui atendido pela Vó Cambinda até o momento em que me tornei cambone de outro preto-velho, encerrando o tratamento com ela. Vó Cambinda não impõe aos seus consulentes nenhum tratamento, compromisso espiritual ou ensinamento pela via do medo ou por superstições! Sua ciência é fina, portanto, ao trabalhar nas obras de caridade, ela convoca a consciência e o desejo das pessoas para que possam discernir sobre o que querem, suportam e necessitam para as suas vidas. Para cada caso, um conselho, para cada doença, um diferente remédio. Como ela mesma ensina: *“se você está precisando de um remédio para ‘alguma coisa’, mas ao procurar um envelope com comprimidos de remédios, se eles não têm nome, você irá tomar aquele remédio assim mesmo? Será o remédio certo para você?”* (Vó Cambinda das Almas, 2021, informação verbal).

Na época em que realizei a entrevista com essa preta-velha, eu estava me sentindo bastante incomodado com a grande quantidade de cientistas biomédicos e neuropsicólogos que estavam ocupando as primeiras filas dos espaços públicos para discutirem o dito renascimento da ciência psicodélica no cenário contemporâneo, em detrimento das vozes dos povos originários e tradicionais. A meu ver, a ciência psicodélica é fundamental para o cenário nacional e global no mundo atual, tendo em vista que no século XX o ocidente respondeu negativamente à “cultura psicodélica”, proibindo e perseguindo pesquisas importantíssimas no campo das “tecnologias psico-farmacológicas disponíveis” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 90). O meu incômodo naquele momento, aumentava na medida em que esses discursos provindos dos saberes biomédicos recorriam aos povos e saberes tradicionais apenas como um recorte cultural ilustrativo, colocando as categorias normativas e explicativas da ciência oficial como a verdade absoluta sobre as plantas professoras.

Logo, há uma espécie de “guerra discursiva” entre saberes e poderes distintos, neste campo do conhecimento. Porém, como nos alerta Boaventura de Sousa Santos (2019), não há uma democracia epistemológica e ontológica entre a diversidade de

cosmovisões existentes, posto que os saberes e modos de vida produzidos nas bordas do mundo não são aceitos como legítimos e muitas vezes são chamados de primitivos. Por exemplo, na discussão do artigo intitulado *Farmacologia humana da hoasca: efeitos psicológicos*, os autores chegam à seguinte conclusão: “foi a primeira tentativa de se estudar o fenômeno da Hoasca numa perspectiva biomédica e como o local do estudo era relativamente primitivo (a Amazônia brasileira), esses resultados necessitam ser vistos como um estudo piloto” (GROB et al., 2009, p. 664).

Eis a questão da fetichização e exotização dos conhecimentos e modos de vida subalternizados e periféricos, muitas vezes entendidos como arcaicos e obsoletos pelo pensamento ocidental hegemônico (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2004). Entusiastas do discurso cientificista prontamente vestem os seus jalecos brancos e se colocam como autoridade máxima nos assuntos sobre os psicodélicos: convocando principalmente a figura de psiquiatras e biomédicos para demonstrar a supremacia dos saberes dos brancos e ocidentais. Estes saberes, como veremos adiante, são propagados como revolucionários, universais, fidedignos e vanguardistas, devendo “estar à frente” de outras explicações e modos de pensar.

A título de exemplo, no caso do Daime, cria-se um afã desproporcional para o olhar farmacológico e neurofisiológico dessa planta professora. Conforme Danielli Katherine e Pascoal da Silva (2017), busca-se ostensivamente compreender e explicar a ayahuasca/Daime como um psicoativo, antidepressivo ou ansiolítico. Muita ênfase é dada nas pesquisas das propriedades químicas dessa bebida, no intuito investigar uma “fórmula” que elimine os sintomas do sofrimento humano. No entanto, esses estudos produzem um desinvestimento na verificação dos processos psicodinâmicos, emocionais, socioculturais e espirituais dessa biointeração!

Vejamos a tonalidade exótica e vanguardista de uma edição da revista *Galileu* de 2018, intitulada *A cura psicodélica: estudos com ayahuasca, LSD e cogumelos prometem revolucionar o tratamento de depressão, ansiedade e estresse pós-traumático*. O autor da matéria principal, conta como foi a sua primeira experiência com ayahuasca, além de contextualizar a história das substâncias psicoativas no século XX, ressaltando os aspectos deletérios das políticas proibicionistas no mundo. Destaca-se nesse artigo, a importância dada às pesquisas científicas e o uso dos psicodélicos para tratar os transtornos mentais no mundo contemporâneo. Tudo parece estar condizente às defesas desta tese, não fossem as doses cavalares de

argumentações neurocientíficas e biologizantes, sutilmente retirando ou colocando em segundo plano, as vozes e as cosmologias das comunidades tradicionalistas e originárias dos debates. Este pequeno trecho da matéria pode elucidar a discussão:

Mais pesquisas precisam ser feitas para comprovar que psicodélicos como a ayahuasca, de fato, vão poder ser receitados para o tratamento de transtornos mentais. Ainda assim, é sempre bom lembrar que essa revolução científica é influenciada por conhecimentos indígenas milenares. (FERNANDES, 2018, p. 34).

Em contraponto ao sutil silenciamento dos enunciados locais, minha postura micropolítica está direcionada no enaltecimento dos conhecimentos nativos. Portanto, nessa parte do estudo eu recorro às explicações da Vó Cambinda das Almas para compreender algumas discussões levantadas acima. Seguindo a lógica dos saberes encantados, apostarei nas pequenas doses de informações vindas da Vó Cambinda, assim como as doses de um remédio, trazendo efeitos curativos ao texto ao invés da intoxicação pelo excesso de ideias. Como nos ensina o Pai Preto, amigo de Cambinda, *“o conhecimento quando se acumula em muita informação é como um prato de comida descoberto que ninguém se alimenta: logo vem as moscas. Tá entendendo meu filho?”*

Ao perguntar sobre as plantas professoras, Vó Cambinda sempre me respondia com metáforas e sábias parábolas, trazendo uma dimensão po(ética) e pedagógica para a nossa conversa. Em algum momento eu perguntei a ela se as comunidades daimistas, dentro e fora do movimento religioso do CEOCPE, deveriam se preocupar com a mercantilização excessiva dessa bebida no Brasil e no mundo. Além disso, perguntei a ela se os daimistas deveriam ocupar os espaços públicos para debater com outros especialistas sobre o assunto, tendo em vista a formulação de leis, normas e éticas no uso ritual desta planta professora. Vó Cambinda com a sua maneira poética, calma e franca de ensinar, respirou um pouco e trouxe uma parábola:

Bom meu filho, digamos assim, em um momento da história existia, digamos assim, à porta de um rico... um outro homem, né. Esse homem passava por muitas necessidades, muito miserável ele era, cheio de chagas... tinha cachorros, enfim. E o homem rico nunca se atentou a isso e vivia todo o luxo da casa dele, enfim. Cada um com a sua vida, né?! Então, um dia esse homem que vivia na sarjeta, na rua morreu. Morreu! Enfim, subiu e foi aos céus.

Mas... tempos depois esse rico também fez a passagem e de onde ele sofria tanto depois da morte... esse rico. Ele não entendia o porquê sofria, se ele era tão feliz na terra! Por que na hora em que ele morreu, ele estava passando por tanto sofrimento, né? Então, ele vê o homem que muitas vezes ele via à porta dele, muitas vezes a mendigar alguma coisa... do outro lado ele estava

bem, sem estar sofrendo. Enfim, ele então perguntou a Deus porque ele não poderia ir avisar aos dele para que não cometessem o que ele mesmo cometeu. E, Deus disse: mas temos as escrituras que tudo nos ensina. Está lá! O que mais se pode fazer se vocês não dão a devida atenção ao que já está dentro da história da própria humanidade? Então, todos os ensinamentos estão dentro da humanidade [...]. A mesa, ela é posta. Deus quando botou a mesa ele botou para todos, tá me entendendo?! Mas o que se tira dessa mesa e como se usa... esse que é o grande problema da humanidade, né? (Vó Cambinda das Almas, 2021, informação verbal).

A partir dessa parábola, Vó Cambinda me explica que as religiosidades tradicionais daimistas não precisam ensinar nada a ninguém de fora, quem quiser aprender com essas tradições basta vir até elas. A mesa está posta para todos, ainda mais se tratando do Daime que não é uma planta proselitista ou “demagoga”. O Daime ensina a partir da experiência, ampliando a percepção habitual de si e do outro. Neste sentido, eu deixo uma questão aberta neste texto: será que a comunidade de pesquisadores não vinculados às religiões daimistas, estão realmente interessados em aprender como esses grupos tradicionais compreendem a experiência com as plantas professoras?

Além dessas palavras, não apenas a Vó Cambinda, mas outros guias da Barquinha de Niterói, constantemente reiteram o fato de nós humanos desrespeitarmos os seres divinos e os outros reinos/espécies constantemente, gerando enfermidades a nós mesmos e ao cosmos. Como argumenta Luiz Rufino (2021, p. 8): “Existir, para além dos limites dessa lógica, é algo que se inscreve na diversidade, na coexistência e na participação ecológica entre os seres. Assim, existir preza por relações responsáveis que mantenham o equilíbrio e o respeito com os ciclos vitais”. Nessa mesma linha de argumentação, para a Vó Cambinda, quando desmatamos compulsoriamente as florestas e desvirtuamos as forças singulares de determinadas plantas professoras ao nosso bel-prazer, como é o caso da *Cannabis*, criamos desarmonias cósmicas. Nas palavras da preta-velha:

Mas quando se passa por tantos milhões de anos e a humanidade inteira não evolui o tanto que era para ser; a verdade é essa né, para os tempos que já fazem, como se diz: meus irmãos prestem atenção para que - digamos assim - quem sabe pela dor, aprendam, porque com amor muitas das vezes os filhos não entendem... então, vem a dor. E aí vem essa devastação - digamos assim - a assolar a terra, né, ceifando vidas... de inocentes e, para que - digamos assim - possamos nos unir, respeitar mais, sabe?! Seremos menos egoístas, sabermos dividir, sabermos dar valor aquilo que tivemos a vida inteira por gerações e gerações e não procuramos compreender... não se procura entender (Vó Cambinda das Almas, 2021, informação verbal).

Para explicar mais detalhadamente, Vó Cambinda afirma que as plantas têm características próprias (essências masculinas e femininas), apresentando diferentes temperamentos (umas mais quentes e outras mais frias). Além disso, elas apresentam qualidades que correspondem com as forças que regem a criação. Assim, ao adotar o Daime como exemplo nessa discussão, Vó Cambinda ensina que ele perscruta a consciência daquele que o ingere, a partir das suas qualidades singulares que vem da floresta. A partir disso, a preta-velha traz um importante exemplo sobre pessoas que não são recomendadas a tomar o Daime:

Vamos supor que essa pessoa tenha um pequeno nível - digamos assim - de esquizofrenia, mas ele não sabe. Mas aquele tanto de Daime que ele tomou vai ativar a esquizofrenia dele, de fato! Será que vai conseguir fazer com que regrida? Muitas das vezes não. Ele vai chegar lá e vai procurar depois um médico sobre essa terra e não vai conseguir voltar ao estágio anterior, por quê? Porque ele tomou o Daime e abriu realmente o mistério da esquizofrenia daquela pessoa. Porque o Daime vai justamente trabalhar aquilo que a pessoa traz! Então, é por isso que aqui é ritualístico - como se diz - mas tem toda uma questão de analisar a pessoa na anamnese, de ver... porque o Daime é para todos, mas nem todos são para o Daime. É uma bebida da floresta... realmente, é uma ciência! E, nós temos que ter realmente - como diz assim - profundo comprometimento, respeito realmente de como ministrá-lo (Vó Cambinda das Almas, 2021, informação verbal).

Portanto, não basta dizermos “viva os psicodélicos”, “viva o saber da ciência biomédica” e “viva as terapias psicodélicas”. Não basta aos cientistas pesquisarem as plantas consideradas sagradas a partir de critérios humanos, apenas. Essa discussão alcança uma dimensão política e cosmológica, exigindo das pesquisas com psicodélicos uma postura crítica tanto no âmbito epistêmico quanto ontológico. Segundo Miglievich-Ribeiro (2014, p. 64), devemos falar de “responsabilidade científica e ética em nosso ofício intelectual”, tendo em vista que o mundo é híbrido e ainda se encontra imerso nos tentáculos esmagadores da colonialidade.

Ademais, a produção de conhecimento sobre as plantas professoras, seja nas universidades públicas brasileiras ou fora deste espaço institucional, precisa se atentar ao campo das relações entre humanos e não humanos, exercitando assim, a desconstrução das couraças coloniais que capturam o pensamento em gramáticas por demais ocidentalizadas. Sobre o Daime e outras plantas professoras, definitivamente elas não são para todos. Como ensina Vó Cambinda, não basta colocar um bom vinho no jarro, se ele estiver sujo ou trincado.

5.5 Quem não pode com mandinga, não carrega patuá!

Era uma noite comum de quarta-feira em 2020, dia de instrução, não me lembro exatamente em qual romaria estávamos. Lembro-me de seguir a velha rotina de um cambone: após o trabalho da igreja terminar, rapidamente eu busquei a cesta do Pai Preto e corri para o gongá. Firmei a sua candeia na pedra, dobrei a sua espada sobre a cesta de palha, arrumei o seu rosário, enchi o seu copo d'água e coloquei o tabaco em sua cachimba. O guia poderia chegar a qualquer hora, ainda mais o Pai Preto que é conhecido por atender muitos consulentes e ser um dos últimos a “subir”.¹⁰¹ Após a sua chegada, o vô fez as suas saudações espirituais, acendeu a cachimba, observou o ambiente ao redor e me perguntou quantas pessoas estavam aguardando-o para serem atendidas. Eram muitas!

É importante frisar que no dia de quarta-feira na Barquinha de Niterói, tradicionalmente os irmãos e irmãs oficiais recebem atendimentos e são cuidados pelas entidades da Missão. Segundo os dirigentes do centro-igrejinha, a quarta-feira é um dia destinado para os irmãos da casa receberem as instruções – sementes de luz – do Daime, do fundador Frei Daniel e de São Francisco das Chagas. Além disso, nesse dia os irmãos da casa recebem os passes, os banhos, os direcionamentos e realizam tratamentos nas bancas dos pretos e pretas-velhas.

Como foi discutido em outra seção, a Barquinha da madrinha Francisca é uma doutrina de caridade, então ela também presta auxílios aos soldados-marinheiros do barco, fortalecendo a irmandade em suas vidas profissionais, familiares e nas relações de conflitos em geral. Mas tudo isso traz um ensinamento e tem uma importante finalidade: nesse dia os oficiais aprendem a receber e também se preparam para praticar a doação, prestando a caridade nos outros dias da semana, em especial no sábado, dia oficial das obras de caridade.

Portanto, quando um visitante chega nesse dia, muitas vezes ele é aconselhado a conversar com os guias na quinta-feira ou no sábado. Mas existem exceções, nessa quarta-feira eu fui interpelado pelo irmão Manoel Abelha, pedindo ajuda a um amigo seu que estava “turbado”, segundo o próprio Manoel. Eu expliquei

¹⁰¹ A expressão “subir” pode ser entendida como “ir embora”. No caso das entidades, ao deixarem os corpos dos seus aparelhos, elas também deixam o plano terra e sobem para o plano astral ou adentram o reino do mar sagrado, dependendo da linha de trabalho e falange de cada entidade.

a situação ao preto-velho e ele mandou chamar o rapaz rapidamente, sabendo que ali tinha demanda espiritual. Ao final do atendimento, pude entender uma frase muito repetida na cartilha de preto e preta-velha: *“quem não pode com mandinga, não carrega patuá”*.

O rapaz contou a seguinte história ao preto-velho: na tarde desse mesmo dia, ele e o Manoel foram à praia e, lá pelas tantas, chegou um vendedor de artesanatos e reparou que ele carregava uma guia de umbanda. O vendedor perguntou: *“você é macumbeiro?”*. Para o amigo do Manoel, a guia era apenas um belo adorno, mas para parecer valente diante daquele teste, ele mentiu e afirmou que era macumbeiro, sendo aquela guia um instrumento de trabalho dele. O vendedor foi embora e não demorou muito para o homem começar a passar mal e ficar mentalmente confuso. Pronto, o vendedor deixou um carregamento com ele!

Manoel Abelha ao presenciar a cena, logo entendeu que se tratava de uma demanda espiritual: poderia ser feitiço, olho gordo ou algum espírito testando se o seu amigo poderia mesmo com a mandinga. Como o Manoel não era um médium desenvolvido, preferiu levá-lo ao centro-igrejinha. Lá no ritual, o rapaz tomou o Daime e se concentrou, mas durante o trabalho a “turbação” só aumentava, aflorando a presença de uma entidade que se apresentou posteriormente na banca do Pai Preto, com bastante deboche e rebeldia. Com muita segurança, firmeza e humildade, o preto-velho interrogou a entidade e encaminhou ela para outro lugar, sob ordem e guia do Príncipe Dom Simeão. Após o benzimento, percebendo que havia afastado os malefícios que estavam acompanhando aquele irmão, o Pai Preto disse ao consulente: *“agora você entendeu a lição? Quem não pode com mandinga, não carrega patuá!”*.

Dois anos após esse atendimento, eu voltei na banca do preto-velho e pedi para que ele me ensinasse novamente essa lição. Ele me explicou que todo patuá, ou seja, todo artefato material que sustenta um símbolo de magia, força e proteção, *“o que muitas vezes é chamado de amuleto da boa sorte”*, só alcança uma finalidade de natureza espiritual na medida em que está consagrado dentro de um fundamento. O fundamento está dentro de uma ritualística em que a pessoa ou a entidade compreende o mistério que está invocando, *“com base em uma intimidade com aquilo que está ali realizando”* (Pai Preto, 2022, informação verbal). Porém, o preto-velho afirma que não adianta ter apenas compreensão, pois, o mais importante é ter um

amparo espiritual. Portanto, nesta lógica encantada, não basta apenas entender o sentido de um patuá, como é o exemplo de um cordão de pedras ou uma figa de guiné. É preciso andar com boas companhias invisíveis, para que as forças espirituais possam entronizar esses objetos físicos, isso porque,

[...] se existe fundamento, a compreensão do que se está fazendo e da assistência que está invocando, é como se diz, aquilo está consagrado, aquele instrumento de trabalho oferece sim a proteção. Agora, se é só o instrumento por si só, então a pessoa, num modo de dizer, está carregando um patuá, mas que não tem fundamento, está sujeito a demanda, a mais braba ainda. Por que assim, modo de dizer, está desafiando algo. Mesmo não tendo compreensão, está desafiando algo (Pai Preto, 2022, informação verbal).

Em resumo, o vô explica que quem carrega um patuá sem fundamento, está comunicando que sabe trabalhar com a ciência espiritual, através de um gesto ignorante, abrindo brechas para ataques espirituais sem ter as defesas necessárias. Portanto, ele encerra esse ensinamento dizendo que é importante os filhos se lembrarem do aprofundamento e do fundamento em tudo que se faz. Conforme o Pai Preto: *“Modo de dizer, se não tem compreensão, melhor não buscar, como se diz, esse instrumento”*.

Foto 35 - Gongá de Niterói com adornos, imagens e patuás



Fonte: Carlaile José (2022). Memorial GEOCPE. Niterói.

5.6 Cartilha de preto e preta-velha

Eu já estava quase finalizando a entrevista com a Vó Cambinda, quando perguntei a ela: mas afinal vó, qual é a cartilha de preto e preta-velha? Por algum motivo, essa pergunta proporcionou boas risadas e assim ela me disse:

Ô meu filho, como se diz assim, né?! É tudo muito simplezinho, meu filho. A cartilha de preto-velho não é nada - digamos assim - complicado. A cartilha de preto-velho - vamos dizer assim - é o amor, a fé e a caridade. Menos é mais, sempre! Em tudo (Vó Cambinda das Almas, 2021, informação verbal).

Foto 36 - Atendimentos no salão das obras de caridade



Fonte: Carlaile José. Memorial CEOCPE. Niterói.

Preta Cambinda ensina que não devemos complicar as coisas de Deus. O excesso de complicação na busca pela compreensão do sagrado é mania de homem branco, fruto de uma racionalidade que “*embaraça os pensamentos e a vida dos filhos*”. Conforme Simas e Rufino (2018), essas lições aparentemente simples, são enunciados dos velhos poetas feiticeiros que encantam as palavras com sabedorias que se perpetuam ao longo dos tempos:

É cada vez mais necessário desatar os nós que insistem em nos estrangular e enunciar versos que comuniquem múltiplos entenderes em alguns poucos dizeres. Assim, o que pode parecer uma redução, uma simplificação dos versos, pode ser transformado em uma mandinga: quando menos se espera é que se dá o bote (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 74).

Portanto, a cartilha de preto e preta-velha não pode ser cientificamente explicada, mas pode ser entendida nas entrelinhas dos aforismos e ditos populares expressos constantemente no gongá da Barquinha de Niterói e outros terreiros no Brasil:

‘menos é mais’; ‘o feito é melhor que o perfeito’, ‘a dor cura com amor’, ‘quem caminha alcança, quem corre se cansa’; ‘quem muito quer, nada tem’; ‘quem muito sabe, pouco fala’; ‘na falta de uma candeia, mais vale a luz acesa no coração’, ‘o amor sem firmeza é como um fogo sem calor’; ‘quem tem fé tem tudo, quem não tem fé, não tem nada’.

Nas palavras do Pai Preto, a ciência do preto-velho é uma obra aberta e inacabada, nada é definitivo na sua arte de curar e ensinar, pois cada filho que ali é cuidado traz consigo uma vibração, um saber, uma sensibilidade e uma ancestralidade. Com o seu rosário, sua espada, sua cachimba, vela e um raminho, o preto-velho já tem todos os instrumentos necessários para começar o seu trabalho da caridade. Quanto menos expressão material, melhor, segundo o vô. Com aquele raminho, com aquela vela, com a mironga dele, na mandinga dele, nas rezinhas dele, preto-velho vai desmanchando os malefícios e vencendo as demandas na vida de um filho necessitado que chega à sua banca para fazer um tratamento. Porém,

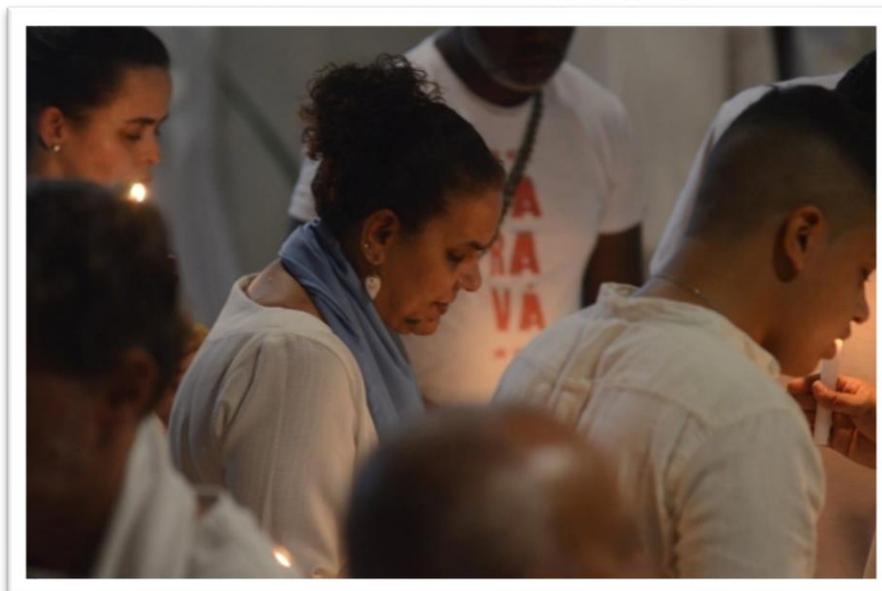
[...] no fim das contas, tudo se resume na benção de nosso Pai, nosso Senhor Jesus Cristo, nosso Pai Oxalá, a benção de nossa Mãe Santíssima, a Virgem da Conceição, Senhora da Caridade e nossa Mãe Iemanjá. Se o trabalho é feito com amor, com fé e confiança, as propriedades vibradas materialmente alcançam a necessidade que a pessoa tem. Agora se não tem fé, se a pessoa prepara um banho sem fé, a propriedade da folha não vai ter alcance nenhum. O que é essencial então? É a fé com que se faz, o amor com que se faz, com quem está buscando, como se diz, no amparo do nosso Pai Salvador (Pai Preto, 2022, informação verbal).

Assim, os pretos e pretas-velhas vão ajudando, vão ensinando e vão direcionando os seus consulentes no caminho da harmonia vital e espiritual. Tanto o Pai Preto quanto a Vó Cambinda disseram que ensinam os seus filhos a caminharem com os passos pequenos, porém, firmes e seguros sobre esta terra. Ao contrário disso, quando “os fios aceleram os passos dos aprendizados”, ficam sujeitos a várias quedas e tensões.

Na cartilha de preto e preta-velha na Barquinha da madrinha Francisca, o principal instrumento de trabalho deles é o bento Rosário de Nossa Senhora. Segundo o Pai Preto, as contas do rosário é um mistério profundo que estabelece o vínculo entre a entidade, o aparelho, Maria e Jesus Cristo. A partir dessa ligação, sob esse amparo sagrado, as entidades criam a sintonia com os aparelhos, podendo entrar em comunhão mediúnica. O rosário é colocado no aparelho assim que a entidade chega em terra, ajudando a fixar a presença material-espiritual do guia, oferecendo também a proteção e o amparo no transe mediúnico. Porém, preciso ressaltar que o rosário é utilizado principalmente como um instrumento de devoção: é preciso rezá-lo! Como vimos no tópico anterior, nada vale utilizar o rosário como uma guia de proteção, sem o aprofundamento devocional no fundamento que ele carrega.

Por fim, deixo uma foto e um fragmento de um ponto da preta-velha Mãe Maria do Rosário que muito me emociona quando ouço. A meu ver, esse ponto resume o valor que essas entidades têm na Barquinha da madrinha Francisca:

Foto 37 - Preta-velha Mãe Maria do Rosário



Fonte: Carlaile José. Memorial CEOCPE. Niterói.

Trabalhem meus irmãos / Se fortaleçam nesta missão / Estejam firmes para os trabalhos à frente / Sejam Soldados unidos na missão / Trabalhem meus irmãos / Com os Pretos Velhos da Missão / Que para os olhos de Jesus são missionários / Por isso vamos respeitá-los no salão.¹⁰²

Na sequência desta seção, dentre tantos trabalhos empreendidos pelos pretos e pretas-velhas na Barquinha de Niterói, ressalto o cuidado com as mulheres gestantes.

5.7 Vó Maria Clara e o cuidado com as mulheres gestantes

Falar de Vó Maria Clara é também falar do seu aparelho, Cléia. A preta-velha costuma se referir à dirigente da Barquinha de Niterói como uma filha. Neste sentido, a história da Vó Maria Clara no cuidado com as mulheres gestantes, começa com a própria dificuldade da Cléia em engravidar. Nas palavras da madrinha Cléia: “*eu nasci*

¹⁰² Esta mensagem é um fragmento de um ponto da preta-velha Mãe Maria do Rosário, recebido por Lusiélia Venâncio - acervo memorial CEOCPE.

com uma dificuldade uterina muito profunda". Desde que a Vó Maria Clara chegou em sua vida, inexplicavelmente, muitas pessoas que chegavam na banca da preta-velha pediam ajuda para o mesmo problema que a Cléia estava passando. Vó Maria Clara começou a trabalhar oficialmente nas obras de caridade do CEOCPE quando a Cléia tinha apenas 18 anos, na cidade de Rio Branco. Desde o início, a preta-velha rezava o ventre das mulheres e trabalhava a benefício daquelas que tinham dificuldades de engravidar. Essas mulheres, por sua vez, muitas vezes alcançavam a cura e se realizavam nesse objetivo específico.

Foto 38 - Preparo espiritual para o parto de Raiza e Júlia



Fonte: Carlaile José. Memorial CEOCPE. Niterói.

Quando a vó chegou no Rio de Janeiro, dentre as pessoas que ela passou a cuidar, chegaram novamente muitas mulheres com essa mesma questão. Segundo o relato da Cléia, no Rio de Janeiro haviam mais mulheres que praticavam o aborto na adolescência e quando chegava na hora de engravidar, elas não conseguiam por inúmeros motivos. Desta maneira, a preta-velha foi trabalhando por essas pessoas, especialmente por essas mulheres e *“graças a Deus, muitas alcançaram. Mas teve uma história aqui que, para mim, foi o marco dela na minha vida, que é uma moça, uma irmã, uma amiga.”* (Wilicleia do Nascimento Ferreira, 2021, informação verbal).

Essa jovem mulher se aproximou dos trabalhos da Barquinha no início da chegada da Cléia e do Cacá no Rio de Janeiro. Na época, ela era daimista e fardada no Santo Daime, no segmento do padrinho Sebastião. Com o passar do tempo, a Vó Maria Clara passou a fazer um tratamento para ajudá-la. Essa moça tinha um

companheiro e o relacionamento era difícil, segundo a Cléia, chegava a ser engraçado, tamanha era a confusão na relação conjugal. Mas ela tinha um desejo muito grande de ser mãe e, por isso, a preta-velha realizou um tratamento que durou cerca de 9 meses.

Chamarei essa consulente de Clara, preservando o sigilo da sua identidade real. Clara continuou realizando esse tratamento, passando por uma longa caminhada junto à banca da preta-velha. Os médicos diziam que Clara além de ter uma estatura muito baixa, tinha o útero invertido. Ela não tinha como segurar uma criança em seu ventre, pois o útero estava ao contrário. Após completar o ciclo de tratamento com a Vó Maria Clara, pouquíssimos dias depois de encerrar, Clara se separou de seu companheiro. Alguns meses depois, ela reencontrou um namorado da juventude e engravidou. Ao contar essa história, os olhos da Cléia ficaram marejados e ela me disse:

Para ela chegar a esse momento, ela fez um compromisso com Santa Terezinha do Menino Jesus, uma promessa com Santa Terezinha para que ela pudesse alcançar no futuro essa maternidade. E ela alcançou. Esse, para mim, foi um dos maiores milagres da história de trabalhar com a Vó Maria Clara (Willicleia do Nascimento Ferreira, 2021, informação verbal).

Até os dias atuais, a preta-velha Vó Maria Clara continua trabalhando a benefício das mulheres que querem ter filhos e roga à *Nossa Senhora do Bom Parto* por aquelas que já estão grávidas. A história da Clara é a mais marcante, porém, muitos outros milagres aconteceram com mulheres consideradas estéreis pela medicina oficial, mas que conseguiram se tornar mães após o tratamento com essa preta-velha, conforme as palavras da Cléia. O mais incrível, a meu ver, foi o que aconteceu com a própria Cléia no seu processo de cura e gravidez da Luana Gabriela, hoje com 13 anos de idade. Anteriormente a essa gravidez, o tempo passava e por muitos anos, os médicos diziam que a Cléia era estéril. Mas ela também alcançou as bênçãos que as mulheres cuidadas pela sua companheira preta-velha alcançaram. Como? Tenho dito, são os mistérios dos saberes encantados. A dirigente da Barquinha de Niterói acredita que a sua gravidez também é uma reverberação da caridade que a Vó Maria Clara realiza, incansavelmente a benefício das mulheres que almejam engravidar. Nas palavras emocionadas da Cléia: *“Ela alcançou e acredito que rogou a Deus por mim também”*.

Finalizando esta seção, percebo que os pretos e pretas-velhas também exerce uma função terapêutica: são uma espécie de “psicólogos da alma”. Diferenças à parte, certamente ajudam os seus consulentes a lidarem com as suas emoções, sofrimentos e crises existenciais. A meu ver, há uma grande diferença entre a poltrona do consultório psi e a banca do preto-velho: normalmente, um paciente quando chega em um consultório psicoterapêutico, se senta para falar. Ao contrário, quando um consulente se senta na banca de um preto-velho, muito tem para escutar. Mas não se trata de uma regra, essa observação é apenas uma percepção minha como psicólogo, pesquisador e aparelho que atualmente trabalha oficialmente com um preto-velho na Barquinha de Niterói.

Foto 39 - Vó Maria Clara abençoando o ventre de Laura Palis



Fonte: Joyce Mara. Memorial CEOPE. Niterói.

Considerações Finais

*Vamos meus irmãos
Firmes concentrar e rezar
Que o Barquinho Santa Fé
No porto já vai ancorar*

*João Batista, salmo Barquinho Santa Fé.*¹⁰³

Assim como o *Barquinho Santa Fé* vai chegando no porto após uma longa viagem nos mistérios de uma romaria, esta tese – objeto ritual – também chegará ao seu destino final. Conforme o preto-velho Pai Preto, os rituais com a Barquinha têm uma estrutura com começo, meio e fim: deste modo é preciso ancorar a tese! Após um passeio de cinco anos nesta pesquisa-navegação, quais questões são pertinentes para as discussões finais deste estudo?

O salmo supracitado ainda nos diz: “*Vem chegando tão sublime / Com seu pavilhão de luz / Clareando o mundo inteiro / Como o sol que nos reluz [...]*”. Portanto, as auspiciosas aprendizagens com o Daime colhidas na Barquinha da madrinha Francisca, a meu ver, produziram um efeito solar nesta pesquisa científica, iluminando questões ontológicas (modos de ser), pedagógicas (modos de ensinar e aprender), epistemológicas (modos de conhecer) e metodológicas (modos de pesquisar), sob o prisma da perspectiva transdisciplinar. Assim, procurei unir os estudos culturais provindos de autores e teorias da antropologia e educação, atrelados aos estudos da subjetividade, oriundos da psicologia e filosofia.

Percebe-se também, nesta pesquisa, a presença da história quando busco compreender a memória social e a genealogia da Barquinha da madrinha Francisca, mas entendo que essa disciplina não é preponderante nas alianças transdisciplinares deste estudo.

Os eixos temáticos e os problemas desenvolvidos ao longo desta cartografia, exigiram o fôlego, o balanço e a firmeza de um marinheiro, pois os percursos deste doutoramento envolveram importantes aprendizagens acadêmicas: ora navegando nas tempestades do não saber realizar uma pesquisa de campo, ora navegando em

¹⁰³ O trecho citado é um fragmento do Salmo *Barquinho Santa Fé*, recebido por João Batista “Joca” – acervo memorial CEOCPE. Ao final de algumas romarias, este salmo é cantado, contando os dias em que o Barco passeou entre os mistérios, para finalmente entregar os trabalhos e depois continuar prosseguindo.

águas calmas, compreendendo o funcionamento desta tarefa intelectual. Assim, como um *pesquisador aprendiz*, pude mergulhar mais profundamente nas ciências da antropologia e da pedagogia, sendo um grande desafio para um psicólogo clínico acostumado a criar interfaces apenas com a filosofia, artes e ciências políticas.

Para Tim Ingold (2019, p. 08), “a antropologia é a filosofia com as pessoas dentro”, nesse mesmo devir-minoritário, para Luiz Rufino (2021, p. 14), a educação se refere às “práticas cotidianas; pertencimentos coletivos; fortalecimento comunitário; ética responsiva; aprendizagens; e circulação de conhecimentos que reposicionem e vitalizem os seres atravessados pela violência colonial”. Essas definições acerca da antropologia e da educação evidenciam as instâncias moleculares das relações humanas e não humanas que pude observar, absorver e cartografar na Barquinha da madrinha Francisca.

O presente estudo demonstra que a educabilidade humana está além e aquém das instituições escolares. Neste sentido, a força pedagógica no cerne da cultura está sempre disponível nos territórios existenciais, povoada de pessoas letradas e iletradas, onde as relações cotidianas de ensino e aprendizagem acontecem à revelia das instituições formais de educação.

Considero, portanto, que a originalidade desta tese está na aliança transdisciplinar entre a psicologia e outros saberes, no intuito de compreender as múltiplas aprendizagens com o Daime em uma religiosidade popular brasileira. À vista disso, seria um contrassenso para a psicologia e para a universidade pública brasileira não se interessar por pesquisas e processos de subjetivação dentro das religiões, fenômeno social tão presente nas diversas culturas humanas e nos processos civilizatórios desde os tempos imemoriais. Logo, a “crescente ascensão dos novos movimentos religiosos, assim como o reordenamento das tradições religiosas, prova que o fenômeno social da religião, longe de desaparecer, estará fortemente presente nas sociedades futuras” (COSTA, 2008, p. 48). Portanto, a religião neste caso aparece como um campo de mandinga, de batalha, de pertencimento e fortalecimento sociocultural. Território material-espiritual de resistência onde os processos de subjetivação se fazem potentes e resilientes às precariedades econômicas e políticas.

A psicologia é uma área do conhecimento aberta e inacabada, precisando dialogar com outras disciplinas como condição *sine qua non* para a sua atualização enquanto ciência e profissão. Seguindo as pistas da minha orientadora Cristina Rauter

(2017), a bússola para a produção do conhecimento útil em qualquer disciplina deve acolher a multiplicidade, a experimentação e a dimensão coletiva. Portanto, a aposta ética desta tese se fundamenta na afirmação da diferença, da singularidade e dos saberes minoritários, fincados na cultura local. Este estudo com o Daime na Barquinha da madrinha Francisca é ao mesmo tempo uma ação micropolítica, poética e acadêmica, onde procuro problematizar as axiomáticas que fixam alguns conhecimentos e modos de vida como verdadeiros e superiores, colocando outros como falsos e inferiores.

Para realizar esta pesquisa com rigor, precisei segurar nas mãos de autores, pensamentos e modos de vida contra-hegemônicos. Desde a sabedoria das pedrinhas miudinhas, ciências encantadas e o complexo epistemológico das macumbas de Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino (2018), até as epistemologias ayahuasqueiras de Maria Betânia Albuquerque (2011), além das pedagogias daimistas e franciscanas provindas dos mestres, mestras, padrinhos e madrinhas das religiões ayahuasqueiras do Brasil.

Ademais, me apoiei no método da cartografia (pesquisa-intervenção), nome que flerta com a ideia de mapas geográficos, direcionados para os estudos da subjetividade, analisando a experiência dos territórios existenciais. Este método não se compromete com ideias pré-fixadas “*metá-hódos*”, ao contrário, tem a sua sustentação no próprio “caminhar que traça, no percurso, suas metas” (PASSOS; BARROS; 2012, p. 17). Quero ressaltar que esta cartografia também buscou discutir a produção da pesquisa em si, agregando ao método cartográfico um estudo que poderá servir de base para outros pesquisadores. Assim, busquei demonstrar os caminhos e as opções teóricas e práticas durante a pesquisa de campo, além de expor e discutir metodologicamente a função das crises e mudanças de rotas no percurso como pesquisador-cartógrafo.

A Barquinha da madrinha Francisca me fez compreender em ato que a produção do conhecimento, os modos de aprender e os modos de subjetivação não se aplicam em todos os contextos e não precisam ser grandes, suntuosos e totalitários. Como disse a preta-velha Vó Cambinda: “*sem a humildade e sem o pequeno, o grande jamais existirá*”. Eis a lógica do pensamento menor e dos saberes encantados!

Porém, como pesquisador nativo do CEOPE, mesmo identificando essa tradição daimista como uma religiosidade minoritária, híbrida e de origem popular,

percebo que as trocas de saberes e os modos de vida no cerne dessa comunidade nem sempre afirmam o múltiplo. A Barquinha da madrinha Francisca, tanto em Rio Branco como em Niterói, está enredada no mundo contemporâneo e carrega as mesmas contradições deste sistema capitalista, colonialista e patriarcal. Portanto, nessas considerações finais demarco que apesar da composição ritual e cosmológica do CEOCPE ser híbrida, percebo que essa tradição também apresenta importantes tensões, conservadorismos e conflitos em suas práticas pedagógicas-espirituais.

Por exemplo, durante todo o período da pesquisa, eu defendi que Daime é uma planta professora, compreendendo este vegetal como um sujeito de saber e de direitos. Para ilustrar esse ponto de vista, convoco uma pequena explicação de Ailton Krenak, enfatizando que diferentes cosmovisões geram efeitos distintos no campo social: “O rio Doce, que nós, os Krenak, chamados de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas” (KRENAK, 2019, p. 40). Essa imagem do rio como uma pessoa, assim como o Daime sendo entendido com um sujeito (um Ser Divino), traz importantes implicações epistemológicas, filosóficas, ecológicas e até mesmo geopolíticas.

No entanto, a pesquisa de campo demonstrou que alguns interlocutores compreendem o Daime apenas como uma substância química/psicoativa a ser consumida, rejeitando a expressão “planta professora”. Assim, futuros estudos sobre/com a Barquinha da madrinha Francisca podem avançar nas discussões acerca da decolonialidade da natureza, pensando a ruptura histórica entre a sociedade e a natureza¹⁰⁴. A meu ver, as narrativas provindas da Barquinha da madrinha Francisca, podem contribuir com a psicologia e com o pensamento decolonial no sentido de compreender outros modos de conhecer, outros modos de aprender e outros modos de existir.

Neste mesmo sentido, realizei um grande esforço teórico na introdução desta tese, demonstrando as lutas políticas que os atores da rede ayahuasqueira enfrentaram e ainda enfrentam, historicamente, para que essa beberagem não seja proibida e estigmatizada, evitando que os seus adeptos sofram os preconceitos e discriminações na sociedade em geral. Porém, é comum observar, tanto na tradição

¹⁰⁴ Os estudos acerca da decolonialidade da natureza podem ser pesquisados na obra de Catherine Walsh, uma grande referência nas discussões da educação e decolonialidade.

da Barquinha da madrinha Francisca como em outras religiões ayahuasqueiras, alguns membros das comunidades daimistas tratarem outras plantas professoras como drogas e seus respectivos usuários como drogados.

Portanto, as defesas éticas, estéticas e políticas que faço nesta tese, nem sempre coincidem com algumas defesas e pedagogias do próprio grupo pesquisado. Obviamente, no caso da Barquinha de Niterói, trata-se de um grupo heterogêneo onde se percebe discursos e práticas que oscilam entre formas mais libertárias e outras mais conservadoras. Após as duas viagens realizadas para Rio Branco (AC) durante esta pesquisa, percebi que a irmandade da Barquinha de Niterói é composta por uma comunidade mais engajada politicamente nas lutas sociais. Por consequência, no cotidiano deste grupo aparecem mais discursos e práticas progressistas que problematizam cenas de homofobia, racismo, sexismo, autoritarismo e práticas de exclusão social em geral.

Retomando o objetivo principal desta tese, busquei compreender as múltiplas aprendizagens com o Daime no Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte, com ênfase na cartografia biográfica da madrinha Francisca, além da circulação de saberes encantados no centro-igrejinha de Niterói. Os principais interlocutores nesta pesquisa foram: a professora Francisca Campos do Nascimento, o professor Daime, o feitor Manoel Abelha, os pretos e pretas-velhas e a tradição religiosa da Barquinha como um todo, evidenciando a força sociocultural e a brasilidade nesta tese. Desta forma, o presente estudo buscou priorizar o território brasileiro e as pedagogias locais do CEOCPE.

O termo *cartografia biográfica* foi utilizado primeiramente em minha dissertação de mestrado como um tentáculo do método da cartografia (SILVA, 2017). Não se trata de um conceito sofisticado ou instituído, pois ainda se encontra em fase de experimentação. Neste sentido, sugiro que outros pesquisadores possam investigar este termo, validando ou refutando o seu uso científico. No caso desta tese, procurei cartografar a biografia de Francisca desde o seu nascimento, mapeando os seus percursos existenciais, seguindo as pistas das suas aprendizagens (processos de formação) na doutrina do Mestre Daniel até ela se tornar uma madrinha e professora na tradição da Barquinha.

Os resultados desta pesquisa contribuem com o inventário existencial de Francisca Campos do Nascimento, ampliando a voz desta mulher nortista no contexto

religioso e sociocultural não apenas da Barquinha, mas também da rede ayahuasqueira no Brasil e no mundo. A professora e madrinha Francisca, se considera apenas uma zeladora dos ensinamentos recebidos na escola do Mestre Daniel, cumprindo o seu dever de ensinar, ainda hoje aos 88 anos, desde as crianças até os idosos que frequentam o Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte.

É válido lembrar o conceito “cartografia biográfica” não se encerra no sujeito individual: o reino do eu. Portanto, neste mapeamento dos trajetos existenciais de Francisca Campos do Nascimento, procurei demonstrar o que se abre socialmente com a vida desta professora. Os aspectos biográficos da madrinha Francisca permitem a compreensão das pedagogias próprias que brotaram no seu centro-igrejinha, fundado no começo da década de 1990. Ao convocar a resiliente história da Irmã de Caridade, não procurei evidenciar uma vida excepcional, ao contrário, busquei demonstrar como a madrinha se nutriu das forças coletivas dentro dessa tradição.

Além disso, esta pesquisa analisou os acontecimentos educativos que pulsam no cotidiano da Barquinha de Niterói, dentro e fora dos rituais com o Daime. As “sabenças” da madrinha Chica Gabriel, usando um termo de Maria Betânia Albuquerque (2021), foram esculpidas nas pedagogias culturais em seu território existencial acreano, mas chegou até Niterói através do Daime. Saber praticado! Saberes do benzimento, saberes curativos, saberes rituais, saberes mediúnicos, saberes musicais, saberes culinários, saberes filosóficos, saberes políticos, saberes educacionais, dentre outros.

Para analisar esses saberes, a pesquisa se sustentou no notório encontro entre os meus intercessores teóricos, principalmente os autores Maria Betânia Albuquerque, Luiz Rufino, Luiz Antonio Simas, Wladimir Sena Araújo, Gilles Deleuze, Nêgo Bispo, Boaventura de Sousa Santos, Virgínia Kastrup e Cristiane Mota, com os intercessores encantados que se apresentaram no campo empírico desta pesquisa. Esses encontros evidenciaram uma diversidade epistêmica e uma proximidade desta pesquisa científica com o pensamento decolonial. Para Carvalho (2019, p. 89): “Um mundo pluriépistêmico seria aquele em que saberes se encontram, e não apenas aquele em que as ciências estabelecidas se encontram”.

Apesar das várias fontes teóricas nesta tese estarem ligadas aos estudos decoloniais e/ou contracoloniais, compreendo que esta pesquisa não avançou

teoricamente neste rumo. Este empreendimento intelectual converge com os esforços de outros projetos acadêmicos que denunciam a colonialidade do ser, do saber e do poder de maneira ampla, mas os limites e os recortes da pesquisa de campo exigiram, digamos assim, um foco maior nas questões internas da rede ayahuasqueira e no movimento religioso do CEOCPE, especialmente na filial de Niterói.

Ao final deste percurso, digo que a experiência de campo na “escola” da Barquinha de Niterói muito me modificou como pessoa e pesquisador. Antes da Barquinha entrar na minha vida, eu era um sujeito estruturado em uma lógica acadêmica, letrada, individualista e “cartesiana”. Depois de mergulhar nessa tradição daimista, pude aprender uma pedagogia mais comunitária e menos explicativa, voltada para uma observação e ação mais silenciosa. Além disso, essa pesquisa me trouxe uma dimensão mais profunda da responsabilidade e cuidado que devo ter ao divulgar os saberes dessa tradição sagrada, atravessada por relações humanas e forças espirituais esotéricas.

Como médium-aparelho oficial das Obras de Caridade na Barquinha de Niterói, percebo e sinto que a confecção deste trabalho também aconteceu a partir de uma experiência mediúnica, com a participação do Daime e dos espíritos na escrita do texto. Neste sentido, como uma espécie de diplomata, busquei cartografar um encontro entre “dois mundos”: o mundo dos saberes acadêmicos e o mundo dos saberes sagrados. Nomeio esse processo despretensiosamente de *reencantamento do saber*, pois também sou atravessado por um coletivo de autores e forças acadêmicas e não acadêmicas que desaguam na escrita deste texto que não é apenas meu!

Como psicólogo clínico, percebi que o processo das entrevistas e a colheita de depoimentos dos interlocutores desta pesquisa, principalmente com os fardados mais antigos da comunidade, tocou em questões emocionais que há muito tempo não eram revisitadas por eles. Ao entrevistar a Cléia, neta de Francisca e madrinha da Barquinha de Niterói, algumas vezes a percebi chorando ao contar as histórias antigas, elaborando o seu longo percurso trilhado em terras fluminenses. Desta forma, o material das entrevistas registrados em áudios e fotos, já constam como parte do acervo memorial da Barquinha de Niterói.

Posso afirmar que realizei uma pesquisa com o Daime e os saberes encantados na Barquinha da madrinha Francisca, mas também realizei uma pesquisa

com a universidade pública brasileira, onde os paradigmas científicos e os paradigmas dos saberes encantados se cruzaram em uma experiência sensível e transversal. Para Barros e Passos (2012, p. 241): “Transversalizar é traçar o eixo da diagonal que embaralha os códigos, colocando lado a lado os diferentes, liberando as diferenças de seus lugares dados”.

Ao apresentar outras perspectivas epistêmicas e ontológicas, busquei realizar uma “crítica interna” ao paradigma científico dominante, trazendo novas reinterpretações do mundo, conforme Boaventura de Sousa Santos (2019). O intuito desta crítica, porém, não é promover qualquer negacionismo ou deslegitimação do conhecimento científico, principalmente se tratando de pesquisas científicas desenvolvidas nas universidades públicas. Em um contexto de crise mundial em que estamos saindo de uma pandemia que produziu um cenário assustador de mortandade, conforme Saponi (2020), seguido de movimentos reacionários antivacinação, *fake news*, negação da crise climática e sanitária, afirmo a potência e o lugar do conhecimento científico no mundo. Além disso, esta pesquisa foi realizada em uma universidade federal brasileira, a partir dos seus próprios parâmetros técnicos-normativos.

No entanto, para além do pensamento ocidentocêntrico dominante, aposto que este trabalho contribuiu para promover uma *ecologia dos saberes*¹⁰⁵, noção também proposta por Boaventura de Sousa Santos (2010), validando e credibilizando uma cosmovisão tradicional que comumente tem os seus saberes e as suas experiências humanas tratadas como descartáveis pelo saber oficial. Portanto, acredito que os resultados deste estudo possam abrir caminhos para novas pesquisas cartográficas com o Daime, especialmente na tradição da Barquinha, ainda hoje pouco conhecida pela população brasileira.

Por fim, o intuito maior deste trabalho é ampliar as vozes e vidas ausentes nas academias universitárias, afirmando a coexistência entre epistemologias, paradigmas, metodologias e ontologias plurais no meio científico e fora dele. Concluindo, entrego

¹⁰⁵ O conceito de “ecologia de saberes” compõe o complexo teórico de Boaventura de Sousa Santos sobre as “Epistemologias do Sul”. O termo é apresentado e analisado sociologicamente no livro “A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política” (SANTOS, 2010, p. 137).

este estudo nas mãos dos leitores e afirmo que o trabalho está “*fechado e aberto para sempre, amém*”.

Foto 40 - Crianças da Barquinha de Niterói



Fonte: Carlaile José. Memorial CEOCPE. Niterói.

Referências

ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Trad. Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2018.

ALBERT, B. “Situação Etnográfica” e Movimentos Étnicos. Notas sobre o trabalho de campo pós-malinowskiano. **Revista de Antropologia Social**. Campos, v. 15, n. 1, p. 129-144, 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/42993/27044>>. Acesso em: 26 mar. 2022.

ALBUQUERQUE, M. B. B. **ABC do Santo Daime**. Belém: EDUEPA, 2007.

_____. **Padrinho Sebastião**: máximas de um filósofo da floresta. Belém: EDUEPA, 2009.

_____. **Epistemologia e saberes da ayahuasca**. Belém: EDUEPA, 2011.

_____. **Beberagens indígenas e educação não escolar no Brasil colonial**. Belém: FCPTN, 2012.

_____. Pode uma planta ensinar? reflexões contra epistemológicas. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 12, 2015, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPRress, 2015. pp. 7042-7057.

_____. **Sabenças do padrinho**. Belém: EDUEPA, 2021.

ALBUQUERQUE, M. B. B. et al. (Orgs.) **Saberes da experiência, saberes escolares**: diálogos interculturais. Belém: EDUEPA, 2016. p. 19-23.

ALMEIDA, F. Mestre Antonio Geraldo e a ciência nova. In: MARGARIDO, S.; NETO, F. **Mestre Daniel**: história com a Ayahuasca. Rio Branco: Fundação Garibaldi Brasil. 2005. p. 30.

ALMEIDA, F.; SOUZA, M. L. S. (Orgs.). **Mestre Antonio Geraldo e o Santo Daime**. 2. ed. Rio Branco: EMPLAK, 2008.

ALMEIDA, M. Prefácio. In: LABATE, B. C. **A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos**. 2. ed. Campinas: Mercado das Letras. São Paulo: FAPESP, 2016. pp. 13-22.

ALONSO, L, S; BALIBERDIN, A. O campo de pesquisa em uma história oral de candomblecistas. **Vozes, Pretérito & Devir**, Teresina, ano 3, v. 6, n. 1, p. 24-41, 2016. Disponível em: <<http://revistavozes.uespi.br/ojs/index.php/revistavozes/article/view/122>>. Acesso em: 23 mar. 2022.

ALVAREZ, J; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, Lilianna (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012. pp. 131-49.

ALVERGA, A. Polari de. **O livro das mirações**: viagem ao Santo Daime. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

ALVES, A. A grande viagem. In: MARGARIDO, S. F. L.; NETO, F. H. A (Orgs.). **Mestre Daniel**: História com a Ayahuasca. Rio Branco: Fundação Garibaldi, 2005, p. 11.

AMADOR, F. S. Transdisciplinarizar. In: FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. (Org.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 231-33.

ANDRADE, P. D.; COSTA, M. V. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/FTppyqQTJpM7YVWxWvmTj8S/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 04 jun. 2022.

ARAÚJO, J. R. **Comunicação e Exclusão**: a leitura dos xamãs. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

ARAÚJO, W. S. **Navegando sobre as ondas do Daime**: História, cosmologia e ritual da Barquinha. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999. (Centro de Memória, n. 11).

_____. Prefácio. In: SANTOS, R. A. **A Híbrida Barquinha**: histórias, influências e rituais. São Paulo: Dialética, 2021. pp. 05-10.

ASSIS, G. L.; RODRIGUES, J. A. De quem é a ayahuasca? Notas sobre a patrimonialização de uma “bebida sagrada” amazônica. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 3, p. 46-70, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rs/v37n3/0100-8587-rs-37-3-00046.pdf>>. Acesso em: 17 abril. 2020.

BALZER, C. Santo Daime na Alemanha. Uma fruta proibida do Brasil no “mercado das religiões”. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). **O uso ritual da Ayahuasca**. 2. ed. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2009. pp. 507-541.

BARROS, R. B.; MORSCHEL, A. Conhecer. In: FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. (Org.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. pp. 61-63.

BARROS, R. B.; PASSOS, E. Transversalizar. In: FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. (Org.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. pp. 239-242.

BASTIDE, R. **Sonho, transe e a loucura**. Trad. Carlos Eugênio M. de Moura. São Paulo: Três Estrelas, 2016.

BIANCHI, A. Ayahuasca e xamanismo indígena na selva peruana: o lento caminho da conquista. In: LABATE, B. C.; GOULART, S. (Orgs.). **O uso ritual das plantas de poder**. Campinas: Mercado das Letras; FAPESP, 2005. pp. 319-332.

BOFF, L. **São Francisco de Assis**: ternura e vigor. Uma leitura a partir dos pobres. 2. ed. Petrópolis: Vozes/CEFEPAL, 1982.

BOMFIM, G. Santo e Orixá. **Youtube**, 10 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YiZRQ9sVlo0>> Acesso em: 07, jul. 2022.

BOMFIM, J. Aparição da Virgem da Conceição ao jovem Irineu e o surgimento da Doutrina do Daime. **Jornal grande Bahia**. 7 dez. 2015. Disponível em: <<https://www.jornalgrandebahia.com.br/2015/12/aparicao-da-virgem-da-conceicao-ao-jovem-irineu-surgimento-da-doutrina-do-daime/>>. Acesso em: 4 jun. 2022.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação** [online], n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 3 out. 2022.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 25. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Col. Primeiros Passos, 20)

BURLAMAQUI, F.; BANDEIRA, A. (Orgs). **Mensagens de amor e saber: Mestre Conselheiro Antônio Geraldo da Silva**. Rio Branco: Centro Espírita Daniel Pereira de Matos, 2022.

CARDOSO, V. Z. Contar o passado, confabular o presente: performances narrativas, poética e as construções da história. In: RAPOSO et al. (Orgs). **A terra do não-lugar: diálogos entre antropologia e performance**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013. pp. 43-61.

CARNEIRO, H. A odisséia psiconáutica: a história de um século e meio de pesquisas sobre plantas e substâncias psicoativas. In: LABATE, B. C.; GOULART, S. (Orgs.). **O uso ritual das plantas de poder**. Campinas: Mercado das Letras; FAPESP, 2005a. pp. 57-82.

_____. Transformações do significado da palavra “droga”: das especiarias coloniais ao proibicionismo contemporâneo. In: VENÂNCIO, R. P.; CARNEIRO, H. **Álcool e drogas na história do Brasil**. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005b.

_____. **Bebida, abstinência e temperança na história antiga e moderna**. São Paulo: Senac São Paulo, 2010.

CARVALHO, J. J. Encontro de Saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. São Paulo: Autêntica, 2019, pp. 79-106. (Col. Cultura Negra e Identidades).

CASTANEDA, C. **A erva do diabo: experiências indígenas com plantas alucinógenas reveladas por Dom Juan**. 13. ed. Trad. Luzia Machado da Costa. Rio de Janeiro: Record, 1987.

CASTRO, R. **Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CEMIN, A. B. Os rituais do Santo Daime: “Montagens simbólicas”. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). **O uso ritual da Ayahuasca**. 2. ed. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2009. pp. 347-384.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2000.

COLLET, C. L. G. **Mapinguari-Aristote**: da interculturalidade a intercorporalidade. 2019. 41 f. Monografia (Especialização em Terapia através do movimento) – Faculdade Angel, Rio de Janeiro, 2019.

COSTA, A. L.; FONSECA, T. M. G.; ANGELI, A. A. C. Cartografar. In: FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. (Org.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. pp. 45-8.

COSTA, C. A. **Uma casa de “preto velho” para marinheiros cariocas**: A religiosidade em adeptos da Barquinha da Madrinha Chica no Estado do Rio de Janeiro. 2008. 137 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2008.

_____. **Os sentidos da cura**: saúde e performance na Barquinha de Niterói - RJ. 2019. 300 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

COUTO, F. L. R. Santo Daime: rito da ordem In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). **O uso ritual da Ayahuasca**. 2. ed. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2009. pp. 385-412.

DE ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. Paisagens existenciais e alquimias pragmáticas: uma reflexão comparativa do recurso às “drogas” no contexto da contracultura e nas cenas eletrônicas contemporâneas. In: LABATE, B. C.; GOULART, S.; FIORE, M.; MACRAE, E.; CARNEIRO, H. (Orgs.). **Drogas e cultura**: novas perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2008. pp. 383-410.

DE FREITAS, L. C. T. **Terapia um caminho para o divino**: entendendo o psiquismo humano e o desenvolvimento da espiritualidade. São Paulo: Ágora, 2000.

DELEUZE, G. Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Roberto Machado (Org. e Trad.). 27. Reimp. Rio de Janeiro: Graal, 2009. pp. 69-78.

_____. **Conversações**. 2. ed. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 2010. (Col. Trans).

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. 2. ed. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2011. (Col. Trans)

_____. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. 2. ed. Coord. / Trad. Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, 2012. (Col. Trans)

DE QUINCEY, T. **Confissões de um comedor de ópio**. Trad. Ibañez Filho. Porto Alegre: L&PM, 2007.

ELIADE, M. A estrutura dos Mitos. In: ELIADE, M. **Mito e Realidade**. 6. ed. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2011, pp. 8. (Col. Debates).

ELLER, J. D. **Introdução à Antropologia da Religião**. Trad. Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Vozes, 2018.

FERNANDES, N. Chutando as portas da percepção: como a ayahuasca, um chá milenar indígena, e outros psicodélicos estão revolucionando a psiquiatria – e o Brasil tem papel de destaque nisso. **Revista Galileu**, ed. 325, p. 24-34, 2018.

FERNANDES, V. **Santo Daime Cultura Amazônica**: história do Povo Juramidam. Manaus: SUFRAMA, 1986.

FONSECA, T. M. G. Prefácio: sobre uma coletânea que pode atizar nossa febre. In: ZANELLA, A. V. et al. (Orgs.). **Educação estética e constituição do sujeito**: reflexões em curso. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007. pp. 7-12. (Col. Cadernos CED, v. 12).

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). 2. ed. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2000. (Col. Obras de Michel Foucault).

FREIRE, P. Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos. In: FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários para a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011. pp. 31.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. 20. ed. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 2009.

_____. **Caosmose**: um novo paradigma estético. 2. ed. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 2012.

GEARIN, A. K; LABATE, B. C. “La Dieta”: ayahuasca e a reinvenção ocidental do xamanismo alimentar indígena amazônico. In: LABATE, B. C.; GOULART, S. (Orgs.). **O uso de plantas psicoativas nas américas**. Rio de Janeiro: Gramma/NEIP, 2019. pp. 217-242.

GENTIL, L. R. B; GENTIL, H. S. O uso de psicoativos em um contexto religioso. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). **O uso ritual da Ayahuasca**. 2. ed. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2009. pp. 559-570.

GHIRALDELLI JR. P. **O que é pedagogia**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Col. Primeiros Passos, 193).

GONDAR, J. Memória individual, memória coletiva, memória social. **Morpheus** - Revista Eletrônica em Ciências Humanas, v. 7, n. 13, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/morpheus/article/view/4815>>. Acesso em: 26 mar. 2022.

GORGULHO, STORNILO; ANDERSON. **Bíblia de Jerusalém**: ed. rev. e ampl. Coord. Vittorio Saraceno. São Paulo: Paulus, 2015.

GRAEBER, D. O comunismo de Marcel Mauss. **Realis** - Revista de Estudos AntiUtilitaristas e PosColoniais. v. 3, n. 1, p. 43-61, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/realis/article/view/8777>>. Acesso em: 4 jun. 2022.

GREGORIM, G. **Santo Daime**: estudos sobre simbolismo, doutrina e povo de juramidam. São Paulo: Ícone, 1991.

GROB, C. S. et al. Farmacologia Humana da Hoasca: efeitos psicológicos. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). **O uso ritual da Ayahuasca**. 2. ed. Campinas: Mercado das Letras. São Paulo: FAPESP, 2009. pp. 653-670.

GROSFOGUEL, R. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSFOGUEL, R (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. São Paulo: Autêntica, 2019, pp. 55-78. (Col. Cultura Negra e Identidades).

GOLDMAN, M. Cosmopolíticas, etno-ontologías y otras epistemologías: La antropología como teoría etnográfica. **Cuadernos de Antropología Social**, n. 44, p. 27-35, 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1809/180951093002.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

GOULART, S. L. **Contrastes e Continuidades em uma tradição Amazônica**: as religiões da ayahuasca. 2004. 311 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

_____. Estigmas de grupos ayahuasqueiros. In: LABATE, B. C. et al. (Orgs.). **Drogas e cultura**: novas perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2008. pp. 251-288.

GUDYNAS, E. **Direitos da natureza**: Ética biocêntrica e políticas ambientais. Trad. Igor Ojeda. São Paulo: Elefante, 2019.

HADDOCK-LOBO, R. Os tambores de treze de maio. In: SIMAS, L. A.; RUFINO, L.; HADDOCK-LOBO, R. (Orgs.). **Arruaças**: uma filosofia popular brasileira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. pp. 158-162.

INGOLD, T. **Antropologia**: para que serve? Trad. Beatriz Silveira C. Filgueiras. Petrópolis: Vozes, 2019. (Col. Antropologia).

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012. pp. 32-51.

_____. A Aprendizagem da Atenção na Cognição Inventiva. In: KASTRUP, V.; TEDESCO, S.; PASSOS, E. (Orgs.). **Políticas da cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2015. pp. 154-176.

KASTRUP, V.; PASSOS, E. Pista comum: cartografar é traçar um plano. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014. pp. 15-41.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. A potência do sujeito coletivo: entrevista de Jailson de Souza e Silva. In: SOUZA E SILVA, J. et al. **Mestre das periferias**: o encontro de Ailton Krenak, Conceição Evaristo, Nêgo Bispo e Marielle Franco (*in memoriam*). Rio de Janeiro: EDUNIPeriferias, 2020a. pp. 81-130.

_____. **A vida não é útil**. Pesquisa e organização de Rita Carelli. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

LABATE, B. C. A rede urbana de consumo da ayahuasca. In: _____. **A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos**. 2. ed. Campinas: Mercado das Letras. São Paulo: FAPESP, 2016. pp. 355-432.

LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. 2. ed. Campinas: Mercado das Letras. São Paulo: FAPESP, 2009.

LABATE, B. C.; GOULART, S. (Orgs.). **O uso ritual das plantas de poder**. Campinas: Mercado das Letras: FAPESP, 2005.

LABATE, B. C.; PACHECO, G. Matrizes maranhenses do Santo Daime. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. 2. ed. Campinas: Mercado das Letras. São Paulo: FAPESP, 2009. pp. 303-346.

LANCETTI, A. Conversa com Domiciano Siqueira sobre redução de danos. In: LANCETTI, A. **Clínica peripatética**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. pp. 53-76. (Políticas do desejo)

LANGDON, E. J. M. Prefácio. In: MERCANTE, M. S. **Imagens da Cura**: Ayahuasca, imaginação, saúde e doença na Barquinha. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012. p. 15.

_____. Prefácio. In: LABATE, B. C.; GOULART, S. (Orgs.). **O uso de plantas psicoativas nas américas**. Rio de Janeiro: Gramma/NEIP, 2019. pp. 9-17.

LARRÑAGA, I. **O irmão de Assis**. 20. ed. Trad. Frei José Carlos C. Pedroso. São Paulo: Paulinas, 2021. (Col. em busca de Deus).

LÉVI-STRAUSS, C. A. **O pensamento selvagem**. 12. ed. Trad. Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 2020.

LIMA, A. B. G. **São Francisco**. 2. ed. São Paulo: Editora Três Brasil 21, 2004. (Biblioteca de História: grandes personagens de todos os tempos v. 6).

LIMA SEVERO, J. L. Rolim de. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **Revista brasileira de Estudos pedagógicos** (online), v. 96, n. 244, p. 561-576, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbeped/a/SgHzCz9mYprkCV6RtTR368v/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 4 jun. 2022.

LISPECTOR, C. **Água Viva**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LODI, E. **Eu vi a lua**: histórias de mulheres ayahuasqueiras. Brasília: Pedra Nova, 2021.

LOPES, N; SIMAS, L. A. Verbo, a palavra atuante. In: LOPES, N; SIMAS, L. A. **Filosofias Africanas**: uma introdução. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. pp. 44.

LUNA, L. E. **Ayahuasca em cultos urbanos brasileiros**. Estudos contrastivo de alguns aspectos do Centro Espírita e Obra de Caridade Príncipe Espadarte Reino da Paz (a Barquinha) e o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal UDV. 1995. Memorial (Concurso para Professor Titular do Departamento de Antropologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

_____. Narrativas da alteridade: a ayahuasca e o motivo de transformação em animal. In: LABATE, B. C.; GOULART, S. (Orgs.). **O uso ritual das plantas de poder**. Campinas: Mercado das Letras: FAPESP, 2005. pp. 333- 354.

_____. Xamanismo amazônico, ayahuasca, antropomorfismo e mundo natural. In: LABATE, B. C. ARAÚJO, W. S. (Orgs.) **O uso ritual da ayahuasca**. 2. ed. Campinas: Mercado das Letras. São Paulo: FAPESP, 2009. pp. 181-200.

LUZ, P. O uso ameríndio do Caapi. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. 2. ed. Campinas: Mercado das Letras. São Paulo: FAPESP, 2009. pp. 37-68.

MACHADO, F. B. et al. **Francisca Campos do Nascimento**: uma caminhada de luz, amor e caridade. Rio Branco: Fundação Garibaldi Brasil, 2017.

MACRAE, E. **Guiado pela Lua**: xamanismo e o uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime. São Paulo: Brasiliense, 1992.

_____. A elaboração das políticas públicas brasileiras em relação ao uso religioso da ayahuasca. In: LABATE, B. C. et al. (Orgs.). **Drogas e cultura**: novas perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2008. pp. 289-313.

MAGALHÃES, E. S. **“Balanços de Luz”**: Devoção e experiência a bordo da Barquinha Santa Cruz. 2013. 246 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2013.

_____. “Seguimos todos no barquinho”: relações comunitárias e *habitus* religioso. **Raízes** - Revista de ciências sociais e econômicas, v. 34, n. 2, p. 116, 2014. Disponível em: <<http://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/418/400>>. Acesso em: 4 jun. 2022.

MARASCHIN, C.; RANIERE, E. Bricolar. In: FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. (Orgs.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. pp. 41-43.

MARGARIDO, S. F. L.; NETO, F. H. A. **Mestre Daniel**: História com a Ayahuasca. Rio Branco: Fundação Garibaldi, 2005.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. 2 ed. Trad. Renata Santini. São Paulo: N-1, 2018.

MCKENNA, T. **O retorno à cultura arcaica**. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Record, 1995. (Nova Era).

MENDONÇA, P. Apresentação. In: LIMA, A. B. G. **São Francisco**. 2. ed. São Paulo: Editora Três Brasil 21, 2004. pp. 10-11. (Biblioteca de História: grandes personagens de todos os tempos, v. 6).

MENESES, G. P. "Navegando no astral": fluxos e transformações nos rituais de nixi pae. In: LABATE, B. C.; GOULART, S. (Orgs.). **O uso de plantas psicoativas nas américas**. Rio de Janeiro: Gramma/NEIP, 2019. pp. 243-260.

MERCANTE, M. S. **Imagens da Cura**: Ayahuasca, imaginação, saúde e doença na Barquinha. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, A. Por uma razão decolonial: desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna. **Civitas** - Revista de Ciências Sociais, v. 14, n. 1, p. 66-80, 2014. (Dossiê: Diálogos do Sul). Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/16181/10959>>. Acesso em: 23 mar. 2022.

MOFFATT, A. **Psicoterapia do oprimido**: ideologia e técnica da psiquiatria popular. 6. ed. Trad. Paulo Esmanhoto. São Paulo: Cortez, 1986.

MONTEIRO, G. **São Francisco de Assis**: o Santo da paz e do bem. 3. ed. Santo André: Editora Mensageiro de Santo Antônio, 2002.

MÔNICA, D. Barquinha de Niterói. In: MACHADO, F. B. et al. **Francisca Campos do Nascimento**: uma caminhada de luz, amor e caridade. Rio Branco: Fundação Garibaldi Brasil, 2017. pp. 60-61.

MOREIRA, P.; MACRAE, E. **Eu venho de longe**: Mestre Irineu e seus companheiros. Salvador: EDUFBA, 2011.

MORTIMER, L. **Bença, Padrinho!** São Paulo: Céu de Maria, 2000.

MOTA, C. Adoecer, sofrer e curar-se. In: MOTA, C. **Pajés, Curadores e Encantados**: pajelança na Baixada Maranhense. São Luís: EDFMA, 2009. pp. 93-159.

NETO, F. H. A. Apresentação. In: MARGARIDO, S. F. L.; NETO, F. H. A (Orgs.). **Mestre Daniel**: História com a Ayahuasca. Rio Branco: Fundação Garibaldi, 2005, pp. 7.

NETO F. H. A. et al. **No caminho de Mestre Daniel**. Rio Branco: Ministério da Cultura/Fundação Garibaldi Brasil, 2010.

NETO, F. H. A; OLIVEIRA, R. M. Mestre Daniel: uma missão de amor à terra. In: NEVES, M. V.; SOUZA, M. L. S. **Comunidades Tradicionais da ayahuasca**: construindo políticas públicas para o Acre - Seminário. Rio Branco: Fundação Garibaldi, 2010, pp. 83.

NEVES, M. V.; SOUZA, M. L. S. (Orgs). **Comunidades Tradicionais da Ayahuasca: construindo políticas públicas para o Acre** – Seminário. Rio Branco: Fundação Garibaldi Brasil, 2010.

NEVES, M. V. **Histórias acreanas no miolo de pote**. Rio Branco: Fundação Elias Mansour, 2018.

NIETZSCHE, F. **A filosofia na época trágica dos gregos**. Trad. Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala. (Col. Grandes Obras do Pensamento Universal, v. 92).

NOGUEIRA, S. **Intolerância Religiosa**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)

OLIVEIRA, R. M. **De folha e cipó é a Capelinha de São Francisco: a religiosidade popular na cidade de Rio Branco – Acre (1945- 1958)**. 2002. 124 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002.

_____. De folha e cipó é a capelinha de São Francisco. In: MARGARIDO, S. F. L; NETO, F. H. A (Orgs.). **Mestre Daniel: História com a Ayahuasca**. Rio Branco: Fundação Garibaldi, 2005, pp. 47-50.

OLIVEIRA, M. **Minha viagem ao centro do Daime**. São Paulo: Saraiva, 1993.

PASKOALI, V. P. Imaginário da morte na Barquinha: uma religião amazônica na óptica do envolvimento. **Travessias**, v. 4, n. 3, p. 255-267, 2010. Disponível em: <<https://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/4612> >. Acesso em: 4 jun. 2022.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012. pp. 17-32.

_____. A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. In: MOURÃO, J. (Org.). **Clínica e Política 2: subjetividade, direitos humanos e invenção de práticas clínicas**. Rio de Janeiro: Abaquer - Grupo Tortura Nunca Mais, 2009. pp. 103-119. (Projeto Clínico-Jurídico | Equipe Clínico-Grupal do Grupo Tortura Nunca Mais-RJ).

PELAEZ, M. C. Santo Daime, transcendência e cura. Interpretações sobre as possibilidades terapêuticas da bebida ritual. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. 2. ed. Campinas: Mercado das Letras. São Paulo: FAPESP, 2009. pp. 473-492.

PEREIRA, M, V. Prefácio. In: ALBUQUERQUE et al. (Orgs.). **Saberes da experiência, saberes escolares: diálogos interculturais**. Belém: EDUEPA, 2016. pp. 19-23.

PESSOA, F. **Livro do desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa**. Organizado por Richard Zenith. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1999. pp. 143.

PILETTI, N. A educação fora da escola. In: PILETTI, N. **Sociologia da educação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1987. pp. 81-90.

PICCHIO, L. S. Epifania de Clarice. **Remate De Males**, vol. 9, p. 17-20, 1989, Clarice Lispector. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636557>>. Acesso em: 1 set. 2020.

POZZANA, L. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Org.). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014. pp. 42-65.

PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Cia. das Letras, 2015.

RAUTER, C. **Clínica do esquecimento**. Niterói: UFF, 2012. (Col. Biblioteca).

RAUTER, C.; RESENDE, C. Arte, Clínica e Transdisciplinaridade. **Revista Polêmica**, v. 15, n. 3. p. 1-13, 2015. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/19362/14112>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

_____. **O medo do crime no Brasil: controle social e rebelião**. Rio de Janeiro: E-papers, 2017.

REIS, J. R. T. Família, emoção e ideologia. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. **Psicologia Social: o homem em movimento**. 5. ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1987. pp. 99-124.

REIS, R. Delgado dos (Orgs). Coro do Espírito Santo. In: REIS, R. D. **Orações selecionadas: por cura, libertação e intercessão**. 100. ed. São Paulo: Edições Fons Sapientiae, 2019. pp. 181.

RIBEIRO, D. Reconheça os privilégios da branquitude. In: RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, pp. 31-36.

RIBEIRO, R. S. T. **Sensorial do corpo: via régia ao inconsciente**. Niterói: UFF, 2016.

ROBBINS, T. Prefácio. In: MCKENNA, T. **O retorno à cultura arcaica**. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Record, 1995. (Nova Era).

RODRIGUES, M. L. M. et al. **Encantados: tradição afro-ameríndia na Barquinha**. Rio Branco, 2018.

RODRIGUES, T. **Narcotráfico: uma guerra na guerra**. São Paulo: Desatino, 2012.

ROLNIK, S. **A hora da micropolítica**. Trad. Josy Panão. São Paulo: N-1, 2016. (Série Pandemia).

ROSA, I. S. Notas sobre os usos contemporâneos do peiote e o Fogo Sagrado de Itzachilatlan. In: LABATE, B. C.; GOULART, S. L. (Orgs.). **O uso ritual de plantas psicoativas nas américas**. Rio de Janeiro: Gramma/NEIP, 2019. pp. 347-365.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

_____. Miudeza da ancestralidade. In: SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, L.; HADDOCK-LOBO, R. (Orgs.). **Arruaças: uma filosofia popular brasileira**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. pp. 180-182.

_____. **Vence-demanda: educação e descolonização**. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SÁ, Pereira de. Sobre o Campo de Estudo da Memória Social: uma Perspectiva Psicossocial. **Psicologia e Crítica**, v. 20, n. 2, p. 290-95, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/prc/a/gZh3Nm9yR4s7TrFGXD3Rvrp/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 26 mar. 2022.

SADE, C.; FERRAZ, G. C.; ROCHA, J. M. O *ethos* da confiança na pesquisa cartográfica: experiência compartilhada e aumento da potência de agir. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Org.). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014. pp. 66-91.

SALAS, F, L. **Awré: cartografias dos Rumos e Percursos das Práticas de Cuidado no Ilê Axé Omiojuaro**. 2017. 139 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

SANTOS, A. B. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: INCTI/UNB, 2015.

_____. Significações da periferia: representações, confluências e transgressões. In: SOUZA E SILVA, J. et al. **Mestre das periferias: o encontro de Ailton Krenak, Conceição Evaristo, Nêgo Bispo e Marielle Franco (in memoriam)**. Rio de Janeiro: EDUNIPeriferias, 2020. pp. 165-182.

SANTOS, B. S. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. (Col. Para um nosso senso comum, v. 4).

_____. **Um discurso sobre as ciências**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

_____. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Col. Primeiros Passos, v. 110).

SANTOS, M. J. **Os pré-socráticos**. Juiz de Fora: UFJF, 2011.

SANTOS, R. A. **A Híbrida Barquinha: histórias, influências e rituais**. São Paulo: Dialética, 2021.

SCHEURMANN, E. (Orgs.). **O papalagui**. Comentários de Tuiávii, chefe da tribo Tiavéa, nos mares do sul. São Paulo: Marco Zero, 2005.

SEMERARO, G. **Saber-fazer filosofia: o pensamento moderno**. 3. ed. 3. Reimp. Aparecida: Idéias & Letras, 2011. (Col. Saber-Fazer Filosofia, v. 2).

SERRA, M. I. R. **O Cruzeiro**. Lumiar: Gráfica Sol Lua e Estrela. 2017.

SHANON, B. A ayahuasca e o estudo da mente. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). **O uso ritual da Ayahuasca**. 2. ed. Campinas: Mercado das Letras. São Paulo: FAPESP, 2009. pp. 681-710.

SILVA, D. K. P. Aprendendo a aprender: vivências na União do Vegetal. In: SILVA, D. K. P. **Experiências com a (pá)lavra na União do Vegetal: um estudo antropológico do conhecer caianinho**. 2016. 185 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. pp. 69-76.

_____. Por uma abordagem ecológica dos efeitos anti-depressivos da ayahuasca. **Ponto Urbe** [online] - revista do núcleo de antropologia urbana, n. 20, p. 1-19, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/Gabriel%20Serafim/Downloads/pontourbe-3443%20(1).pdf>. Acesso em: 4 out. 2022.

SILVA, G. G. S. **Roberto Freire e a somaterapia: tesão, corpo, criação e política do cotidiano**. 2017. 137 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

SIMAS, L. A. Fé e festa. In: SIMAS, L. A. **Almanaque brasileiro: um inventário do Brasil popular**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018. pp. 11.

_____. Ararinha e o encantado do arabi. In: SIMAS, L. A.; RUFINO, L.; HADDOCK-LOBO, R. (Orgs.). **Arruaças: uma filosofia popular brasileira**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. pp. 30-3.

_____. Garrichamentos. In: SIMAS, L. A.; RUFINO, L.; HADDOCK-LOBO, R. (Orgs.). **Arruaças: uma filosofia popular brasileira**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. pp. 111-13.

_____. Olha o jesuíta aí, gente. In: SIMAS, L. A.; RUFINO, L.; HADDOCK-LOBO, R. (Orgs.). **Arruaças: uma filosofia popular brasileira**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. pp. 177-79.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

_____. Perna torta. In: SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Flexa no tempo**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019. pp. 99-100.

_____. **Encantamentos: sobre políticas de vida**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

SOUSA, M. B.; ALBUQUERQUE, M. B. B. Benzer, orar e educar: percursos de uma curadora da Amazônia. **Educação em Revista**, n. 34, p. 1-25, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/VG9dNNHgMzNw6SFD6kWd75S/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 4 jun. 2022.

SOUZA, M. S. R. Posfácio. In: SANTOS, A. B. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: INCTI/UNB, 2015. pp. 105-118.

SOUZA E SILVA, J. et al. **Mestre das periferias**: o encontro de Ailton Krenak, Conceição Evaristo, Nêgo Bispo e Marielle Franco (*in memoriam*). Rio de Janeiro: EDUNIPeriferias, 2020.

TEDESCO, S. Subjetividade e seu plano de produção. In: QUEIROZ, A.; CRUZ, N. V. (Orgs). **Foucault, hoje?** Rio de Janeiro: 7Letras, 2007. pp. 140-150.

TORRES, I, C. **Cozinhando o santo**: matéria e espírito nos feitiços do daime. 2019. 89 f. Monografia (Graduação em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

UBERTI, H. G. “A benção que se pede é a benção que se dá”: a prática do comradrio e algumas redes sócio-familiares de Randolpho José da Silva Pereira. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 10., 2010, Santa Maria. **Anais Eletrônicos...** Porto Alegre: ANPUH-RS, 2010. Disponível em: < <http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Entrevista. In: VIVEIROS DE CASTRO, E. **A Inconstância da Alma Selvagem**: e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Ubu Editora, 2017. pp. 395-411.

_____. Uma notável reviravolta. In: VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metafísicas Canibais**: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Ubu Editora; N-1 Edições, 2018. pp. 19-33.

Entrevistas Presenciais

Andréia Luciano. **Aprendizagens com o Daime na Barquinha da madrinha Francisca**. Entrevistador: Gabriel Gonçalves Serafim Silva. Niterói-RJ, 30 maio 2021. Arquivo com o Autor.

Célia Letícia Gouvea Collet. **Aprendizagens com o Daime na Barquinha da madrinha Francisca**. Entrevistador: Gabriel Gonçalves Serafim Silva. Niterói-RJ, 21 abr. 2022. Arquivo com o Autor.

Francisca das Chagas Campos do Nascimento. **Aprendizagens com o Daime na Barquinha da madrinha Francisca**. Entrevistador: Gabriel Gonçalves Serafim Silva. Niterói-RJ, 10 abr. 2022. Arquivo com o Autor.

Gabriel Varela. **Aprendizagens com o Daime na Barquinha da madrinha Francisca**. Entrevistador: Gabriel Gonçalves Serafim Silva. Niterói-RJ, 5 mar. 2021. Arquivo com o Autor.

Humberto Fernandez. **Aprendizagens com o Daime na Barquinha da madrinha Francisca**. Entrevistador: Gabriel Gonçalves Serafim Silva. Niterói-RJ, 12 mar. 2021. Arquivo com o Autor.

Ivan Gomes. **Aprendizagens com o Daime na Barquinha da madrinha Francisca.** Entrevistador: Gabriel Gonçalves Serafim Silva. Niterói-RJ, 30 maio 2021. Arquivo com o Autor.

Joyce Santos. **Aprendizagens com o Daime na Barquinha da madrinha Francisca.** Entrevistador: Gabriel Gonçalves Serafim Silva. Niterói-RJ, 28 fev. 2021. Arquivo com o Autor.

Lusiélia Venâncio da Silva. **Aprendizagens com o Daime na Barquinha da madrinha Francisca.** Entrevistador: Gabriel Gonçalves Serafim Silva. Rio Branco, data: 21-11-2021. Arquivo com o Autor.

Manoel Francisco Dias da Silva. **Aprendizagens com o Daime na Barquinha da madrinha Francisca.** Entrevistador: Gabriel Gonçalves Serafim Silva. Niterói-RJ, 10 abr. 2021. Arquivo com o Autor.

Maria Rozangela Menezes. **Aprendizagens com o Daime na Barquinha da madrinha Francisca.** Entrevistador: Gabriel Gonçalves Serafim Silva. Niterói-RJ, 17 mar. 2021. Arquivo com o Autor.

Mônica Dias de Souza. **Aprendizagens com o Daime na Barquinha da madrinha Francisca.** Entrevistador: Gabriel Gonçalves Serafim Silva. Niterói-RJ, 16 ago. 2021. Arquivo com o Autor.

Preta-Velha Vó Cambinda das Almas. **Saberes dos pretos e pretas-velhas.** Entrevistador: Gabriel Gonçalves Serafim Silva. Niterói-RJ, 10 mar. 2021. Arquivo com o Autor.

Preto-Velho Pai Preto. **Saberes dos pretos e pretas-velhas.** Entrevistador: Gabriel Gonçalves Serafim Silva. Niterói-RJ, 27 jan. 2021. Arquivo com o Autor.

Priscila Cardoso Antunes. **Aprendizagens com o Daime na Barquinha da madrinha Francisca.** Entrevistador: Gabriel Gonçalves Serafim Silva. Niterói-RJ, 7 out. 2020. Arquivo com o Autor.

Raika Julie. **Aprendizagens com o Daime na Barquinha da madrinha Francisca.** Entrevistador: Gabriel Gonçalves Serafim Silva. Niterói-RJ, 9 mai. 2021. Arquivo com o Autor.

Sebastião Ferreira Pessoa. **Aprendizagens com o Daime na Barquinha da madrinha Francisca.** Entrevistador: Gabriel Gonçalves Serafim Silva. Niterói-RJ, 17 fev. 2021. Arquivo com o Autor.

Willicleia do Nascimento Ferreira. **Aprendizagens com o Daime na Barquinha da madrinha Francisca.** Entrevistador: Gabriel Gonçalves Serafim Silva. Niterói-RJ, 1º mai. 2022. Arquivo com o Autor.

Entrevistas *on-line*

Daniel Castro Montoya Flores. **Entrevista *on-line* via WhatsApp**. Rio Branco-AC, 1º mar. 2021. Arquivo com o Autor.

Flávia Burlamaqui Machado. **Entrevista *on-line* via Google Meet**. Rio Branco-AC, 12 abr. 2021. Arquivo com o Autor.

João Batista Campos do Nascimento. **Entrevista *on-line* via WhatsApp**. Baía da Traição, 12 abr. 2021. Arquivo com o Autor.

Comunicação Pessoal

Andreia Carvalho. Niterói. 13 mai. 2021.

Carlos Renato Daher. Niterói. 29 jul. 2022.

Francisca Campos do Nascimento. Rio Branco. 23 nov. 2021.

Laudelina Onesia. Uberlândia. 5 mar. 2019.

Lucas Gazetta. Niterói. 10 set. 2019.

Ilustrações

BURLAMAQUI, F.; BANDEIRA, A. **Mensagem do Mestre Daniel**. 2022. Rio Branco.

CARLAILE JOSÉ. **São Francisco das Chagas**. 2020. Memorial CEOCPE. Niterói.

_____. **Trabalho na Igreja da Barquinha de Niterói**. Memorial CEOCPE. Niterói.

_____. **Igreja da Barquinha de Niterói com o entorno arborizado**. Memorial CEOCPE. Niterói.

_____. **Festa de Aniversário da Barquinha e Nossa Senhora Aparecida**. 2019. Memorial CEOCPE. Niterói.

_____. **15 anos de Agnes Maria na Barquinha de Niterói**. Niterói.

_____. **Manoel Abelha colhendo o cipó na mata**. Memorial CEOCPE. Niterói.

_____. **Manoel Abelha apurando o Daime**. Memorial CEOCPE. Niterói.

_____. **Manoel Abelha recebendo de Vó Cambinda o alimento consagrado**. Memorial CEOCPE. Niterói.

_____. **Pai Miguel das Almas saldando Pai Francisco do Santo Cruzeiro**. 2002. Memorial CEOCPE. Niterói.

_____. **Vó Maria Joana (Carlos Renato) e a dirigente Cléia**. 2020. Memorial CEOCPE. Niterói.

- _____. **Gongá na festa junina de São Pedro.** 2020. Memorial CEOCPE. Niterói.
- _____. **Gongá na comemoração de Preto e Preta-Velhas.** 2022. Memorial CEOCPE. Niterói.
- _____. **Gongá de Niterói com adornos, imagens e patuás.** 2022. Memorial CEOCPE. Niterói.
- _____. **Atendimentos no salão das obras de caridade.** Memorial CEOCPE. Niterói.
- _____. **Preta-velha Mãe Maria do Rosário.** Memorial CEOCPE. Niterói.
- _____. **Preparo espiritual para o parto de Raiza e Júlia.** Memorial CEOCPE. Niterói.
- _____. **Crianças da Barquinha de Niterói.** Memorial CEOCPE. Niterói.
- CARLOS RENATO. **Madrinha Francisca contemplando o mar.** 2018. Memorial CEOCPE. Niterói
- _____. **Madrinha Francisca em trabalho c/ Príncipe Dom Simeão.** Memorial CEOCPE. Rio Branco.
- CLEBSON MARQUES. **Último feitio com o Manoel Abelha em Rio Branco.** 2021. Memorial CEOCPE. Rio Branco.
- ERASMO. **Aniversário do nascimento espiritual de Mestre Daniel.** 2022. Memorial CEOCPE. Niterói.
- FLÁVIA MACHADO. **Espaço do Memorial Francisca Gabriel no CEOCPE.** Memorial CEOCPE. Rio Branco.
- ISABEL CARVALHO. **Altar no Barco na festa de ano novo.** 2021. Memorial CEOCPE. Niterói.
- JOYCE MARA. **Conversa com a Madrinha Francisca.** 2018. Memorial CEOCPE. Niterói.
- _____. **Vó Maria Clara abençoando o ventre de Laura Palis.** Memorial CEOCPE. Niterói.
- KLEIMANY MELO. **Fachada da igreja do CEOCPE.** 2021. Memorial CEOCPE. Rio Branco.
- MAGALHÃES, E. S. **Complexo arquitetônico do CECOCJFL na 2ª metade da década de 70.** 2013. Campina Grande.
- MARÍLIA CAFEZEIRO. **Pintura da Barquinha de Niterói inspirada pelo Daime.** Niterói.
- MATHEUS FARIAS. **Dia de instruções do Manoel Abelha na Barquinha de Niterói.** Memorial CEOCPE. Niterói.

MEMORIAL CEOCPE. **Título de Mestra conferido à Madrinha Francisca.** 2020. Rio Branco.

_____. **Madrinha Francisca irradiando as entidades.** 2021. Rio Branco

_____. **Entrega da Romaria de São Francisco das Chagas.** 2007. Niterói.

_____. **Trabalho na Casinha do Pai Vicentino no início da década de 90.** Rio Branco.

_____. **Padrinho Francisco com Madrinha Francisca.** Rio Branco.

_____. **Igreja da Barquinha de Niterói em construção.** Niterói.

_____. **Trabalho do CEOCPE na casa de Ivan e Andréia.** Niterói.

_____. **Madrinha Francisca e Ivan Gomes na varandinha.** Niterói.

_____. **Fila da procissão em dia de Romaria.** Niterói.

_____. **Mutirão de mães, pais e filhos pra pintar a casinha das crianças.** Niterói.

_____. **Humberto Fernandez cuidando do salão de festas durante o mutirão.** Niterói.

_____. **Retrato do Mestre Daniel Pereira de Mattos.** Rio Branco

_____. **Ata de Fundação do CEOCPE.** Rio Branco.

_____. **Campanha para fortalecer o Memorial da Madrinha Francisca.** Rio Branco.

PRISCILA CARDOSO. **Vó Cambinda das Almas e a cadela Mel no Gongá.** Memorial CEOCPE. Niterói.